

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

MARCIO MORRISON KAVISKI MARCELLINO

REDAÇÕES MEDIATIZADAS: ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS
NO BRASIL E NA SUÉCIA A PARTIR DE RELAÇÕES SIMBIÓTICAS

SÃO LEOPOLDO/RS

2024

MARCIO MORRISON KAVISKI MARCELLINO

**REDAÇÕES MEDIATIZADAS: ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS
NO BRASIL E NA SUÉCIA A PARTIR DE RELAÇÕES SIMBIÓTICAS**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências da
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS
Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Paula da Rosa

**SÃO LEOPOLDO/RS
2024**

M314r Marcellino, Marcio Morrison Kaviski.
 Redações midiaticizadas : etnografia das práticas
 jornalísticas no Brasil e na Suécia a partir de relações
 simbióticas / Marcio Morrison Kaviski Marcellino. – 2024.
 241 f. : il. ; 30 cm.

 Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos
 Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da
 Comunicação, 2024.
 “Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”

 1. Ambiência. 2. Jornalismo midiaticizado. 3. Midiaticização.
 4. Redações midiaticizadas. 5. Relações simbióticas. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

EPÍGRAFE

“É indispensável estudar a natureza dos outros antes de darmos livre curso à nossa”.

- August Strindberg

DEDICATÓRIA

Dedico essa tese as mulheres da minha vida

A minha mãe Débora Kaviski, minha maior apoiadora e grande amor da minha vida.

A minha avó Anair Vieira Pinto, me desculpe por não estar presente para me despedir. Você está em meu coração eternamente.

Minha avó Gessonita Gouvea Kaviski, minha companheira de todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Entrei no processo de doutorado com traumas científicos. Não por culpa do Mestrado em si, finalizado em meados de 2019, mas pela conjuntura que a vida traz em determinado momento de nossas vidas. Confesso a vocês, leitores desta tese, que achei que o doutorado seguiria o mesmo caminho. Animado com um novo ciclo em uma nova cidade, logo no primeiro mês, a Organização Mundial de Saúde decretou estado de pandemia global e, com isso, retornei para a minha cidade natal e deixei a pacata São Leopoldo.

Os dois primeiros anos de isolamento, em Curitiba, não me permitiram conhecer a fundo a maioria dos meus colegas de doutorado, assistir às aulas no campus da Unisinos ou conhecer mais sobre a cultura do Rio Grande do Sul. Mesmo assim, com tantas dificuldades que vivemos nos últimos anos, o percurso do Doutorado foi incrível.

Fiz parte da Representação Discente, realizei 42 créditos em disciplinas, participei do grupo de pesquisa LACIM (Laboratório de Circulação, Imagem e Midiatização), apresentei em congressos nacionais e internacionais, realizei um doutorado sanduíche e, acima e mais importante de tudo, não passei por nada disso sozinho.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais Debora Gouvea Kaviski e Carlos Eduardo Gonçalves Padovezi por me apoiarem incondicionalmente em todas as decisões que eu tomei até aqui na minha vida, sempre dialogando sobre os caminhos e percursos. Vocês são o meu espelho e eu espero orgulhar vocês até o meu último dia.

Ana Paula da Rosa, minha orientadora e amiga, companheira de diálogos sobre a ciência e sobre a vida em qualquer lugar no mundo. Essa experiência não teria sido a mesma sem você, Ana. Obrigado por elevar o meu nível, me ensinar e segurar minha mão em momentos de medo.

Aos outros professores da linha de pesquisa em Midiatização e Processos Sociais: Antônio Fausto Neto, Pedro Gilberto Gomes, José Luiz Braga e Jairo Ferreira, agradeço todas as dicas e palavras de carinho ao longo dos quatro anos de Doutorado.

Aos amigos que fiz durante o doutorado, principalmente para Camila de Ávila e os colegas da linha de pesquisa e do LACIM e Representação Discente por me inspirarem a ser um pesquisador melhor.

As amigas que fiz durante o doutorado sanduíche na Suécia: os colegas de departamento da Södertörn University, amigos de várias partes do mundo que estão no meu coração. Principalmente às duas mulheres e companheiras de jornada internacional que me inspiram. Ada Cristina Machado Silveira, jamais esquecerei nossos cafés aos domingos na

gelada Estocolmo. Seus conselhos e diálogos foram determinantes para a minha vida. Camila Hartmann, companheira e amiga de todas as emoções que vivenciei.

Um agradecimento especial, também, aos professores do MKV da Södertörn que me auxiliaram nos desafios de ser um estrangeiro, em especial: Stina Bengtsson, Göran Bolin, Isabel Löfgren e Per Ståhlberg.

Agradeço aos membros da minha família. Principalmente minha avó Gessonita Gouvea Kaviski e meu avô João Antônio Kaviski.

Aos meus amigos, minha segunda família e meu porto seguro quando não estou bem: Lidia Paula, Ana Heck, Arthur Machado, Angélica Ferla, Basílio Bonato, Matias Peruyera, Heron Torquato, Paulo Semicek, Paulo Thiago, Vinicius Cordeiro, Roberto Rohden, Eryta Karl, Renan Araújo, Giulie Carvalho, Leonardo Siqueira e Pâmela Siqueira.

Aos membros da banca pela leitura e pelas trocas que são essenciais na vida de qualquer pesquisador. Em especial para a professora e amiga Mônica Fort que me acompanha desde que comecei a cursar jornalismo. Muito obrigado.

Meu agradecimento especial para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES) por proporcionar esta pesquisa por meio da bolsa TAXA e da bolsa CAPES-STINT.

Esse trabalho é fruto de um conjunto de trocas, ideias, pensamentos e tensões. Nada disso seria possível sem vocês todos. Meu eterno agradecimento.

RESUMO

Esta tese emerge da pergunta: de que forma as relações simbióticas, parte do contexto da midiatização, modificam as práticas jornalísticas nas redações no Brasil e na Suécia? Quais práticas são alteradas em cada contexto? Com isso, objetiva-se compreender de que forma as relações simbióticas, características de um cenário de midiatização, remodelam as práticas e as redações jornalísticas no Brasil e na Suécia. Além disso, têm-se como objetivos específicos: a) Compreender de que forma o processo de circulação de sentidos está presente na estruturação e produção de conteúdos jornalísticos por meio das relações simbióticas nos dois contextos b) Identificar de que forma a ambiência modificou as práticas de construção de notícias no Brasil e na Suécia c) Mensurar como a pandemia afetou as práticas jornalísticas; os produtos noticiosos e as redações no Brasil e na Suécia d) Observar o consumo a partir da circulação de sentidos dos atores sociais nos dois contextos e) Propor o conceito de redações midiatizadas. No campo teórico, a tese destaca a discussão sobre relações simbióticas na Comunicação com autores como Marcellino e Fort; Joel de Rosnay, Daniel Miller, Stina Begntsson, entre outros. Em um segundo momento, são discutidas as teorias da midiatização, jornalismo midiatizado e práticas jornalísticas com o aporte de teóricos como Ana Paula da Rosa, José Luiz Braga, Pedro Gilberto Gomes, Antônio Fausto Neto etc. Em um terceiro momento teórico, a tese busca discutir o conceito de dispositivo em duas frentes: interacional e técnico. Para isso, buscamos suporte nas discussões de José Luiz Braga, Giorgio Agamben, Villém Flusser, Giorgio Simondon, entre outros. Como forma de responder a questão vigente na tese, a constituição metodológica deste trabalho se deu pela etnografia. Na Suécia, foram entrevistados sete jornalistas de diversas redações (*Dagens ETC*, T&T News Agency, Sverige Radio e um Freelancer). No Brasil, o processo etnográfico foi delineado a partir de uma observação participante de duas semanas no jornal curitibano Paraná Portal. Em adição, foram realizadas três entrevistas com profissionais que trabalham nessa redação. Evidencia-se nesta tese o conceito de redações midiatizadas, redações de jornalismo que funcionam de maneira desterritorial ou híbrida, com espaços de trabalho que são estendidos por meio de dispositivos tecnológicos e de aplicativos afetando lógicas de produção, recepção e distribuição.

Palavras-Chave: Redações Midiatizadas; Relações Simbióticas; Jornalismo Midiatizado; Midiatização; Ambiência

ABSTRACT

This thesis emerges from the question: how do symbiotic relationships, part of the context of mediatization, modify journalistic practices in newsrooms in Brazil and Sweden? What practices are changed in each context? With this, it aims to understand how symbiotic relationships, characteristic of a mediatization scenario, reshape journalistic practices and newsrooms in Brazil and Sweden. Furthermore, the following specific objectives are: a) Understanding how the process of circulation of meanings is present in the structuring and production of journalistic content through symbiotic relationships in both contexts b) Identifying how the environment has modified practices of news construction in Brazil and Sweden c) Measure how the pandemic affected journalistic practices; news products and newsrooms in Brazil and Sweden d) Observe consumption based on the circulation of meanings of social actors in both contexts e) Propose the concept of mediatized newsrooms. In the theoretical field, the thesis highlights the discussion about symbiotic relationships in Communication with authors such as Marcellino and Fort; Joel de Rosnay, Daniel Miller, Stina Begntsson, among others. In a second moment, theories of mediatization, mediatized journalism and journalistic practices are discussed with the contribution of theorists such as Ana Paula da Rosa, José Luiz Braga, Pedro Gilberto Gomes, Antônio Fausto Neto, etc. In a third theoretical moment, the thesis seeks to discuss the concept of device on two fronts: interactional and technical. To do this, we sought support in discussions by José Luiz Braga, Giorgio Agamben, Villém Flusser, Giorgio Simondon, among others. As a way of answering the current question in the thesis, the methodological constitution of this work was based on ethnography. In Sweden, seven journalists from different newsrooms (*Dagens ETC*, T&T News Agency, Sverige Radio and a Freelancer) were interviewed. In Brazil, the ethnographic process was outlined based on a two-week participant observation in the Curitiba newspaper Paraná Portal. In addition, three interviews were carried out with professionals who work in this newsroom. This thesis highlights the concept of mediatized newsrooms, journalism newsrooms that function in a deterritorial or hybrid manner, with workspaces that are extended through technological devices and *applications* affecting production, reception and distribution logics.

Keywords: Mediatized Newsrooms; Symbiotic Relationships; Mediatized Journalism; Mediatization; Ambience

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema <i>affordances</i> e relações simbióticas nas redações midiaticizadas	25
Figura 2 - Relações Simbióticas e Jornalismo Midiaticizado	26
Figura 3 - Início das reportagens analisadas.....	46
Figura 4 - Entrevistas com Fontes	47
Figura 5 - Montagem com os governadores do Sul.....	48
Figura 6 - Íntegra nota de Assessoria	48
Figura 7 - Caixa de Comentários e <i>Facebook</i>	49
Figura 8 - Perfil da Jornalista Andreia Sadi no <i>Instagram</i>	61
Figura 9 - Perfil do Jornalista Guga Chacra no <i>Instagram</i>	62
Figura 10 - Perfil da apresentadora Maria Beltrão no <i>Instagram</i>	63
Figura 11 - Andreia Sadi e Maria Beltrão acionam os perfis de seus fãs.....	64
Figura 12 - Perfil dos fãs de Andreia Sadi e Maria Beltrão	65
Figura 13 - Seguidora divulga livro de Guga Chacra.....	66
Figura 14 - Conteúdos produzidos pela repórter	66
Figura 15 - Maria Beltrão na redação do Estúdio I	67
Figura 16 - Desenho de Pesquisa.....	73
Figura 17 - Desenho de tese	74
Figura 18 - Troca de e-mails com editor Fredrik do Dagens Nyheter.....	88
Figura 19 - Imagem externa da redação	105
Figura 20 - Sala do Paraná Portal	106
Figura 21 - Desenho final da tese	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência da utilização de Dispositivos móveis	53
Gráfico 2 - Gráfico das atividades em que os dispositivos móveis são utilizados	55
Gráfico 3 - Recomendação de superiores na utilização dos dispositivos móveis	58
Gráfico 4 - Recomendação de superiores na redação por determinado aplicativo.....	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O CONTEXTO DAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO.....	8
3. O USO E AS APROPRIAÇÕES DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO ASPECTO ANTROPOLÓGICO-SOCIAL-COMUNICACIONAL.....	16
3.1 O conceito de simbiose	18
3.2 O contexto da mediatização	27
3.3 O jornalismo mediatizado como ponto de observação das relações simbióticas	30
3.4 As práticas jornalísticas e o jornalismo mediatizado.....	32
4. DISPOSITIVO – INTERACIONAL E TÉCNICO	35
4.1 Um panorama sobre Dispositivos nas Ciências Sociais – Agamben e Foucault	35
4.2 Dispositivos Interacionais e as Redações de Jornalismo	38
4.3 Dispositivo além amparo e técnica – o objeto técnico no processo de produção e como parte do ambiente	40
5. MOVIMENTOS TENTATIVOS – A BUSCA POR UMA ANÁLISE DO OBJETO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	44
5.1 O jornalismo de/em aparatos na pandemia	45
5.2 O simbiote	52
5.3 O simbiote performático	60
5.3.1 O que emerge das relações entre jornalistas e dispositivos móveis nos <i>stories</i> ? Indícios de uma observação inferencial dos empíricos.....	63
5.4 Algumas Inferências sobre os movimentos tentativos.....	68
5.4.1 Redações e a complexificação dos processos simbióticos no contexto da mediatização	69
5.4.2 A circulação como processo na construção de notícias	70
6. ETNOGRAFIA NA AMBIÊNCIA DA PRODUÇÃO.....	72
6.1 A Etnografia como escolha metodológica	75
6.1.1 A Entrevista em Profundidade	79
6.1.2 A Observação nas redações.....	81
7. O JORNALISMO MEDIATIZADO A PARTIR DAS RELAÇÕES SIMBIÓTICAS NA SUÉCIA E NO BRASIL	85
7.1 <i>Come with me, we are flying to Sweden</i> - tentativas e decisões.....	85

7.1.1 Os entrevistados da pesquisa – um panorama geral sobre quem são os entrevistados da tese.....	89
7.1.2 As entrevistas – Redações desterritoriais e novas formas de se pensar o jornalismo no contexto midiático na Suécia.....	92
7.2 O Jornalista em etnografia – perspectivas de observação de uma redação em transformações no Brasil.....	103
7.2.1 A descrição do ambiente físico – compreendendo a estrutura social e física do local de análise.....	104
7.2.2 A observação dos sujeitos atuantes – práticas e processos comunicacionais em um contexto midiático para além do espaço físico.....	106
7.2.3 O Paraná Portal durante o período da manhã.....	107
7.2.4 O Paraná Portal durante o período da tarde	110
7.2.5 A voz dos sujeitos sobre práticas e processos em transformação – entrevistas com os profissionais da redação.....	113
7.3 Paralelos entre as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis - Suécia e Brasil	119
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UMA PESQUISA EM FLUXO INTENSO ...	127
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE I – ROTEIRO PARA PERGUNTAS SEMI-ESTRUTURADO.....	138
APÊNDICE II – ENTREVISTAS REALIZADAS NA SUÉCIA.....	140
APÊNDICE III - PROTOCOLOS DE OBSERVAÇÃO DO PARANÁ PORTAL.....	205
APÊNDICE IV - ENTREVISTAS COM JORNALISTAS BRASILEIROS	234

1. INTRODUÇÃO

A introdução deste trabalho não é apenas um movimento de exploração dos questionamentos e objetivos da tese. É um deslocamento das ações do sujeito enquanto pesquisador que se engendram em questões e processos sociais e comunicacionais surgidos no decorrer dos últimos anos.

A primeira inquietação em relação aos processos que serão analisados no transcorrer desta tese surgiu nas próprias práticas jornalísticas, e experiências profissionais e acadêmicas do pesquisador. Durante o ano de 2016, enquanto eu era repórter multimídia do site GloboEsporte.com, em Curitiba-PR, uma das iniciativas propostas pelo editor chefe da redação era a utilização de dispositivos móveis, durante o treinamento das equipes, para a produção de vídeos gravados em primeira pessoa para o site. Além disso, nas rotinas diárias, o *smartphone* tornou-se meu aliado e parte essencial nas práticas e produções dentro da redação. O contato com as fontes, a gravação de vídeos, fotografias, gerenciamento das redes e observação dos coletivos eram, muitas vezes, realizados com esses aparatos.

Durante o mestrado, realizado entre os anos de 2017-2019 na Universidade Tuiuti do Paraná, investiguei como as características do webjornalismo, apresentadas na obra de Canavilhas (2014), se manifestavam no jornalismo móvel. Para isso, observei as narrativas jornalísticas dos *stories* da CNN americana no *Instagram* e no *Snapchat*. O percurso metodológico me permitiu analisar as diferenças imagéticas e textuais entre as duas mídias sociais.

Outro ponto importante durante o processo foi a elaboração das relações entre jornalistas e dispositivos móveis como simbióticas, que derivou na publicação de um artigo científico, com a minha então orientadora, professora Dra Mônica Fort, na revista Pauta Geral em 2018. O artigo constitui os primeiros passos da relação simbiótica com base nos preceitos de Marshall McLuhan (1964) sobre os meios de comunicação como extensões do homem e do tensionamento com a ideia de viver na mídia de Mark Deuze (2013). Nos resultados, foram constatados pontos positivos e negativos dessa relação. Como ponto positivo, se destacou a agilidade na produção de conteúdos jornalísticos. Como negativo, a possibilidade de dependência do homem nos usos da máquina, o que Mark Deuze irá defender como a “zumbificação da sociedade”.

Em resumo, a provocação deste artigo se desdobrou para a minha dissertação de mestrado e para os dois anos posteriores, no doutorado. Como resultado da pesquisa do

mestrado, identificou-se que a relação simbiótica pode ser tensionada em três possíveis frentes: produção, distribuição e meio. Parti desse conhecimento prévio para o desenvolvimento do projeto de pesquisa doutoral para a linha de pesquisa em Mídia e Processos Sociais. Sem a sapiência mais complexa sobre mediação, mas com um pequeno aporte, a primeira versão do trabalho, então intitulada “Dispositivos Simbióticos na construção de notícias diárias”, tinha como principal questionamento de que forma os jornalistas estariam utilizando os dispositivos móveis na produção de conteúdo noticioso, mais especificamente, na prática de construção de notícias diárias. Nessa etapa, a hipótese era de que os aparatos funcionavam de forma simbiótica e, para isso, o objetivo principal seria identificar como era o funcionamento das relações entre jornalistas e dispositivos nas redações jornalísticas. Como metodologia, optei, em primeiro momento, pela observação participante nas redações.

Em um segundo momento, ainda no primeiro semestre de 2020, com o andamento das disciplinas de Epistemologia da Comunicação, Pesquisa Avançada em Comunicação e Mediação Sociedade e Sentido, houve uma reformulação do meu projeto de pesquisa. Nessa alteração, o cenário da mediação já apareceu com mais presença, principalmente nas questões relativas ao Jornalismo em um contexto mediado. Abandonei a ideia de dispositivos simbióticos e foquei no que emergia das relações simbióticas nas redações em um contexto de mediação. A maior dificuldade, porém, foi observar meus empíricos – jornalistas e dispositivos móveis nas redações – no momento em que acontecia a pandemia de Covid-19. Para isso, juntamente com diálogos desenvolvidos com a minha orientadora, busquei alternativas para observar as marcas nos empíricos a partir de imersões tentativas, buscando aproximação com o campo de observação do trabalho: as práticas jornalísticas.

O primeiro passo foi entrevistar 15 jornalistas de diferentes portais de notícias *on-line* de Curitiba, Paraná. O tensionamento entre a profundidade teórica e as entrevistas resultaram na publicação do artigo “A relação entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de portais *on-line* em Curitiba-PR no contexto da mediação” na Revista Latino Americana de Jornalismo – Âncora.

Com a chegada do segundo semestre de 2020, e das disciplinas de Aportes Metodológicos e Estudos Empíricos em Comunicação, emergiram conceitos novos e perspectivas teóricas a serem exploradas. A primeira delas foi pensar no conceito de circulação como fator determinante dentro do processo de produção e construção de reportagens no jornalismo mediado. Para investigar esse fenômeno, buscou-se como alternativa observar como os jornalistas da GloboNews Maria Beltrão, Guga Chacra e Andréia Sadi utilizavam seus

stories no *Instagram*. Com relação aos conceitos, houve uma aproximação das *affordances* de James Gibson (1979) e do entendimento e aplicabilidade do seu uso pelo design como uma metáfora para dialogar com as relações simbióticas e as redações em um contexto de mediação.

Com o avanço da pandemia e a piora do cenário nacional e do sistema de saúde, muitas práticas profissionais continuaram à distância. Isso se estendeu para o meu objeto de pesquisa – as redações multimídia em Curitiba e as práticas e processos entre jornalistas e dispositivos – e para as aulas do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Além disso, no final do ano de 2021 e começo do ano de 2022, a partir do edital da CAPES-STINT, surgiu a possibilidade de, no segundo semestre do ano de 2022, realizar um doutorado sanduíche e aplicar parte dos meus estudos na Suécia. Com isso, mudaram as perspectivas iniciais da pesquisa e a minha visão enquanto pesquisador. A oportunidade de estender a tese para outra realidade abriu um leque de opções, variáveis que se intercalam em cenários distintos (Brasil e Suécia).

Os 10 meses na Suécia, entre os anos de 2022 e 2023, foram essenciais para a minha compreensão de mediação global. Aqui, não entendo o fenômeno enquanto uma matriz única que ocorre simultaneamente no mundo inteiro, mas como um processo que possui tempos distintos em culturas diversas. Mesmo possuindo uma imersão tecnológica maior, os profissionais suecos não possuem a mesma aderência às lógicas de mediação que os profissionais do Brasil, o que nos leva à inferência de que o maior acesso cotidiano à tecnologia não garante maior grau de mediação em uma sociedade. Em outras palavras, o principal ponto do doutorado sanduíche foi compreender que o processo de mediação no país escandinavo não era o mesmo do Brasil, embora em ambos os casos o cenário da mediação afete o jornalismo.

A experiência de internacionalização foi importante para desenvolver maior maturidade científica da pesquisa. Durante os 10 meses a tese foi discutida em eventos científicos por toda Europa em países como a própria Suécia, além de Grécia, Portugal, Rússia e Espanha, o que trouxe uma visão plural e diferentes perspectivas sobre o estudo. Ao todo, durante o período, o trabalho foi apresentado 12 vezes com diferentes recortes empíricos e teóricos.

Foi durante a passagem pela Suécia, também, que foi possível desenvolver a primeira parte da abordagem metodológica. Busquei, em primeiro momento, uma observação de uma redação em Estocolmo. Com duas negativas, a estratégia passou a ser entrevistar profissionais

sobre suas rotinas produtivas. Ao final do período, sete jornalistas foram entrevistados para a tese entre janeiro de 2023 e maio de 2023.

Com o retorno ao Brasil, em maio de 2023, a tese entrou em processo final de desenvolvimento. As negociações para a realização de uma etnografia de observação no Brasil se estenderam até meados do mês de Outubro e, em Novembro, surgiu o sinal verde para realizar duas semanas de pesquisa no jornal curitibano Paraná Portal.

A partir disso, e da visão enquanto pesquisador e jornalista, a tese se configurou. Após reflexões iniciais e um contato maior com os conceitos da midiatização, além da oportunidade de aplicar minha pesquisa no contexto nórdico e brasileiro¹, norteio-me no percurso deste trabalho pela seguinte pergunta de pesquisa: **de que forma as relações simbióticas, parte do contexto da midiatização, modificam práticas jornalísticas em redações no Brasil e na Suécia? Quais práticas são alteradas em cada contexto?**

Acredito que essa indagação faz parte da construção do meu objeto empírico, uma vez que a oportunidade de realizar a pesquisa doutoral em dois países trouxe uma gama de complexidade maior devido aos costumes, instituições e sociedade como um todo. Como a incumbência de um pesquisador é refletir e questionar as tensões e acontecimentos do seu tempo, não há a possibilidade desse paralelo não estar presente no desenvolvimento da minha tese.

Como principal objetivo, a tese busca compreender de que forma as relações simbióticas, características de um cenário de midiatização, remodelam práticas e redações jornalísticas no Brasil e na Suécia. Nessa perspectiva, o uso do verbo remodelar implica que os processos jornalísticos dentro das redações ainda são os mesmos. Ou seja, o jornalista ainda é responsável por apurar as informações, produzir textos, tirar fotografias, entre outras funções. Porém, ao mesmo tempo, essas práticas são transformadas por lógicas que afetam as redações e o modo de atuação profissional.

Como objetivos específicos, foram definidos: a) compreender de que forma o processo de circulação de sentidos está presente na estruturação e produção de conteúdos jornalísticos por meio das relações simbióticas nos dois contextos; b) identificar de que forma a ambiência modificou as práticas de construção de notícias no Brasil e na Suécia; c) mensurar como a pandemia afetou práticas jornalísticas; produtos noticiosos e redações no Brasil e na Suécia; d)

¹ Durante esta tese, utilizamos o contexto nórdico e brasileiro. Porém, é importante destacar que nossa pesquisa é realizada em duas cidades: Estocolmo e Curitiba. Compreendemos, portanto, que tanto Brasil quanto Suécia possuem realidades distintas em suas próprias perspectivas. O que trazemos é um recorte da realidade dos dois países.

observar o consumo a partir da circulação de sentidos dos atores sociais nos dois contextos; e) propor o conceito de redações midiaticizadas. Como metodologia, a tese buscou na etnografia sua principal ferramenta investigativa. Durante o período na Suécia, como foi dito anteriormente, sete entrevistas foram realizadas com jornalistas. Além disso, ainda no cenário nórdico, emerge minha vivência enquanto pesquisador a partir de um diário de campo dos 10 meses em que estive em contato com as particularidades do cenário. Já no Brasil, a investigação se deu a partir de uma etnografia de observação em uma redação, o Paraná Portal, durante duas semanas. Em adição, entrevistei três profissionais que trabalham no portal. Vale ressaltar que anteriormente a esses movimentos, como já dito, foram explorados no percurso de pesquisa: entrevistas com os jornalistas de diversas redações de Curitiba, observação dos conteúdos postados por comunicadores da GloboNews nos *stories* e a observação de notícias construídas de forma remota. Com isso, a tese se constrói desses arranjos metodológicos.

O trabalho se baseia em três justificativas. Do ponto de vista científico, o jornalismo no “contexto móvel” e suas práticas no contexto da midiaticização ainda são um assunto pouco discutido entre os autores da área na perspectiva da midiaticização. Dentre os objetos que são explorados, pouco se fala no impacto dos *smartphones* na prática diária do jornalista nas redações enquanto um novo agenciador de um *habitus*, como é possível observar no segundo capítulo desta tese.

Como justificativa social tem-se o crescimento do uso de dispositivos móveis nas práticas cotidianas em sociedade. O uso desses tem crescido exponencialmente em nossa sociedade e novos aparelhos são inseridos em nossos *habitus* constantemente, modificando não apenas o que fazemos, mas também o que somos. Isso reflete na investida por compreender como essa relação modifica as ordens de trabalho entre jornalistas e dispositivos e como práticas e processos comunicacionais em um ambiente de sociedade em processo de midiaticização são afetadas. Acredito que nesse contexto o jornalista, além de produtor do conteúdo, assume um papel importante de curadoria do que circula nas redes². A título de exemplo, o jornal americano Chicago Sun Times, em 2013, demitiu todos os 30 repórteres fotográficos e pediu aos jornalistas da redação fotografias e vídeos produzidos com dispositivos móveis. A pesquisa desenvolvida nesta tese ainda explora dois contextos sociais distintos: Brasil e Suécia. Dessa forma, essa observação contribui não só cientificamente para o projeto CAPES-STINT, mas para o estreitamento de laços entre os dois países.

² Esse conceito será explorado e tensionado nos movimentos tentativos e empíricos nos capítulos 5 e 6 desta tese.

Como justificativa pessoal, emerge a necessidade de aprofundar questões percebidas no período em que eu era profissional do site *globoesporte.com* e observava movimentações que estreitavam as relações entre jornalistas e dispositivos móveis dentro das redações de jornalismo. Ao meu olhar de jornalista, os usos dos dispositivos móveis nas redações afetam dinâmicas do próprio fazer jornalístico. Os contatos com os atores sociais se tornam mais dinâmicos e parte do processo, o fazer se modifica para um profissional que vai além do multimidiático, se torna multimediatizado. Ou seja, não há somente uma mudança em fazeres tecnológicos, mas uma transformação em interações e processos sociais que extrapolam os limites territoriais das redações. Essas mudanças ocorrem ainda em duas frentes: a primeira, no próprio uso contínuo de dispositivos em nossas vidas, se torna cotidiano, indissociável aos costumes que também são profissionais; a segunda frente aparece, a meu ver, da própria pressão editorial, ou seja, da necessidade de se comunicar de uma maneira mais direta com o público, gerando engajamento e visualizações para o site e, consequentemente, capital. Em resumo, essas dinâmicas me provocam enquanto jornalista e pesquisador. Conforme aponta Marre (1991, p. 3), “raramente um processo ou objeto de estudo é escolhido por si mesmo e em si mesmo, isolado de qualquer sistema de valores”.

Considerando que um dos focos desta tese é provocar discussões e tensionamentos sobre o objeto de pesquisa e as perspectivas no cenário da Comunicação e da mediatização, o texto reflete os principais aportes teóricos e metodológicos que foram trabalhados durante esses quatro anos, os resultados e observações empíricas e as futuras questões de pesquisa que ainda me rondam enquanto pesquisador e desenvolvedor deste trabalho.

A partir do exposto, defendemos a tese de que as *affordances* proporcionadas pela ambiência em processo de mediatização e as relações simbióticas remodelam as redações de jornalismo tornando-as redações mediatizadas. Percebemos, então, uma reconstrução dos espaços e do tempo em uma ambiência em que os espaços físicos de trabalho não são necessários para as práticas jornalísticas, e que a própria profissão do jornalista é afetada por lógicas de mediatização.

Estruturalmente, a tese está dividida da seguinte maneira: o segundo capítulo aborda uma extensa pesquisa da pesquisa, a partir do estado da arte, foram analisadas teses e trabalhos produzidos no Brasil e na Suécia. Já no terceiro capítulo, são discutidos os usos e apropriações dos dispositivos móveis como aspecto antropológico-social-comunicacional e as relações simbióticas no contexto da mediatização e do jornalismo mediatizado. Durante esse capítulo, debatemos a relação entre os jornalistas e os dispositivos móveis e como esse fenômeno é visto

no Campo da Comunicação e, mais especificamente, no jornalismo. Além disso, há uma inserção do assunto no cenário da midiatização com o debate focado em uma perspectiva do jornalismo midiatizado.

O quarto capítulo da tese se concentra em debater o conceito de dispositivo. Partimos da discussão pelas perspectivas de Michel Foucault e Giorgio Agamben. Com esse capítulo buscamos diferenciar os conceitos de dispositivos interacionais, a partir de José Luiz Braga, e dispositivos técnicos com a perspectiva de autores como Gilbert Simondon, Bruno Latour, entre outros.

Posteriormente, no quinto capítulo, são apresentados os movimentos tentativos desenvolvidos durante o percurso doutoral, principalmente durante o período da pandemia de Covid-19. Os movimentos se constituem em entrevistas com profissionais de Curitiba, observação de *stories* do *Instagram* de três jornalistas e análise de reportagens feitas à distância em um jornal. As tentativas foram importantes para compreender o nosso objeto da tese e formular a melhor estratégia para o percurso metodológico.

Durante o capítulo seis, nossa tática é delimitar o percurso metodológico e, por isso, apresentamos de que forma o objeto de pesquisa da tese foi submetido à análise. Trazemos um debate sobre etnografia e como essa abordagem metodológica pode ser inserida no contexto da midiatização. Além disso, debatemos teoricamente sobre observação participante e sobre o processo de entrevista em profundidade na comunicação.

O capítulo sete da tese é dedicado ao desenvolvimento empírico da tese. Em um primeiro momento, relatamos as abordagens realizadas no período do doutorado sanduíche, na Suécia. Em uma segunda etapa, discursamos sobre o movimento realizado na redação do Paraná Portal, em Curitiba. E, por último, traçamos um paralelo entre as realidades nórdica e brasileira em uma análise transversal.

Como dito anteriormente, antes de se adentrar aos meandros teóricos e metodológicos da pesquisa, debatemos no próximo capítulo o estado da arte da tese, passo importante para compreensão do objeto e do desenvolvimento da pesquisa como um todo.

2. O CONTEXTO DAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

O estado da arte é essencial para a compreensão do nosso próprio objeto de tese. Sem olhar para os trabalhos pares, é impossível avançar nas discussões sobre o que propomos e o que concebemos. A partir disso, o estado da arte no processo desta tese é dividido em múltiplas etapas que ocorreram conforme a tese avançou ao longo dos quatro anos. Em resumo, foi possível observar que as discussões sobre jornalismo midiaticado e os dispositivos móveis são pouco exploradas na academia.

O primeiro movimento de busca ocorreu no banco da CAPES. Os termos de busca utilizados no site do repositório de teses foram “jornalismo midiaticado”; “jornalismo” e “midiaticação”. Ao todo, foram encontrados sete trabalhos, porém, nenhum deles refletiu as especificidades das relações entre jornalistas e dispositivos móveis e as práticas jornalísticas no contexto da midiaticação.

Dentre os trabalhos selecionados, destacamos, em primeiro momento, as discussões apresentadas por Caroline Casali (2014). Na tese intitulada “Circulação de Saberes sobre jornalismo na sociedade em midiaticação” a autora observa experiências práticas (apropriações de notícias em redes sociais e produção de sites por amadores) e críticas (circulação de textos acadêmicos e de especialistas em Jornalismo na Internet).

A autora, para compreender as modificações do jornalismo a partir de sites amadores, observa dois produtos comunicacionais. O primeiro deles o “De tudo na net”, produzido por Caio Portela, e o segundo o “Blog da cidadania”, de autoria de Eduardo Guimarães. De acordo com o estudo, os amadores dominam as lógicas midiáticas e criam espaços de produção sentido.

Apesar de relevante para as discussões sobre o jornalismo midiaticado, principalmente no que tange a participação de atores sociais no processo de produção jornalístico, o trabalho de Casali (2014) se distancia de nossa proposta da tese. O olhar que buscamos está nas lógicas midiaticadas presentes nas redações e nas relações entre jornalistas e dispositivos móveis.

Um segundo destaque, é a tese de Luciana Menezes Carvalho (2015), cujo título é “Contrato de informação do jornalismo no ecossistema midiaticado: estratégias semiolinguísticas da instância de produção no *Facebook*”. O objetivo da pesquisa era compreender como a instância de produção no jornalismo processa o contrato de informação nas mídias sociais digitais, por meio de análises de estratégias semiolinguísticas.

Metodologicamente, Carvalho (2015) busca compreender esse fenômeno, de forma exploratória, em *posts* e páginas do *Facebook* de quatro jornais nacionais e tradicionais - Estado

de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo e Zero Hora. Em suma, a pesquisadora conclui que os jornais utilizam em seus posts e páginas características das redes sociais, como o *Facebook*.

O trabalho se evidencia em nosso percurso pela metodologia exploratória de páginas de redes sociais. Com a pandemia, durante nosso percurso, foi necessário buscar métodos para se observar de que forma os jornalistas e seus dispositivos móveis estão em contato nas redações - algo que pode ser encontrado no capítulo 5 desta tese a partir dos movimentos tentativos. Dessa forma, analisar de que forma a autora estabelece seus passos metodológicos foi importante para a compreensão do nosso objeto.

Apesar disso, a perspectiva de jornalismo midiaticado que buscamos nesta tese se diferencia da apresentada por Carvalho (2015). A perspectiva das páginas e posts são relevantes, mas em nossa visão, não são suficientes para compreender de que modo as rotinas produtivas são alteradas em um cenário em processo de midiaticação.

Por último, nessa etapa, a tese de Gilson Luiz Piber da Silva (2016), “Analítica da midiaticação esportiva estratégias discursivas das colunas/istas Juka Kfourie e Tostão durante a Copa do Mundo de 2014 na Folha de São Paulo”. A tese de Silva foca em examinar a analítica da midiaticação esportiva por meio das colunas esportivas do jornalista Juka Kfourie e do ex-jogador Tostão no período da Copa do Mundo realizada no Brasil.

No campo teórico, o pesquisador aborda a midiaticação e as práticas jornalísticas a partir de operações tecno-discursivas. Segundo o autor (2016), o jornalismo sofre profundas transformações com a mudança de paradigma do leitor – que agora é protagonista.

Há na tese de Silva (2016) dois pontos relevantes para as discussões do nosso trabalho. O primeiro deles é o arcabouço teórico desenvolvido sobre jornalismo midiaticado. Apesar disso, as discussões presentes na pesquisa focam na mudança do paradigma e do papel do jornalista, o que não é o nosso foco principal. Entretanto, é interessante e relevante a percepção do leitor enquanto protagonista. Nesta tese, a partir das pesquisas desenvolvidas nos capítulos 5 e 6, inserimos o jornalista em uma função de curadoria das informações.

Dado o pequeno número de teses encontradas que auxiliassem no desenvolvimento teórico e metodológico da tese presente, o segundo movimento buscou uma aproximação com artigos produzidos em congressos, como os anais do Seminário Internacional de Midiaticação, em especial artigos que retratavam e tensionavam questões relativas ao jornalismo no contexto midiaticado. Para isso, utilizamos as mesmas palavras-chave nas buscas: “jornalismo midiaticado”; “jornalismo” e “midiaticação”. Também foi realizada uma busca em revistas científicas por meio do Google Acadêmico. Isso permitiu uma observação além dos artigos

trabalhados durante as disciplinas da linha de pesquisa - que também são importantes para a tese. Ao todo, foram selecionados 24 textos que tensionam questões relativas ao jornalismo no contexto da midiatização.

Antônio Fausto Neto (2009b) discute no artigo “Jornalismo: sensibilidade e complexidade” a divisão do processo produtivo do jornalismo com os atores sociais. Em outras palavras, o autor busca compreender o efeito da midiatização sobre o processo de construção da noticiabilidade.

Segundo o autor, com o cenário da midiatização, o jornalista perde autonomia de certos processos como o trabalho simbólico de construção da realidade. Essa observação foi um ponto de partida relevante para pensarmos em nossa tese de que forma os atores sociais estão envolvidos nos processos simbióticos das redações.

É a partir desse tensionamento e de nossos empíricos (inclusive os tentativos) que redefinimos o papel do jornalista e das práticas jornalísticas em sociedade. O jornalista, além de produzir e checar informações, é responsável por monitorar redes sociais e discursos em uma curadoria do que é ou não fato.

Clarissa Schwartz e Eugenia Mariano Barrichello (2019) em “O jornalismo em midiatização: estratégias de legitimação do discurso telejornalístico”, apresentam como objetivo discutir o processo de midiatização da sociedade e suas consequências para o jornalismo, particularmente para o jornalismo televisivo. O trabalho das autoras, porém, buscava o foco na participação do público e nas estratégias escolhidas pelos veículos de comunicação. A partir de uma análise do quadro da Rede Globo de Televisão “O Brasil que eu quero”, as autoras concluem que o telejornalismo brasileiro ainda se adapta às práticas e processos em midiatização.

Outro ponto relevante do trabalho apresentado por Schwartz e Barrichello (2019) está no escopo teórico. As autoras se apropriam da fala de Krammer (2013) para apresentarem as tendências do jornalismo midiatizado. Entre essas tendências, está o uso das *affordances* nos sites de notícias – conceito importante que é tensionado em nossa tese.

Com o baixo número de trabalhos encontrados que retratam as relações entre jornalistas e dispositivos nas redações de jornalismo em um contexto de midiatização, optamos por abrir o leque de busca para pesquisas que retratam as relações entre jornalistas e dispositivos móveis. Por isso, uma nova investigação foi realizada com as palavras-chave “jornalismo móvel”, “jornalismo mobile” e “jornalismo e dispositivos móveis” no banco de teses da CAPES. Ao todo, foram encontradas 30 teses que abordavam os temas pesquisados. Dentro desse universo,

foram selecionados três trabalhos que retratam as práticas e processos sociais da relação entre jornalistas e dispositivos móveis em uma perspectiva que, apesar de relevantes para as discussões desta tese, acabam não abordando as idiossincrasias que trazemos em nossa discussão.

O primeiro destaque é a tese escrita pela autora Stefani Carlan da Silveira (2017), intitulada “Conteúdo jornalístico para *smartphones*: o formato da narrativa sistêmica no jornalismo ubíquo”. O objetivo da autora era investigar a apresentação dos produtos jornalísticos especificamente nos *smartphones*, partindo do princípio que a apresentação visível na interface do dispositivo reflete e concretiza o formato da narrativa digital.

Como forma de adentrar à pesquisa, a autora passa a observar enquanto seus objetos os aplicativos dos jornais *The New York Times*, *The Guardian*, *El País* e O Estado de S. Paulo. Desta análise, surge a conclusão de que o jornalismo é afetado pela tecnologia e pela ubiquidade, definindo as práticas exercidas nesse espaço como um jornalismo ubíquo. Apesar de relatar sobre o jornalismo “em todo lugar” a partir dos aplicativos, a autora foca seus debates em temas como geolocalização, navegação em camadas, automação e integração de sistemas. Silveira (2017) conclui em sua tese que não há um aplicativo que dê conta de todas as potencialidades existentes, e que há um cenário de diferentes experimentações nesses produtos jornalísticos.

A preocupação da autora, portanto, não está ligada às questões presentes nesta tese. Aqui, tomamos um caminho distinto: consideramos que o conteúdo jornalístico e suas representações imagéticas e textuais em aplicativos são importantes, mas nosso recorte de pesquisa está justamente em um movimento que olha para processualidades que ocorrem na pré-formatação de produtos jornalísticos. O nosso olhar está nas práticas existentes entre jornalistas e dispositivos móveis e como o cenário da midiatização está inserido em lógicas disposicionais, de circulação, interação e do próprio fazer jornalístico.

A segunda tese em que voltamos nosso olhar nessa etapa foi escrita por Janaína Cristina Marques Capobianco (2019) intitulada “O fazer jornalístico em transformação: a produção de notícias em mídias independentes digitais”. Nessa tese, a pesquisa busca compreender os processos e as rotinas produtivas jornalísticas em mídias independentes digitais com um olhar para as mudanças e permanências com relação ao jornalismo tradicional no contexto das novas tecnologias e dispositivos de comunicação móvel e convergente.

A tese da autora se aproxima do nosso estudo pelo percurso metodológico: dar voz aos jornalistas para compreender fenômenos vigentes. Capobianco (2019) busca nas entrevistas em

profundidade com profissionais de mídia independente entender de que forma esses comunicadores, a maioria oriundos de mídias tradicionais, compreendem as novas formas de produção, os valores jornalísticos em mídias independentes e o próprio jornalismo.

Os resultados da autora, porém, vão em uma perspectiva distinta da que buscamos nesta tese, uma vez que o explorado vai além das mudanças técnicas e estéticas no jornalismo, foca também em questões éticas profissionais e uma busca por um jornalismo dito de qualidade.

Apesar de buscar nas entrevistas com jornalistas respostas para as rotinas produtivas, o trabalho da autora também se difere do apresentado nesta tese por uma gama de questões. A primeira delas, pela total ausência de uma compreensão do cenário em processo de mediatização, parte fundante em nossa perspectiva científica. Além disso, há um foco de Capobianco (2019) em mídias independentes e, com isso, questões relativas à democracia e cidadania.

A terceira tese que buscamos nesta revisão de estado da arte é a do pesquisador Fernando Firmino da Silva (2013), “Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo”. Em seu trabalho, o autor busca compreender as implicações das tecnologias móveis digitais conectadas à prática jornalística com abordagem sobre a reportagem de campo.

A tese de Silva (2013) abarca as rotinas produtivas e as reconfigurações causadas pelos dispositivos móveis. Para isso, o pesquisador busca na empiria compreender o fenômeno, e desenvolve três estudos de caso nos seguintes veículos midiáticos: *Extra On-line*, *JC On-line* e *A Tarde On-line*.

O autor apresenta como tese as reconfigurações das rotinas produtivas, principalmente no que tange o trabalho de campo dos profissionais de comunicação. Há um apontamento na pesquisa, também, para um acúmulo de funções e uma necessidade de atualização contínua dos profissionais frente às tecnologias emergentes.

Apesar de relevante para a compreensão de rotinas produtivas do jornalismo móvel, a tese data de 2013, e é inegável que as potencialidades tecnológicas, linguagens de produção e a própria cultura com os dispositivos são distintas mais de uma década depois. Além disso, Firmino da Silva olha para as reportagens de campo, enquanto o nosso olhar está direcionado para as redações.

Como uma forma de ampliar ainda mais nossos horizontes científicos, buscamos neste estado da arte também as pesquisas desenvolvidas na Suécia. Para isso, utilizamos o portal

DiVA³ (que possui a mesma finalidade do banco de teses e dissertações da CAPES) para fazer uma nova pesquisa. Apesar de ser um banco sueco, a pesquisa pode ser realizada com palavras-chave em inglês. Utilizamos, portanto, as seguintes palavras-chave: “*mediatized journalism*”, “*mediatization*”, “*mobile journalism*” e “*mobile devices*”.

Ao todo foram encontrados 120 trabalhos na plataforma, porém, vale destacar que muitas pesquisas eram TCCs (trabalhos de conclusão de curso para bacharelado). Além disso, é importante ressaltar que a pesquisa sobre jornalismo midiático, por exemplo, resultou em apenas 3 trabalhos encontrados, o que denota uma diferença desta tese ao que é pesquisado também no país escandinavo.

Em suma, ao total, após analisar o universo final de 27 trabalhos, selecionamos três para nos debruçar nas discussões desta tese. Os trabalhos foram escolhidos por apresentarem pontos tangentes aos que discutimos aqui. Por uma escolha ética e científica, iremos manter os títulos originais das pesquisas.

O primeiro trabalho selecionado, publicado pela Universidade de Örebro, foi escrito por Adil Tariq Adenwala (2013) e é intitulado “*Mediatization of News Content: A Quantitative and Qualitative Analysis of the Pakistani Jang Group's News Coverage of Osama Bin Laden's Death*”.⁴ O objetivo do autor era compreender de que forma o maior grupo de mídia do Paquistão, *Jang Group*, cobriu a morte de Osama Bin Laden.

De acordo com o autor, o evento em questão foi midiático a partir de sua cobertura, ocasionando a mediação de instituições “não midiáticas” como as forças armadas e a segurança. O trabalho mergulha também em uma historicidade do complexo midiático do Paquistão e a sua transformação pós 2003.

A pesquisa ainda debate teorias da mediação com a aderência de teorias de paz e conflito e teoria do sistema mundial. No entanto, apesar de apresentar o cenário da mediação, se difere desta tese justamente na perspectiva de olhar o jornalismo. Nesta tese, observamos o jornalismo midiático e suas características a partir de rotinas produtivas das redações e dos jornalistas.

O segundo trabalho observado através do acesso ao DiVA, “*Populism och journalist: hur påverkas den politiska debatten? En studie om medialiseringens och populismens påverkan*”.

³ É importante destacar que na Suécia são consideradas pesquisas apenas teses de doutorado. Porém, por esse trabalho ser escrito no Brasil, consideramos também dissertações e produções de graduação. O site do portal é <https://www.diva-portal.org>

⁴ Tradução: “Mediação do conteúdo noticioso: uma análise quantitativa e qualitativa da cobertura noticiosa do Grupo Jang do Paquistão sobre a morte de Osama Bin Laden”.

*på slutdebatterna under valåren 2006 och 2022*⁵”, foi escrito pelos autores Jacob Hörberg e Isak Barrljung (2022) e tinha como objetivo compreender como os debates políticos mudaram nos anos 2000.

Os autores buscam na empiria defender que o papel do jornalista é central nas discussões sociais. Para isso, analisam dois debates políticos televisivos em tempos distintos, 2006 e 2022. Para análise dos dois debates, foi escolhida a transmissão da rede de televisão sueca SVT.

A nossa tese se difere do trabalho apresentado em diversos aspectos. Em um primeiro momento, os autores defendem que os jornalistas ganharam mais poder com a midiatização. Em nossa visão, nesta tese, o jornalista não ganhou “mais poder”, mas se adaptou a uma realidade em que agora possui uma função extra: a de curadoria de informações postas em circulação nas redes sociais. O estudo de Jacob Hörberg e Isak Barrljung também parece naturalizar a midiatização sem tensionar de que forma o fenômeno remodela as práticas e processos sociais na sociedade e na cultura.

O último trabalho escolhido para a análise, “*Mojo workin’: En studie i vad som utmärker mobiltelefonen som produktionsverktyg för att göra tv-nyheter*”⁶, foi escrito por Jörgen Axelsson (2019). O objetivo do estudo era examinar o uso do celular como ferramenta de produção de mídia na criação de produção jornalística televisiva.

Há na perspectiva desse trabalho, como em outros trazidos durante este estado da arte, uma falta de observação do cenário da midiatização. Porém, o estudo se aproxima da nossa pesquisa pelo desenvolvimento teórico das *affordances*. Assim como em nossa tese, o autor explora o potencial de um objeto perante o ambiente.

Metodologicamente, nas entrevistas com jornalistas o autor busca respostas para seus objetivos. Em resumo, o pesquisador defende que os *smartphones* são usados como uma ferramenta de produção dos telejornais.

O que foi mostrado neste capítulo, portanto, é que há uma gama de pesquisas em Comunicação, no Brasil e na Suécia, que abordam a midiatização, rotinas produtivas, jornalismo móvel, jornalismo midiatizado. Porém, nossa pesquisa se destaca por ser a única encontrada que abrange todos esses elementos alinhados a uma abordagem etnográfica, o que evidencia a relevância desta.

⁵ Tradução: “Populismo e jornalistas: como é afetado o debate político? Um estudo sobre a influência da midiatização e do populismo nos debates finais dos anos eleitorais de 2006 e 2022”.

⁶ Tradução: “Mojo em trabalho: um estudo sobre o que distingue o telefone celular como ferramentas de produção para fazer notícias televisivas”.

O próximo capítulo da tese retrata justamente esses temas teóricos, principalmente com o foco em midiatização, jornalismo midiatizado e as relações entre dispositivos móveis e a sociedade.

3. O USO E AS APROPRIAÇÕES DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO ASPECTO ANTROPOLÓGICO-SOCIAL-COMUNICACIONAL

O uso de dispositivos móveis tornou-se corriqueiro nas práticas cotidianas em nossa sociedade, diversas atividades do nosso dia a dia são realizadas por meio de aparelhos celulares⁷: compras no mercado, aulas *on-line*, interações sociais e as próprias práticas de trabalho. A título de exemplo, no Brasil, segundo pesquisa divulgada pela Comscore (2020)⁸, mais de 90% dos brasileiros realizam seus serviços bancários por meio dos dispositivos móveis. Daniel Miller et al (2021) afirma que há uma dualidade nas discussões sobre as práticas com os dispositivos móveis em nossa sociedade: enquanto alguns teóricos apontam para o malefício dos seus usos, outros apontam para as facilidades que os aparelhos proporcionam.

A pesquisa desenvolvida por Daniel Miller et al (2021) ainda aponta para uma dificuldade de encaixar os estudos sobre *smartphones* em uma trajetória única de sociabilidade, uma vez que esses dispositivos e os seus usos alteram camadas do nosso tecido social. Segundo observações da investigação, os dispositivos são utilizados, dentre diversas funções, para conectar indivíduos. Stina Bengtsson (2006), por outro lado, aponta para uma individualização social pelo uso prolongado dos dispositivos móveis. Para a autora, há um espaço de investigação nessa relação.

A indefinição do privado e do público, e das regiões de trás e da frente, devido à mídia moderna, abriu nossos olhos para muitos detalhes íntimos da vida privada dos outros. Outro aspecto disso é a individualização da cultura exemplificada pelo uso prolongado de telefones celulares. Muitos tipos diferentes de atividades de consumo de mídia estão ocorrendo hoje na solidão, o que certamente afeta o comportamento do usuário. Embora seja ingênuo acreditar que a solidão destrói todas as regras sociais e todas as normas de comportamento, ainda é interessante focar nos tipos de regras de comportamento que a solidão cria (Bengtsson, 2006, p. 123⁹).

Nesse sentido, a autora sueca (2006) argumenta que a cultura humana, historicamente, não foi construída apenas com as interações sociais, afirma que “devemos considerar que nossa mídia cotidiana não pode ser vista como artefatos vazios, sem significado cultural”¹⁰ (Bengtsson, 2006, p. 121). Isto é, há no uso dos dispositivos móveis e no contato com as mídias

⁷ Nessa tese, utilizaremos os termos dispositivos móveis e celulares como sinônimos da palavra *smartphone*. Para Daniel Miller et al (2021), o *smartphone* é um agregado de práticas anteriores que possuem uma vasta história e literatura. Como exemplo, podemos pensar na câmera fotográfica ou na agenda organizadora, ferramentas que se acoplam agora em um único dispositivo.

⁸ <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/90-por-cento-dos-acessos-bancarios-sao-feitos-por-celular-no-Brasil>

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Tradução nossa

práticas que remodelam e criam aspectos culturais em nossa sociedade. Seguindo a mesma filosofia, Daniel Miller et al (2021) aponta que a relação entre sociedade e seus *smartphones* ocasiona um *habitus* social.

As pessoas não só constroem suas relações com o mundo mais amplo em que vivem; eles também são construídas por ele. O *smartphone* então tem que se tornar uma parte habitual de nossos hábitos cotidianos, algo que os antropólogos chamam de *habitus*¹¹ (Miller et al, 2021, p. 162).

A tecnologia e suas apropriações, portanto, impactam a sociedade nas mais diversas formas, inclusive quebrando barreiras sociais e aproximando atores sociais. Como afirma Eric Maigret (2010, p. 425), “o impacto da tecnologia é uma redefinição das fronteiras entre os meios de comunicação e não um desaparecimento das fronteiras”. Os *smartphones* e os aplicativos permitem uma conectividade ininterrupta a partir do acesso à internet, ou seja, aproximam os atores sociais quebrando barreiras e fronteiras. Como pontua Daniel Miller et al (2021, p. 177), “*smartphones* podem ser examinados como fatores de mudança social e o desenvolvimento de novas normas sociais”¹².

É importante ressaltar, no entanto, que apesar das mudanças e normas sociais, os dispositivos móveis estão longe de serem equiparados ao humano. Como afirma Daniel Miller (2021, p.11), “um *smartphone* não se parece nem um pouco com um ser humano: a intimidade é avançada por meio de processos como complementaridade e próteses, bem como sua capacidade de transformar o indivíduo ao qual pertence”¹³.

Portanto, o estudo da nesta tese está focado justamente nas transformações dos indivíduos e na capacidade da relação entre *smartphones* e jornalistas modificarem as práticas jornalísticas nas redações. Daniel Miller et al (2021, p. 30) aponta que “o *smartphone* está se tornando o apêndice onipresente na humanidade”¹⁴. Nesse sentido, compreendemos a relação desses dispositivos como simbióticas, que vão além do limite do aparato. O que nos interessa, portanto, é olhar justamente o que fazemos com essas relações, que apropriações emergem da simbiose entre jornalista e dispositivo móvel¹⁵.

¹¹ Tradução nossa

¹² Tradução nossa

¹³ Tradução nossa

¹⁴ Tradução nossa

¹⁵ Nesta tese, quando estamos nos referindo aos dispositivos móveis estamos falando em dispositivos técnicos. O termo dispositivo será explorado no capítulo 4.

3.1 O conceito de simbiose

O conceito de simbiose me acompanha na trajetória acadêmica, como foi possível observar na introdução, desde a produção de minha dissertação de mestrado. Ou seja, ele não é retratado no percurso do desenvolvimento da tese apenas como um achado, mas como parte de um processo relacional entre atores no contexto da midiaticização. Em outras palavras, a simbiose não é um achado da tese em si, mas é um elemento explorado no decorrer desta pesquisa, fruto de uma investigação desenvolvida ao longo de minha dissertação.

Na Ecologia, o conceito de simbiose está relacionado à interação de duas espécies que vivem juntas. Essas relações simbióticas são classificadas em três subtipos de simbiose¹⁶: o primeiro deles é o mutualismo, em que os dois seres da relação se beneficiam das trocas entre ambos; a segunda classificação é denominada de comensalismo e é definida quando apenas um organismo se beneficia da relação e o outro não apresenta vantagens ou danos; por último, há também o parasitismo, nesse tipo de relação um organismo se beneficia e o outro é prejudicado.

A simbiose, fora da perspectiva biológica, foi proferida pela primeira vez pelo teórico francês¹⁷ Joel de Rosnay (1997). Para o autor, o conceito do homem simbiótico e das relações homem-máquina não são baseadas em um sistema ciborgue. Ele afirma que “não será um super-homem; bio-robô; supercomputador, megamáquina, mas simplesmente o homem simbiótico, em parceria estreita, se conseguir construí-la, com o sistema societal que exteriorizou a partir de seu cérebro, de seus sentidos e músculos” (Rosnay, 1997, p.21). O autor ainda esclarece que os meios de comunicação vão alterar, ditar e modificar as relações na sociedade. Com isso, uma gama de complexificações criariam o que Rosnay (1997) aponta como revolução da informação.

Estamos entrando, agora, na revolução da informação e da comunicação que deverá se operar em alguns decênios. Essas evoluções conduzem a um aumento da complexidade da sociedade e das organizações, sistemas e redes que estão ao nosso encargo. Uma complexidade que desafia nossos métodos tradicionais de análise e ação (Rosnay, 1997, p.27).

¹⁶ <https://escola.britannica.com.br/artigo/simbiose/482620>

¹⁷ Apesar de ter origem na França, a base teórica do autor é construída nos EUA, local onde realizou seus estudos pós graduais, no MIT.

Entretanto, o teórico francês problematiza o conceito de simbiose¹⁸. Para ele, o cibionte é um modelo presumido: “A metáfora do cibionte¹⁹ é um modelo hipotético e simplificador, destinado a favorecer uma tomada de consciência: a da próxima etapa – e, em minha opinião, provável – do desenvolvimento da espécie humana em coevolução com suas máquinas e organizações” (Rosnay, 1997, p.23).

Joel de Rosnay (1997) fundamenta suas críticas ao modelo afirmando que existem tempos sociais distintos na prática simbiótica. Ou seja, nem todas as relações entre homem-máquina são pautadas pelas mesmas condições, sejam elas contextos econômicos, sociais ou até mesmo pessoais. Todas essas variantes acabam criando camadas diferentes da simbiose entre homem e máquina. Os apontamentos do teórico francês surgem em perspectivas das ciências da saúde e da antropologia.

Também em uma perspectiva antropológica e sociológica, Donna J Haraway (2000) aproxima a relação entre homem e máquina a partir do conceito de ciborgue. Um híbrido entre organismo e máquina, “uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (Haraway, 2000, p.37). Para a autora, esse movimento ciborgue reestrutura a cultura e a natureza em que um objeto dessa relação não pode ser apropriado ou incorporado pelo outro.

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumavam aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes (Haraway, 2000, p. 43).

No desenvolvimento da tese, porém, a concepção de ciborgue de Haraway, apesar de importante para as discussões e tensões acerca das relações entre homem e máquina, não será amplamente explorada. O que interessa nas nossas discussões são justamente os movimentos simbióticos, organismos que coexistem e possuem particularidades e políticas distintas. “O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado” (Haraway, 2000, p. 38). Ou seja, a visão de Donna Haraway prevê um organismo que não tem “qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os

¹⁸ De acordo com o autor, o conceito de simbiose é definido pela “simbionomia como o estudo da emergência dos sistemas complexos por auto-organização, auto-seleção, co-evolução e simbiose [...] Uma das vias privilegiadas da evolução simbiótica é a simbiose. Essa noção aplica-se, em geral, a organismos vivos, mas vários autores estenderam-no a associações entre o homem e sistemas não vivos (ROSNAY, 1997, p.69).”

¹⁹ Na tradução do livro, a palavra simbiote na perspectiva de Rosnay é escrita com letra “c” inicialmente apesar da palavra em português ser escrita com “s”.

poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior” (Haraway, 2000, p. 38).

Além das perspectivas antropológicas e sociológicas apresentadas, autores da comunicação também se debruçaram sobre a relação entre homem-máquina com uma visão epistemológica ligada ao cenário comunicacional até antes de Joel de Rosnay e Donna Haraway.

Um dos vanguardistas que discutiram a relação entre homem, tecnologia e comunicação foi o teórico francês Pierre Teilhard de Chardin (2018). O autor, já na década de 1950, previa uma grande mudança de era em que a humanidade daria um passo decisivo para uma transformação não apenas pessoal, mas de ambiente.

Estamos, neste exato momento, passando por uma mudança de era. A era da indústria: a era do petróleo, da eletricidade e do átomo; a era da máquina, das grandes coletividades e da ciência – o futuro decidirá qual é o melhor nome para descrever a era em que estamos a entrar. A palavra pouco importa. O que importa é que nos digam que, à custa daquilo que estamos a suportar, a vida está a dar um passo, e um passo decisivo, em nós e no nosso ambiente (Chardin, 2008, p. 214).²⁰

Chardin (2018) foi precursor ainda ao falar sobre o aspecto de imersão a essas mudanças sociais. “A imersão tornou-se possível, e o equilíbrio deu o impulso infinitesimal à existência”²¹ (Chardin, 2018, p.217).

Um dos primeiros autores a articular as ideias de Chardin e aproximar a relação entre os meios de comunicação e o homem, foi Marshall McLuhan em “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”. Canadense, McLuhan é o principal autor da Escola de Toronto que compreendia que os meios comunicacionais reconfiguram o modo pelo qual a sociedade está inserida culturalmente e socialmente. O autor cita facilidades e componentes do nosso dia a dia como extensões de nós mesmos. Como, por exemplo: o martelo como extensão do braço, a roda da perna e o alfabeto uma expansão da linguagem humana.

Nessa perspectiva, os meios de comunicação de massa também podem ser vistos como extensões do homem. O rádio, por exemplo, é interpretado como uma extensão auditiva do ser humano. Com o avanço das mídias sociais, as ideias propostas pelo autor canadense têm sido rediscutidas, tomando outras proporções epistemológicas e teóricas.

Um de seus herdeiros, outro membro da Escola de Toronto, é Derrick de Kerckhove. O autor compreende as mídias sociais como extensões de nós mesmos. Para ele, criamos perfis para expressar nossas vontades, desejos, segredos. Ou seja, para estendermos quem somos de

²⁰ Tradução Nossa.

²¹ Tradução Nossa.

um ambiente *off-line* para um *on-line*. “Recorremos à internet e às redes sociais para expressar e compartilhar a indignação, a felicidade, o ódio e a ironia” (Kerckhove, 2015, p. 54).

A possibilidade de externar os sentimentos *on-line* com o auxílio de dispositivos móveis a todo o momento, com a característica da ubiquidade, cria uma relação mais próxima entre indivíduos e tecnologia. Algo próximo do que Joel de Rosnay (1997) chamava de relação simbiótica ou simbionte. Conforme apontam Marcellino e Fort (2018), os dispositivos móveis se materializam na própria questão do ser. Para os autores, portanto, as relações simbióticas vão além de questões físicas ou materiais.

Leva-se em conta que mídias móveis se tornam o próprio ser ou, pelo menos, materializam-se na questão do ser. Perfis em redes sociais, acessados por aparelhos móveis com o auxílio da internet, são o exemplo mais próximo dessa realidade. Ocorre aqui uma proximidade entre o *on-line* e *off-line*, sendo quase impossível a distinção dos mesmos, tornando-os apenas um híbrido. A utilização dos meios de comunicação móvel, por consequência, está sendo vista, sob esse aspecto, como extensão daquilo que somos, acreditamos e sentimos. Ou seja, as extensões entendidas neste trabalho vão além das questões físicas e materiais (Marcellino; Fort, 2018, p. 4).

Em outras palavras, as mídias móveis se tornam a materialização do próprio ser, onde não existe distinção entre o que está na rede e o que está fora dela. Ou seja, as extensões entendidas por este trabalho e pelo conceito de relações simbióticas vão além das materialidades e das mediações. Os simbioses são a unificação de sentimentos, percepções, vontades, inquietações e desejos, em um espaço desterritorializado, que nasce da interação quase ininterrupta dos seres humanos com seus aparatos tecnológicos e que se aprofunda na forma como se comunicam entre si.

Por ser um movimento global ligado à midiatização, as relações simbióticas afetam as mais diversas camadas sociais, e os profissionais de comunicação são incorporados nesse conceito. Os dispositivos móveis fazem parte das redações de jornalismo, agências de publicidade e são ferramentas presentes nas relações públicas. No âmbito do jornalismo, tema central da discussão desta tese, os dispositivos móveis são utilizados nas redações para as mais diversas atividades da profissão: elaborar pautas, editar conteúdos, entrar em contato com as fontes, gravar programas como *podcasts*, criar vídeos e tirar fotografias.

Marcellino e Fort (2018) acreditam que as relações simbióticas na perspectiva do jornalismo devem ser pensadas em três esferas. “A relação simbiótica jornalista-dispositivo móvel de comunicação, por exemplo, já é realidade. Assim, pensamos nessa interação em três esferas: a de produção (jornalistas), a de distribuição (conglomerados de comunicação) e de meio (os próprios dispositivos)” (Marcellino; Fort, 2018, p.8). Para esta tese, a principal esfera

de análise será a dos jornalistas, uma vez que buscamos compreender quais práticas são modificadas nas redações no contexto da midiaticização. Ou seja, de que forma esse elo modifica sociabilidades e práticas no exercício do jornalismo.

Já o autor holandês Mark Deuze (2013) afirma que as mídias móveis em constante contato com a sociedade produzem novas formas de sociabilidade. Porém, para o teórico, o uso excessivo dessas tecnologias pode ocasionar o que o autor chama de fenômeno zumbi. De acordo com Deuze:

Esse uso intensivo e imersivo pode ser visto como nossa transformação em viciados impotentes, escravos das máquinas – zumbis. Nós somos zumbis no sentido em que sucumbimos acéfalos ao chamado de nossos aparelhos; somos zumbis porque usamos as mídias de modos que apagam nossas distinções como indivíduos; gravamos e remixamos a nós mesmos e uns aos outros com as novas tecnologias e nossa sociedade se zumbifica enquanto navegamos por ela – voluntariamente u involuntariamente – aumentada por tecnologias de virtualização (Deuze, 2013, p. 114).

Como discorre o autor, a zumbificação causada pela relação com os dispositivos móveis remixa a percepção de nós mesmos perante a sociedade. No jornalismo, a zumbificação pode ser vista como um empecilho, uma vez que a dependência de aparelhos como os *smartphones* pode atrapalhar na produção de conteúdo noticioso. A proposta de Mark Deuze (2013) ultrapassa o sentido dado por McLuhan (1964) dos meios de comunicação como extensões do homem e do que Derrick de Kerckhove propõe como extensões *on-line* e *off-line*. O que Deuze apresenta é uma leitura contemporânea do simbiote presente na literatura de Joel de Rosnay em um tom mais pessimista e crítico.

Apesar da visão de Mark Deuze, acreditamos que as relações simbióticas não são como uma prisão, uma zumbificação, mas como um elo entre dois corpos que permite a imersão em uma ambiência²² midiaticizada. Ou seja, os dispositivos, os meios, não são apenas mediadores no processo simbiótico, são ao mesmo tempo passagem e local para novas práticas midiáticas emergirem. Isso ocorre devido às *affordances* proporcionadas pelo ambiente midiaticizado.

O conceito de *affordances*²³ (sem tradução para a língua portuguesa) foi criado pelo psicólogo James Jerome Gibson e aprofundado em sua obra “*The ecological approach to visual perception*”, em 1979, para retratar a relação entre os animais e o meio ambiente. Para o autor, o conceito não deve ser apenas tratado como uma percepção física desse elo, mas como um conjunto de comportamentos entre as variantes. “Eles (os *affordances*) não são apenas

²² Aqui compreende-se a ambiência pelo conceito de Pedro Gilberto Gomes (2017), o atravessamento do ambiente pelas práticas e processos comunicacionais.

²³ Por não existir uma definição para a expressão *affordances* para o português, o termo e suas variantes serão usados em inglês durante todo o decorrer da discussão.

propriedades físicas abstratas. Eles têm unidade em relação à postura e comportamento do animal que está sendo considerado. Portanto, um *affordance* não pode ser medido como medimos na física (Gibson, 1979, p.128²⁴).

Mas afinal, o que é um *affordance*? Gibson exemplifica seu conceito afirmando que “os diferentes objetos do ambiente têm diferentes possibilidades de manipulação. Os outros animais proporcionam, acima de tudo, um rico e complexo conjunto de interações, sexuais, predatórias, nutritivas, de luta, brincadeira, cooperação e comunicação (Gibson, 1979, p.128²⁵). *Affordances*, portanto, é o primeiro passo para a interação do indivíduo (animal) com o ambiente.

Um fato importante sobre as *affordances* do ambiente é que elas são, em certo sentido, objetivas, reais e físicas, ao contrário dos valores e significados, que muitas vezes são considerados subjetivos, fenomenais e mentais. Mas, na verdade, as *affordances* não são nem uma propriedade objetiva nem uma propriedade subjetiva; ou é ambos, se quiser. Uma *affordance* ultrapassa a dicotomia subjetivo-objetivo e nos ajuda a entender sua inadequação. É igualmente um fato do ambiente e um fato do comportamento. Um ponto de acesso para os dois lados, para o ambiente e para o observador (Gibson, 1979, p.129²⁶.)

O conceito de *affordances* é usado também como uma propriedade na área do Design. Os designers aplicam a concepção teórica em duas variantes: propriedades (objeto) e capacidade (agente). Norman (1990) caracteriza as *affordances* como a facilidade de alguém utilizar um objeto. “Quando as *affordances* estão sendo aproveitadas, o usuário sabe o que fazer apenas olhando: nenhuma imagem, rótulo ou instrução é necessária. Coisas complexas podem exigir explicação, mas coisas simples não” (Norman, 1990, p. 9). Isso pode ser visto em produtos, objetos e situações do cotidiano, como, por exemplo, sentar em uma cadeira é algo instintivo, assim como abrir a maçaneta de uma porta.

Por se tratar de um conceito transdisciplinar, as Ciências da Comunicação já discutem há algum tempo as *affordances*, mas na mesma perspectiva do Design. Autores como Suzana Barbosa, Firmino da Silva e Marcos Palacios trabalham as relações com os dispositivos móveis, jornalismo e os novos formatos da comunicação.

Compreendemos aqui que essas discussões são relevantes e importantes para a área. Porém, o que buscamos em nossa tese é compreender o fenômeno das relações simbióticas em um ambiente (as redações). Por isso, evocamos a perspectiva do Design pela observação dos

²⁴ tradução nossa

²⁵ Tradução nossa.

²⁶ Tradução nossa

aparelhos móveis e da adaptação em ambientes e a de Gibson pela compreensão do ambiente e seus afetamentos.

Em uma análise sobre as *affordances* e o ambiente, Oliveira e Rodrigues (2013) dissertam que o indivíduo (animal) que apresenta a maior capacidade de percepção das *affordances*, ou seja, do próprio ambiente em si, tem maior chance de sobrevivência. Em uma aproximação com a Comunicação e o Jornalismo, um jornalista que possui maior percepção sobre a sua redação, possui vantagens (conhecimentos físicos e técnicos) sobre o ambiente. A partir disso, a relação simbiótica entre dispositivos móveis e jornalistas – entre um objeto e um agente do ambiente – só é possível em um cenário em que as *affordances* são reconhecidas. Ou seja, os dispositivos móveis *affords* ²⁷ a relação simbiótica, uma vez que, ao usar o *smartphone*, o indivíduo já tem previamente um conjunto de ações e práticas que são instantâneas e intuitivas de interação. Gibson (1979) alertava sobre a utilização dos objetos como um processo intuitivo.

A *affordance* de um objeto é o que a criança começa por perceber. O significado é observado antes que a substância e a superfície, a cor e a forma sejam vistas como tais. Uma *affordance* é uma combinação invariante de variáveis, e ninguém pode supor que é mais fácil perceber essa unidade invariante do que perceber todas as variáveis separadamente. Nunca é necessário distinguir as características de um objeto e, de fato, seria impossível fazê-lo. A percepção é econômica. (Gibson, 1979, p. 135²⁸).

Como afirmam Oliveira e Rodrigues (2013, posição 174), “neste contexto, *affordances* são relações entre as habilidades do agente e as características do ambiente e se referem a tudo que há no ambiente que contribui para determinado tipo de interação”. As *affordances*, portanto, podem ser vistas como parte de um ambiente que proporciona a simbiose entre os profissionais de comunicação e os dispositivos móveis.

Nesse sentido, a ambiência construída a partir da interação, da intuição e das possibilidades do ambiente, gera um acionamento de processos midiáticos entre agentes e objetos em que as práticas jornalísticas passam por essas relações simbióticas e pelas lógicas da redação midiaticizada. A partir disso, ainda em 2020-2021, desenvolvemos o primeiro esquema sobre as relações simbióticas, *affordances* e redações midiaticizadas.

²⁷ Nesse contexto, *affords* possui o sentido de “prover” ou “proporcionar”. Funciona como uma contração da expressão *affordance*

²⁸ Tradução nossa.

Figura 1 - Esquema *affordances* e relações simbióticas nas redações midiaticizadas



Fonte: O autor, 2021

Como exemplo, podemos pensar nas redações de jornalismo e nas práticas nesses lugares: a utilização dos dispositivos de uma maneira simbiótica, instantânea aos processos, é possível graças às *affordances* desse ambiente, ou seja, do que esse ambiente provê e proporciona ao jornalista. A partir disso, podemos citar a relação com os dispositivos móveis (objetos dessa análise), o envolvimento com outros profissionais da comunicação e até mesmo com os atores sociais que estão fora do ciclo físico da redação, mas que estão presentes, graças às *affordances* e a simbiose, nos processos de construção da informação.

Além disso, é importante ressaltar que as relações com os dispositivos ocasionadas pelo contexto das *affordances* se tornaram não só processos sociais, essas dinâmicas podem ser vistas como processos culturais em que as mídias estão engendradas como parte significativa do processo. Nesse percurso, não se trata de determinismo tecnológico, mas de uma adaptação de um processo cultural vigente no contexto da midiaticização em que as práticas jornalísticas são verticais aos processos resultantes das relações simbióticas.

Ao longo do percurso doutoral, foi necessário tensionar o primeiro modelo levando em consideração aspectos que não foram explorados na primeira ilustração, como, por exemplo, os atores sociais, as lógicas de midiaticização e as redações de jornalismo afetadas pela midiaticização.

Pensando nessas questões e após discussões com a orientadora da tese, um segundo esquema que abarcasse pensar o jornalismo midiaticado englobando os atores sociais, o processo de circulação e as lógicas de midiaticação nas próprias redações foi criado em 2022-2023. O esquema adensado pode ser visto a seguir:

Figura 2 - Relações Simbióticas e Jornalismo Midiaticado



Fonte: O autor, 2022

O segundo esquema apresentado mantém as ideias principais e as reflexões sobre relações simbióticas e *affordances*, que são essenciais dentro das práticas e processos comunicacionais nas redações. Em adição, apresenta um mapeamento do que está em jogo quando colocamos os atores sociais e as lógicas de midiaticação e circulação de sentidos dentro do processo.

As lógicas de midiaticação, inseridas no contexto da circulação, passam pelos pontos de contato (redações midiaticadas e atores sociais) e alteram as práticas e processos nesses pontos. Ou seja, as redações de jornalismo e o campo social (aqui interpretados como atores sociais) são constantemente transformados pelo conjunto de sentidos e interações que surgem do produto existente entre os dois polos e a circulação.

Outro ponto relevante apresentado na segunda ilustração é a compreensão das redações de jornalismo como dispositivos interacionais. Esse movimento reforça o nosso olhar para as redações e as relações simbióticas visando suas lógicas internas e suas contextualizações. Em outras palavras, compreendendo de que forma as redações lidam com objetos técnicos (dispositivos móveis).

Vale destacar, porém, que esses movimentos reflexivos sobre as redações no ambiente midiático foram realizados anteriormente ao processo de desenvolvimento empírico final desta tese. Desta forma, compreendemos que para definir uma ilustração final que retratasse a realidade era necessário olhar o fenômeno de perto. Com isso, abordaremos nossa percepção sobre as relações simbióticas e o jornalismo midiático no desenvolvimento do capítulo empírico final (sétimo capítulo), apresentando um desenho definitivo.

3.2 O contexto da mediação

A mediação é um eixo central das relações simbióticas como objetos de pesquisa do Campo Comunicacional. O contexto da sociedade mediada serve como ponto de partida para compreender as práticas existentes e as que emergem do elo entre jornalistas e dispositivos móveis.

Para localizar a mediação como parte central desse processo, é necessária a discussão de dois conceitos primordiais que estão presentes na relação abordada neste texto. O primeiro deles, o conceito de ambiência, rege o *locus* central de funcionamento do processo. Sem esse contexto, dificilmente as engrenagens da relação simbiótica entrariam em movimento. Pedro Gilberto Gomes (2017) discute uma “era da civilização unificada” em que as tecnologias auxiliam na criação de um tipo de sistema nervoso para a humanidade. É nesse contexto exposto pelo autor que se situa a mediação, os dispositivos não estão mais inseridos em um quadro de mediação. Para ele:

A sociedade em processo de mediação é maior, mais abrangente, que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual; mas a sofisticação tecnológica, amplamente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de sociedade em mediação (Gomes, 2017, p.134).

Em suma, de acordo com o autor, a ambiência da mediação nos coloca em um “novo modo de ser no mundo” em que o tecido social é modificado. Ou seja, as relações sociais se

alteram como uma nova realidade imposta socialmente: o processo tecnológico aproxima atores sociais e a circulação de sentidos cria uma gama infinita de possibilidades de interação. Assim, as mais diversas ações em sociedade também são modificadas, criando novos sentidos. Podemos observar as mudanças que ocorreram nos últimos anos: existem transmissões de partos ao vivo, aulas simultâneas *on-line*, museus com obras sendo expostas via internet, a plataformização do trabalho com aplicativos como o Uber e Ifood, por exemplo.

Para Andreas Hepp e Nick Couldry (2020), a construção que fazemos do mundo social está intrinsecamente implicada nos nossos usos de mídia. Ainda segundo os autores, as interdependências entre as próprias mídias tornam as relações ainda mais intrínsecas.

Pensar sobre o mundo social e seus diferentes domínios como “mediatizado” significa assimilar que a sua construção envolve práticas de comunicação que são, por sua vez, moldadas por processos de longa duração de institucionalização e materialização aos quais nos referimos como “mídias”. (Hepp; Couldry, 2020, p. 52).

Uma das mudanças observadas com essa ambiência da mediação é o próprio jornalismo diário. A ubiquidade faz parte do processo da mediação em sociedade e isso não é diferente para os profissionais da comunicação. O “ato de fazer jornalismo” se transforma radicalmente com os avanços tecnológicos e as percepções sociais. Isso pode ser visto nos *stories*²⁹ em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, nas redações convergentes, nos profissionais multimidiáticos e no “ao vivo” sendo transmitido no lugar do acontecimento com o auxílio do *smartphone*.

O segundo conceito primordial que surge com a mediação como eixo central de análise das relações simbióticas como objetos de pesquisa no Campo da Comunicação é a circulação. Com a ambiência mediada, os processos circulatorios são acionados com uma velocidade em progressão geométrica. É nessa perspectiva que Antônio Fausto Neto (2015) afirma que o campo dos *media* se modifica com a mediação. Para o autor, há um deslocamento da problemática de campo para os fluxos e discursos.

Ana Paula da Rosa (2016) afirma que os estudos em circulação podem ser divididos em pelo menos três momentos distintos. O primeiro deles é situado na relação entre circulação - intervalo em que o foco está na transmissão. Nessa etapa, há um olhar para a produção e a recepção a partir de uma passagem automática de sentido. Já o segundo momento é conhecido por zona de indeterminação, “em que se percebe a redução da força das gramáticas de produção

²⁹ Linguagem narrativa que nasceu com o Snapchat em 2011 que permite o envio de fotos ou vídeos curtos que tem duração de 24 horas e se apagam com o tempo. Essa narrativa também modifica epistemologicamente as questões da memória no Campo Comunicacional.

e reconhecimento, para a intensificação dos contatos entre os discursos via dispositivos” (Rosa, 2016, p.6). Por último, o terceiro momento, emerge da zona de indeterminação, e é denominado de acoplamentos. Nele, acoplagens acontecem para a produção de sentido onde meios e técnicas reduzem a distância do processo vigente.

Nesse sentido, observamos o processo de circulação como central para os estudos em midiatização em que os embates causados nesse processo são responsáveis pela produção de sentidos, gerando circuitos que afetam também o jornalismo. Segundo Braga (2012):

Esses circuitos contemporâneos envolvem momentos dialógicos, momentos “especializados”; momentos solitários – o mundo circula em nosso self – e momentos tecno-distanciados, difusos. Todos esses momentos se interferem – se apoiam às vezes, certamente se atrapalham (Braga, 2012, p.44).

A partir da fala de Braga (2012), podemos discorrer de que forma a circulação e os circuitos existentes, a partir de embates de sentido, afetam o jornalismo em um prisma da midiatização. É justamente na produção de discurso e dos circuitos gerados pelos atores sociais, em sua grande maioria provenientes das redes sociais, que surge uma gama exponencial de informações. O grande volume de informações e discursos em rede levam os jornalistas a um novo papel dentro dessa engrenagem, o de curador de informações³⁰. Os circuitos produzidos por atores afetam a noção social do que é ou não notícia. Nesta tese, o processo de circulação se situa, portanto, na discussão sobre a produção de sentido dos atores sociais a partir das relações simbióticas e sobre o papel do jornalista nessa dinâmica.

Em resumo, as relações simbióticas entre jornalistas dispositivos móveis não alteram somente o “ato de fazer jornalismo”, mas todo um cenário de participação de atores que não tinham o mesmo papel dentro das práticas e processos comunicacionais em contextos anteriores.

É comum observar os internautas discutindo pautas de notícias na rede, sugerindo novos assuntos a serem tratados, criando bolhas de opinião com notícias que interessam somente as suas visões sociais e de mundo. Todas essas ações de circulação de informação e sentido são acionadas e reforçadas pelas possibilidades que os jornalistas e o cidadão, ao mesmo tempo, têm com a facilidade de produzir conteúdo com um objeto na palma de suas mãos. Esse paradigma modifica não somente as teorias do jornalismo, mas também, implica reflexões nas próprias redações.

³⁰ Debateremos mais sobre essa noção conceitual nos capítulos 6 e 7 desta tese.

Enquanto repórter, olhar essas novas estruturas é essencial para compreender como o jornalismo midiático é marcado pela circulação, pelas interações e por novas dinâmicas atingidas no tecido social. Portanto, como parte da compreensão da tese, é necessário retomar as discussões que emergem do Jornalismo em um cenário de mediação.

3.3 O jornalismo midiático como ponto de observação das relações simbióticas

O jornalismo, como prática, se modifica constantemente de acordo com tecnologias, processos sociais, transformações de linguagens e narrativas. Na tese, o foco está destinado às relações entre jornalistas e dispositivos móveis em um contexto em processo de mediação.

No início do processo deste trabalho, algumas dúvidas rondavam a pesquisa: de que forma o jornalismo é alterado no contexto da mediação? Como os atores sociais interferem na produção jornalística? Como os dispositivos móveis são enquadrados nas dinâmicas simbióticas presentes nas redações? Para isso, uma base teórica que refletisse sobre o jornalismo no contexto da mediação se fez necessária.

Antônio Fausto Neto (2009a) aponta que os efeitos da mediação se reverberam nas instituições e na sociedade convertendo esses atores em personagens de um sistema de codificação da realidade. Ainda segundo o autor:

Tal problemática por nós compreendida pela mediação crescente das práticas sociais, afeta a cultura jornalística, o modo de ser de sua ‘comunidade interpretativa’; reformula o status da notícia. Põe em discussão a essência da pedagogia mediadora do trabalho do jornalista, repercute sobre sua identidade. Além disso, atribui às fontes e aos leitores novas tarefas de ‘gestão discursiva’ da atualidade, complexificando o trabalho de enunciação do acontecimento” (Fausto Neto, 2009a, p. 19)

As alterações previstas pelo autor há mais de uma década se confirmaram, pois o processo de produção jornalística envolve uma série de novas dinâmicas que vão da utilização de dispositivos tecnológicos ao manejo de dados algorítmicos e relações complexas com fontes de informação. Além disso, a prática jornalística se tornou ubíqua, os atores sociais participam do processo das redações com indicações de pautas pelas redes sociais, envio de fotografias e vídeos. Nesse complexo contexto mediático, “o jornalista já não é mais soberano no trabalho de produção da notícia. Cria-se, assim, um novo modelo de enunciação que escapa à edição do jornal. Fontes investem em operações e regras, pondo em xeque a regência unilateral do ato jornalístico de produção da realidade” (Fausto Neto, 2009a, p. 20).

Nesse sentido, Ana Paula da Rosa (2016) denomina de “fagia midiática” o processo que leva a instituição jornalística a produzir conteúdo noticioso a partir dos discursos dos atores

sociais. Nesse enquadramento, esses atores fazem parte da produção jornalística mesmo não sendo contemplados, necessariamente, com um empoderamento social como sujeitos. Ainda segundo a autora, é possível observar que:

O processo pode não parecer novo, mas é no instante em que se percebe que *os usos e as apropriações estão a serviço da ação midiática*, ou seja, a produção é feita para a própria circulação, o que modifica as relações entre Instituições Não Midiáticas, Instituições Midiáticas – em especial as jornalísticas – e os atores sociais, pois todos passam a dividir a construção do sentido social (Rosa, 2016, p. 74).

O processo de midiatização produz reverberações nas relações e nos campos sociais. No jornalismo, a relação com as fontes se transformou graças à facilidade da circulação de informações em jogos complexos de significação de sentidos. Com um aparelho móvel, um jornalista pode entrar em contato com diversas fontes, produzir conteúdos compartilhados, entrar ao vivo com informações de diversos lugares e interagir com outros atores sociais. Ao mesmo tempo, esses mesmos atores sociais constataam e complexificam as relações com os profissionais da comunicação que se transformam em curadores dessa comunicação.

Autores como Borelli e Dias (2018) constataam essa complexificação dos atores sociais nos processos e práticas de jornalismo. Para os autores, “os leitores não apenas consomem as notícias, a partir de seus singulares modos de apropriação e interpretação, como também produzem ofertas discursivas próprias, inserindo-as em um fluxo de circulação contínuo” (Borelli; Dias, 2018, p. 5), esse fluxo contínuo reconfigura a própria produção do jornalismo.

Fausto Neto (2009, p. 20) observa essa mudança de paradigma no jornalismo:

Diferente do momento atual – onde as tecnologias permitem que fontes e jornalistas compartilhem de ferramentas dos mesmos processos de produção da notícia – há três anos, o dispositivo jornalístico detinha um outro tipo de relação com a fonte, através do controle das perguntas e do próprio processo da sua edição.

Como afirmamos, a relação entre jornalistas e os dispositivos tecnológicos impulsionaram uma série de mudanças estruturais no contexto da midiatização em que a ambiência é uma aliada na produção de novos sentidos. Porém, nesse novo contexto, não são apenas as relações com as fontes mudam, mas, também, o próprio cenário das redações do jornalismo.

Em uma análise sobre o jornalismo contemporâneo e as construções para a *web*, Aske Krammer (2013, p. 7) aponta, além da relação com as fontes, o processo de *affordances* como um indicativo da midiatização da instituição jornalismo. Para o autor:

Essas *affordances* são, no entanto, apenas potencialidades como representam o que os jornalistas podem fazer, mas não são obrigados a fazer; só porque é algo possível, não é automaticamente desejável ou necessário. (Krammer, 2013, p. 7)

Como dito anteriormente neste capítulo, compreendemos as *affordances* como as potencialidades que o ambiente proporciona. Em uma sociedade em processo de midiatização, as processualidades, práticas sociais e processos dentro e fora das redações remodelam o modo no qual o jornalismo é constituído. Nesse sentido, as práticas são alteradas como as relações com as fontes, o modo de trabalho, as ferramentas, etc.

Dall’Agnese et all (2016) também aproxima o conceito de *affordances* e jornalismo com a perspectiva da midiatização. Para as autoras, a midiatização está ligada diretamente às oportunidades causadas pelas *affordances* e aos usos da mídia.

O que parece ser consenso é que o conceito de midiatização, fundamentalmente, não se refere a uma única teoria ou a um único processo, mas a uma abordagem geral para analisar criticamente as múltiplas transformações na natureza da ordem social contemporânea, ligadas às *affordances* e aos usos da mídia (Dall’Agnese et all, 2016, p. 709).

Nessa perspectiva, os usos de mídia e as *affordances* proporcionadas pelo ambiente constituem o processo de midiatização não por um prisma de determinismo tecnológico. O que observamos dessa relação é uma mudança profunda nas práticas e processos sociais em decorrência das tensões estruturais causadas por esses mecanismos. As *affordances* e as novas tecnologias nos proporcionam, então, novos modos de pensar e agir enquanto sociedade, e isso reflete diretamente no modo com o qual trabalhamos e, por consequência, no jornalismo.

Nesse sentido, Barichello e Carvalho (2016) afirmam que as *affordances* dos meios atuam na configuração de protocolos que conquistam a hegemonia do ecossistema midiático. “O jornalismo, como instituição e prática profissional e discursiva, adapta-se a esse ambiente midiático por meio de uma série de estratégias, além de passar por algumas transformações estruturais” (Barichello; Carvalho, 2016, p. 2310).

Barichello e Carvalho (2016) pontuam, portanto, uma mudança de paradigma na forma como o jornalismo se constitui. À vista disso, as práticas jornalísticas são remodeladas pelo cenário midiatizado.

3.4 As práticas jornalísticas e o jornalismo midiatizado

As discussões apresentadas nos tópicos anteriores e no estado da arte ilustram uma realidade sobre o debate do jornalismo midiatizado: a pouca exploração das práticas jornalísticas nas pesquisas em midiatização e um foco nas mudanças causadas pelos atores sociais nos processos jornalísticos. A presente tese, portanto, tem a oportunidade de aprofundar

as questões relativas às práticas jornalísticas no ambiente midiaticizado, obviamente não deixando de lado a importância e a presença dos atores sociais nos processos.

Ao olhar para os movimentos de práticas jornalísticas das redações e o modo de funcionamento dos espaços físicos, a tese se volta aos estudos de Robert Darnton (1990) em “O beijo de *Lamourette*: mídia, cultura e revolução”. Para o autor, “existem elementos estruturais no sistema hierárquico dentro da sala de redação, como é indicado pela sua disposição” (Darnton, 1990, p. 72).

Assim, observar os elementos estruturais das redações no Brasil e na Suécia é também um movimento importante nesta tese, a ser apresentado nos capítulos 6 e 7. O processo de midiaticização no jornalismo vai além do próprio espaço da redação e das relações de poder, ele perpassa as interações e os sentidos produzidos, e desbanca no modo pelo qual o jornalismo produz e divulga seus produtos em um ambiente em que as relações simbióticas nos conectam cada vez mais.

Na mesma perspectiva, o autor alertava para uma necessidade em observar de que modo os atores sociais se constituem estruturalmente nessa sociologia do jornalismo. Para Darnton (1990, p. 83), “uma sociologia do jornalismo deveria analisar a simbiose, além dos antagonismos que crescem entre um repórter e suas fontes, e deveria ainda levar em consideração que essas fontes constituem um elemento importante de seu “público”.

Como dito anteriormente, acredito que esse trabalho, de verificar a importância das fontes e dos atores sociais para o processo jornalístico no contexto da midiaticização, já está sendo desenvolvido por alguns autores, em especial os discentes e egressos da linha de pesquisa em Midiaticização e Processos Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que se debruçam sobre a atorização social e as gramáticas de reconhecimento.

O nosso trabalho aqui é, portanto, compreender de que modo as práticas, as redações e os fazeres do jornalista se alteram em todo esse contexto, numa perspectiva das gramáticas de produção já perpassadas pelo reconhecimento.

Ou seja, cabe observar o conjunto de procedimentos pelos quais os jornalistas constroem³¹ suas reportagens. Como afirmam Beatriz Marocco e Angela Zamin (2021), compreender “o que é permitido e o que é proibido nas ações dos jornalistas para que possam operar em uma ordem do discurso jornalístico, identificada com o presente que nos cerca e que faz o jornalismo ser como ele aparenta ser” (Marocco; Zamin, 2021, p.9).

³¹ O verbo construir aqui engloba todo o processo do fazer jornalístico – da ideia de pauta e busca pelas fontes até o processo de divulgação.

A proposta de análise das práticas jornalísticas de Beatriz Marocco (2021) se estabelece também em um viés em que as relações de poder existentes nas redações são primordiais ao processo:

Entram em jogo, tanto os processos de subjetivação dos sujeitos da produção (ligados às diferentes instituições sociais e aos cuidados que o próprio indivíduo toma para si), como ao processo de construção do acontecimento e sua apresentação sob a forma de acontecimento jornalístico (Marocco, 2021, p.34).

A tese, porém, não irá focar no acontecimento jornalístico³², mas no modo como são estabelecidos os critérios de produção dentro das redações.

Como estabelece Beatriz Marocco (2021b) sobre as práticas jornalísticas, “é no âmbito da prática que o jornalismo se mostra organizado, epistemologizado como saber que circula nos ambientes profissionais e materializado (nos discursos de mídia)” (Marocco, 2021b, p.13). Por isso, é necessário construir uma interpretação do saber sobre o jornalismo midiaticizado e as práticas jornalísticas.

O próximo capítulo da tese aborda um dos conceitos chave para o desenvolvimento teórico do trabalho: o de dispositivo. Fundamental nas práticas jornalísticas cotidianas, os dispositivos móveis são responsáveis não mais por auxiliar os profissionais de comunicação, mas por constituírem a essência da própria profissão.

Porém, nesta tese, não há apenas um significado de dispositivo. Tratamos também, dos dispositivos interacionais e da forma como decorrem os processos interacionais dentro e fora das redações de jornalismo. Afinal, de que dispositivo estamos tratando no decorrer do estudo?

³² O conceito de acontecimento é trabalhado no programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos na linha de pesquisa de Linguagem e Práticas Jornalísticas.

4. DISPOSITIVO – INTERACIONAL E TÉCNICO

Um dos principais conceitos presentes nesta tese é o de dispositivo. Há, nos estudos na área da Comunicação e nas Ciências Sociais, uma variedade de disposições teóricas sobre o significado do termo. Por isso, existe a necessidade de identificar de que tipo de dispositivo estamos tratando no decorrer desta pesquisa.

Em um primeiro momento, o capítulo irá tratar brevemente do conceito de dispositivo nas perspectivas de Giorgio Agamben e Michel Foucault, para então, abordar a disposição de dispositivos interacionais de José Luiz Braga. Compreendemos nesta tese as Redações Jornalísticas – e nela suas interações, lógicas internas e as próprias relações simbióticas – como dispositivos interacionais.

A outra abordagem do termo dispositivo que será tensionada durante a tese é a de dispositivo enquanto objeto técnico que vai além do aparelho e se apresenta como parte do contexto, do ambiente. Para isso, a base teórica utilizada será a de Vilém Flusser, Bruno Latour, Gilbert Simondon e Umberto Galimberti.

4.1 Um panorama sobre Dispositivos nas Ciências Sociais – Agamben e Foucault

Para abordar o dispositivo interacional na perspectiva de José Luiz Braga, é importante debater antes sobre o tensionamento que existe nas perspectivas de Giorgio Agamben e Michel Foucault, suas diferentes concepções e entendimentos sobre como os dispositivos são incorporados no contexto social.

Na perspectiva foucaultiana, o dispositivo é constituído como uma heurística do controle. De acordo com Braga (2020, p. 15), “seu passo inicial não foi elaborar um conceito – mas sim um procedimento para a abordagem de sua pesquisa, levando esse acionamento metodológico a um exercício de alta eficácia descritiva e interpretativa”.

A proposta de Michel Foucault não é uma teoria explicativa, com categorias pelas quais se possam classificar instâncias da realidade. É antes uma heurística – uma perspectiva para observar diferentes “modos de dispor as coisas”, que favorece descobrir as lógicas internas segundo as quais se articulam os componentes de um arranjo social, se elaboram seus objetivos e suas dinâmicas (Braga, 2020, p.15).

Portanto, para Michel Foucault (1999), o que reluz nas observações não é uma teoria, mas uma analítica do espectro do poder:

O que está em jogo nas investigações que virão a seguir é dirigirmo-nos menos para uma “teoria” do que para uma “analítica” do poder: para uma definição de um domínio específico formado pelas relações de poder e a determinação dos instrumentos que permitem analisá-lo (Foucault, 1999, p. 80).

O movimento de Foucault torna-se então o de não reduzir os dispositivos de dominação ao seu uso exclusivo como procedimento de uma determinada lei. Segundo o filósofo:

Em outros termos, o que distingue uma análise da outra, a que é feita em termos de repressão dos instintos e a que se faz em termos de lei do desejo é, certamente, a maneira de conhecer a natureza e a dinâmica das pulsões; não é a maneira de conceber poder (Foucault, 1999, p. 80).

Gilles Deleuze (1986), em uma leitura sobre a obra foucaultiana, vai afirmar que os “enunciados”³³ de Foucault são como sonhos: cada um tem seu objeto próprio ou se cerca de um mundo” (Deleuze, 1986, p. 20). Ainda segundo o autor, há um paradoxo constante na obra de Foucault em que a linguagem se agrega em um *corpus* para ser meio de distribuição de enunciados.

Em resumo, a visão foucaultiana de dispositivos é constituída a partir de uma heurística do controle. Ou seja, não é uma teoria do poder, mas um processo analítico dos discursos presentes nos contextos de análise.

Giorgio Agamben (2009) contrapõe a interpretação de Michel Foucault sobre dispositivos. Para o autor, há dois grandes grupos: o primeiro composto pelos seres vivos e o outro pelos dispositivos. Em outras palavras, o autor abrange o conceito e denomina de dispositivo tudo que não é vivo, atribuindo uma universalidade ao conceito. Ele determina que:

Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar (Agamben, 2008, p. 40 - 41).

O teórico ainda propõe que entre os seres vivos e os dispositivos temos os sujeitos. Para o autor, o sujeito é o que resulta da relação entre o corpo vivo e os dispositivos. “Neste sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos

³³ Para o Deleuze, o enunciado se dará da seguinte forma: “se os enunciados se distinguem das palavras, frases e proposições é porque eles englobam, como seus derivados, tanto as funções do sujeito como as de objeto e de conceito. Precisamente: sujeito, objeto, conceito são apenas derivadas da primitiva ou do enunciado” (Deleuze, 1986, p. 20).

múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tanto, o não-global etc.” (Agamben, 2009, p. 41). É necessário pontuar que o sujeito proposto nessa perspectiva é diferente da nossa interpretação de relações simbióticas, uma vez que na simbiose há um espaço destinado às trocas, interações sociais e apropriações.

A partir da sua interpretação, o filósofo italiano aponta que os dispositivos estão presentes em nossa sociedade desde o *homo sapiens*. “Os dispositivos não são um acidente em que os homens caíram por acaso, mas têm a sua raiz no mesmo processo de “hominização” que tornou “humanos” os animais que classificamos sob a rubrica *homo sapiens*” (Agamben, 2009, p. 44).

Na atual fase do capitalismo, Agamben aponta que os dispositivos não agem mais pela produção de um processo que ele determina de dessubjetivação³⁴:

Mas o que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral (Agamben, 2009, p. 47).

O autor realça as afirmações de que o problema dos dispositivos se reduz ao seu uso.

Aqui se mostra a futilidade daqueles discursos bem-intencionados sobre a tecnologia, que afirmam que o problema dos dispositivos se reduz àquele de seu uso correto. Esses discursos parecem ignorar que, se a todo dispositivo corresponde um determinado processo de subjetivação (ou, neste caso, de dessubjetivação), é totalmente impossível que o sujeito do dispositivo o use “de modo correto”. Aqueles que têm discursos similares são, de resto, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados (Agamben, 2009, p. 48).

Em suma, a proposta de Agamben divide o contexto social em dois grandes grupos: seres vivos e dispositivos. Na percepção do autor, o dispositivo pode ser compreendido enquanto elemento universal que nos acompanha desde o *homo sapiens* até a produção capital. As percepções e a compreensão do conceito de dispositivo de Michel Foucault e Giorgio Agamben são importantes para contextualizar e diferenciar uma das interpretações de dispositivo que está presente nas discussões desta tese, os dispositivos interacionais de José Luiz Braga.

Na presente tese, discutimos o aparato e a sua relação com o homem, suas apropriações, discursos e a forma como a comunicação e as relações se alteram nas práticas das redações de jornalismo e na aproximação com os atores sociais desenvolvendo um arranjo disposicional

³⁴ Compreende-se dessubjetivação como um neologismo, significando um processo de negação do elemento subjetivo

específico. Portanto, a perspectiva de Agamben não nos basta. É preciso aderir à contextualização de Foucault e encarar os dispositivos como processos analíticos do discurso.

4.2 Dispositivos Interacionais e as Redações de Jornalismo

A proposta de José Luiz Braga sobre os dispositivos interacionais se apropria de questões abordadas por Michel Foucault³⁵. Porém, para Braga, o objetivo do desenvolvimento de sua abordagem não está em encontrar e categorizar dispositivos, sejam eles disciplinares ou não, mas em ajustar o olhar dos arranjos interacionais para o processo de comunicação. Para Braga (2020), o que interessa da perspectiva de Michel Foucault não são apenas os aspectos de controle, mas também, as lógicas presentes nas interações, “não há ganho de conhecimento em pretender de modo apriorístico a presença de poderes como se fossem determinantes. O que me interessa, de modo abrangente, é perceber suas lógicas interacionais” (Braga, 2020, p.19).

Na perspectiva de Braga, o que interessa não é descrever as estruturas de poder, controle ou de qualquer ordem, mas de descobrir lógicas e processos comunicacionais em contextualizações específicas. O autor observa que

A sociedade cria dispositivos diretamente voltados para urgências interacionais, como: contar ocorrências e situações, repassar impressões, inquirir, trocar ideias, interpretar e entender o que se diz, organizar ações em comum, conversar, persuadir, argumentar, informar, aprender, negociar, gerar opinião, tomar decisões em situações de desacordo, resolver diferendos. Ou seja: perceber as estratégias interacionais diversas usadas nas circunstâncias pertinentes, para relacionar participantes sociais – processos diretamente voltados para trabalhar diferenças, com variados objetivos (Braga, 2020, p. 20)

Em outras palavras, para o autor, onde há interação encontramos dispositivos em ação. Por isso, para Braga (2020, p.19), o termo dispositivo não serve apenas como um objeto dado, “serve antes, em visada comunicacional, pela possibilidade de examinar quaisquer arranjos por essa analítica, essa heurística – e esquadrihar suas lógicas internas e relações com contextos”.

Portanto, nesse contexto, as interações englobam processos, atores, circunstâncias, fazendo com que cada processo interacional tenha uma existência singular. Segundo o autor, é essencial observar nos episódios interacionais exatamente esses processos singulares.

³⁵ Braga (2020), partindo da perspectiva da comunicação social, se opõe a conceituação de Agamben de dispositivo “universal”. “É o que justifica assumir a perspectiva de Foucault sobre dispositivos, sem universais, e com a natureza do vínculo entre os componentes proposta por este” (Braga, 2020, p. 26).

Assim, na observação de episódios interacionais, assumimos como “comunicação” não só aquela de valor alto, do processo bem-sucedido ou da obtenção de consenso – mas toda troca, articulação, ou tensionamento entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflituosa, agregando interesses de todas as ordens; marcada por casualidades que ultrapassam ou ficam aquém das “intenções” (que, aliás, podem ser altas ou rasteiras). Pessoas se comunicam inclusive no conflito, na opressão ou na manipulação (Braga, 2017, p. 21).

Em uma perspectiva de análise das lógicas e dos processos interacionais, Braga (2020) atenta para duas questões: códigos e inferências. Para o autor, a análise dos dispositivos interacionais “implica perceber a especificidade com que a situação pesquisada aciona e gera códigos – o que é trazido à cena; que inferências são feitas; e como os diferentes elementos se articulam e se tensionam em torno de tais processos básicos” (Braga, 2020, p.23).

O autor ainda pontua que esses elementos - códigos e inferências - compõem os dispositivos e são integrados nos processos. No entanto, a observação não trata de classificá-los, mas de compreender as dinâmicas em que estão inseridos. Ou seja, uma produção social de dispositivos interacionais articula a necessidade do compartilhamento de “códigos” entre os atores e o desenvolvimento de inferências (Braga, 2017).

Por “código” compreende-se, segundo o autor, os níveis mais estritos de codificação até os níveis mais vagos das referências em comum, transpondo os processos flexíveis e difusos. Já as inferências, vão além da interpretação do sentido mais plausível do objeto analisado, “voltam-se também para o melhor ajuste dessa manifestação nas perspectivas e no acervo do receptor e para a continuidade do processo” (Braga, 2017, p. 30). Ainda de acordo com o autor

Isso corresponde a dizer que não se pode pensar nas inferências inerentes aos processos comunicacionais como hipóteses que levam em conta apenas a “busca do melhor sentido” ou desambiguação da manifestação do falante. As “hipóteses para a melhor explicação” incluem referência a dados como, por exemplo, o acervo do participante-ouvinte, as condições contextuais e os objetivos da interação *conforme o episódio interacional* e suas “lógicas práticas”. Incluem ainda a probabilidade de tensionamentos entre diferentes estímulos imbricados (Braga, 2017 p. 30).

Ademais, as inferências são orientadas pelos códigos acionados durante o período de observação. Ou seja, as inferências são interpretadas a partir dos códigos - aspectos culturais, linguísticos, institucionais e práticos.

No que tange a presente tese, o olhar se dá em que códigos emergem das redações de jornalismo no Brasil e na Suécia. Por se tratar de uma análise que compara duas realidades, é interessante frisar que as inferências e observações passam justamente por aspectos culturais, linguísticos, práticos e institucionais distintos.

Isto posto, a realização da observação participante e de entrevistas com os profissionais em ambos os cenários – possível graças à bolsa de doutorado sanduíche da CAPES-STINT –

foi primordial para compreender as especificidades desses espaços, as redações, como dispositivos interacionais.

Em suma, olhar para as redações de jornalismo e para as relações simbióticas considerando suas lógicas internas de funcionamento e suas contextualizações é central como direcionamento do processo metodológico, que será explorado no capítulo 6. Isto é, consideramos nesta tese as redações como dispositivos interacionais que lidam com dispositivos técnicos. Como afirma Braga (2020), observando os meios de comunicação como ambientes para esses dispositivos de interação. Ou seja, quais as lógicas internas presentes nessas redações em que os dispositivos móveis, jornalistas e atores sociais estão em constante interação? De que forma a comunicação e o contexto da midiatização estão presentes nessas práticas? Quais códigos emergem das diferenças entre os dois contextos?

O próximo item do texto da tese discute outra perspectiva de dispositivo que é abordada no decorrer do trabalho, o do objeto técnico que vai além do amparo e das apropriações e passa a ser parte da conjuntura, da ambiência, como parte significativa do processo que se acopla e afeta o arranjo disposicional da redação.

4.3 Dispositivo além amparo e técnica – o objeto técnico no processo de produção e como parte do ambiente

Uma terceira abordagem conceitual do termo dispositivo nesta tese passa justamente sobre o aparato, sobre o objeto técnico. As redações de jornalismo estão imersas em um universo em que os dispositivos, como vimos no desenho do capítulo anterior, não são meros aparatos, mas fazem parte de um contexto de produção, circulação de sentido e de produção de lógicas de midiatização e interação. Porém, é necessário definir teoricamente esse objeto que está inserido nesse contexto que é, antes de tudo, cultural.

Esse processo é observado por Vilém Flusser (2011, p. 38), segundo o autor, “quando instrumentos viram máquinas, sua relação com o homem se inverteu. Antes da revolução industrial, os instrumentos cercavam os homens; depois, as máquinas eram por eles cercadas”. Essa aproximação entre os objetos e os seres humanos altera as lógicas conhecidas na sociedade, modificando as próprias relações culturais presentes nas interações.

Gilbert Simondon (2011) aponta que deve haver uma reforma cultural que amplie as significações presentes na relação entre homem e objeto técnico. Para o autor, temos que “devolver à cultura o caráter verdadeiramente geral que ela perdeu, é preciso reintroduzir nela

a consciência da natureza das máquinas, das relações recíprocas destas e de suas relações com o homem, bem como dos valores presentes nessas relações” (Simondon, 2011, p. 48). Para isso, de acordo com o autor, é necessário definir o objeto técnico em si mesmo, indo além de considerá-lo apenas um utensílio e o compreendendo a partir de sua gênese três níveis: o elemento, o indivíduo e o conjunto. Com relação ao elemento e a sua relação com o indivíduo, Simondon aponta que:

Seu aperfeiçoamento não provoca nenhum transtorno que produza angústia por entrar em conflito com os hábitos adquiridos: assim foi o clima de otimismo do século XVIII, ao introduzir a ideia de um progresso contínuo e infinito, portador de uma melhora constante da condição humana. Ao contrário, o indivíduo técnico, durante algum tempo, torna-se o adversário do homem, seu concorrente, pois na época em que só existiam as ferramentas o homem centralizava em si a individualidade técnica; a máquina toma o lugar do homem porque este exercia uma função de máquina, de portador de ferramentas (Simondon, 2011, p. 51).

Nesse sentido, o objeto técnico sujeita atitudes diferentes dependendo do nível e da relação entre elemento, indivíduo e conjunto. Conforme afirma Simondon (2011), é difícil definir a gênese dos objetos técnicos uma vez que a individualidade desses objetos se modifica ao longo da própria gênese. De acordo com o autor, a evolução dos objetos técnicos perpassa por fenômenos de hipertelia³⁶ “que dão a cada um desses objetos uma especialização exagerada e o desadaptam de qualquer mudança, mesmo ligeira, que ocorra nas condições de uso ou fabricação” (Simondon, 2011, p. 97).

Há ainda dois tipos possíveis de hipertelia, a primeira se designa a uma adaptação refinada a condições que já estão definidas, sem a perda da autonomia do objeto técnico. A segunda, se caracteriza por um fracionamento do objeto técnico. Em outras palavras, enquanto uma conserva a autonomia do objeto, a outra, o sacrifica. Para Simondon (2011, p. 89), “um caso misto de hipertelia é o que corresponde a tal adaptação ao meio, que o objeto necessita de um meio específico para poder funcionar convenientemente, por estar energeticamente acoplado a ele”.

Latour (2012) afirma que não há sentido na divisão entre o mundo material e o mundo social, pois essa divisão não se comporta estruturalmente no contexto em que nos encontramos.

Por quanto tempo seguiremos uma conexão sem que objetos se interponham? Um minuto? Uma hora? Um microssegundo? E por quanto tempo esses objetos ficarão interpostos? Um minuto? Uma hora? Um Microssegundo? Uma coisa é certa: se interrompermos nossa tarefa a cada interposição, enfocando apenas a lista das conexões já reunidas, o mundo social se tornará imediatamente opaco, mergulhado

³⁶ Segundo Simondon (2011), a hipertelia pode ser compreendida como um neologismo que se refere à possibilidade de que algo exceda o fim pelo qual foi concebido.

numa estranha névoa outonal que só deixará visíveis alguns detalhes minúsculos e imprevisíveis da paisagem (Latour, 2012, p. 117)

O que Latour (2012) nos convida a pensar é que compreenderemos os objetos na medida em que eles forem comensuráveis por laços sociais. Em nossa sociedade em processo de mediação, os objetos técnicos não são mais acessórios ou auxiliares, mas parte de quem somos e da forma como nos comunicamos socialmente. Aqui a mudança não é apenas estrutural e comunicacional, ela é antropológica e social.

Na visão de Flusser (2008), os aparelhos (que aqui compreendemos como objetos técnicos e dispositivos) não escaparam completamente do controle humano mesmo eliminando algumas decisões humanas de seu funcionamento. Mesmo assim, há a necessidade da presencialidade humana no “apertar de teclas”, “de forma que a relação “homem-aparelho” se inverteu, e os homens funcionam agora em função dos aparelhos: tornaram-se funcionários que reprogramam os aparelhos. (Flusser, 2008, p. 77).

Para o filósofo checo-brasileiro, há uma problemática que cria uma relação entre funcionário (o que Simondon compreenderia como o indivíduo, e aqui nesta tese compreendemos como o jornalista) e aparelho (o objeto técnico ou o dispositivo móvel enquanto *smartphone*). Nesse sentido, os “funcionários” não são compreendidos enquanto uma classe social, mas como receptores de informações que são programadas.

Os funcionários (sejam operadores de computador ou de câmera filmica, sejam diretores de banco, gerais ou presidentes dos estados unidos) escolhem por certo entre as teclas dos seus aparelhos, mas sua escolha está pré-programada (eles se comportam como os word processos ou como estenotipistas do exemplo proposto no capítulo anterior, e não como os escritores) (Flusser, 2008, p. 75)

Isto posto, surgem nas discussões propostas por Flusser as ideias de “programas” e “programadores”. Segundo o autor, os homens não devem ser programados em prol da liberdade e sim os aparelhos. “A gente não precisa mais ‘trabalhar’ tanto (isto é, executar gestos que modificam a forma do mundo), já que os aparelhos automáticos o fazem mais rapidamente (Flusser, 2008, p 74).

Gilbert Simondon (2011) apresenta outra interpretação dessa relação. Para o autor, o que temos entre os dispositivos técnicos, como *smartphones*, e o homem são condições de maioridade ou menoridade. Para ele, a menoridade é caracterizada quando o objeto técnico é um objeto de uso cotidiano, necessário aos costumes corriqueiros e que está inserido no círculo social no qual o indivíduo cresce e se forma. Nessa condição, o saber técnico é adquirido através do hábito e não pelo pensamento. De acordo com Simondon, a condição de maioridade é justamente o contrário, “a condição de maioridade corresponde, ao contrário, a uma tomada de

consciência e uma operação de reflexão do adulto livre, que tem ao seu dispor os meios do conhecimento racional elaborado pelas ciências” (Simondon, 2011, p.143).

A partir dessas discussões, podemos pensar em como os objetos técnicos (dispositivos móveis e *smartphones*) estão inseridos nas relações com os jornalistas. Como exposto anteriormente, compreendo que há uma relação simbiótica entre os dois polos. Ou seja, não há uma relação de simples uso, mas a técnica aqui se dá por apropriações. Essas apropriações vão além do simples usar, manusear, do objeto enquanto ferramenta, elas reestruturam e re-moldam práticas e processos sociais, tornam-se parte intrínseca da cultura do fazer, da própria ambiência em que se encontram os atores sociais envolvidos. Como afirma Galimberti (2015)

Mais uma vez sentimos que técnica não é um meio à disposição do homem, mas é o próprio ambiente no interior do qual o homem sofre modificações, no qual ela pode marcar aquele ponto absolutamente novo na história, talvez irreversível, onde a questão não é mais: “O que podemos fazer com a técnica”, mas “O que a técnica poderá fazer conosco” (Galimberti, 2015, p.18)

Na tese, portanto, abordamos e transitamos por duas perspectivas de dispositivos. O primeiro deles é o objeto técnico, ou seja, o próprio *smartphone*. Ele estará presente e é fundamental nas engrenagens das relações simbióticas. O segundo dispositivo é o definido por Braga como dispositivo interacional, nesta tese, será abordado quando descrevermos as redações e os processos existentes nelas.

Nesse sentido, retorno ao objetivo geral da tese de “compreender de que forma as relações simbióticas, características de um cenário de midiatização, remodelam as práticas e as redações jornalísticas no Brasil e na Suécia”. Em outros termos, é necessário compreender de que forma a técnica jornalística está se remodelando pelas práticas existentes entre atores sociais, lógicas de midiatização e ambiência em composição com as relações simbióticas e aparatos.

Para explorar essas questões, no próximo capítulo abordamos movimentos tentativos de aproximação com o objeto de pesquisa que foram realizados nos dois primeiros anos do Doutorado, tentando mapear tanto as práticas jornalísticas atravessadas pelos dispositivos técnicos como que configurações de arranjos interacionais são perceptíveis nestes processos.

5. MOVIMENTOS TENTATIVOS – A BUSCA POR UMA ANÁLISE DO OBJETO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

A imersão nos empíricos durante o percurso da tese se dá pela necessidade e adaptabilidade do contexto pandêmico que experimentamos entre 2020 e 2022. Inicialmente, a ideia era realizar uma observação participante em uma redação jornalística para identificar de que forma as relações simbióticas atravessam o contexto da midiatização. Diante dessa situação, para tentar encontrar as marcas e tatear o meu objeto, algumas imersões empíricas precisaram ser feitas buscando uma aproximação. Cada uma dessas observações foi realizada separadamente e, por isso, contou com uma metodologia específica.

Esse movimento exploratório desenvolvido, mesmo a partir de produtos midiáticos fechados (análise de *stories*, elaborações de jornalistas e percepções de profissionais do campo), nos proporcionou pistas que são exploradas *a posteriori* nesta tese. Ou seja, apesar de um movimento empírico extenso que não constitui a metodologia final, ele não é em vão em termos de discussão sobre a tese aqui posta.

A primeira movimentação foi uma análise de duas reportagens e uma entrevista com um editor de um portal de notícias brasileiro em Curitiba, com o foco nas questões envolvendo a pandemia e as redações remotas. O segundo movimento foi constituído por uma série de 15 entrevistas com jornalistas de portais *on-line*, de Curitiba, para se debruçar sobre as relações entre os jornalistas e os dispositivos móveis. Por último, uma análise dos conteúdos produzidos e postados por jornalistas da GloboNews nos *stories* do *Instagram* com o intuito de observar as relações existentes nas redes sociais e os usos de dispositivos móveis por esses profissionais.

José Luiz Braga (2011) defende a observação dos empíricos nas pesquisas em pós-graduação. Para o autor, pesquisa empírica não é apenas a observação rigorosa de investigações explicativas ou de desenvolvimento para aproximações qualitativas, mas também, a reflexão sobre situações indeterminadas do ambiente social. Nesse sentido, ele sustenta:

A importância da realização de uma pesquisa empírica, a pesquisa que solicita uma efetiva observação de algum ângulo da realidade, apresentando perguntas sobre aspectos de uma determinada situação ou “objeto” e procurando respostas diretamente através de investigação sistematizada de elementos concretos que compõem o objeto escolhido e construído (Braga, 2011, p.5).

Ainda, segundo o autor, isso não significa afirmar que as pesquisas teóricas não têm a sua relevância, porém, o espaço da pós-graduação, por uma questão temporal dos cursos, não é

o melhor momento para o desenvolvimento de pesquisas focadas em reflexões exclusivamente teóricas – uma vez que elas necessitam de um aprofundamento determinado.

Nesse sentido, me debruçar sobre as materialidades permitiu observar ângulos diferentes sobre as relações dos jornalistas e os dispositivos móveis nas redações. Além disso, o processo auxiliou no questionamento sobre os objetivos, pergunta de pesquisa e hipótese. A tensão teórica e metodológica criada foi importante para compreender que o fenômeno está em constante mudança e é maleável de acordo com as práticas e processos sociais.

Esses movimentos foram importantes para compreender mais sobre as relações presentes nas redações e de que forma os dispositivos móveis estão inseridos nesse contexto. Ao olhar as notícias e o modo de apuração dos jornalistas foi possível observar as transformações existentes nos espaços físicos (redação) e na própria lógica de elaboração dos materiais. Ao realizar as entrevistas com os jornalistas, o foco se voltou exclusivamente para a prática em si e a ver de que forma a técnica é conduzida nos processos. Por último, com a análise dos perfis do *Instagram*, temos um conjunto que nos dá pistas de que apropriações são realizadas nas práticas. Embora não sejam objeto da tese em si, esses movimentos dão indícios e contribuem para a composição e o arranjo da redação transformada e midiaticizada que seja observada nesta tese.

É importante ressaltar também que todos esses movimentos tentativos foram realizados antes do cenário da possibilidade do doutorado sanduíche, por esse motivo, em nenhuma dessas análises há a presença do cenário nórdico. Porém, considera-se importante evidenciar estes movimentos iniciais e aproximativos, pois eles indicam pistas que foram posteriormente adensadas na relação analógica entre os dois países.

5.1 O jornalismo de/em aparatos na pandemia

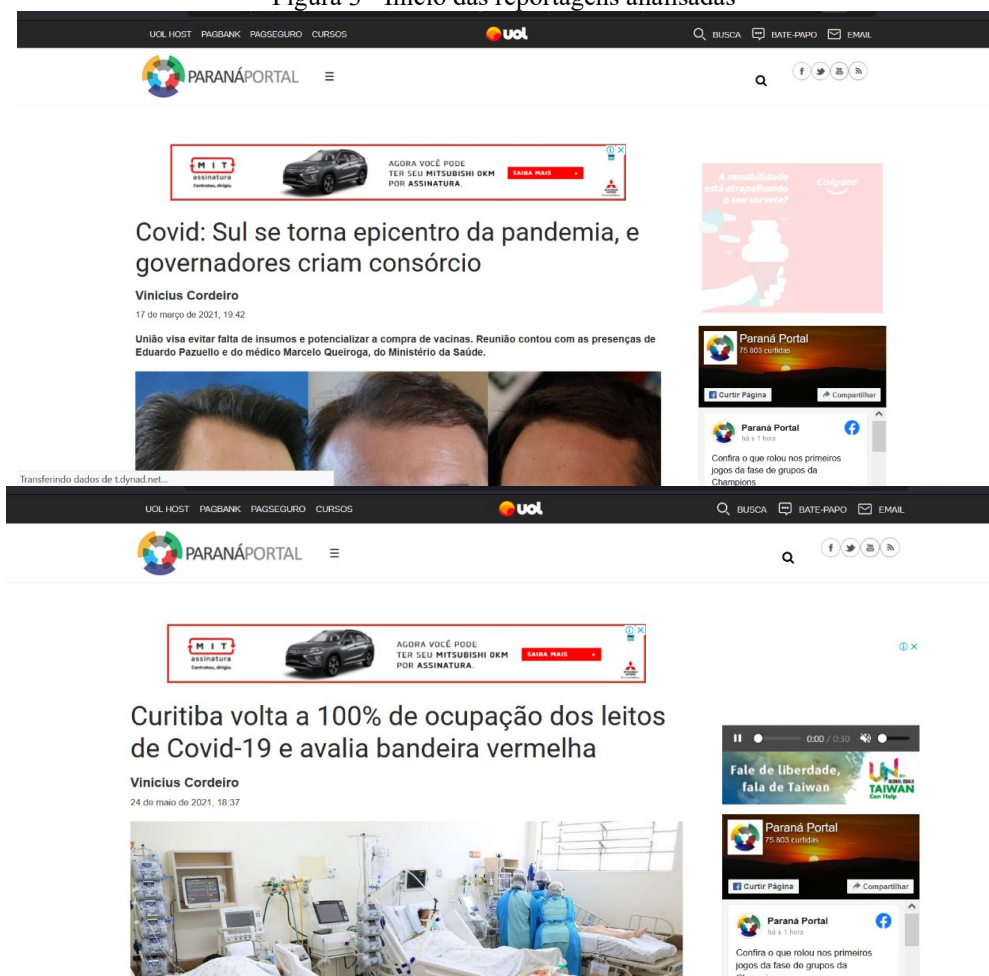
A pandemia de Covid-19 isolou a sociedade e fragmentou diversas áreas, funções e territórios de trabalho, e isso aconteceu, por exemplo, com o jornalismo. Para investigar de que forma as redações se adaptaram a esse processo e como os dispositivos móveis estão inseridos nessa lógica, foi necessário, como movimento empírico de teste para a tese, a observação de duas reportagens produzidas de forma remota. Ou seja, produzidas em um ambiente em que não havia uma redação física, apenas o auxílio dos dispositivos móveis como ferramentas de trabalho.

As duas reportagens analisadas são do Paraná Portal, de Curitiba, que faz parte do Grupo J.Malucelli, que abarca no Estado do Paraná, que, além do site de notícias, possui a Rádio BandNews FM, Rádio Cidade e a TV Band em Curitiba e Maringá.

Para realizar a análise, foi necessário consultar o editor/repórter do site para garantir que as reportagens tivessem sido apuradas e construídas em ambiente remoto e com o auxílio dos dispositivos móveis.

A primeira reportagem, “Covid: Sul se torna epicentro da pandemia, e governadores criam consórcio”³⁷, foi publicada no dia 17 de março de 2021. Já a segunda notícia foi publicada em 24 de maio de 2021 e é denominada “Curitiba volta a 100% de ocupação dos leitos de Covid-19 e avalia bandeira vermelha”³⁸. O início das reportagens pode ser visto nas imagens que seguem (figura 3):

Figura 3 - Início das reportagens analisadas



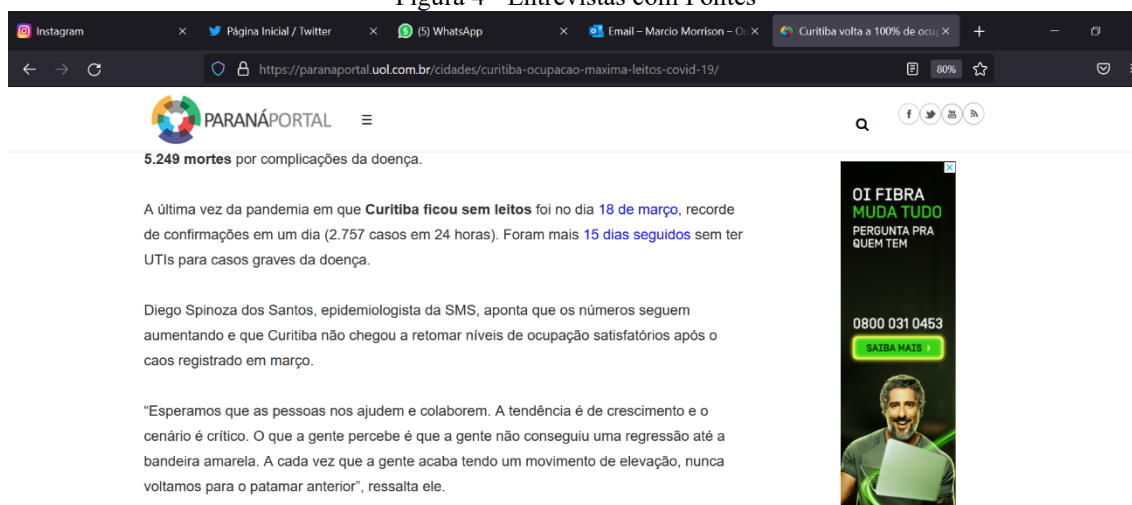
Fonte: Reprodução Paraná Portal, 2021

³⁷ <https://paranaportal.uol.com.br/politica/consorcio-governadores-pr-sc-rs-covid-sul-epicentro/>

³⁸ <https://paranaportal.uol.com.br/cidades/curitiba-ocupacao-maxima-leitos-Covid-19/>

Em um primeiro momento, nosso olhar se voltou para as estruturações das notícias. Ambas apresentavam fontes e entrevistas na composição de seu texto. As fontes são, em sua totalidade, autoridades que chancelam determinadas informações presentes no texto. Como, por exemplo, do epidemiologista da Secretaria Municipal de Saúde na reportagem sobre a ocupação total dos leitos na capital do Paraná. Além disso, há também os *hiperlinks* que permitem uma leitura mais completa da informação sem uma lógica de sequência definida. É possível observar um trecho na imagem que segue (figura 4):

Figura 4 - Entrevistas com Fontes



Fonte: Reprodução Paraná Portal, 2021.

Um outro ponto que chama atenção é o uso de imagens oriundas de assessorias ou parceiros comerciais. Na reportagem sobre o encontro entre os governadores, por exemplo, o jornalista utiliza uma colagem desses materiais para criar uma montagem que ilustre o que a reportagem precisa. Essa ação, que já é utilizada nas redações há algum tempo, é uma alternativa ao cenário pandêmico em que as coletivas e entrevistas são feitas remotamente e em que não há mais fotógrafos acompanhando todos os eventos.

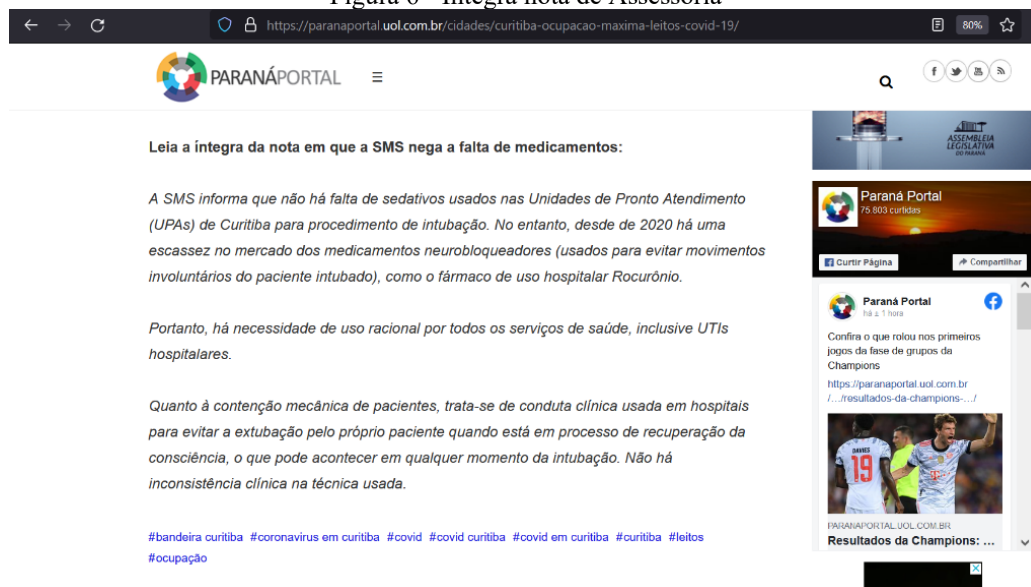
Figura 5 - Montagem com os governadores do Sul



Fonte: Reprodução Paraná Portal, 2021.

Na mesma esteira, as notas das assessorias de imprensa também aparecem como um complemento ao que foi explorado nas notícias. Ao final da notícia sobre a ocupação dos leitos em Curitiba há uma íntegra da nota em que a Secretaria Municipal de Saúde nega a falta de medicamentos para internação por Covid-19. Esse movimento, mais uma vez, demonstra um jornalista que gerencia as informações que estão ao seu redor – algo que já acontecia na pré-pandemia.

Figura 6 - Íntegra nota de Assessoria

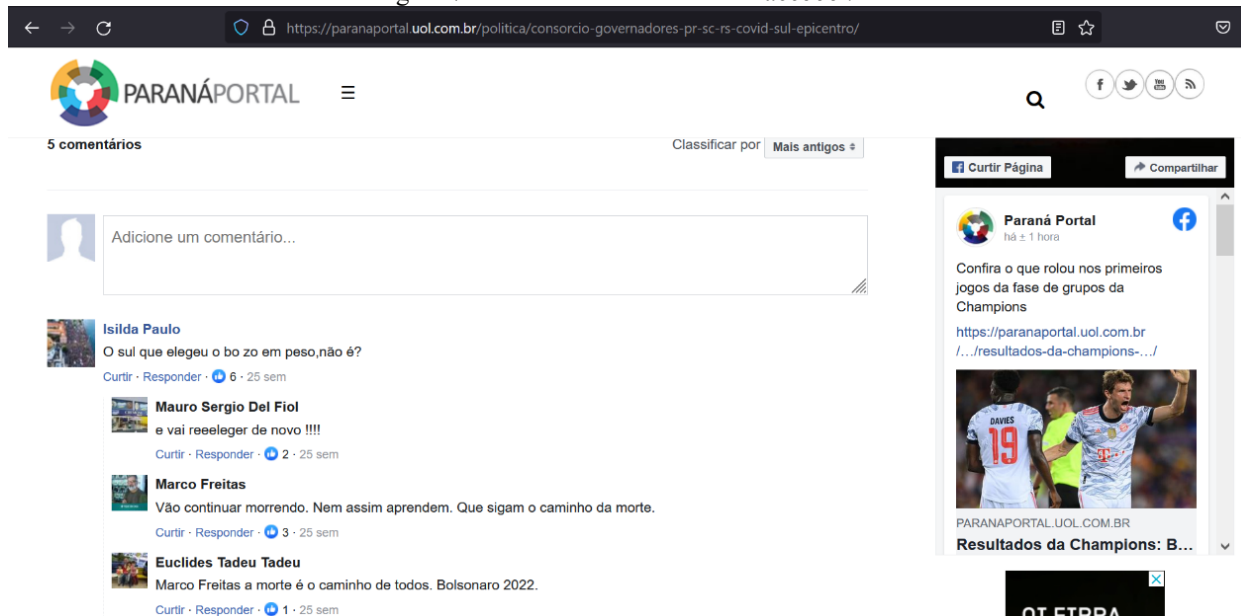


Fonte: Reprodução Paraná Portal, 2021

Se destaca também um espaço de comentários dedicado aos leitores (nas duas notícias há a presença de discussões sobre os assuntos). Esses espaços são conectados diretamente com a página do jornal no *Facebook*. É possível observar, também, que no site há um espaço em que

é possível ler as últimas notícias publicadas no *Facebook*, além de opções de interações como curtir e compartilhar a página.

Figura 7 - Caixa de Comentários e *Facebook*



Fonte: Reprodução Paraná Portal, 2021.

Estruturalmente ambas as reportagens seguem padrões jornalísticos clássicos para a *web*: os parágrafos são curtos, o que permite uma leitura dinâmica e rápida da informação. Há material multimídia como fotografias, além disso, apresentam entrevistas, espaços para compartilhamento, *hyperlinks*, por exemplo. Ademais, elas foram capa do Portal Paraná e também (em razão das parcerias comerciais) foram destaques no site do UOL.

Porém, para melhor compreender o processo de construção dessas notícias em tempos pandêmicos, além da experiência do pesquisador-repórter, foi necessário entrevistar o jornalista responsável pela produção e apuração das matérias. Esse processo é importante para entender a forma como elas foram constituídas.

Em um primeiro momento, é possível observar que há um processo de espalhamento das redações jornalísticas para fora do espaço da redação tradicional que é anterior ao contexto da pandemia. Redações cada vez mais enxutas e em espaços menores, até mesmo funcionando remotamente. Segundo o entrevistado, esse processo começou nas pequenas redações antes dos primeiros casos de Covid-19. Para o jornalista, o trabalho em home office, apesar de trazer algumas possibilidades, encontra dificuldades no processo de apuração da informação.

A apuração a distância é uma realidade que não veio com a Covid. As redações sofreram um enxugamento nos anos anteriores à pandemia, o que já deu um tom do

jornalista se distanciando do lugar exato da notícia. Não são todos os veículos que têm condições de enviar repórter para o local da pauta. Muitas pessoas apuram da própria redação. No meu caso, o Portal determinou home office desde março de 2020, o que é uma dificuldade a mais na função. Nesse sentido, abrem-se algumas possibilidades. A primeira é o conteúdo enviado pelas assessorias. No entanto, um jornalismo bem feito demanda que você procure fontes para enriquecer o material. Quanto mais informações, melhor. Cabe ao jornalista selecionar quais são as fundamentais para repassar ao leitor/usuário. Com a tecnologia, isso facilitou. O *WhatsApp* é uma ferramenta que qualquer um usa, mas plataformas como Skype e Zoom passaram a ser usadas diariamente (Entrevista Editor e Repórter Paraná Portal, 2021).

O que percebemos, portanto, nesse universo de redações de menor porte é o jornalista em um local de seleção, de curadoria das notícias. O *release* não é suficiente, existe uma busca por fontes que complementam as informações que são trazidas. Além disso, as plataformas como *Skype*, *Zoom* e *WhatsApp* se tornam ferramentas para a rotina jornalística e estão inseridas nas atividades cotidianas. Com isso, mudam-se, também, as dinâmicas de contato dentro da própria redação.

É uma conversa constante e diária. No jornalismo, é difícil respeitar "os horários de trabalho" porque tudo é dinâmico. Já aconteceu da Prefeitura de Curitiba ou o governo do Paraná soltarem notas antes das 5 horas da manhã de sábado. Se é importante e alguém está acordado, pode produzir. O contato ficou muito mais próximo, apesar da distância física. Já que todos não estão no mesmo lugar, é preciso ser rápido na definição das pautas para que duas pessoas não produzam o mesmo material. Dentro desse cenário, favorece quem já tinha um entrosamento anterior ao início da pandemia. No nosso caso do portal, temos uma reunião semanal feita pelo Zoom. Discutimos as demandas, algum problema eventual e planejamos pautas. Se alguma dificuldade acontecer fora desse dia, marcamos uma reunião pelo Google Meet, ou até uma ligação no *WhatsApp* para tentar resolver o mais rápido possível (Entrevista Editor e Repórter Paraná Portal, 2021)

Nesse sentido, é possível compreender que as redações já se apropriaram das lógicas de mediatização. Nesse cenário, o jornalismo hegemônico não é mais central, há também, um espaço importante nas redes sociais, que são tomadas pelos atores sociais e instituições, que já não precisam da centralidade dos jornalistas para as informações circularem socialmente.

Percebe-se então um movimento em que as redações tendem a se dissolver para diversos espaços. Ou seja, o jornalista se torna “nômade” na produção e constituição de produtos comunicacionais. Nesse *bios*³⁹, portanto, as redações de notícia são remotas e os profissionais dependem dos seus aparelhos móveis para a produção, apuração, edição e divulgação de seu trabalho.

Ainda nessa perspectiva, há de se pensar nas telas e nas interações *on-line* como as próprias redações. De acordo com o entrevistado, não há como se pensar na dissociação do profissional e do dispositivo, assim como do trabalho e do lazer.

³⁹ Compreendemos *bios* aqui de sua origem no grego que significa um “modo de vida”, que é vital.

Tudo é feito por dispositivo móvel no que diz respeito ao jornalismo *on-line*. Eu não paro para pensar muito sobre quanto tempo fico no computador e, principalmente, no celular. É algo que chega a ser assustador porque os dispositivos fazem parte tanto do meu trabalho quanto do meu lazer (Entrevista Editor e Repórter Paraná Portal, 2021).

Com relação a proximidade com os atores sociais na produção de conteúdo jornalístico, o entrevistado afirmou que a redação recebe diversas mensagens pelas redes sociais e por e-mail, e que essas informações são levadas em conta já que as discussões dessas pautas servem como termômetro. Historicamente, os atores já participavam do processo de outras formas como a “carta do leitor”, por exemplo. Porém, a visibilidade e a força dos atores se modificaram com as redes sociais. Ou seja, há aqui um papel em que os atores sociais ajudam a determinar não somente o que é interesse do público, mas também, o que é interesse público. O entrevistado comenta, inclusive, que os grandes meios de comunicação se pautam pelas discussões que ocorrem nas redes.

Recebemos muitas mensagens pelas redes sociais e também pelo e-mail. O material vai de denúncias ou até mesmo reclamações de setores. As redes sociais são um grande termômetro do que acontece. Não somente pela caixa de mensagem dos perfis do veículo, mas também nos comentários e compartilhamentos das pessoas. Não é à toa que os grandes meios se pautam muito pelo Twitter ou *Facebook*. Praticamente todos estão inseridos lá. (Entrevista Editor e Repórter Paraná Portal, 2021).

Sobre as redações durante a pandemia, o entrevistado destaca que alguns lugares ainda mantiveram as redações tradicionais, como no caso dos canais de televisão. Com relação aos veículos impressos e digitais, essa mudança foi mais profunda e se manteve. Ainda segundo o entrevistado, essa estrutura remota trouxe algumas acessibilidades, como por exemplo, as entrevistas feitas a distância. Nesse sentido, é possível perceber que alguns lugares tendem a manter o remoto.

É difícil comparar isso. Nas redações de televisão e rádio, não se parou. Foram feitas escalas para reduzir a concentração de pessoas. Quem parou foram os veículos digitais ou impressos, em alguns casos. No jornalismo, acredito que depende muito de cada meio para definir essa volta presencial. Caso voltemos, acho que o principal é a entrevista a distância. A pandemia nos trouxe uma acessibilidade melhor com qualquer pessoa por meio da tecnologia. Não deixar isso de lado é muito importante nessa volta. O que foi bom na evolução da pandemia foi o conhecimento adquirido. Não vi casos de desrespeito às medidas de prevenção por parte dos jornalistas nas redações. Nas pautas, o difícil é não se aglomerar. Todos estão em busca da melhor imagem e do melhor som. (Entrevista Editor e Repórter do Paraná Portal, 2021).

Em resumo, é possível destacar que a pandemia acelerou as ações e processos que já estavam ocorrendo, por exemplo, como as redações remotas para os ambientes *on-line*. Além disso, há como afirmar que as operações de construção de reportagens seguem os mesmos

padrões, porém, remotamente. Nesse processo há uma relação muito próxima dos dispositivos com os profissionais dada a facilidade e a mobilidade que esse elo causa nas relações no trabalho. Por último, ainda existe, nesse processo de construção, um espaço dedicado aos atores sociais e as conexões oriundas desse tensionamento.

Essa pesquisa tem um *corpus* pequeno, ou seja, é feita com apenas um editor de uma redação de uma cidade, porém nos permite reconhecer marcas do nosso objeto que serão futuramente exploradas nas metodologias de observação participante nas redações e entrevistas em profundidade com os profissionais.

5.2 O simbiote

Um segundo momento de observar as marcas está na busca de compreender de que forma os jornalistas de redações *on-line* utilizam os dispositivos móveis nas atividades durante o processo de construção da notícia.

Para isso, foram consultados 15 jornalistas em diferentes redações da cidade de Curitiba. Preferiu-se realizar essa pesquisa através de um questionário *on-line* devido ao avanço da pandemia da Covid-19⁴⁰. Estruturalmente, o questionário contou com perguntas abertas e fechadas.

A entrevista é, conforme John Schostak e Rosaline S. Barbour (2015, p.101), uma experiência de troca entre os polos participantes, “pode-se argumentar que o entrevistador deveria adotar a postura de quem escuta de modo que assemelha a linguagem aos modos do entrevistado, sem impor nem objetivar a pessoa convidada a falar”. Com essa atitude, segundo os autores, a possibilidade de emergência das opiniões é maior, por isso, nesta pesquisa, optou-se pela escolha de um questionário que também desse espaço para um movimento de pesquisa exploratório.

Susana Horing Priest (2011) destaca o método de entrevista como uma oportunidade de questionamento de acordo com sua necessidade de pesquisa. Para a autora, essa etapa metodológica é importante quando “sua pergunta de pesquisa necessita de informações de diversas pessoas que não sejam necessariamente membro de um grupo ou organização”. (Priest, 2011, p. 129).

Priest (2011) ainda descreve que a entrevista em profundidade começa com um programa de entrevista. Nesta pesquisa, compreende-se o programa de entrevista como o

⁴⁰ Para a segurança do próprio pesquisador e dos jornalistas envolvidos no processo da pesquisa.

formulário *on-line*, uma organização de como e quais perguntas seriam realizadas durante o processo de investigação.

Esta movimentação empírica se enquadra em uma perspectiva qualitativa. Dados expostos, enquadraremos essa pesquisa com um enfoque intersubjetivo pois nela é retratada a relação do sujeito (jornalista) com o próprio sujeito, além das interações com o objeto técnico (dispositivos móveis). Esses dois polos são a base construtiva de como se dão as relações, produções e circulações de conteúdo em um campo de ação (a redação jornalística). Essa movimentação faz parte de uma tentativa que compõe o todo da minha pesquisa, ou seja, posteriormente serão adotados outros procedimentos e táticas de observação dos empíricos que me aproximam com as nuances desenvolvidas na Linha de Pesquisa em Mídia e Processos Sociais.

a) Sobre os usos dos dispositivos técnicos

A primeira pergunta do questionário aplicado aos jornalistas paranaenses é referente a utilização de dispositivos móveis nas redações jornalísticas. Dentre os 15 entrevistados, 12 afirmaram que utilizam esses aparelhos em quase todas as atividades de produção da notícia. Esse número reflete, de certa forma, uma dependência desses meios no cotidiano jornalístico, pensamento que segue o que defende Derick de Kerchove (2009) em “A pele da cultura” sobre as extensões *on-line* e *off-line*. É viável ponderar, portanto, que estamos inseridos em uma ambiência midiaticizada em que celulares e tablets fazem parte de quem somos, pensamos ou agimos.

Além disso, três respondentes utilizam dispositivos móveis em todas as atividades de produção de conteúdo jornalístico, reforçando a tese de que esses aparelhos estão inseridos no tecido social do fazer jornalismo. Os dados podem ser observados no gráfico (1) a seguir:

Gráfico 1 - Frequência da utilização de Dispositivos móveis
Com que frequência você utiliza dispositivos móveis (tablet e smartphones) na produção de conteúdos noticiosos?
15 respostas



Fonte: O autor, 2020.

A segunda questão levantada por esse trabalho foi: em quais atividades os jornalistas utilizam os dispositivos móveis na produção de notícia? Pergunta essa fundamental para compreender as marcas e o objetivo central desse artigo, uma vez que ela rastreia como se dá a relação entre os aparelhos e os profissionais de comunicação nas redações jornalísticas.

Em um primeiro momento, fica evidente que a base dessa relação não está apenas na relação entre os polos do jornalista e do dispositivo, mas também com fontes de informação e com a própria sociedade. Os aparelhos móveis, inseridos em uma ambiência midiaticizada, tornam-se mais do que extensões de pensamento, criam relações simbióticas (Rosnay, 1997; Marcellino; Fort, 2018), em que, se aproximar e se comunicar com outros atores instantaneamente faz parte do contexto social e tecnológico em que estamos inseridos.

Essa conclusão pode ser vista na resposta dos próprios jornalistas, 14 deles apontam que usam os dispositivos para entrar em contato com a fonte de informação de uma forma mais dinâmica, ágil e imediatista. Além disso, trocar informações com a sociedade aparece em três das respostas. É possível dizer, portanto, que a relação entre dispositivos e jornalistas auxilia na ativação do processo de circulação de sentidos

Outro ponto relevante descoberto com o levantamento de informação foi o de que o ato de “fazer jornalismo”, ou seja, produzir o conteúdo noticioso, aparece com grande destaque nas respostas. Os dispositivos são usados, por exemplo, por 11 dos jornalistas para a produção de vídeos para as reportagens. É nítido, com isso, que esses aparelhos concentram um papel fundamental, uma vez que, são usados tanto para a comunicação como para o ato de comunicar.

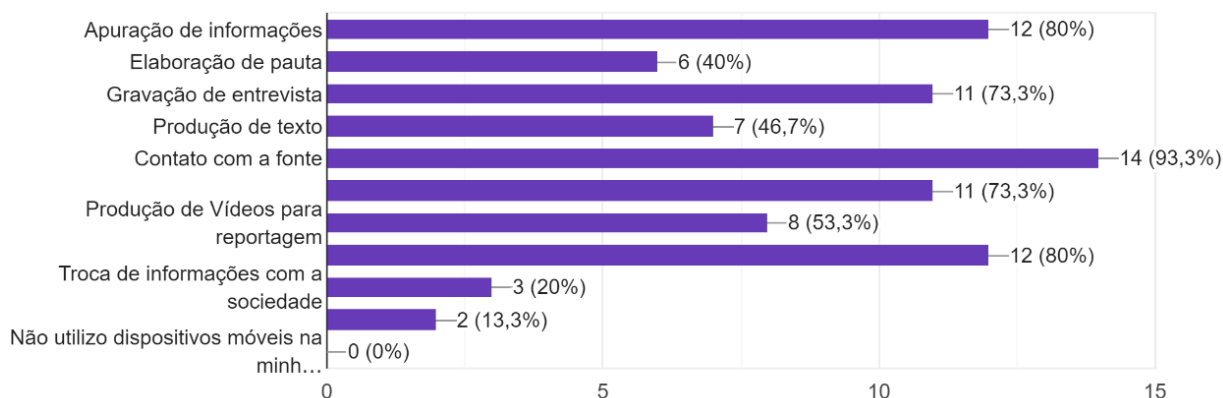
Além da produção de vídeos, outras funções práticas aparecem com frequência nas respostas, são elas: elaboração de pauta (6), gravação de entrevista (11) e produção de texto (7).

É possível observar, portanto, que vivemos não somente uma ambiência midiaticizada, mas, também, estamos inseridos em um contexto em que as redações jornalísticas estão em vias de midiaticização, onde os aparelhos móveis não são apenas mediadores no processo do “fazer jornalismo”, são parte do próprio *bios* em que jornalistas, dispositivos e atores sociais circulam. As informações retratadas anteriormente podem ser compreendidas no gráfico que segue:

Gráfico 2 - Gráfico das atividades em que os dispositivos móveis são utilizados

Em qual das seguintes atividades você utiliza dispositivos móveis?

15 respostas



Fonte: O autor, 2020.

Em um terceiro momento, em forma de pergunta aberta, foi questionado de que forma os jornalistas viam a utilização dos dispositivos móveis na construção da notícia nas redações de portais *on-line*. Essa pergunta é importante pois emerge o discurso do próprio jornalista inserido nessa ambiência midiaticizada.

Em primeiro, destaca-se a resposta do jornalista de número 9. Para ele, os dispositivos móveis vieram para ficar nas redações, ressalta-se a importância desses aparelhos no contexto pandêmico em que estamos inseridos:

São realmente úteis e vieram para ficar. Emissoras de grande porte e consideradas inovadoras como a CNN já possuem o trabalho de jornalistas de vídeo feito através de *smartphones*. Em tempo de pandemia, a minha empresa também optou por realizar boletins gravados através do celular, assim como passagens de matérias” (Entrevista jornalista 9, realizada em junho 2020)⁴¹

Para o jornalista de número 14, diante da pandemia, esses aparelhos são fundamentais para a produção de conteúdo. Ele destaca que não vê o ato de fazer jornalismo sem o uso desses aparelhos pelo menos pelos próximos cinco anos ou mais.

Sobretudo diante da pandemia, os gadgets são fundamentais na apuração, produção e distribuição da notícia. Para quem pode tê-los, são de uso contínuo e já fazem parte da vida das pessoas. Não os vejo fora do contexto futuro da comunicação brasileira e mundial pelos próximos 5 anos (Entrevista jornalista 14, realizada em junho de 2020).

O jornalista 13 afirma que o tamanho da tela e as funcionalidades dos *smartphones* e tablets acabam atrapalhando na produção de conteúdo.

⁴¹ Vale ressaltar que muitos dos portais de notícia do Paraná estão inseridos em redações convergentes em que trabalham juntos profissionais multimídia de televisão, rádio, internet. Como é o caso da Rede Massa (SBT), Paraná TV (Rede Globo) e RIC (Record).

Na medida em que concentram uma série de funções, diria que auxiliaram. Também agilizaram a produção de textos a partir da cobertura de eventos. Mas isso ainda não é uma boa forma de trabalhar. Pelo tamanho da tela, interferência do corretor, tamanho do teclado, a escrita no computador continua sendo melhor (Entrevista jornalista 13, realizada em junho de 2020).

Seguindo na esteira da produção de conteúdo, os jornalistas foram questionados sobre a essencialidade dos aparatos móveis na produção diária no ambiente *on-line*. Todos os 15 entrevistados reforçaram que esses dispositivos estão presentes no “ato de fazer jornalismo”. É importante ressaltar que o dispositivo não é apenas um mediador na produção de reportagens, ele é parte de *bios*, uma ambiência, em que estamos inseridos. Como afirma Cingolani (2014), o processo de midiaticização não é nem mais tecnológico e nem mais social, é um equilíbrio.

Nesse sentido, destaca-se a resposta do jornalista 8, pois, para ele, o uso diário na produção está vinculado à agilidade e simplicidade. Fica evidente, também, que os processos comunicacionais com dispositivos móveis intensificam o processo de circulação de informações.

Trabalho diariamente com dispositivo móvel. Principalmente para manter relação com as fontes e informações fora do ambiente de trabalho. A busca pela notícia ou chegar até a informação e envolvidos, ficou mais simples e rápido (Entrevista jornalista 8, realizada em junho de 2020).

Além de fazer parte do sistema da comunicação, após a resposta do jornalista 3, verifica-se que os dispositivos também auxiliam na aceleração do processo circulatório. Com as informações cada vez mais dinâmicas, com as redes sociais, os “ao vivo”, os profissionais jornalistas são cobrados a produzirem reportagens em um espaço cada vez mais curto de tempo. Com isso, temos base a entrevista 3:

Com a busca pela instantaneidade e 'quem dá primeiro' [aqui compreende-se a notícias, a informação], o dispositivo móvel consegue acelerar, na maioria dos casos, a apuração e checagem (Entrevista jornalista 3, realizada em junho de 2020).

Com a aceleração da apuração e checagem, as reportagens ficam disponíveis em um período mais curto de tempo, dando assim início mais rapidamente ao processo de circularidade das informações e de agenciamento da circulação de sentidos. Entretanto, essa construção instantânea também fragiliza o processo jornalístico, a apuração é feita às pressas e o olhar mais crítico e de reflexão, muitas vezes, acaba se perdendo pela necessidade de *clicks*.

Com os dados expostos, a utilização desses dispositivos móveis poderia, de alguma forma, causar determinada dependência na produção de conteúdo jornalístico? Dos 15 entrevistados, oito se dizem dependentes do uso dos aparatos móveis. Entre os pontos

destacados como os principais nessa dependência estão: o *multitasking*, a distribuição de conteúdos nas redes sociais, a praticidade que os dispositivos móveis trazem ao fazer jornalístico e a comunicação com as fontes.

Com relação aos que não se sentem dependentes, destaca-se a resposta do jornalista 15, que, mesmo se dizendo livre dos dispositivos móveis, recorre a outras tecnologias para o ato de fazer jornalismo. Contudo, as lógicas de mediatização não mudam só o processo de produção, mas a essência da notícia, já que ela mesma é atravessada por fazeres midiáticos das fontes, dos atores e por lógicas que não estão mais no controle do jornalista.

Não me sinto dependente. Se não existisse essa "vida *on-line*" um telefone já resolveria tudo. Se busca notícias, pauta, fontes, faz contatos, trabalhei muito dessa forma logicamente que demora muito mais todo processo (Entrevista com jornalista 15, realizada em junho de 2020).

O mesmo posicionamento sobre a troca de aparatos tecnológicos aparece no discurso do jornalista de número 4.

Não. É possível substituí-los por outros dispositivos, principalmente se o repórter estiver em uma redação, o que nem sempre é o caso (Entrevista com jornalista 4, realizada em junho de 2020).

Percebe-se, portanto, que mesmo os jornalistas que não se dizem dependentes dos dispositivos móveis buscam os *smartphones* e *tablets* como uma incorporação efetiva ao modo de ser.

b) Sobre as relações de poder

Quando questionados sobre as relações de poder e uso dos dispositivos móveis dentro das redações, 10 respondentes afirmaram que não há nenhuma recomendação por parte das chefias sobre os usos dos aparelhos. Ou seja, os jornalistas, em sua grande maioria, escolhem reforçar suas relações e produções de conteúdo com os dispositivos móveis. Os resultados dessa questão estão dispostos no gráfico que segue:

Gráfico 3 - Recomendação de superiores na utilização dos dispositivos móveis

Há alguma recomendação dos superiores da redação sobre o uso desses dispositivos?

15 respostas



Fonte: O autor, 2020.

Quanto à orientação dos editores ou superiores sobre o uso de determinados aplicativos, das 15 respostas, apenas uma citou que existe determinada recomendação. Segundo o jornalista de número 4, os repórteres de sua redação são orientados a baixarem aplicativos que podem ser desinstalados facilmente, além do cuidado com os que podem possuir algum vírus. De acordo com ele:

Baixar os confiáveis para não vir acompanhado de vírus ou propagandas. Temos que ter cuidado com aqueles que não desinstalam facilmente (Entrevista jornalista de número 4, realizada em junho de 2020)

Os jornalistas, em sua grande maioria, escolhem os aplicativos com os quais querem trabalhar, pois, quando questionados se havia por parte dos superiores da redação a recomendação de utilização por determinado aplicativo, 13 jornalistas, afirmaram que não há nenhuma recomendação, ou seja, o processo de utilizar aparelhos móveis na prática jornalística se tornou algo intrínseco, natural do profissional da área da comunicação. Há também a possibilidade, e essa surge como uma reflexão que vai além dos dados, de as relações de poder estarem tácitas na prática e escolhas dos jornalistas. Porém, para isso, é necessário fazer novos movimentos de reflexão para compreender se esse fenômeno está ligado a uma precarização do trabalho. Os dados podem ser observados no gráfico:

Gráfico 4 - Recomendação de superiores na redação por determinado aplicativo

Há a recomendação de superiores sobre a utilização de determinado aplicativo ?

15 respostas



Fonte: O autor, 2020.

Em resumo, compreende-se que as relações com os dispositivos móveis e aplicativos são inseridas nas redações midiaticizadas pelos próprios jornalistas, e essas escolhas são reflexo de uma ambiência em que nossa sociedade se encontra: a da midiaticização.

No percurso de análise desse processo, verificou-se que as relações entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de portais *on-line* em Curitiba podem ser compreendidas com o que Joel de Rosnay (1997) chama de simbiose e o que Marcellino e Fort (2018) tensionam como relações simbióticas entre aparelhos móveis e jornalistas.

Os dispositivos móveis são usados pelos jornalistas para praticamente todas as atividades do “ato de fazer jornalismo” desde a apuração até a edição de matérias. Além disso, fica evidente que os dispositivos móveis aceleram o processo de circulação da informação, já que são usados também para uma troca simbólica de informações.

É possível compreender que não há uma preferência por determinado aplicativo no “ato de fazer jornalismo”, já que os editores ou responsáveis na redação não recomendam ou forçam sua utilização. Esse dado reforça o fato de que os jornalistas escolhem os usos dos dispositivos e aplicativos pois estão inseridos nessa ambiência, nesse *bios virtual*⁴².

Porém, é necessário ressaltar que os dados foram coletados via formulário e entrevistas. Acredita-se que a observação *in-loco* dos “atos de fazer jornalismo” nas redações pode resultar em informações diferentes sobre as relações de poder, visto que, muitas vezes, os próprios jornalistas podem estar inseridos em um contexto em que não é possível compreender quais

⁴² Compreendemos que há uma proposição teórica de Muniz Sodré sobre o *bios virtual*. Porém, aqui a leitura da tese, como dito anteriormente, está na origem da palavra do grego. O que queremos dizer é que há um modo de vida virtual.

implicações políticas, partidárias ou sociais estão expostas em seu entorno. Com isso, afirma-se que uma observação participante nas redações midiáticas pode resultar em diferentes dados sobre essa questão.

Além disso, os jornalistas estão incorporando os usos dos dispositivos móveis nas redações *on-line*, que também estão se modificando constantemente. Como foi possível ver no tópico anterior com o jornalista “nômade” e as redações remotas. Com isso, essa relação se tornou simbiótica e está inserida em um *bios* virtual, em uma sociedade midiática. Nesse contexto, há um polo simbiótico de troca, a circulação, nela o jornalista, que não é mais central nas discussões midiáticas, funciona como um mediador das informações que são postas em um ambiente no qual há uma conexão virtual e contínua entre polos.

Como próximos movimentos, busca-se compreender como essa circulação afeta as práticas, ou seja, quais mudanças ela infere no sujeito jornalista, que práticas no processo de construção da notícia são modificadas por esse fenômeno e de que forma a circulação, nesse processo, altera as lógicas do que se é idealizado pelo conceito de jornalismo.

Vale ressaltar que as deduções apresentadas no decorrer deste texto representam um estrato qualitativo específico de um contexto midiático. Outros resultados podem ser vistos em outras realidades, uma vez que a mediação é um fenômeno heterogêneo e distinto que possui seus próprios momentos temporais e sociais em cada coletividade. A afirmativa ratifica o que defende Braga (2019, p.162) “entendemos que as sociedades se encontram hoje, dada a mediação crescente do ambiente social, em fase de experimentação de processos tal que qualquer pretensão de “fixação” de regularidades tenderia apenas a formalizar e hipostasiar um determinado ‘momento’”.

5.3 O simbiote performático

Com a continuidade da pandemia de Covid-19, ainda durante o ano de 2021, desenvolvemos outro movimento exploratório, tendo em vista a impossibilidade da observação *in loco* nas redações. Com isso, em conversas durante as orientações, buscou-se desenvolver uma outra tentativa de observar o objeto a partir do fazer de jornalistas inscritos em espaços de mídias sociais e que abordam um processo de metacomunicação ou sobre seu próprio processo de trabalho.

Para isso, o trabalho empírico nessa etapa buscou compreender o que emerge das relações entre jornalistas e dispositivos técnicos nas redações, uma maneira encontrada foi

analisar os *stories* produzidos pelos jornalistas – uma vez que na produção de um *story* é necessário um dispositivo móvel.

Para entender esse fenômeno, foram selecionados três profissionais distintos com funções diferentes: repórter, comentarista e apresentador. Entende-se que a busca por essas três funções distintas pode abarcar uma quantidade maior de narrativas.

a) Andréia Sadi

O primeiro perfil analisado foi o da jornalista Andréia Sadi. Em sua conta no *Instagram*, a jornalista possui 346 mil seguidores, 1.008 publicações (sendo vídeos ou fotos em sua linha do tempo) e segue 1.799 pessoas⁴³. A repórter se apresenta como Jornalista dos canais Globo (incluindo a rede nacional, o site G1 e a GloboNews) e da rádio CBN, e cita outra rede social sua: o Twitter.

Durante o período analisado, a jornalista publicou um total de 58 *stories*. Dentre eles, 43 foram em formato de vídeo e 15 em forma de fotografias. 31 deles se enquadram como uma interação entre a jornalista e atores de outras contas, e apenas três mostravam bastidores da redação jornalística.

Figura 8 - Perfil da Jornalista Andreia Sadi no *Instagram*



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020.

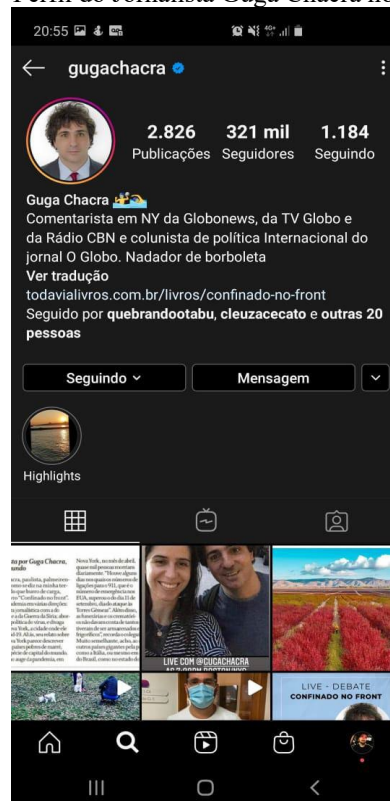
⁴³ Números conferidos no dia 04 de dezembro de 2020.

b) Guga Chacra

O segundo perfil descrito é o do jornalista Guga Chacra. Em seu *Instagram*, ele possui 321 mil seguidores, 2.826 publicações em sua linha do tempo (sendo vídeos ou fotografias) e segue 1.184 usuários. Em sua bio, Chacra se define como comentarista na GloboNews, em Nova York, Rede Globo e na rádio CBN. No seu perfil também há um *link* que direciona para a compra do seu livro “Confinado no Front”.

Durante o período analisado, Guga Chacra publicou oito *stories* em sua conta, todos foram em formato de fotografias e seis deles eram interações com outras contas do *Instagram*.

Figura 9 - Perfil do Jornalista Guga Chacra no *Instagram*



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020.

c) Maria Beltrão

O terceiro perfil é o da jornalista e apresentadora Maria Beltrão. Em sua bio, consta a informação de que ela trabalha na Globo News e é apresentadora do Estúdio I (telejornal da casa), bem como *link* que direciona para a compra do seu primeiro livro.

No decorrer da análise, a jornalista postou 33 *stories* em seu perfil na rede social. Houve uma predominância de fotografias com 19 publicações, e 14 vídeos apareceram como recurso

de postagem. Nesse universo, Maria Beltrão mostrou os bastidores da redação 16 vezes e interagiu 14 vezes com outras contas da rede social.

Figura 10 - Perfil da apresentadora Maria Beltrão no *Instagram*



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020

5.3.1 O que emerge das relações entre jornalistas e dispositivos móveis nos *stories*? Indícios de uma observação inferencial dos empíricos

A partir dos 98 *stories* dos três jornalistas (Maria Beltrão, Andréia Sadi e Guga Chacra), observou-se uma predominância narrativa da fotografia, em detrimento do vídeo, como forma de expressão e comunicação pela rede social *Instagram*. Há nesse percurso uma autorreferencialidade – o jornalista falando do próprio fazer para os seus seguidores.

A interação se mostrou a grande narrativa emergente dos *stories* analisados. No perfil da Andréia Sadi, por exemplo, houve 31 *reposts* de outros perfis em sua página. Maria Beltrão também interagiu e repostou 14 *stories* de outros internautas, enquanto quase a totalidade das postagens de Guga Chacra foram *reposts* de outros usuários.

Porém, há algumas particularidades nessas interações, Maria Beltrão e Andréia Sadi possuem fãs que interagem com maior frequência. Beltrão, por exemplo, denomina seus

seguidores mais ativos de “as gralhas” e ainda sugere que a página de seu fã clube seja seguida. No mesmo movimento, Andréia Sadi posta regularmente o conteúdo de seu fã clube nas redes sociais. Essas informações podem ser vistas no prints que seguem:

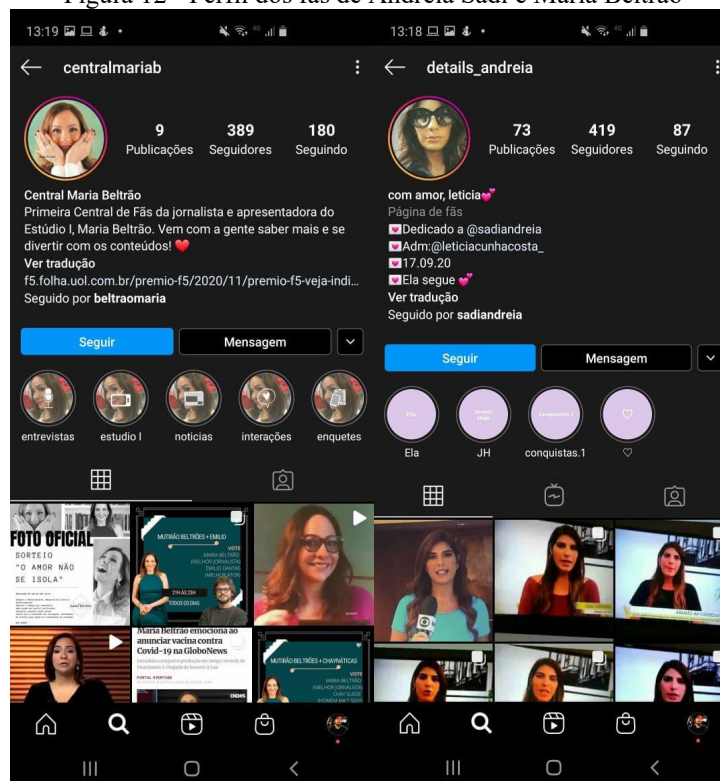
Figura 11 - Andreia Sadi e Maria Beltrão acionam os perfis de seus fãs



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020

As páginas citadas pelas jornalistas colaboram para a circulação da informação e de sentidos trazidos pelas profissionais em seus jornais. As publicações com informações e notícias aparecem com frequência maior (como pode ser visto no print de Andréia Sadi) no perfil dos fãs. Ou seja, aqui a recepção não é passiva, ela faz parte de uma circulação de sentidos (Fausto Neto, 2009).

Figura 12 - Perfil dos fãs de Andreia Sadi e Maria Beltrão



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020

Seguindo o fluxo de sentido, percebe-se também, no período analisado, que as jornalistas estão mais preocupadas nos *stories* com as interações com outros atores que com o ato de informar ou de noticiar. Os *stories* tornam-se uma ferramenta importante no acionamento da circulação de sentido em que a rede social pode ser vista como uma Zona de Contato. “A então ‘zona de passagem’ dá lugar a um outro tipo de articulação, de natureza assimétrica, produzindo interações entre produtores e receptores sempre caracterizada por descontinuidades” (Fausto Neto, 2018, p. 23).

Quanto às interações de Guga Chacra, essas são exclusivamente um movimento publicitário para divulgar seu novo livro “Confinado no front: Notas sobre a nova geopolítica mundial”. Todas as republicações e interações do jornalista eram direcionadas a propagação da sua obra. Como é possível observar na imagem a seguir

Figura 13 - Seguidora divulga livro de Guga Chacra



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020

A divulgação de outros programas em que os jornalistas participam por meio dos *stories* também é uma das emergências da observação. Andréia Sadi, por exemplo, constantemente publica sobre suas aparições na CBN e seu *blog* (como é possível observar na imagem), e essas publicações contam com um hiperlink que leva diretamente para o conteúdo divulgado. Nesse sentido, o *Instagram* se torna um lugar articulador de fazeres do espaço jornalístico, as distintas páginas são pessoais, porém, voltadas para o profissional, com isso, torna-se também uma engrenagem do processo de circulação.

Figura 14 - Conteúdos produzidos pela repórter



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020

Outra observação relevante está nos conteúdos de bastidores presentes. Maria Beltrão divide com os internautas a movimentação por trás das câmeras ao longo do dia – desde o processo de maquiagem até o bate papo no intervalo comercial do programa Estúdio I. Esse movimento é, em sua grande maioria, feito por meio de vídeos em primeira pessoa. Com isso, Maria Beltrão se mostra próxima ao usuário que está consumindo aquele conteúdo, funcionando como um processo de conversa informal, de troca de informações do dia a dia.

Figura 15 - Maria Beltrão na redação do Estúdio I



Fonte: Reprodução *Instagram*, 2020.

Nenhum dos três jornalistas utiliza os *stories* como uma narrativa para informar seus seguidores, as informações são distribuídas nas outras mídias em que eles trabalham: televisão, rádio ou *blog* na internet. Os *stories*, nesse sentido, funcionam como uma ferramenta de impulso, de circulação inicial desses conteúdos.

Após a análise, recorte e seleção dos 98 *stories*, foi possível inferir alguns padrões de uso dos *stories* pelos jornalistas⁴⁴. Destaca-se o modo no qual a jornalista Maria Beltrão publica seus *stories*. Pelas imagens, quase todas verticais, é possível observar que ela utiliza o celular

⁴⁴ Essas inferências fazem parte de um recorte de cinco dias consecutivos de observação, ou seja, são reflexo de um período observável durante o mês de Dezembro de 2020.

como um espelho, ou seja, há uma incorporação do aparato a seu cotidiano. No caso de Sadi e Chacra há um aproveitamento de imagens que circulam em outros espaços como Twitter e outras contas.

Nesse sentido o *Instagram* pode ser visto como um arranjo disposicional, pois, segundo Braga (2018, p. 90), “arranjos disposicionais são, em si mesmos, exercícios práticos da potencialidade comunicacional do ser humano”.

Dessa forma, pode-se destacar que os *stories* interferem em processos midiáticos e geram novos fluxos sociais e interacionais em que os jornalistas estão mais preocupados com as interações e produções de sentido do que com o ato de informar, de noticiar os usuários. Ou seja, o *Instagram* é um espaço de celebração – que afeta também o Campo do Jornalismo. Nesse sentido, os *stories* são utilizados como uma “Zona de Contato” (Fausto Neto, 2018). Além disso, outros produtos dos jornalistas são impulsionados por essa narrativa de mídia. Aqui aparece de forma mais significativa o conceito de circulação.

Em suma, a relação entre dispositivos móveis e jornalistas por meio dos *stories* cria uma rede de interação, há uma proximidade dos profissionais da comunicação com os outros atores. Assim, surgem fã clubes (dos três jornalistas estudados, dois apresentaram essa característica de proximidade com os fãs), os *stories* são usados também como uma plataforma para disseminar outros produtos como livros, programas, lives etc.

5.4 Algumas Inferências sobre os movimentos tentativos

Este tópico da tese apresenta algumas inferências que foram constatadas após os movimentos tentativos realizados e apresentados nesta tese. Como dito anteriormente, essas inferências, apesar de não serem a metodologia final do trabalho, são parte da construção da processualidade da tese como um todo.

Em um primeiro momento, discutimos as redações e a complexificação do processo de simbiose na midiatização. Em outras palavras, tencionamos o lugar do jornalista neste contexto da midiatização a partir do que emerge de suas relações com dispositivos móveis. Ademais, em uma segunda etapa, apresentamos de que forma a circulação e os atores sociais são enquadrados em lógicas de midiatização.

5.4.1 Redações e a complexificação dos processos simbióticos no contexto da mediação

A partir do exposto acima, apresentamos algumas inferências sobre os movimentos tentativos de observação que nos ajudam a compreender o jornalismo no contexto da mediação ou que, especificamente, dão pistas sobre a processualidade em análise nesta tese.

Em primeiro momento, ficou claro que as redações estão mais dinâmicas com os processos e relações existentes a partir das relações entre os jornalistas e os dispositivos móveis. O “lugar de jornalista é na rua” se modifica para “lugar de jornalista é em casa”. Em seu próprio espaço é possível realizar todas as práticas comuns da redação: apuração, desenvolvimento de texto, edição de vídeo e fotografia, etc.

Com isso, percebe-se um movimento de redações remotas, o processo de entrevista, por exemplo, se tornou mais cômodo com o uso dos celulares e de aplicativos como o *Zoom* ou o *Skype*. Todo esse movimento foi amplificado durante a pandemia. Além disso, há um contato maior com as fontes.

O processo de simbiose ocasionado pelas *affordances* do ambiente aproximou o jornalista dos dispositivos técnicos e, com isso, uma série de fatores emergem dessa relação. O primeiro deles é a facilidade de construção da notícia, com um único aparelho é possível editar, escrever e multimedializar⁴⁵ as reportagens e notícias. Da mesma forma, os dispositivos podem ser usados para entradas ao vivo e para o contato com a fonte.

Além do processo simbiótico entre jornalistas e dispositivos móveis, fica claro que essa relação extrapola qualquer instância do Campo Comunicacional. As relações simbióticas são fenômenos e práticas sociais que emergem dos atores sociais e perpassam por todas as camadas do tecido social.

Com a pandemia, por exemplo, nós nos aproximamos ainda desses dispositivos para nos aproximarmos de outros que estão distantes fisicamente. Como exemplo, temos as aulas em modo remoto e *on-line*, a conexão 24/7 e a comemoração de datas especiais por chamadas de vídeo. Essas percepções vão além do que Kerckhove pontua como extensões de *on-line* e *off-line*, elas nos pertencem em um complexo sistema e processo único de viver e estar vivo.

Outra perspectiva que é possível inferir dos observáveis é a necessidade de se pensar em um conceito de redações mediadas e quais os impactos das novas tecnologias em um contexto em que a ambiência proporciona maior circulação de informações e de sentidos. Essas

⁴⁵ Por multimedializar se compreende a possibilidade de construir as notícias em perspectivas multimídia. Essa característica já era parte do Jornalismo Digital, porém, com os dispositivos técnicos há uma amplificação dessa prática.

dinâmicas vão além das relações simbióticas entre os jornalistas e os dispositivos, elas acionam o processo de circulação dentro das redações de notícia. Ou seja, a midiatização dessas redações passa pelo processo da circulação na construção das reportagens, isso pode ser percebido também na entrevista realizada com o editor do Paraná Portal.

Os veículos, sejam eles grandes ou pequenos, se pautam pelos atores sociais que, além disso, também participam das discussões de interesse público e do público e da própria produção da reportagem.

É importante ressaltar aqui que o processo de circulação observado é bem complexo uma vez que abrange a circulação dos corpos (jornalistas), territorial (com ambientes transformados no *on-line* e no físico) e a construção da notícia envolvendo os atores sociais.

5.4.2 A circulação como processo na construção de notícias

Como observado no segundo movimento empírico tentativo, os jornalistas estão utilizando os dispositivos móveis para se aproximar de outros atores sociais. Nesse processo, mudam-se as lógicas das redações, os jornalistas já não são mais os únicos responsáveis pela construção, propagação e análise dos materiais noticiosos. As perspectivas de interesse público e do público são alteradas. Como aponta Fausto Neto (2009, p. 21), “a produção da noticiabilidade se vê atravessada por lógicas e operações que remetem à existência de uma nova interface entre jornais/fontes e jornal leitor”.

É necessário observar que os atores sociais também vivem um processo de simbiose com seus dispositivos móveis. Com isso, um cidadão comum pode, por exemplo, entrar ao vivo no local da notícia e transmitir uma informação em tempo real.

Na linha de midiatização há trabalhos que aprofundam a relação da autonomia do jornalista. Eliziete Padilha (2017), por exemplo, aborda a constituição do processo de midiatização do jornalismo (mais especificamente na televisão) visando a recepção, produção e as instituições a partir do uso de dispositivos midiáticos (*smartphones*). Como aborda Fausto Neto, o jornalista acaba perdendo sua autonomia na lógica de propagação da informação:

No avanço dessa ambiência, o jornalista vai perdendo a autonomia de certas regras com as quais tece o trabalho simbólico de construção da realidade, ainda que formalmente, lhe reste algum fôlego para, via mecanismos autoreferentes, falar da sua existência, e dos nichos produtivos alusivos à realidade construída por seu trabalho (Fausto Neto, 2009, p. 21).

Esse movimento de autoreferencialidade também foi observado nos materiais analisados, como é o caso da jornalista Maria Beltrão, aqui a jornalista expõe sua existência e prática por meio de bastidores e das interações com seus seguidores e fãs.

Além disso, é possível observar que os receptores não são passivos, ou seja, na sociedade midiaticizada, eles reconfiguram as enunciações e interações sociais.

Isso denota que o processo de enunciação não ocorre de forma linear, pois há ressignificações e conexões mais amplas e difusas. Ou seja, não é só o jornalismo que dá inteligibilidade social aos fatos, mas por meio de interações e construções próprias os leitores também dão sentido ao mundo que os cerca. (Borelli, 2017, p. 35).

Com isso, temos um processo que Ana Paula da Rosa (2016) denomina de “fagia midiática”. Os jornalistas, como foi possível observar na entrevista com o profissional do Paraná Portal, funcionam como uma espécie de curadores da notícia. Nesse contexto, os atores sociais são responsáveis por discutir e levantar pautas, eles determinam o que é interesse público e do público e é o jornalismo que passa a consumir suas elaborações para reinserir em circulação.

Por último, foi possível observar nos materiais relativos ao *Instagram*, um movimento de troca simbólica de fluxos de informação por meio dos *stories*. Os jornalistas utilizam essas narrativas para se aproximarem dos atores sociais e com isso o processo de circulação é amplificado pelas relações simbióticas.

Os movimentos tentativos realizados nos dois primeiros anos do processo doutoral foram essenciais para tatear o nosso objeto de pesquisa. Apesar de não ser considerado um movimento metodológico final desta tese, muitas inferências encontradas desse processo foram primordiais não apenas para a definição da etnografia enquanto movimento metodológico, mas como reflexo de achados sobre o jornalismo midiaticizado que serão debatidos no capítulo empírico definitivo. O próximo capítulo da tese, que trata do percurso metodológico, é o primeiro passo para essa compreensão.

6. ETNOGRAFIA NA AMBIÊNCIA DA PRODUÇÃO

Com o avanço da vacinação no Brasil e a queda do número de mortes causadas pela Covid-19, a ideia inicial de se deslocar para as redações e observar os profissionais de comunicação se materializou como a forma de abordagem metodológica da tese.

Os movimentos tentativos expostos no capítulo anterior foram importantes para compreender e tatear as práticas entre jornalistas e dispositivos móveis dentro e fora das redações, inclusive considerando os impactos da pandemia na rotina produtiva mesmo após o seu auge.

Porém, há na emergência da pergunta de pesquisa e do objetivo geral desta tese observar *in-loco* as práticas desse contexto midiático e dar voz às experiências desses profissionais. Como afirma Maigret (2010), observar os profissionais de comunicação é também observar as formas plurais existentes em nossa sociedade.

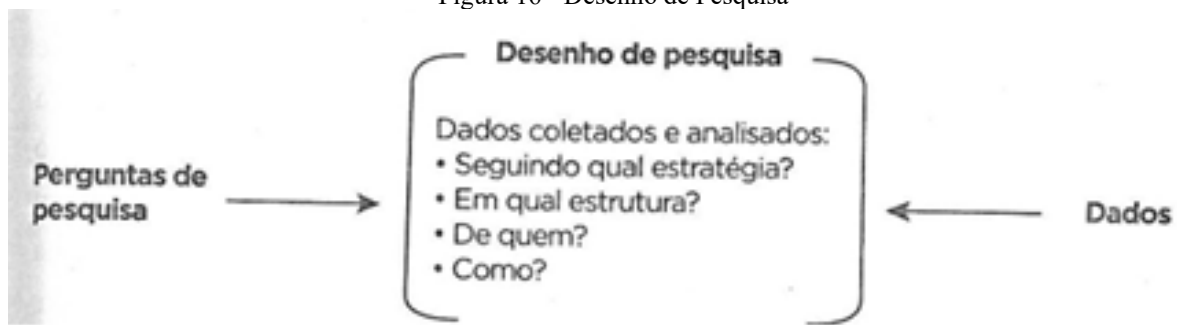
Se os trabalhos sobre os profissionais não permitem de modo algum concluir de uma visão pluralista da sociedade, eles demonstram a existência de formas plurais de expressão em nossas sociedades, longe da caricatura de uma opressão generalizada por parte da mídia (Maigret, 2010, p.252).

Como forma de planejar a pesquisa estruturalmente, a tese utiliza a tática de Keith Punch (2021) de desenho da pesquisa. Para o autor, o desenho da pesquisa é uma ferramenta de organização básica em que estão incluídas as quatro principais etapas de estruturação metodológica (estratégia, estrutura conceitual, quem ou o que será estudado e, por último, as ferramentas e procedimentos que serão utilizados e analisados nos materiais empíricos).

Por outro lado, em um nível mais específico, o desenho de um estudo se refere ao modo pelo qual o pesquisador se acautela e tenta eliminar interpretações alternativas dos resultados. Entre os dois níveis existe a ideia geral de desenho como algo que situa o pesquisador no mundo empírico e conecta as perguntas de pesquisa aos dados (Punch, 2021, p. 160).

Em resumo, o desenho de pesquisa é importante para o planejamento e a execução do que será tratado no trabalho, para compreender os passos metodológicos e as decisões e estratégias previstas durante o desenvolvimento da tese. É possível observar o esquema de Keith Punch (2021) na figura a seguir.

Figura 16 - Desenho de Pesquisa



Fonte: Introdução à pesquisa social, p.161, 2021.

A estratégia, segundo o autor, está diretamente relacionada às ideias pelas quais o trabalho será realizado. Ou seja, quais passos foram e serão tomados? Quais são as ideias centrais da pesquisa? O que queremos descobrir e/ou aprofundar?

Volto aqui então para o processo de elaboração da tese. Com a pandemia, os movimentos tentativos serviram como forma de tatear o objeto, como uma estratégia, para conhecer mais sobre as relações simbióticas entre jornalísticas e dispositivos móveis no cenário brasileiro. Com o doutorado sanduíche, porém, houve a necessidade de compreender essa nova lógica e o contexto em que se encontram as relações simbióticas na Suécia.

A compreensão desse cenário, no entanto, surge em um espectro mais amplo de conhecimento, o de observar as lógicas e processos de midiatização na sociedade sueca como um todo. Durante os 10 meses de doutorado sanduíche, então, não apenas as entrevistas com os jornalistas constituem a nossa observação e análise das relações entre dispositivos móveis e jornalistas, porém também, a minha própria experiência enquanto sujeito-pesquisador que olha para um contexto ignoto a qual não pertencço.

Apesar de não apresentar uma observação contínua em uma redação de jornalismo na Suécia, figuram no desenvolvimento metodológico etnográfico as minhas percepções enquanto jornalista que vive nessa realidade. Não obstante, a tese realizou um processo de observação de uma redação de jornalismo na cidade de Curitiba, Paraná.

Além disso, foram efetuadas entrevistas em profundidade⁴⁶ com os profissionais que trabalham na redação depois dos 10 dias de observação. Após olhar para o fenômeno jornalistas-dispositivos móveis em dois cenários distintos, a tese traça um paralelo entre práticas e processos envolvendo dispositivos móveis existentes nas redações do Brasil e da Suécia, redirecionando o olhar aos jornalistas e profissionais dos dois países.

⁴⁶ As entrevistas se encontram disponíveis na íntegra no Apêndice IV

De acordo com Punch (2021) a estrutura, segundo elemento do desenho de pesquisa, está relacionada diretamente com o conjunto conceitual que será abordado na pesquisa. Para o autor, “uma estrutura conceitual pode ser desenvolvida antes do estudo ou emergir durante o estudo. Associada a estratégia, é a estrutura conceitual que determina a quantidade de estrutura pré-especificada que um estudo terá” (Punch, 2021, p. 162)⁴⁷.

A tese foca em três estruturas conceituais centrais: as relações simbióticas (pelas perspectivas de Marshall McLuhan, Mark Deuze, Derrick de Kerckhove, Joel de Rosnay e Marcio Marcellino), jornalismo midiaticado (tensionado pelos pensamentos de Antônio Fausto Neto, Ana Paula da Rosa, Viviane Borelli) e dispositivos técnicos e interacionais (estruturado pela visão de Braga e autores como Villém Flusser, Gilbert Simondon e Bruno Latour).

O terceiro passo do desenho de pesquisa é destinado a “o que” ou “quem” será estudado no processo. Ou seja, de quem serão coletados os dados. Na presente tese, portanto, nos interessam as práticas jornalísticas atravessadas pelos dispositivos técnicos em um contexto em processo de mediação. Para isso, buscamos nas entrevistas e nas observações com os jornalistas essas respostas.

Por último, o desenho de pesquisa questiona como o processo será resolvido, de que forma e que com ferramentas ou procedimentos serão coletados e analisados os dados de pesquisa. A tese buscou na etnografia – e na junção entre observação do local e entrevistas – uma forma de responder às indagações da pesquisa. O nosso desenho de tese, portanto, pode ser conferido na figura (17) a seguir.

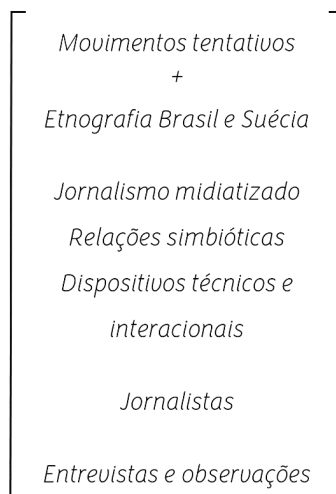
Figura 17 - Desenho de tese

⁴⁷ É importante destacar que nesta tese a teoria não norteia a estrutura sozinha. A estrutura é desenvolvida pelo conjunto entre teoria e empiria.

DESENHO DE TESE

PERGUNTA DE PESQUISA

De que forma as relações simbióticas, parte do contexto da mediação, modificam as práticas jornalísticas nas redações do Brasil e da Suécia? Que práticas são alteradas em cada contexto?



DADOS DA PESQUISA

Fonte: O autor, 2024

6.1 A Etnografia como escolha metodológica

A escolha da etnografia como processo metodológico passa pela característica central do método de descrever uma cultura ou um conjunto de participantes, exatamente o proposto pelas indagações presentes nesta tese, que busca descrever e compreender a cultura e as práticas das redações de jornalismo no Brasil e na Suécia e as relações entre jornalistas e dispositivos móveis.

Para Punch (2021), existe na etnografia, portanto, um compromisso da interpretação cultural. “O ponto da etnografia é estudar e entender os aspectos culturais e simbólicos do comportamento e o contexto desse comportamento, seja qual for o foco específico da pesquisa” (Punch, 2021, p.177).

Enquanto pesquisador, ao desenvolver o presente estudo, a etnografia enquanto interpretação cultural sobressai aos olhos. A observação do cenário sueco não se dá apenas da perspectiva da fala dos jornalistas sobre a realidade comunicacional do país escandinavo, mas também pelas observações de como operam as lógicas midiáticas e as práticas e processos culturais a partir da minha vivência durante os 10 meses. O mesmo se aplica para o desenvolvimento do estudo no Brasil, observar os comportamentos dos jornalistas durante a etnografia é observar suas culturas jornalísticas.

Punch (2021) afirma que a abordagem da etnografia é ideal em situações em que precisamos compreender contextos e comportamentos, significados e significâncias simbólicas.

Isso porque se trata de um método de descoberta em que, em geral, lidamos com situações desconhecidas, diferentes ou distantes de nossa realidade.

O autor aponta ainda seis elementos de abordagem da pesquisa etnográfica. A primeira etapa consiste na percepção de que os significados culturais compartilhados entre os membros da comunidade são essenciais para estudar um grupo de pessoas. O segundo elemento está ligado à sensibilidade do etnógrafo com relação aos significados presentes nos comportamentos e ações, “o que é necessário é a perspectiva de quem está do lado de dentro sobre esses eventos, ações e contextos” (Punch, 2021, p.178).

Em terceiro, segundo o autor, é necessário que o grupo seja estudado em seu cenário natural. Ou seja, o pesquisador deve se integrar no cenário em que o grupo está acostumado a manter suas relações. O quarto ponto elencado por Punch (2021) é sobre a coleta de dados. Para o autor, o estudo etnográfico deve passar por pouca estruturação uma vez que se trata de um método emergente e revelador. Para ele, “a coleta de dados em etnografia pode usar várias técnicas, mas qualquer estruturação dos dados ou dos instrumentos de coleta será gerada *in situ* durante o estudo” (Punch, 2021, p. 179).

Do ponto de vista da coleta de dados, o autor aponta que a escolha da técnica é variada e não restrita. Ou seja, há diversas possibilidades de técnicas que podem ser usadas desde que o trabalho seja realizado no campo. Por último, Punch (2021) aponta que a coleta de dados na etnografia é longa e repentina já que o registro etnográfico necessita de minuciosidade e foco nas ações que acontecem repetidamente nos grupos estudados.

No campo da Comunicação, Dell Hymes (1964) salienta a importância do desenvolvimento da etnografia. Para o autor, há na Comunicação, enquanto saber e ciência, um espaço necessário para se desenvolver o percurso etnográfico, uma vez que a base e os padrões da etnografia lidam com complexidades únicas.

Em suma, a "etnografia da comunicação" implica duas características que uma abordagem adequada dos problemas de linguagem que engajam os antropólogos deve ter. Em primeiro lugar, tal abordagem não pode simplesmente separar os resultados da linguística, psicologia, sociologia, etnologia, como dados, e procurar correlacioná-los, por mais parcialmente útil que seja esse trabalho. Deve chamar a atenção para a necessidade de novos tipos de dados, para a necessidade de investigar diretamente o uso da linguagem em contextos de situação, de modo a discernir padrões próprios da atividade da fala, padrões que escapam a estudos separados de gramática, personalidade, religião, de parentesco e afins, cada um abstraindo da padronização da atividade de fala como tal em algum outro quadro de referência. Em segundo lugar, tal abordagem não pode tomar forma linguística, um determinado código, ou a própria fala, como quadro de referência. Deve tomar como contexto uma comunidade, investigando seus hábitos comunicativos como um todo, de modo que qualquer uso dado de canal e código tome seu lugar apenas como parte dos recursos dos quais os membros da comunidade se valem (Hymes, 1964, p.4)

O autor ainda afirma que os estudos etnográficos da comunicação podem contribuir para a forma como a metodologia se adapta e se articula com a evolução cultural e os estudos e casos individuais de cada pesquisa que utiliza dessa metodologia.

A perspectiva de Hymes (1964) nos invoca pensar sobre o contexto e o objeto representado nesta tese. Enquanto pesquisador, é necessário compreender que Suécia e Brasil possuem realidades diferentes e, por isso, a abordagem etnográfica realizada em cada cenário também não é a mesma. Durante o processo, foi necessário conhecer as particularidades da cultura escandinava, por exemplo.

Na mesma toada, Luiz Mauro Sá Martino (2018) aponta que a etnografia é essencial para entender a relação da sociedade com as mídias. Para o autor, a etnografia deve ser usada “inicialmente, quando o objetivo da pesquisa for entender a relação de outras pessoas com a mídia e a comunicação. Ou quando buscar entender o modo de vida de um grupo profissional, por exemplo, o cotidiano de jornalistas, ou uma comunidade *on-line*” (Martino, 2018, p. 130). Ainda segundo o autor:

No trabalho etnográfico, o objetivo é conhecer em profundidade um determinado grupo, a partir do acompanhamento sistemático de suas atividades. Isso significa que nem todo trabalho de campo é uma ‘etnografia’: acompanhar um grupo por meia hora para saber como são as interações sociais via aplicativos de *smartphone* não caracteriza uma ‘etnografia’ (aliás, provavelmente não caracteriza nada). A ideia é um mergulho no cotidiano de um grupo, conhecer o que fazem e tentar compreender as razões, emoções e sentimentos em circulação. Na etnografia, o ponto é entender a cultura do outro em seu sentido amplo, incluindo sua vida material, atividades comuns e a vida simbólica que as fundamenta (Martino, 2018, p.129).

Assim como a proposta de Punch, Martino (2018) elenca as principais características da pesquisa etnográfica. Para o autor brasileiro, o primeiro passo é reunir o maior número de informações possíveis sobre o grupo de estudo e, em seguida, realizar uma aproximação/encontro com o grupo escolhido para realizar a pesquisa. Posteriormente, segundo o autor, há um tempo de preparação em que o pesquisador deve observar o contexto em que irá se inserir para, a partir disso, determinar o tempo em que a imersão na cultura será realizada. Por último, Martino aponta que é importante manter um diário de campo com as informações sobre os processos realizados.

Eliseo Verón e Martine Levasseur (1989), ao utilizarem a etnografia para observarem uma exposição, afirmam que observar o comportamento dos indivíduos é fundamental para diferenciar as singularidades de cada um. “A comparação entre o comportamento de um indivíduo no corredor e o seu comportamento na sala grande parece ser fundamental para diferenciar os tipos de visitas” (Verón; Levasseur, 1989, p. 36).

As ideias de Verón e Levasseur, portanto, foram inseridas no contexto desta pesquisa. Observar de que forma cada um dos jornalistas se comporta no ambiente foi fundamental para determinar de que forma e que práticas emergem das relações simbióticas individualmente, isso é essencial para compreender o fenômeno como um todo.

Nesse sentido, a proposta de Verón e Levasseur (1989) é importante para a tese pois ela não compreende apenas os indivíduos, mas toma o espaço físico e a circulação como fatores determinantes para a equação final da análise. O que estamos olhando, portanto, é o modo de fazer enquanto processualidade que envolve também o ambiente (contexto), atores sociais, jornalistas e o espaço físico (redação).

A partir disso, Verón e Levasseur (1989) apontam a importância entre a distinção entre as gramáticas de produção e reconhecimento no percurso etnográfico. Para os autores, o reconhecimento é resultado das propriedades significativas do discurso e das apropriações do sujeito.

Nosso levantamento etnográfico sobre a exposição “Férias na França” sublinha a importância da distinção entre produção e reconhecimento na análise de um meio e mostra que o reconhecimento não é mais dedutível de uma descrição da estrutura do discurso em questão, do que sempre, ao contrário, o resultado complexo do encontro entre as propriedades significativas do discurso e a estratégia de apropriação do sujeito receptor (Verón; Levasseur, 1989, p. 49).

As discussões de Verón e Levasseur serviram como um primeiro passo para desenvolver o processo de etnografia na Suécia e no Brasil. Inicialmente, porém, a ideia da tese era desenvolver uma observação participante em uma redação sueca⁴⁸, o que não pode ser realizado.

Foi a partir do contato com o pesquisador sueco Per Stahlberg (2002) e a sua tese “Lucknow Daily – how a hindi newspaper constructs society” que compreendemos nossa perspectiva sobre etnografia. Assim como Stahlberg, parte da nossa missão na Suécia era a compreensão de cultura a qual não estávamos inseridos. Da leitura da sua tese, então, emergiu a consciência em um processo etnográfico que visasse justamente nossas percepções enquanto estrangeiros e, além disso, na constituição do caso no Brasil, de uma etnografia que fosse detalhada a partir das observações do que está além das falas. O que nos leva, portanto, às constituições da minha vivência em um processo.

Ao final, durante a nossa etnografia, realizamos dois procedimentos de pesquisa: entrevistas em profundidade com os profissionais que trabalham nas redações na Suécia

⁴⁸ O passo a passo de como se desenvolveu a pesquisa empírica na Suécia é explicado no próximo capítulo.

(*Dagens ETC*, T&T News Agency, Sverige Radio e um jornalista *freelancer*) e no Brasil e a observação participante em um jornal em Curitiba-PR chamado Paraná Portal.

6.1.1 A Entrevista em Profundidade

A entrevista em profundidade foi importante para compreender de que forma os jornalistas estão envolvidos com seus dispositivos móveis nos processos das redações. Além disso, serviu para entender de que forma os atores sociais estão presentes nos processos de produção de reportagens. De acordo com Punch (2021, p.198), “a entrevista é a ferramenta mais proeminente de coleta de dados na pesquisa qualitativa”. Ainda segundo o autor, entrevistar é uma excelente forma de acessar significados e construções da realidade dos indivíduos, ou seja, compreender o outro.

Seguindo o mesmo raciocínio, Cardano (2017) afirma que a entrevista é um formato que permite “ter acesso à experiência autêntica dos entrevistados que fornecem ao público o drama de sua existência” (Cardano, 2017, p.166). É na entrevista, portanto, que iremos abordar os meandros das redações, tentando compreender de que forma os *smartphones* e as relações simbióticas perpassam as práticas e processos jornalísticos no Brasil e na Suécia.

Claudia Lago (2010), em uma perspectiva da metodologia no campo comunicacional, aponta que o ouvir acontece em entrevistas em profundidade, mas também em diálogos casuais em que o pesquisador observa o sentido das ações, rituais e significados do grupo observado.

As entrevistas foram realizadas com os profissionais de redações diversas da Suécia e, no Brasil, com parte da equipe do jornal Paraná Portal. Segundo Cláudia Lago (2010), não há um número pré-determinado de pesquisados para utilizar o método. Na Suécia, houve uma grande tentativa de captar o maior número de entrevistados possível. O fato se deu por uma grande negativa de entrevistas por diversos profissionais suecos. Ao todo, foram entrevistados 7 profissionais de redações distintas do país escandinavo (*Dagens ETC*, T&T News Agency, *Sveriges Radio* e um jornalista *freelancer*). Já no Brasil, optamos por desenvolver as entrevistas com os profissionais da redação do Paraná Portal.

Vale destacar que no Brasil houve a realização de uma etnografia de observação e, por isso, as entrevistas serviram como um complemento do que foi visto nos dias de observação. Entrevistamos 3 jornalistas do Paraná Portal. Apesar de um número relativamente menor do que o dos profissionais da Suécia, ele é representativo pois capta as falas de mais da metade dos profissionais que trabalham na redação. De acordo com Lago (2010), “o número de

informantes que serão ouvidos dependerá da pesquisa realizada, do objeto em questão, enfim, do *feeling* do pesquisador (Lago, 2010, p. 52). A autora complementa que o mais importante do processo é que a escuta seja feita o mais aberta possível.

Cardano (2017) aponta que o roteiro de entrevista requer um determinado planejamento. Além disso, para o autor, as perguntas podem ser apresentadas aos entrevistados no momento em que o pesquisador julgar mais adequado para o processo metodológico.

Nos apêndices deste documento é possível observar uma pré-estrutura das perguntas e todas as respostas de todos os entrevistados durante o processo. Porém, é importante ressaltar que as entrevistas aqui não têm caráter estruturado. Ou seja, algumas perguntas foram feitas especificamente dependendo das condições de cada uma das redações, jornalistas e do contexto geral e da realidade dos locais.

É importante destacar também que a tese passou por uma submissão do comitê de ética da universidade a partir da plataforma Brasil com data inicial no dia 11/10/2022, logo após a qualificação. Porém, após três trâmites o comitê afirmou que seria necessária uma carta de anuência assinada pelo responsável pela instituição onde os entrevistados estariam vinculados, o que tornou o projeto inviável para ser submetido novamente por diversos motivos. O primeiro deles é que, naquela época, não havia ainda uma certeza de quem seriam os entrevistados na Suécia e ainda havia a possibilidade de realizar uma etnografia de observação em uma redação. Com isso, muitas das entrevistas ocorreram já na reta final, antes do retorno ao Brasil. Além dos pontos destacados, não havia uma receptividade dos estrangeiros em assinarem um documento para a entrevista, o que também dificultou o processo. Um segundo ponto foi justamente na pesquisa realizada no Brasil. A observação da redação só foi concretizada no final do ano de 2023, em setembro. Em outras palavras, as exigências do comitê de ética deixaram inviável que o projeto passasse por todas as etapas.

Apesar disso, o percurso etnográfico foi realizado com diversas dimensões éticas. Em primeiro momento, todas as entrevistas foram gravadas com a permissão de todos os entrevistados. É importante destacar também que todos os entrevistados foram avisados sobre a possibilidade de interromperem a entrevista durante o percurso ou da não necessidade de responder todas as questões. Além disso, como forma de ser fiel aos fatos, todas as entrevistas estão transcritas nesta tese⁴⁹ e se encontram em apêndices ao final do trabalho.

Os eventos, portanto, nos criaram um problema ético. Qual seria a melhor forma de representar essas vozes e dar luz aos enunciados propostos nesta tese? Após discutir algumas

⁴⁹ Ressaltamos que as entrevistas realizadas em inglês também estão traduzidas.

vezes com a minha orientadora, chegamos à conclusão de que manter o nome dos entrevistados seria o adequado por dois motivos: o primeiro deles, por respeitar suas vozes e suas histórias. Como destacamos, todos os entrevistados concordaram em participar da tese e, ao longo do processo, todos os cuidados éticos foram tomados. O segundo motivo é justamente na fluidez do texto. Anonimizar os sujeitos em questão faria com que o texto etnográfico se tornasse frio, sem alma. A invisibilidade dos sujeitos também atrapalharia outro processo etnográfico da tese, a observação das redações. O próximo tópico retrata de que forma concebemos esse percurso metodológico nesta tese.

6.1.2 A Observação nas redações

Como segundo procedimento metodológico, após a realização das entrevistas em profundidade com os profissionais das redações na Suécia, está a observação de uma redação de jornalismo no Brasil. Estruturalmente pensamos, em um primeiro momento, em uma observação de 21 dias, porém, após a conversa com a chefia da redação do Paraná Portal, ficou acordado um total de duas semanas de observação na redação. A observação do Paraná Portal ocorreu da seguinte maneira: a primeira semana observando o período da manhã e a segunda semana observando o período da tarde⁵⁰.

Mario Cardano (2017) aponta que a observação é uma técnica de pesquisa em que há uma proximidade com o objeto pelo compartilhamento de experiências que aparecem durante o processo. Para o autor “a harmonização do método ao objeto expressa-se em um estilo de pesquisa interativo, graças ao qual o pesquisador coordena os próprias ‘movimentos’ com os das pessoas que participam do estudo” (Cardano, 2017, p.107). A partir disso, o autor aponta que a observação participante é uma das principais técnicas de pesquisa social.

A observação participante é a principal técnica para o estudo da interação social, do agir de indivíduos reciprocamente presentes uns aos outros. O agir é aqui observado diretamente, no seu fazer, e não reconstruído por meio do relato de quem participou da interação (Cardano, 2017, p.107).

Luiz Mauro Sá Martino (2018) afirma que na observação o objetivo é compreender uma situação (no nosso caso as relações simbióticas e as práticas jornalísticas) diante da troca realizada entre pesquisador e pesquisado. Ou seja, não se trata de o pesquisador, na observação,

⁵⁰ O procedimento exato será explicado no próximo capítulo.

se colocar em uma posição superior ou como neutro (sendo aquele que julga), mas de ver e desconfiar do próprio olhar e se atentar às relações.

Nesse sentido, Cláudia Lago (2010) discorre que a observação participante é caracterizada pela saída do pesquisador de sua cultura e a imersão em um grupo distinto em que o sentido está em vivenciar um cotidiano diferente do seu. Apesar de ser formado em jornalismo, creio que estou inserido hoje em uma cultura completamente diferente: a da pesquisa. Mesmo com o bacharelado em comum, as lógicas, processos e práticas de trabalho são distintas. Como afirma Lago (2010, p. 51), a observação “funciona, portanto, em duas vias: despir-se de sua própria cultura e perceber a cultura do outro”. A autora detalha mais a relação presente entre pesquisador-pesquisado no Campo da Comunicação.

No caso, trata-se de perceber que tipo de relação se estabeleceu no encontro de pesquisa e tentar pensá-la como inerente à produção do “dado”. Aqui, um adendo otimista. Em pesquisas junto ao universo jornalístico, muito provavelmente a proximidade entre pesquisador e pesquisados pode ser apreendida enquanto característica inerente, como já mencionei, com possibilidades de desvendar questões que não seriam desvendadas sem essa cumplicidade, já que, como asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação não violenta, na medida em que não contrapõem dois sujeitos (pesquisador e pesquisados) que falam de lugares hierarquicamente distintos (Lago, 2010, p.61).

Seguindo a mesma toada, Cardano (2017) salienta que na observação reconstituímos as vivências de acordo com nossas bagagens, em cada um “reconstrói a experiência vivida a partir do próprio ponto de vista, quer dizer, pelo o que pôde ver, e interpreta essa experiência à luz do próprio modo de ser no mundo e em razão da natureza do envolvimento no evento narrado” (Cardano, 2017 p.107 - 108).

Mario Cardano (2017) ainda estabelece que a participação na observação existe em dois planos distintos: o cognitivo e o pragmático. No plano cognitivo, “a participação consiste essencialmente em aprender um (outro) ver algo como algo” (Cardano, 2017, p.111). Para o autor, o nosso corpo se torna um instrumento observativo. Já no plano pragmático, “a participação constitui um importante – embora não decisivo – teste para avaliar a adequação da própria interpretação das regras e das práticas que guiam as formas de interação social para as quais é dirigida a atenção” (Cardano, 2017, p.112).

O que nos interessa não é apenas evitar as gafes, mas ter acesso a uma compreensão profunda da sintaxe que guia as interações de que fazemos parte, acessando-as em um registro crítico, capaz de chegar também ao porquê, à explicação da regra (Cardano, 2017, p.112).

Durante a observação, foi utilizado um diário de campo físico em que foram realizadas as mais diversas anotações sobre o fazer dos grupos observados. Lago (2010) descreve a importância do diário de campo na pesquisa etnográfica:

Por calcar-se na observação, o método etnográfico dá especial atenção à utilização do chamado ‘diário de campo’, onde serão anotadas todas as impressões do pesquisador sobre o cotidiano dos pesquisados. Independente do suporte (um caderno, folhas, computador, gravadores), essas anotações são fundamentais para o momento final da produção etnográfica, quando o pesquisador deverá organizar os dados de forma a produzir sua “descrição densa” da cultura estudada (Lago, 2010, p. 52).

As anotações do diário de campo físico serviram de base para a criação dos protocolos de observação que podem ser lidos na íntegra em apêndice nesta tese. A criação dos protocolos está baseada no que apresentam as autoras Danna e Matos (2011, p. 45): “o protocolo contém uma série de itens que abrangem as informações relevantes para a análise do comportamento; e uma das habilidades requeridas do observador é a de preencher corretamente esses itens.”

Apesar de naturalmente desestruturada, a observação nesta tese seguiu com duas linhas de trabalho que são apresentadas por Cardano (2017). A primeira técnica é conhecida por observação *Usbek* em que se olha ao redor sem considerar nada óbvio e descreve as interações sociais que observamos sem critérios de relevância. A segunda técnica é conhecida como *Truque de Henri Cartier-Bresson* que sugere tirar a atenção do primeiro plano de observação ao plano de fundo e vice-versa. Ou seja, de observar as mais variadas camadas interacionais. Vale destacar que essas linhas de trabalho não estruturam as observações em si, mas voltam o olhar do pesquisador as possibilidades presentes nos contextos pesquisados.

Enquanto escolha metodológica, determinamos que a etnografia nesta tese será dividida em três etapas principais. A primeira delas, o nosso percurso enquanto pesquisador na Suécia. Em um primeiro momento, apresentaremos o nosso diário de campo que percorre as idiossincrasias do país nórdico e as relações encontradas entre a sociedade, mediação e comunicação. Em seguida, são apresentados os entrevistados e a forma pela qual cada uma das entrevistas se decorreu e, posteriormente, um tensionamento científico com as entrevistas coletadas durante os 10 meses em Estocolmo.

Ao todo, foram entrevistados 7 jornalistas no processo. Julgamos que o diário de campo em junção com as entrevistas é a melhor forma de apresentar aos leitores os aspectos do jornalismo mediado na Suécia.

O segundo momento está destinado à etnografia realizada no Brasil. Nesse há uma diferenciação da etnografia proposta durante o período da Suécia. Ao contrário do que

aconteceu no país escandinavo, conseguimos realizar uma observação participante na redação do Paraná Portal, em Curitiba, por um período de duas semanas. Aqui foram valiosas as técnicas *Truque de Henri Cartier-Bresson* e *Usbek* para a compreensão do ambiente.

Para sistematizar o que foi encontrado, há nos apêndices III desta tese os protocolos de observação. Vale destacar, nesse momento, a importância de Verón e Levasseur em compreender não somente os jornalistas em si, mas o espaço físico em que nos encontramos e a circulação entre os atores sociais em processo. Em seguida, desenvolvemos como complemento às observações, três entrevistas com jornalistas que atuam nessa redação.

Por último, nosso processo etnográfico se encerra com uma analogia do que foi encontrado em ambos os cenários. Compreendemos, porém, que as realidades entre Brasil e Suécia são distintas. Pensando nisso, abrimos o tópico com relatórios científicos desenvolvidos pela *World's of Journalism* sobre o perfil dos jornalistas em cada país.

Enquanto decisão etnográfica, o capítulo 7 foi desenvolvido em primeira pessoa do singular. A escolha de utilizar o relato etnográfico em primeira pessoa como método científico se deu pela necessidade de aproximar os leitores da tese das experiências vividas na Suécia e no Brasil. Acreditamos, portanto, em uma etnografia que não separa o cientista do experimento, mas aproxima suas vivências para que elas sejam compreendidas em sua naturalidade.

7. O JORNALISMO MIDIATIZADO A PARTIR DAS RELAÇÕES SIMBIÓTICAS NA SUÉCIA E NO BRASIL

Enquanto pesquisador e cientista, compreendo que o movimento etnográfico vai além do simples relato do proposto metodologicamente. Em outras palavras, descrever apenas as entrevistas realizadas no Brasil e na Suécia não é o suficiente para compreender o contexto social e midiático que a pesquisa se propõe a debater. É preciso ir além. Por isso, neste capítulo, irei descrever as entrevistas realizadas, o processo para conseguir as participações na tese e a experiência da vivência enquanto pesquisador no país escandinavo durante os 10 meses e no Brasil durante as duas semanas de observação.

Ou seja, o capítulo funciona metodologicamente como um grande diário de campo da pesquisa narrado em primeira pessoa do singular. Acredito que só assim será possível entender e compreender a mediação e o cenário do jornalismo na Suécia e no Brasil.

7.1 *Come with me, we are flying to Sweden* - tentativas e decisões

Cheguei em Estocolmo, capital da Suécia, no final da tarde do dia 14 de agosto de 2022. Um domingo ensolarado de final de verão escandinavo, o termômetro marcava entre 25 e 28 graus, um clima agradável para um brasileiro, apesar de quente para um sueco. A capital nórdica possui 975.551 habitantes, mas naquele momento parecia vazia. Descobri, posteriormente, que durante o verão os moradores suecos fogem da cidade para aproveitar o calor europeu em outros países próximos como Grécia, Itália, Alemanha ou Espanha.

O apartamento que aluguei na Suécia pertence a universidade de *Södertörn* e era localizado em *Flemingsberg*, na rua *Hälsovägen* 20, primeiro andar, dentro do condado de Huddinge e a 23 minutos de trem do coração, do centro, da capital. Minha primeira impressão ao chegar foi de total deslocamento do meu imaginário sueco. Isso pois *Flemingsberg* e o sul de Estocolmo são urbanizados por imigrantes de todo o mundo, a maior parte de árabes que dominam o comércio local, como mercados, salões de beleza e pequenas lojas de conveniência.

O local para morar era perfeito para a minha estada e pelo contexto, pois estava há 6 minutos de caminhada da Universidade. Ao contrário do Brasil, os doutorandos na Suécia possuem vínculo empregatício e muitas facilidades como, por exemplo, gabinetes compartilhados com outros doutorandos dentro do departamento de pesquisa na Universidade, academia, descontos no transporte e em lojas em geral.

Os colegas de doutorado do departamento eram de várias partes do mundo: Suécia, México, Itália, Alemanha e Indonésia, o que garantiu durante o período uma pluralidade de discussões e perspectivas não somente sobre midiatização e estudos de mídia no geral, mas sobre culturas distintas e percepções sobre a própria Suécia enquanto país.

Södertörn Högskola é uma Escola Superior fundada em 1996. Suas estruturas (aquí compreende-se como físicas e políticas) são ainda novas para a longínqua história da cultura nórdica. A Universidade de *Uppsala*, por exemplo, foi fundada em 1477 enquanto a Universidade de Estocolmo foi fundada em 1878.

Södertörn também é conhecida pela sua pluralidade de alunos com cursos que são focados na internacionalização. Uma das minhas primeiras disciplinas realizadas durante o período sanduíche foi no departamento de Jornalismo, no curso de mestrado, “*Comparative Journalism Studies*”

Outra disciplina realizada durante o processo de doutorado sanduíche, que me fez compreender mais sobre o cenário sueco e a midiatização nórdica, foi “*Mediatization and Datafication of Society*”, ministrada pelo professor Doutor Göran Bolin, um dos maiores especialistas em midiatização da Suécia. A disciplina foi o meu primeiro contato profundo para compreender de que forma os europeus compreendem o conceito da midiatização e como ele é explorado em um cenário em que o contexto econômico e social é muito diferente da América Latina.

O que percebi, portanto, é que as discussões estão voltadas, quase como em toque de caixa, a uma discussão da midiatização a partir dos algoritmos e inteligências artificiais. Não descartando a necessidade do debate sobre o assunto, me pareceu vago discutir essas questões sem compreender de que forma elas implicam em um processo em que os sentidos produzidos por esses fenômenos já não são mais os mesmos.

A midiatização em Estocolmo é invisível aos olhos dos suecos pois é intrínseca às práticas e processos sociais adotados por eles. Explico: os movimentos tecnológicos estão inseridos no “DNA sueco” e, por isso, os próprios moradores não percebem o quanto estão midiatizados. Eles apenas vivem a midiatização, aqui ela é ambiência *in natura*. Isso pode ser observado em práticas diárias cotidianas como, por exemplo, pegar o metrô ou trem. Tudo pode ser concentrado em um dispositivo móvel. O aplicativo do SL⁵¹, disponível para os sistemas Android e IOS, mostra todas as rotas possíveis para o deslocamento e guarda os próprios bilhetes eletrônicos de metrô. Ou seja, com o celular é possível viajar pela cidade sem a

⁵¹ Empresa responsável pelo transporte público em Estocolmo e cidades próximas.

necessidade de usar dinheiro físico, cartão ou mapa. Tudo está concentrado em um único dispositivo que modifica práticas e processos sociais correntes.

Apesar de serem mediados em suas estruturas mais diversas, os suecos ainda vivem uma estrutura muito distante das conexões pessoais que temos na América Latina, mais especificamente no Brasil. O *Facebook* e o *Snapchat*, por exemplo, seguem sendo redes sociais extremamente utilizadas pelos suecos, inclusive pelo público jovem. Por outro lado, adicionar ou enviar um convite de amizade para um cidadão sueco é algo extremamente formal e leva tempo. Alguns colegas ou professores do departamento de mídia da Universidade, por exemplo, recusaram ou nunca aceitaram meu convite de amizade, mesmo ao final dos 10 meses de estágio internacional.

O distanciamento social entre as pessoas, no geral, me fez perceber que esse movimento se estende para os processos de circulação de sentido e à forma na qual as redes sociais são utilizadas no contexto sueco. O nível de interação em uma publicação no Twitter de um jornal sueco é muito menor do que de um jornal no Brasil, por exemplo.

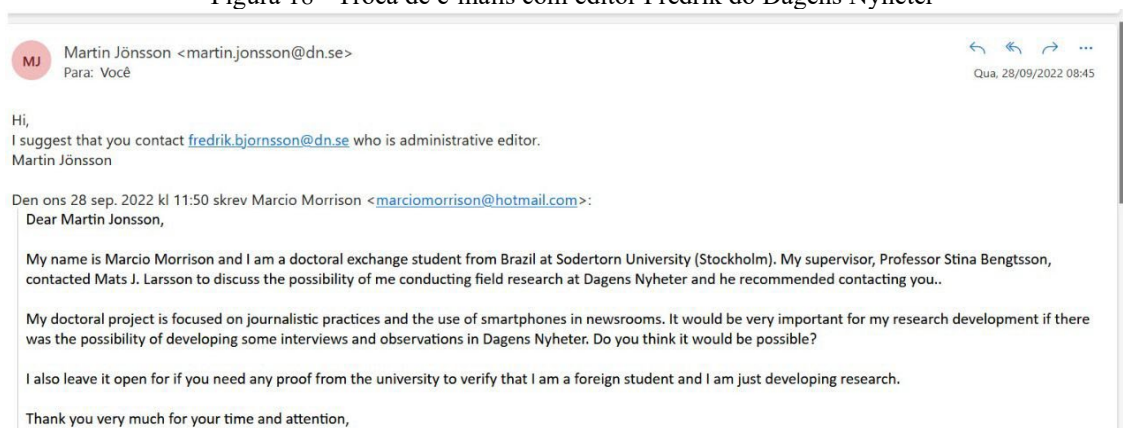
Apesar de existir uma profunda discussão sobre a mediação, ela parece focar na tecnologia, muitas vezes confundindo os próprios pesquisadores com conceitos de mediação. Em outras palavras, a mediação europeia parece mais preocupada com as relações entre sujeito-tecnologia do que com as relações entre sujeito-tecnologia-sujeito.

Isso me levou a constatar que ao menos uma das minhas impressões sobre o meu imaginário sueco era verdade: eles são socialmente fechados em suas bolhas e é difícil conseguir contatos sem alguém para mediar o caminho. Minha primeira movimentação para realizar os estudos empíricos na Suécia foi mandar e-mail para os diretores de redação dos jornais *Dagens Nyheter* e *Aftonbladet*. Ao todo, foram dois meses tentando contato com as pessoas da redação sem nenhum sucesso.

Após fracassar na primeira tentativa, contatei minha supervisora na Suécia, Stina Bengtsson, e pedi ajuda para conseguir algum contato direto dentro de uma redação de jornalismo. Após uma orientação, em setembro de 2022, recebi o contato do jornalista Martin Jonsson, amigo de Stina e profissional contratado do *Dagens Nyheter*.

O contato com Martin Jonsson foi diferente das minhas experiências com os outros suecos. O jornalista respondeu apenas duas horas depois, indicando entrar em contato com o editor administrativo do *Dagens Nyheter*, Fredrik Björnsson. O contato com o editor administrativo foi realizado já no dia seguinte, dia 29 de setembro, como é possível observar no print do e-mail abaixo.

Figura 18 - Troca de e-mails com editor Fredrik do Dagens Nyheter



Fonte: O autor, 2022.

É importante ressaltar que durante o período de troca de e-mails, estava matriculado em outras duas disciplinas na Universidade: *Comparative Journalism Studies* e *Media Industries*. Além disso, participava dos seminários intensivos de departamento que aconteciam todas as terças-feiras e eventos científicos na Suécia e em outros países. Em outras palavras, o meu esforço enquanto pesquisador estava dividido em várias frentes.

A resposta do editor do *Dagens Nyheter* foi rápida. No mesmo dia, o editor afirmou que a ideia parecia interessante e pediu para descrever um pouco mais de que forma seria realizada a pesquisa doutoral. Nas trocas de e-mail, como é possível observar nos *prints* que seguem, expliquei que o processo etnográfico deveria levar entre 15 dias e 30 dias e que pretendia entrevistar quatro jornalistas da redação.

Por um mês, por recomendação da minha supervisora sueca, esperei uma resposta do editor do *Dagens Nyheter*. Porém, sem resposta, decidi redigir e enviar um e-mail para tentar obter uma resposta. Nesse período, da troca de e-mails, estava apresentando minha pesquisa no congresso do Ibercom, que aconteceu em Porto, Portugal. Quatro dias depois do envio do meu e-mail, no dia 3 de novembro de 2022, recebi a resposta de Fredrik Björsson pedindo para descrever exatamente o processo da pesquisa e enviar uma carta da universidade afirmando que eu era um doutorando estrangeiro realizando pesquisa empírica na Suécia.

Quatro dias depois do e-mail recebido, a carta oficial da universidade assinada pela minha supervisora e o plano de trabalho detalhado com dias e horários foram enviados para o responsável da redação do *Dagens Nyheter*. Um mês e meio depois, após três tentativas de contato, recebi um e-mail declinando a possibilidade de realizar a pesquisa no *Dagens Nyheter*. Mesmo não conseguindo fazer as observações perguntei se havia a possibilidade de entrevistar

profissionais do jornal e, mesmo assim, me foi negada a oportunidade, e indicado procurar outro lugar para entrevistar outros profissionais.

Após a negativa do *Dagens Nyheter*, esperei as datas festivas (natal e ano novo) para procurar outra redação para realizar o processo etnográfico. Novamente enviei e-mails para os mais diversos editores de redações de jornalismo: jornais *on-line*, televisões, rádios, jornais impressos, revistas. Todo tipo de contato foi feito para tentar realizar o processo etnográfico na Suécia.

Pela primeira vez compreendi o “ser estrangeiro”, aquele que é estranho e deslocado do próprio contexto em que está inserido. Em conversas posteriores com outros profissionais jornalistas, me foi explicado que o clima sociopolítico na Suécia naquele período estava muito parecido com o retrato do Brasil em meados de 2018. Em outras palavras, uma crescente de informações falsas, domínio da extrema direita e o descrédito e medo de jornalistas nas redações sendo, cada vez mais, ameaçados por usuários anônimos da internet. O que me restava, novamente, era tentar os contatos de pessoas conhecidas do departamento de mídia.

7.1.1 Os entrevistados da pesquisa – um panorama geral sobre quem são os entrevistados da tese

No início de fevereiro de 2023, durante um almoço no restaurante da Universidade sueca, dividi minha situação com a professora brasileira do departamento de mídia da *Södertörn*, Isabel Löfgren, que me indicou entrar em contato com uma de suas amigas, a jornalista do *Dagens ETC*, Clara Lee Lundberg. Clara nasceu na Suécia, mas passou parte da sua vida na América Latina, trabalhou como repórter e *freelancer* no Brasil, no Rio de Janeiro, e na Argentina, em Buenos Aires.

O contato com a jornalista foi muito simples, por meio do *WhatsApp*, aplicativo que poucos suecos usam, por sinal. No mesmo dia, a conversa para a pesquisa havia sido marcada. A entrevista com Clara Lee Lundberg ocorreu em sua casa, no sul de Estocolmo.

No dia da entrevista, o metrô de Estocolmo estava em greve e, por isso, optei por sair mais cedo de minha casa em *Flemingsberg* pois ela era localizada no subúrbio da capital. Me direcionei até a estação central e depois peguei a linha verde sentido Skarpnäck, uma das principais estações da linha verde já que é responsável pela baldeação entre diversas linhas de metrô e ônibus. Ao chegar na estação, olhei no relógio e percebi que havia chegado com uma hora de antecedência. Decidi, então, conhecer mais do bairro a pé. Após esperar a hora marcada

da entrevista, me dirigi à casa de Clara. Ao chegar em sua residência, a jornalista me atendeu em Português e as conexões com o Brasil eram evidentes. Logo em cima da porta estava uma placa com a “Rua Marielle Franco” e inúmeras obras de arte de artistas diversos: europeus e sul-americanos. Em resumo, seu apartamento era um espelho da sua personalidade: uma miscigenação cultural.

Durante a entrevista, contei para Clara sobre a situação da pesquisa e a minha vontade em realizar uma etnografia em uma redação na Suécia. Prontamente, a jornalista se ofereceu como mediadora para conversar com seus superiores sobre a possibilidade de realizar a etnografia na redação em que trabalhava. Agradei e continuei em contato com Clara sobre a possibilidade de realizar a etnografia no *Dagens ETC*.

O segundo entrevistado da tese, Lars Larsson, também surgiu como personagem na tese por meio de uma rede de contatos. Lars é amigo de Goran Bolin, um dos coordenadores do projeto CAPES-STINT. Combinei de encontrar Lars na mesma semana que falei com Clara Lee. Foi uma semana caótica na Suécia em função da greve do transporte. Nos encontramos no bairro em que Lars reside, Odenplan, em uma cafeteria de rede muito comum na Suécia chamada *Bröd & Salt*.

Ao chegar no local combinado, percebi que Lars Larsson era um típico cidadão sueco no imaginário de um brasileiro: tom de voz baixo, alto, loiro e magro. Lars começou a trabalhar como jornalista entre 1985 e 1986 enquanto estudava na Universidade de Uppsala para ser professor. Teve passagens por jornais como *Dagens Nyheter* e *Aftonbladet* até ser contratado pela agência sueca de jornalismo *T&T News Agency*.

A entrevista com Lars Larsson durou por volta de 55 minutos. Ao sair do local, vi uma notificação no e-mail de Signe Lidén, editora e responsável pelos recursos humanos do *Dagens ETC* confirmando a possibilidade de realizar a etnografia no jornal por um curto período de tempo. Nesse meio tempo, já havia também trocado e-mail com outros dois profissionais do jornal por intermédio de Clara Lee: Sofie Axelsson e Olof Klugman, ambos repórteres. Combinei com Signe Lidén um encontro no jornal em 15 dias.

No dia combinado com a editora, já no caminho para o encontro, recebi um e-mail afirmando que não seria mais possível fazer a etnografia no lugar devido aos cortes profissionais na redação. O *Dagens ETC* é uma empresa que recebe subsídio do governo para funcionar, ou

seja, os cortes são frequentes, ainda mais em uma empresa que se posiciona contrária às direções políticas e sociais do novo governo sueco⁵².

Mesmo com a negativa da realização da etnografia, continuei com as negociações para realizar as entrevistas com os três profissionais que estava em contato no jornal. No dia seguinte, via *Zoom*, entrevistei Olof Klugman. A entrevista com Olof talvez tenha sido a mais complexa de ser realizada pois, em alguns momentos, o entrevistado não conseguia se expressar em inglês e precisávamos encontrar um meio termo e explicações para as palavras no meio do processo. Olof, porém, tem uma base como político e professor nas ciências políticas, o que tornou a entrevista interessante nas perspectivas socioculturais da midiaticização e do trabalho do jornalista em um contexto em que os atores sociais são parte de um processo complexo de produção de sentidos.

As entrevistas com Signe Lidén e Sofie Axelsson aconteceram duas semanas depois, na redação do *Dagens ETC*. Para chegar ao *Dagens ETC* peguei a linha rosa do *Pendeltag* e parei na estação de *Stockholm Sodra*, uma das mais tradicionais da cidade. A redação do *ETC* ficava exatamente entre as estações de *Sodra* e *Mariatorget*⁵³, na rua *Björngårdsgatan*.

Ao chegar no local, fui recebido por um dos jornalistas. O local me chamou atenção, parecia, esteticamente, uma *start up* estadunidense. A estética imitava uma grande fábrica com mesas grandes e compartilhadas, estruturas de ferro aparecendo e muitas plantas. Signe me dirigiu para uma sala espelhada ao final da redação. Ele trabalha com jornalismo há 15 anos e, anteriormente, trabalhava no *design* do jornal.

A entrevista com a editora ocorreu de forma rápida e, logo em seguida, entrevistei Sofie Axelsson. Sofie é jovem e trabalha com jornalismo há quatro anos (começou em 2020), desde que entrou na profissão e está acostumada com as diversas mudanças tecnológicas contínuas. A entrevista, assim como a de Signe Lidén, aconteceu de forma rápida. Talvez o lugar em que a entrevista foi realizada tenha prejudicado a realização. De alguma forma, me pareceu que estar na redação em si não deixou as jornalistas confortáveis com a situação.

A sexta entrevista da tese ocorreu com Julius Harro. Conheci Julius na disciplina do mestrado de Estudos Comparativos para Jornalismo Internacional. Julius é alemão de origem e estava realizando o mestrado na *Södertörn University*. Além disso, por também ser aluno

⁵² O *Dagens ETC* é reconhecido por ser um jornal de esquerda. Em 11 de setembro de 2022, no entanto, ocorreu um crescimento da ultradireita na Suécia. Como é possível observar na reportagem <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/14/a-surpreendente-ascensao-da-ultradireita-na-suecia.ghtml>

⁵³ As estações ficam localizadas no bairro de Södermalm, um dos mais tradicionais e ricos da capital sueca. Södermalm, além de residencial, é um bairro com inúmeros comércios, restaurantes e locais públicos de entretenimento.

internacional da *Södertörn*, Julius morava no mesmo prédio em que eu morei no período da Suécia, por isso, acabamos nos aproximando. Em um dia, voltando no transporte público de um jantar, ele comentou que estava realizando um *freela* para um jornal sueco. No momento, me dei conta que ele poderia ser um bom entrevistado para a tese, já que, estava fazendo trabalho *freelancer* para a Suécia e trabalhava em uma rádio importante na Alemanha.

Combinei com ele para, na semana seguinte, realizar a entrevista para a tese na universidade. Nos reunimos no centro do diretório dos estudantes, um local que frequentávamos toda a semana. A entrevista também foi curta devido aos compromissos que ambos tinham naquela semana, porém, sem atrapalhar os resultados científicos do processo.

O último entrevistado sueco da tese, Marten Eidevall, trabalha na *Sveriges Radio*, uma rádio sueca financiada pelo governo. A entrevista com Marten demorou cerca de três semanas para ser marcada. Em primeiro momento, Marten me pediu, além das recomendações da universidade, trabalhos publicados em revistas científicas. Após analisar meu currículo e as publicações, marcamos uma entrevista em um café na estação central, *Wayne's*, às 15h de uma quarta-feira. A entrevista foi essencial pois trouxe outra perspectiva sobre o trabalho do jornalista em uma posição de gerenciamento e editoração.

As entrevistas realizadas na Suécia contribuíram como base para a tese justamente por dar voz aos sujeitos atuantes em um processo em que as lógicas de mediação alteram não apenas a ambiência em que estamos inseridos, mais em que há também uma reformulação do processo interacional e prático dos sujeitos. A compreensão de que as redações estão se transformando em espaços desterritoriais através das relações simbióticas implica entender, também, que a partir disso, há uma gama complexa de discursos e dispositivos interacionais que emergem desse processo. A próxima parte da tese aborda, justamente, os achados empíricos e teóricos de um processo em atividade.

7.1.2 As entrevistas – Redações desterritoriais e novas formas de se pensar o jornalismo no contexto midiático na Suécia

Nesta tese, partimos do princípio de que as relações simbióticas são parte das práticas e processos sociais vigentes em uma sociedade mediada⁵⁴. Aqui, como dito anteriormente, compreendemos as relações simbióticas como uma manifestação antropológica-social-

⁵⁴ Obviamente compreendemos que existem níveis e momentos mediados distintos em nossa sociedade. A mediação que ocorre na Suécia, por exemplo, é diferente da mediação que ocorre em outros países em que as práticas, processos sociais e culturais são distintos.

comunicacional que atinge diversas camadas do tecido social. Em outras palavras, o elo entre os seres humanos e os dispositivos móveis tem, em ritmo exponencial, se tornado indivisível. Porém, nosso objetivo com as entrevistas era, no entanto, identificar especificamente de que forma esse fenômeno remodela as práticas e as redações jornalísticas na Suécia.

A partir disso, as sete entrevistas⁵⁵ realizadas foram importantes para compreender as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis como um fenômeno global. Um dos primeiros pontos de destaque é a forma como as relações simbióticas com dispositivos móveis tornaram o jornalismo instantâneo e rápido. Lars Larsson, por exemplo, afirma que o jornalismo é mais ágil e o uso dos celulares favorecem essa dinâmica.

A forma como fazemos jornalismo é mais rápida agora. A velocidade sempre esteve presente principalmente nas agências de notícias, mas agora está por tudo. Não importa se é um jornal ou uma agência de notícias. Quero dizer ao vivo, relatos ao vivo. Era como a versão mais antiga dos jornais, o teleprinter chegava às agências de notícias e mudava tudo. Mas primeiro, quando comecei, não havia telefones celulares. Os únicos que tinham celular no final dos anos 80 eram os fotógrafos dos jornais, tinham celular no carro (Larsson, 2023).

A fala de Lars Larsson nos remete exatamente ao centro de nossa busca: as processualidades de um ambiente em processo da midiatização ao longo do tempo. Nesse sentido, é interessante observar justamente a adaptabilidade da profissão do jornalista que, através do tempo, necessitou compreender não somente diferentes tecnologias, mas como a sociedade era impactada nessas ocasiões.

Em uma outra perspectiva histórica diferente da apresentada por Lars Larsson, Sofie Axelsson, que começou a trabalhar com jornalismo em 2020, afirma já estar acostumada com o trabalho envolvendo os dispositivos móveis em uma rotina diária na redação.

Sim, eu uso muitas tecnologias e geralmente é útil, mas também pode se tornar demais porque você está tão inserido em seu telefone, então seu telefone geralmente tem muitos aplicativos diferentes, nem sempre diretamente para o seu trabalho. Você pega suas redes sociais e, ao mesmo tempo, você tem que fazer as redes sociais porque faz parte do trabalho e também é (...) Sabe quando você quer fugir desse mundo? E é difícil porque está sempre lá (Sofie Axelsson, 2023).

Por outro lado, a fala da jornalista denota exatamente o que afirmamos que existe na relação entre jornalistas e dispositivos móveis: uma simbiose que é de difícil dissociação. Em um ambiente midiatizado em que as interações se tornam ainda mais complexas, os *smartphones* são essenciais para as práticas e processos.

⁵⁵ As entrevistas estão disponibilizadas na íntegra no Apêndice II em inglês e com tradução.

Os *smartphones*, nas relações simbióticas entre jornalistas, também ocupam uma função de apoio às práticas cotidianas. Julius Harro, por exemplo, destaca que toda a pesquisa realizada em seus trabalhos é feita a partir dos dispositivos móveis. Além disso, destaca-se também a importância que há nas redes sociais. Tornou-se cotidiano e parte do trabalho jornalístico checar as notificações e publicações nas principais redes sociais. Os *smartphones*, nesse caso, são parte importante dessa vigilância de dados.

Quando eu trabalhava com *on-line* eu usava meu *smartphone* para ver como ficava no *app*, porque quando falamos de *on-line* nós não produzimos só para o site, mas para o *app* também. Então essa é uma parte importante, mas também temos produtores. Em termos do meu trabalho atual de rádio, o telefone é muito importante, eu diria, porque estou trabalhando na tela com meu computador, mas se tiver que fazer pesquisas rápidas sobre os tópicos, uso meu telefone. Também uso para redes sociais, claro, onde muitos assuntos são discutidos ou até mesmo levantados através das redes sociais. Então eu faço isso com o meu telefone. *Instagram*, *Twitter*. É sempre uma boa fonte para mim, mas, acima de tudo, acho que é a principal fonte de onde recebo minhas notícias. Não ouço muito rádio, leio jornais no escritório, mas tudo o mais posso fazer no celular. Então, para obter informações eu mesmo e me manter informado. Este é o meu dispositivo de escolha (Julius Harro, 2023).

A fala de Julius Harro nos faz perceber que os dispositivos móveis são importantes em um ambiente midiático pois perpassam por diversos processos sociais que estão intrínsecos às necessidades dos profissionais. A partir deles, os contatos com os atores sociais são cercados por meio das redes e, pelas próprias redes sociais, o profissional não só se atualiza de maneira ágil sobre o que é notícia, mas observa as produções de sentido derivadas dos atores sociais.

Signe Lidén, editora do *Dagens ETC*, destaca outro ponto que nos faz pensar sobre as mudanças nas práticas e processos jornalísticos: compreender que o jornalismo precisa, agora, atender a diversos formatos de texto e vídeo, e para mais de um tipo de suporte tecnológico. As reportagens não são pensadas mais apenas para os sites e portais, mas também para o formato dos celulares, além de *stories*, por exemplo. Há outro ponto relevante na fala de Signe Lidén: a de que a leitura das notícias do *Dagens ETC* é realizada, em sua maioria, por meio dos dispositivos móveis.

Acho que atender o leitor pelo celular ou até mesmo um *desktop*. Essa é a grande mudança, estar onde os leitores estão. A maioria dos nossos leitores são de celulares (Lidén, 2023).

Em uma ambiência em processo de mediação é natural que o jornalismo também esteja em uma constante adaptabilidade e transformações da realidade. Seja através de formatos ou do próprio contato do profissional de comunicação com os atores sociais. Marten Eidevall, editor de redes sociais do *Sveriges Radio*, destaca a dificuldade em explicar para os jornalistas a importância de se pensar na construção de conteúdos que serão consumidos em dispositivos

móveis como, por exemplo, os *stories* do *Instagram*. De acordo com o profissional, há uma determinada resistência por parte dos repórteres que estão se acostumando com o processo de produção para diversos meios e formatos de comunicação.

Nos últimos dois anos, eu definitivamente diria que demorou um pouco para nós (nos acostumarmos a produzir conteúdos para dispositivos móveis). Continuamos fazendo um plano. Na maioria dos dias ou como postagens regulares no *Instagram*, mas a maneira como você se apresenta no *Instagram* não precisa ser a mesma todos os dias. Mas, sim, temos colocado e os repórteres sabem que têm que produzir alguns vídeos ou fotos para podermos usar nos próximos dias. Eles têm que aprender uma maneira de fazer isso e seu truque pois quando você faz rádio é muito aqui e agora, mas você tem que ser mais atemporal. Tem sido complicado explicar aos repórteres porquê isso é importante, porquê estamos fazendo isso. Eu tenho que explicar porquê estamos colocando tanto tempo no *Instagram*, mas eles finalmente estão vendo. Porque quando eles se olham no *Instagram*, eles se acostumam e meio que gostam e esse é um bom portfólio deles (Eidevall, 2023).

O que percebemos, portanto, é um jornalista multimidiático que deve produzir e pensar conteúdos para diversos nichos de mídia: rádio, televisão, internet, redes sociais, etc. e que usa as redes sociais como uma ferramenta de pesquisa e métrica de resultados publicados pelos jornais. Porém, o jornalista multimidiático que emerge das relações com os dispositivos móveis e as novas práticas e processos nas redações não é novidade e já foi discutido por autores como Barbosa (2013); Bertolini (2017); entre outros. O que nos interessa nesta tese, portanto, é ir além da prática jornalística para mais de uma mídia. Precisamos compreender quais novas camadas estão inseridas nesse complexo jogo que não é apenas tecnológico, mas que também muda aspectos sociais do fazer jornalismo em uma ambiência em processo de midiatização. Em outras palavras, entender de que forma as práticas jornalísticas são afetadas e remodeladas pela midiatização.

Em um primeiro momento, o que nos chama a atenção é a presença de redações de jornalismo que se estendem para o ambiente virtual, ou seja, não estão somente em um espaço físico. Todos os entrevistados afirmaram que suas redações possuem grupos/ferramentas que podem ser acessadas virtualmente. O *Dagens ETC*, por exemplo, possui grupos subdivididos por editorias e um grupo geral da redação no *Skype*. Enquanto isso, as redações do *TT News Agency*, *Sveriges Radio* e *WDR* possuem grupos de trabalho no *Microsoft Teams*.

Um dos fatores que acelerou o processo em utilizar os espaços de redações em aplicativos foi a pandemia de Covid-19, aquela que experienciamos de perto no capítulo 5 desta tese e que foi um obstáculo para a pesquisa de campo, mas que muitos elementos de lá reaparecem aqui. Clara Lee destaca que é possível, no *Dagens ETC*, trabalhar de forma híbrida. De acordo com a jornalista, eles são obrigados a comparecerem na redação física apenas dois

dias na semana. Em outras palavras, a redação física não é mais um espaço essencial para a prática jornalística cotidiana.

Eu acho, mas o que acontece, agora a gente está autorizado a trabalhar de casa. A gente precisa trabalhar dois dias na redação física e no resto do tempo podemos trabalhar de casa ou em outro lugar. Eu acho que (... pausa de um tempo) A gente está usando o Skype, que eu acho muito *old school*, a gente está usando isso como um meio de comunicação com mídias e chats. Então, talvez, no meu caso, no meu trabalho, a gente já estava acostumado a comunicar muito pelo skype e pelo telefone e tal. A mudança não foi tão radical assim, agora eu estou trabalhando com cultura e eu escrevo coisas com um ponto de partida mais filosófico, sei lá, talvez eu não precise. Agora uma pessoa que trabalha com notícias muito mais atuais aí eu acho importante ir na redação para poder ver e trabalhar, só que eu não vejo isso como algo necessário assim. Eu vou lá para outros motivos, mas não é algo como se eu não vou lá eu não consigo realizar o meu trabalho (Lee, 2023).

Por outro lado, há na fala da jornalista uma inquietação sobre o próprio espaço do profissional em um ambiente de trabalho. O que vemos é uma outra ambiência em que o espaço físico se remodela para outros ambientes que estão imbricados em espaços múltiplos e desterritoriais. Apesar de não ser necessária para a prática jornalística, a redação enquanto espaço físico ainda é um local em que as interações parecem ocorrer de formas mais diretas, é um lugar de compartilhamento de ideais e de aprofundamento das relações. É nessa lógica que observamos outro conceito da midiatização fundamental para a tese: o de dispositivo interacional. Como afirmamos anteriormente no capítulo 3 da tese, onde há interação encontramos dispositivos em ação.

As redações em aplicativos móveis não são uma novidade ou exclusividade de uma redação específica da Suécia. Marten Eidevall, editor de redes sociais da *Sveriges Radio*, afirma que a equipe de comunicação já utiliza o *Teams* para realizar reuniões e trocar informações sobre o processo cotidiano. Além disso, o profissional indica que esse não é um movimento novo no grupo de comunicação e, mesmo assim, ainda passa por uma adaptabilidade dos jornalistas.

Tem sido muito bom e ruim para muitas pessoas. O Teams da Microsoft não é um dos melhores programas. Quero dizer, costumávamos usar o Slack e conversávamos muito. Algumas pessoas pensaram que eles tiraram muita energia de nós. A empresa decidiu integrar o Teams da Microsoft e você poderia a partir dali começar um grupo, Tínhamos alguns grupos com pessoas conversando. Quer dizer, muitas pessoas conversam muito, então algumas pessoas acabam achando estranho que tenhamos reuniões no Teams, por exemplo. Se estiver todo mundo no escritório e tiver pelo menos dois caras on-line, fazemos a reunião no Teams. Então usamos muito, definitivamente digo, eu estou confiante em usar apenas para ideias e tudo mais. Mas algumas pessoas não respondem ou pegam o chat, por exemplo. Percebo que muitas pessoas estão mais acostumadas com isso agora, principalmente porque as pessoas respondem rapidamente, por exemplo (Eidevall, 2023).

Em outra redação, Signe Lidén, editora do *Dagens ETC*, destaca que a ferramenta do *Skype* já existia no jornal antes da pandemia, mas que o uso do aplicativo foi amplificado durante a crise de saúde. Ainda segundo a jornalista, o espaço é utilizado para interações entre os jornalistas na redação⁵⁶.

Eu acho que isso é ótimo. Temos o *Skype* como ferramenta o tempo todo, desde antes da pandemia. Porque não temos repórteres apenas em Estocolmo, temos em Helsingborg também. Então, sempre fomos meio híbridos. As reuniões matinais em que os editores e repórteres discutem o que levar nos próximos dias sempre foram em vídeo e físicas. Portanto, isso não é uma mudança durante a pandemia. Mas temos um grande bate-papo para todas as pessoas que trabalham para *Dagens ETC* e falamos principalmente sobre “Oh, você viu essa notícia” ou “houve um ... como você chama, posso encontrar a palavra”. Mas coisas acontecendo. Então ou se você precisar do número de telefone do pesquisador. E, claro, um lugar de descontração (Lidén, 2023).

A fala da jornalista é importante para reforçar um ponto de observação dessa tese: a pandemia não criou novos formatos ou tendências no jornalismo, mas amplificou processos em midiatização correntes. Em outras palavras, a ambiência midiatizada no jornalismo precisou acelerar processos que já estavam em curso para uma adaptabilidade de uma realidade presente, criando, por exemplo, o trabalho híbrido na profissão, algo que não era comum.

O trabalho híbrido foi também destacado pelo jornalista Julius Harro. O que emerge da experiência de Harro, porém, é a sensação de estar disponível durante o tempo inteiro. Ou seja, o jornalista já não tem mais um espaço em que ele não está trabalhando. As redações em aplicativos não desconectam o jornalista do trabalho, fazendo o processo de apuração e escrita contínuo.

Então, durante a pandemia a gente não trabalhou no escritório também. Eu trabalhava em casa e remotamente, o que foi bem legal no começo, porque o escritório era bastante estressante, trabalhando com notícias diárias. Tudo é rápido e você sempre tem a pressão do tempo. Então, primeiro, quando trabalhava em casa, era super relaxante para mim e me sentia muito mais focado. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas tinham que se acostumar a se comunicar também, usamos muitas equipes da Microsoft para nos comunicar e, claro, tenho o aplicativo Microsoft Teams para funcionar como ferramenta de comunicação no meu telefone. Então, eu estava disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, fora do meu horário de trabalho, o que era definitivamente diferente antes, porque uma vez que você saía do escritório, às vezes recebia uma ligação. Mas na pandemia tive um sentimento de ter que estar sempre disponível e aí tive que desligar as notificações do meu app quando parei de trabalhar (Harro, 2023).

A experiência da jornalista Sofie Axelsson segue a mesma linha de raciocínio. Segundo a jornalista, não há espaço para a desconexão. Ou seja, as redações em aplicativos proporcionam ao jornalista uma conexão indissociável em que não há mais espaço para descanso. O jornalista é jornalista 24 horas sete dias por semana.

⁵⁶ Trabalharemos a questão das interações nas redações em aplicativos mais para frente na discussão da tese.

E o fato é que as pessoas também não param de usar o tópico do skype depois do horário de trabalho. Portanto, é uma redação sempre em funcionamento que você só se preocupa e sou curiosa, assim como a maioria dos jornalistas, então verifico o que as pessoas estão escrevendo tarde da noite de sábado (Axelsson, 2023).

Outro ponto que surge das redações em aplicativos móveis é o próprio isolamento social do jornalista. Apesar de estarem conectados 24 horas, os jornalistas sentem, em geral, que houve um deslocamento das relações sociais à distância. Não há maior proximidade entre eles, e os dispositivos interacionais nas redações são reconfigurados. Sofie Axelsson, por exemplo, destaca que se sentiu isolada durante a pandemia pois só conversava com o chefe mais próximo.

Sim, mudou muito. Antes da pandemia eu trabalhava em um jornal local e nesse trabalho eu estava constantemente conversando com as pessoas do bairro e assim por diante que fechou e se tornou um tipo de trabalho completamente diferente que só podíamos ligar para quem quer que estivesse em nossa história. Comecei aqui na pandemia e isso também foi muito difícil porque não pude ver meus colegas e não consegui fazer amigos. Eu tive esse colega que conversou comigo, mas tipo, não é natural começar um novo tópico no skype e dizer “oi, tudo bem?” e ter uma conversa aleatória. Portanto, era principalmente uma conversa entre mim e meu chefe mais próximo e a reunião matinal. Então ficou muito mais isolada, eu diria (Axelsson, 2023).

Nas relações sociais dentro das redações de jornalismo em aplicativos, Olof Klugman destaca que entre as principais diferenças está a falta de comunicação pessoal e direta com outros membros da redação. Olof aponta que há uma diferença entre as relações em espaços *on-line* e *off-line*.

Quero dizer, no meu antigo emprego eu estava em um jornal como apenas seis ou sete jornalistas e quase todo o trabalho era em casa, então estou acostumado a trabalhar nisso, embora eu realmente não goste, quero dizer, é uma coisa totalmente diferente de falar com seu editor, por exemplo, na vida real, você pode ouvir conselhos, por exemplo. Portanto, há pequenas diferenças quando você conversa no *Skype* ou nos espaços *on-line* (Klugman, 2023).

Ainda segundo o Klugman, ao trabalhar de casa, o jornalista perde os espaços sociais e altera costumes, e isso afeta diretamente as próprias práticas jornalísticas dentro das redações, como, por exemplo, *inputs* e ideias de outros colegas.

Eu acho, de uma forma que você se acostuma (com o home office). Você fica melhor em usar e você fica muito claro nas comunicações porque você só conversa com as pessoas e assim por diante e você tem que ter muito cuidado para ser claro. Assim você se acostuma. Mas a longo prazo, alguma coisa pega, bom, você trabalha tanto em casa, como meu antigo jornal, o grande problema é que você não pega esse papo na hora do almoço e tal, essa hora fika qu⁵⁷ando você fala sobre coisas que não são óbvias ou relevantes para você agora, quando você tem ideias para o trabalho ou uma perspectiva diferente que você trabalha se. Quando você trabalha em casa, ganha

⁵⁷ O Fika é um costume social na Suécia. Significa tirar um tempo do trabalho e tomar um café ou chá com os amigos, colegas de profissão. Está ligado ao contexto de bem estar e tempo de qualidade dos suecos.

tanto, como se diz, em curtos tempos você trabalha ainda melhor, você não fica incomodado da mesma forma que em uma redação porque não tem outros inputs de outras pessoas, mas em longo prazo você perde alguma coisa (Klugman, 2023).

O que vemos, portanto, é uma afetação nas relações sociais dentro das redações de jornalismo. Em outras palavras, a conexão 24 horas e 7 dias por semana através dos dispositivos móveis não supre as demandas sociais e discursivas das redações de jornalismo. O jornalismo, em sua origem, é um trabalho realizado em equipe e, ao que parece, a desterritorialização dos espaços afeta diretamente os vínculos sociais que ainda não estabelecidos enquanto processos cotidianos da mesma forma em que estão fora dos espaços *on-line*.

Além do distanciamento social causado pela extensão das redações ao espaço *on-line*, os jornalistas, em geral, retratam que é mentalmente exaustivo estar conectado instantaneamente. Lars Larsson, perguntado se sente que é exposto ao trabalho 24 horas, afirma que apesar de sempre possuir esse estilo de trabalho, agora é mais fácil ser encontrado por outros membros da redação e até mesmo por leitores.

Sim, eu sinto. Sempre foi o meu estilo. Mas agora é muito mais fácil fazer isso. Eu tenho um padrão de trabalho agora que não tinha antes. Posso deitar na minha cama e enviar um e-mail ou as pessoas podem me enviar um e-mail. E é isso também, antes do *smartphone*, o celular só tinha uma função de sms. Agora as pessoas sabem que você está acessando instantaneamente por e-mail, sms ou até mesmo por dm do twitter, messenger. Antes eles tinham que passar por você no escritório ou ligar para você. Então, agora você tem acesso a muitas coisas, mas as pessoas têm acesso a você. Quando você trabalha na agência de notícias, você trabalha em um loop, é difícil cortar e sair do trabalho às 17 horas da noite (Larsson, 2023).

As relações simbióticas também atingem os profissionais em perspectivas pessoais. Julius Harro aponta que há uma pressão existente resultante das relações simbióticas. Ao apontar que desliga as notificações do seu dispositivo móvel, o profissional reconhece que há uma relação estressante por trás dos aparelhos e a conexão ininterrupta nas redações.

De acordo com um privado, a pressão. Acho que o telefone me pressiona e envia notificações de mensagens o tempo todo, mesmo que eu desligue as notificações de trabalho, ainda tenho uma rede enorme com familiares e amigos. Então pode haver pressão, então tento me comunicar o mínimo possível (Harro, 2023).

Nessa perspectiva, separar o pessoal do profissional se torna cada vez mais complicado para os jornalistas. Com as notificações 24/7 e as redações por aplicativos móveis é impossível se desconectar das informações correntes e do trabalho. Sofie Axelsson, por exemplo, aponta acreditar que esse é um fenômeno global no jornalismo.

Ai é difícil. Você só tem que aceitar, eu acho. Só tenho que aceitar que este é o campo que escolhi e me interesso por todas essas questões e quero saber a opinião de meus colegas sobre a sociedade que gira em torno desses tópicos, mesmo depois do horário de trabalho. Então, só para não estender, sim, tenho que aceitar que é assim que minha

vida é e não sou uma enfermeira que vai para casa depois do trabalho e vai para sua vida privada. Mas então, quero dizer, você pode tentar guardar o telefone e não receber notificação, mas eu também não quero fazer isso, como eu disse, sou curiosa e sei que isso é um problema, mas também é um problema global, eu acho (Axelsson, 2023).

Em suma, o que observamos com as entrevistas é que as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis proporcionam pelas *affordances*, além da velocidade da prática jornalística, um fenômeno de redações híbridas de jornalismo que ocorrem em espaços físicos e virtuais, por meio de aplicativos como *Microsoft Teams* ou *Skype*. Nesse contexto, a midiatização aparece não apenas como ambiência, mas como estrutural nas práticas e processos sociais inseridos na rotina jornalística em que se mudam os sentidos e os discursos devido a conexão 24 horas dos profissionais. Ou seja, o jornalista nunca sai da redação porque ela está nele. A redação é o conjunto de suas vivências, seu celular, seu lar e o local que as práticas interacionais acontecem.

Nesse contexto midiatizado, em que há uma gama infinita de informações sendo discutidas e produzidas nas redes sociais, o profissional de comunicação tem o seu papel ampliado e fundamentado pela necessidade de afirmar o que de fato é notícia. Em adição, as redações em dispositivos móveis permitem que os jornalistas trabalhem em e de qualquer lugar, remodelando a forma com a qual o profissional está acostumado a trabalhar: seja nas práticas de construção e produção, seja nas interações com os outros profissionais. A partir disso, parece haver uma presente crise psicossomática causada pela conexão constante e a necessidade de se atualizar por meio das redes sociais e dos aplicativos das redações *on-line*.

Outro tópico abordado nas entrevistas foi a relação que os jornalistas possuíam com os atores sociais. Esse debate é importante para compreender de que forma os atores sociais afetam o processo jornalístico. Como debatemos nos capítulos anteriores, no contexto da midiatização, os atores sociais já não são mais passivos na rotina jornalística, eles estão imbricados em jogos complexos de disputas de sentidos que remodelam o jornalismo midiatizado.

Marten Eidevall aponta que a *Sveriges Radio* monitora os discursos e sentidos existentes nas redes sociais, como o *Facebook*. Por um outro lado, para o jornalista, há uma determinada linha de filtro que deve ser traçada já que as mensagens recebidas devem ser questionadas e verificadas.

Sim, eles ligam e enviam e-mails. Mas sempre olhamos para o “mensagens” e para o *Facebook* para ver. Algumas pessoas em geral costumam ligar para o jornal. Algumas pessoas enviam mensagens com “isso está acontecendo, por favor, confira”. Quero dizer, é difícil reagir. Você responde a pessoa? Você envia para o editor? O que nós vamos fazer? Mas quero dizer, em geral é muito útil. Portanto, temos que manter essas linhas abertas e, quero dizer, não podemos simplesmente desligar o feed do *Facebook*, precisamos disso (Eidevall, 2023).

Na perspectiva de Julius Harro, enquanto jornalista de rádio, os atores sociais são parte do processo da construção de conteúdo, inseridos em lógicas de produção. O profissional ainda afirma que é comum pegar vozes das próprias mídias sociais para usar durante a produção da reportagem.

No rádio, principalmente, é muito importante que as pessoas participem de alguma forma. No meu canal de rádio, não temos muitas músicas, é um canal de rádio muito focado em notícias e, claro, precisamos das vozes das pessoas também, pois precisamos representar a sociedade. Então, quando vemos ou ouvimos as vozes nas mídias sociais, representamos um certo lado, uma certa opinião ou uma certa atitude sobre um assunto. Então, agora que essas vozes estão por aí e às vezes até pegamos as vozes das mídias sociais e as usamos em nossas reportagens de rádio para apoiar argumentos ou mostrar outros lados (Harro, 2023).

No ambiente em midiatização percebemos, portanto, que os atores sociais são parte do processo de produção jornalístico. Aqui eles não são apenas atores passivos ao processo, mas fontes de informação que complexificam e acrescentam novas formas e camadas ao fazer jornalístico, como sugestão de pautas, envio de materiais como fotografias e vídeos, e as próprias discussões nas redes sociais. Na midiatização, portanto, estão inseridos em lógicas de produção.

A editora do *Dagens ETC*, Signe Lidén, afirma que os atores sociais são participativos e que enviam ao jornal ideias de pauta, documentos, conteúdos e que entram em contato com certa frequência. Por outro lado, de certa forma, o movimento de enviar conteúdo aos jornais não é novo no jornalismo. A “carta ao leitor”, por exemplo, já existe há décadas.

Temos pessoas que nos enviam ideias e documentos sobre coisas que querem que escrevemos. Portanto, são todos os tipos de conteúdos, as pessoas ligam, escrevem cartas físicas, escrevem e-mails. Como “Você pode olhar para isso, acho que há algo importante aqui para você fazer uma pesquisa sobre isso” e recebemos muitas boas ideias dos leitores, mas nunca sabemos quando é bom ou não. E à medida que crescemos e ficamos mais visíveis, as pessoas nos enviam mais (Lidén, 2023)

Apesar da carta ao leitor já existir há um bom tempo nas práticas jornalísticas, o ambiente em midiatização proporciona processos sociais completamente diferentes. Os atores sociais não precisam mais enviar cartas ou e-mails aos jornalistas, eles acompanham todo o processo e produzem sentido a partir de narrativas pelas redes sociais como *Instagram* e *X*. Essas dinâmicas transformam o jornalismo não apenas no processo de recepção, mas também, em um processo de produção cotidiana de conteúdo.

A partir disso, há também um movimento nos jornais de observarem de que forma as discussões estão sendo engajadas nas redes sociais como no *X*, por exemplo. Clara Lee aponta que o *Dagens ETC* possui um profissional responsável por juntar essas informações e dados e

entregar como relatório para os jornalistas diariamente. A partir disso, podemos perceber que os atores sociais e os debates nas redes sociais são parte da construção jornalística e que eles podem alterar, de certa forma, os sentidos e discursos presentes nas questões sociais retratadas pelos profissionais. Nesse cenário, o jornalista se torna uma espécie de curador do que é notícia e do que de fato se torna interesse público e do público.

Sim, um dos caras que trabalha com publicidade e nessa área comercial do jornal faz esse resumo. Todos os dias ele coloca nos chats no Skype os TT, mas eu não sei afirmar se daí acontece algo. Eu não sei afirmar o porquê dele fazer isso, na verdade, mas a gente trabalha muito com. Eu não sei nem traduzir, não sei nem em inglês ainda, sabe quando você tem um artigo e para você ler você precisa de uma subscrição e aparece uma oferta ? Tipo, paga 10 coroas suecas e você pode ler o artigo. Isso a gente chama de conversão. Isso é um pouco estressante às vezes. Inclusive esse cara publica todos os dias no chat quais artigos ganharam essas conversões também. Então eu sinto que a gente está muito consciente disso, entendeu? Essa entrevista que eu fiz com uma escritora sueca, resultou em várias novas subscrições ou conversões. Alguns ficaram e aproveitaram a oferta e outros saíram depois de ler a matéria. Claro que isso de alguma forma dá um impacto e há uma discussão sempre viva na redação. Não podemos ficar cegos com esses números. Só o jornalista que escreve um artigo assim é bom. Cada um precisa fazer suas coisas, às vezes é algo chato e não ganha muita atenção. O que modifica o status social dentro da redação, fica um pouco estranho (Lee, 2023).

Lars Larsson, por outro lado, traz ao debate outra perspectiva sobre os assuntos mais comentados no X e a forma com a qual eles se inserem no debate jornalístico. Para o repórter, o X é apenas um retrato e não representa o “real” debate social. Além disso, o autor ainda aponta para o grande número de contas *fake* e *trolls* na rede social.

Sim, é e acho que talvez tenhamos uma imagem distorcida. Se você é um jornalista e está no twitter ou se você é uma pessoa interessada na mídia, político, seja o que for, você pode ter uma imagem errada do que as pessoas acham que é importante. Se você for pelo que é só trading no twitter. Não sei, talvez você também estude isso. Talvez 10% do povo sueco esteja ativo no twitter, verifique ou tenha uma conta no twitter. Então o que rola por aí talvez diga respeito a poucas pessoas ou ao público. Então você tem que ter cuidado com isso (Larsson, 2023).

Os atores sociais na Suécia parecem fazer parte do processo a partir de suas discussões nos meios digitais. Os diversos discursos e sentidos que surgem contribuem para as pautas do jornalismo, modificando, de certa forma, o que conhecemos por *gatekeeping* e *gatewatching*. Por outro lado, não realizar o processo etnográfico dentro das redações não me permitiu observar esse fenômeno *in natura*. Ou seja, o que se traz na tese é a percepção e a perspectiva de jornalistas que, muitas vezes, estão tão imersos no contexto em que trabalham que não conseguem distinguir fenômenos vigentes.

O próximo tópico da tese é focado no processo etnográfico no Brasil. A pesquisa foi realizada na redação do jornal Paraná Portal, parceira do grupo J Malucelli no estado do Paraná.

7.2 O Jornalista em etnografia – perspectivas de observação de uma redação em transformações no Brasil

A etnografia, enquanto movimento metodológico, nos permite adentrar as idiossincrasias de um contexto. Nesse sentido, o processo etnográfico realizado enquanto sujeito-pesquisador na Suécia me proporcionou compreender de que forma a mediação opera suas lógicas no jornalismo no país escandinavo. Em contrapartida, sem realizar um processo metodológico do mesmo nível no Brasil, seria leviano apontar que as lógicas de mediação encontradas na Europa são espelho das características brasileiras.

A partir disso, a tese buscou realizar um processo de observação participante em uma redação de jornalismo no Brasil. Como já havia realizado um contato prévio, a primeira opção de observação foi o Paraná Portal. Tal qual explicado no capítulo metodológico, o Paraná Portal é uma redação relativamente pequena localizada em Curitiba, no Paraná, mas que possui uma relevância no cenário estadual por pertencer ao grupo J.Malucelli (que também incorpora o grupo Band no estado).

A primeira tentativa para realizar a observação aconteceu no mês de Setembro de 2023, porém, naquele momento, o Portal passava por modificações estruturais no publicador do site e não seria possível realizar a observação. Por conta disso, optamos por manter a data de observação para o final do mês de novembro, quando os jornalistas já estariam acostumados aos procedimentos da nova ferramenta da redação.

Em meados de novembro, entrei em contato com a coordenadora geral de Jornalismo, Lorena Malucelli Pelanda, que autorizou o processo de observação da redação por um período de duas semanas consecutivas. Assim, o processo etnográfico ocorreu na redação do Portal Paraná entre os dias 20 de novembro de 2023 até 01 de dezembro de 2023, totalizando 10 dias úteis de observação⁵⁸.

Para compreender o melhor funcionamento da redação, dividi a observação em duas etapas. A primeira ocorreu no período da manhã durante a semana de 20 a 24 de novembro. As observações seguiram do período entre 7h30 até 12h⁵⁹. A segunda etapa foi realizada no período

⁵⁸ É importante ressaltar que durante os finais de semana os jornalistas fazem o plantão de suas casas. Vemos aqui, portanto, mais um indício de que o espaço da redação física não é mais primordial para as práticas jornalísticas. Durante o restante do capítulo, tencionamos novamente essas questões.

⁵⁹ O horário de chegada e saída de cada dia pode ser observado nos protocolos de observação em apêndice na tese.

da tarde na semana entre os dias 27 de novembro de 2023 e 1 de dezembro de 2023 e, em média, o processo se deu entre 12h30 às 17h.

A divisão entre semanas e horários distintos se deu justamente pela necessidade de observar as lógicas e operações de mediação na totalidade do funcionamento da redação e das práticas jornalísticas. Durante o período da manhã, dois jornalistas trabalham no portal e durante o período da tarde três profissionais. Como forma complementar do processo etnográfico de observação e de análise do cenário do jornalismo mediado, entrevistamos três jornalistas que trabalham no Paraná Portal.

7.2.1 A descrição do ambiente físico – compreendendo a estrutura social e física do local de análise

Como dito no capítulo anterior, para compreendermos as práticas e processos sociais que remodelam o fazer jornalístico precisamos ir além do que está à nossa frente, é preciso englobar todos os aspectos da análise. Ao contrário da investigação realizada em Estocolmo, a pesquisa desenvolvida no Brasil integrou uma observação *in-loco* de uma redação de jornalismo.

Descrever o local da observação, portanto, é descrever parte da ambiência em que o conjunto de operações midiáticas ocorre. O Paraná Portal pertence ao grupo J.Malucelli que abrange BandNews FM, Rádio Alpha FM, TV Band Maringá. A casa que sedia o grupo de comunicação na cidade de Curitiba é localizada no bairro Pinheirinho, conhecido na capital paranaense por ser local em que a maioria dos veículos de comunicação estão localizados.

A residência de três andares fica ao final de uma rua sem saída. No primeiro andar estão localizadas as rádios Alpha FM, BandNewsFM, além de quatro banheiros (dois femininos e dois masculinos) e uma cozinha coletiva que é usada por todos os jornalistas e profissionais que trabalham no local. O segundo andar da residência é composto por três salas. A primeira, à esquerda de quem chega no andar, é o financeiro e a da direita é o comercial. No fundo do corredor está localizada a sala pertencente ao Paraná Portal. O terceiro andar é acessado por uma escada em caracol que dá acesso à sala do chefe geral.

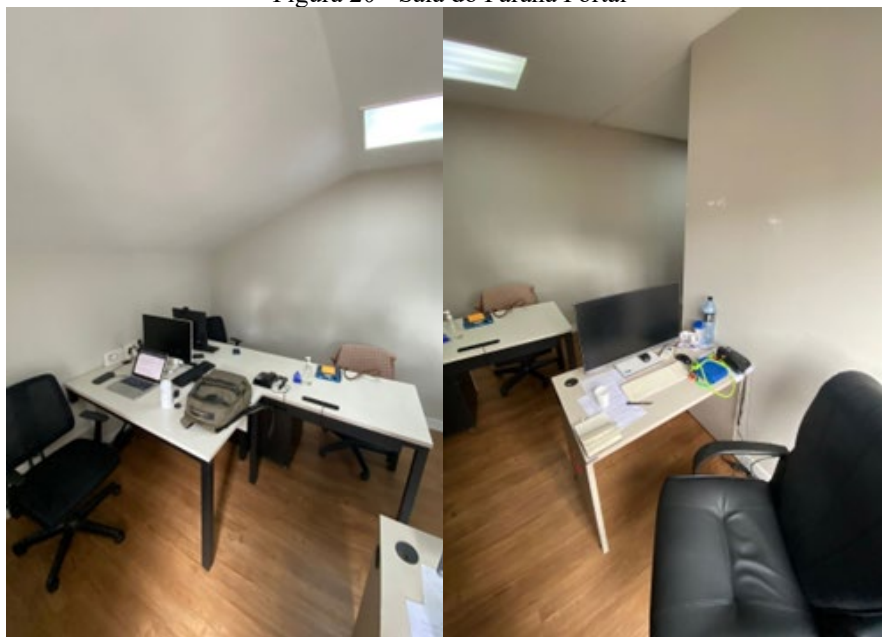
Figura 19 - Imagem externa da redação



Fonte: Reprodução, autor (2024)

Observei que a sala em que se encontra o Paraná Portal é simples, mas possui espaço suficiente para o trabalho de todos os profissionais que lá atuam. São três mesas equipadas cada uma delas com um computador da marca LG, as cadeiras são de escritório e todas possuem um conforto razoável. Há também um ar-condicionado para dias quentes, fones de ouvido que são disponibilizados para os profissionais, além de telefones fixos que podem ser usados. A sala pode ser vista na imagem a seguir.

Figura 20 - Sala do Paraná Portal



Fonte: O autor (2024)

Ao longo dos dez dias de observação, concluí que fisicamente a redação é um espaço que contempla as necessidades das práticas jornalísticas. Há interação dos membros da redação com outros profissionais que trabalham na casa, o que, muitas vezes, favorece o tensionamento das questões relativas à redação. Vale ressaltar que a sala da chefe da redação, Lorena Pelanda, não fica no mesmo andar do Paraná Portal. Como Lorena é chefe da BandNews FM e do Paraná Portal, sua sala fica no primeiro andar. Com isso, muito da comunicação da chefia com os jornalistas acontece de forma *on-line*. No entanto, em todos os dias de observação, Lorena aparecia na sala para conversar com os jornalistas da manhã e da tarde.

O próximo tópico aborda justamente o cerne da pesquisa: os sujeitos atuantes e de que forma os dispositivos são utilizados nas práticas jornalísticas, como eles remodelam o modo como pensamos o jornalismo enquanto profissão e no campo científico.

7.2.2 A observação dos sujeitos atuantes – práticas e processos comunicacionais em um contexto midiaticado para além do espaço físico

A redação de jornalismo do Paraná Portal, fica a apenas 12 minutos de carro da minha residência, no centro de Curitiba. Ao chegar no primeiro dia, fui recebido pela coordenadora de jornalismo, Lorena Malucelli Pelanda, que me apresentou o prédio e a sala em que o Portal está estabelecido. Ao todo, cinco jornalistas trabalham no jornal e são divididos em dois períodos distintos conforme supracitado.

Um ponto relevante para a análise está justamente nos horários dos jornalistas. Nenhum dos profissionais do Paraná Portal precisa, aos finais de semana, comparecer à redação física. Ou seja, todo o trabalho é realizado do local em que eles se encontram. Aqui fica evidente que o que foi possível observar com as entrevistas realizadas na Suécia, o espaço físico é importante pela troca e interação entre os profissionais, mas não é essencial às práticas jornalísticas⁶⁰.

Por conta dos plantões fora da redação no final de semana, as observações totalizaram dez dias. Em média, após combinado com a coordenação de jornalismo, foram realizadas quatro horas de análise por dia e um total de aproximadamente 40 horas. Para o melhor desenvolvimento da análise da observação, este subcapítulo foi dividido em três etapas. A primeira delas com os jornalistas que trabalham entre 7h e 13h; a segunda parte com profissionais que trabalham entre 13h e 20h; e uma última etapa em que refletimos sobre o universo observado.

A análise se deu dessa forma pois compreendemos que os sujeitos observados, apesar de algumas similaridades, possuem maneiras distintas de interagirem entre eles, o que modificou muito o processo de observação⁶¹.

7.2.3 O Paraná Portal durante o período da manhã

Durante o período da manhã, dois jornalistas ocupam a redação: Mirian Villa e Rafael Nascimento. O primeiro a chegar no local de trabalho é Rafael, por volta das 7 horas da manhã. Uma hora depois, Mirian chega. Além do Paraná Portal, Mirian trabalha no período da tarde na BandNewsFM. Ou seja, os comportamentos da jornalista e as interações que perpassam suas relações enquanto sujeita estão imbricadas em duas redações que residem no mesmo ambiente físico, aqui o jornalista é multimidiático. Em outras palavras, ele necessita compreender a forma de diversos formatos e produtos jornalísticos.

Ao ser apresentado pela coordenadora de jornalismo, Mirian brincou dizendo que “se sentia coagida com a minha presença”. A fala da jornalista remete justamente aos desafios de se realizar uma etnografia, ser compreendido não como um estrangeiro, mas como parte do grupo, ou, pelo menos, como uma figura isenta no ambiente. Como é possível verificar nos

⁶⁰ Desenvolvemos mais esses pontos ao longo do tópico com as observações e as entrevistas.

⁶¹ Os jornalistas da manhã interagem mais do que os jornalistas do período da tarde. Com isso, durante o período da tarde, precisei muitas vezes observar o que os profissionais faziam diretamente nos seus computadores. Algo que ocorreu poucas vezes durante o período da manhã.

protocolos de observação em apêndice ao final desta tese, a fala da jornalista se repetiu algumas vezes até que minha presença se tornou contínua, um retrato conhecido no cotidiano da redação.

Enquanto pesquisador, o que me chamou a atenção é justamente o que sobressai nas interações entre os profissionais. Nas falas, nas sobras, no que vaza e que vai além da observação, está o que transcende a materialidade em si e toma corpo para um estado em que há uma "resposta" para os questionamentos feitos pela tese.

Isso foi possível observar logo no primeiro contato com o Rafael. Logo após Mirian chegar na redação, de manhã, as primeiras interações entre ela e Rafael são sempre sobre como está a situação do Portal e o que aconteceu no cotidiano de cada um. Rafael, portanto, em conversa com a Mirian, afirmou que bateu seu carro durante a manhã pois estava acompanhando o grupo do *WhatsApp* da Polícia Rodoviária Federal para checar as informações. Nesse mesmo momento, Mirian perguntou sobre como havia sido o acidente e Rafael falou que estava olhando o celular e os grupos do *WhatsApp* e achou que o carro da frente havia acelerado após a abertura do sinal verde do semáforo. Após alguns minutos de conversa sobre o caso, Mirian brincou que Rafael estava tentando ajudar na minha tese e que o caso era bem “o que eu estava procurando”.

O caso do jornalista nos leva a duas inferências principais que permeiam as discussões que abordaremos neste capítulo. A primeira delas, que o aplicativo do *WhatsApp* funciona como uma extensão do trabalho do profissional, assim como o *Microsoft Teams* e o *Skype* funcionavam na Suécia. O segundo ponto está justamente nos meandros da própria profissão – o jornalista deve se informar o tempo inteiro e, com isso, não há divisão do horário de trabalho. Nesse sentido, a simbiose está inserida como parte cotidiana de uma ambiência que é midiaticizada, em que as práticas e os processos sociais são constantemente alterados por lógicas de mediação.

Seguindo a primeira inferência descrita no parágrafo acima, fica evidente que o uso do aplicativo *WhatsApp* é essencial para que as práticas jornalísticas da redação sigam em fluxo. Primeiro, pela mudança direta que o jornalista agora tem com a fonte.

Muito se discutiu sobre o jornalismo mediaticizado a partir da mudança da perspectiva de um ator social ativo. Aqui a discussão vai além, não só o ator social é ativo como a interação do jornalista com suas fontes de informação perpassa por grupos *on-line*, alterando essas relações enquanto dispositivos interacionais. Em diversos momentos da observação, Rafael e Mirian conversaram sobre mensagens recebidas em grupos como o da Polícia Civil ou Prefeitura de Curitiba. Além disso, em outros momentos os dois jornalistas alertaram para

pautas que receberam por meio do *WhatsApp* – seja de um determinado ator social ou da própria coordenadora de jornalismo.

Isso nos leva a observar mais uma mudança da estrutura do jornalismo. Enquanto observador, me parece que não há mais reunião de pauta nas redações de pequeno porte. Os assuntos relevantes emergem justamente das discussões dos grupos e do que os jornalistas recebem em seus objetos técnicos. As interações e decisões importantes da redação são tomadas em conjunto nos grupos presentes nos dispositivos. Em nenhuma manhã, por exemplo, houve uma reunião presencial com os membros da redação e a chefia. Em outras palavras, percebemos uma nova proposta de redação de jornalismo em que há uma mudança no arranjo disposicional da redação.

A partir disso, abordaremos outra inferência: a redação em ambiente *on-line*. Constantemente, Mirian e Rafael se referiam aos grupos da redação e, principalmente, para as interações que ocorriam dentro do grupo: jornalistas que produziam determinada pauta, conversas internas como escalas de plantão, discussão sobre reportagens, etc. Parte dessa extensão para o ambiente *on-line* está estruturada em duas esferas: a primeira delas com a pandemia de Covid-19, é notório que os grupos já existiam antes da crise de saúde global, porém, a partir das tensões e necessidades criadas pela pandemia, o processo de utilizar o grupo para uma função multitarefa se consolidou; o segundo ponto está justamente na oportunidade dos jornalistas em não precisarem estar no espaço físico da redação durante os fins de semana. Com o plantão sendo realizado em qualquer local, houve uma necessidade de adaptação na forma não somente para produzir as matérias, mas para afinar as interações.

Outro ponto relevante da observação é que o ambiente de interação *on-line* vai para além dos espaços e discursos de trabalho, ele é também utilizado para questões pessoais dos profissionais. Em vários momentos, Mirian e Rafael comentaram sobre mensagens no grupo do “amigo secreto” do final de ano, por exemplo. Em outras palavras, o *WhatsApp* vai além de uma extensão da redação, ele é extensão das relações. A partir disso percebemos outra lógica midiaticizada que é alterada, há um jogo complexo de *feedbacks*, de trocas, entre os atores em processo.

Os celulares, objetos técnicos, também possuem uma função de apoio para as práticas jornalísticas para os dois jornalistas em graus diferentes. Mirian, por exemplo, além de receber imagens para as reportagens diretamente dos grupos de *WhatsApp*, e conversar com as fontes, usava as funções do aparelho como suporte para o seu dia a dia como a função alarme. Rafael, no entanto, ia além. Durante todos os dias de observação, o jornalista utilizou o seu dispositivo

móvel para assistir aos jornais Bom dia Paraná e Bom dia Brasil. Aqui o dispositivo funcionava como um apoio para a própria profissão. Enquanto escrevia as reportagens para o Portal Paraná, Rafael continuava se informando das notícias do Estado e no Brasil pelo telejornal.

É nessa lógica que os dispositivos também se apropriam da própria televisão a partir de aplicativos como o da *Globoplay*, aqui voltamos novamente ao que categorizamos como o jornalista no lugar de curadoria da informação. O profissional não é apenas aquele que publica a notícia, mas que observa o que é discutido e filtra o que é necessário para a sua realidade.

Em suma, foi possível observar que, no período da manhã, os jornalistas do Paraná Portal utilizam seus dispositivos móveis como uma extensão da própria redação e da profissão do jornalista. A simbiose presente mostra que os atores em processo estão imbricados em lógicas midiáticas em que os dispositivos móveis são primordiais para o fazer jornalístico. Os grupos de *WhatsApp* concentram não apenas os contatos com as fontes, mas as próprias interações e engrenagens que fazem o processo da redação funcionar. Como próxima etapa, analisamos de que forma esses processos acontecem na redação no período da tarde.

7.2.4 O Paraná Portal durante o período da tarde

A segunda semana de observação participante aconteceu no período da tarde na redação do Paraná Portal, seguindo o mesmo ritmo do período observado (4 horas). A segunda etapa foi realizada no período da tarde na semana entre os dias 27 de novembro de 2023 e 1 de dezembro de 2023 e, em média, o processo se deu entre 12h30 às 17h.

Durante o turno da tarde, a redação contava com três jornalistas trabalhando: Francine Lopes, Pedro Melo e Angelo Sfair. Assim como Mirian Villa, Francine e Angelo também são funcionários da BandNewsFM, e trabalham no rádio durante o período da manhã. É importante destacar, também, que Francine Lopes⁶² estava na redação cobrindo férias e não faz parte do quadro de jornalistas de uma forma fixa.

O primeiro ponto que me chamou a atenção, no entanto, foi com o jornalista Pedro Melo. Pedro é responsável por cobrir apenas esportes na redação. Ou seja, o foco de suas reportagens está em apenas uma editoria. Por ser responsável por cobrir os jogos, coletivas de imprensa de clubes e eventos *in-loco*, Pedro se adequa ao “jornalista clássico”⁶³. Mesmo assim, durante a

⁶² Durante o período, a jornalista cobria férias do jornalista Vinicius Cordeiro no Paraná Portal.

⁶³ O uso das aspas é proposital para questionar e relativizar o que de fato é o jornalista clássico em 2024.

observação, o *smartphone* e os dispositivos, de uma forma geral, pareciam ser essenciais em suas práticas diárias.

No segundo dia de observação, por exemplo, Pedro havia voltado de uma coletiva de imprensa e estava com, além do computador da redação, um *notebook* e um celular. Em suas práticas diárias, assim como os outros jornalistas, o *WhatsApp* era um aliado para buscar informações e trocar fontes com outros profissionais. Isso me fez perceber que mesmo os jornalistas que atuam fora da redação utilizam essa extensão como parte cotidiana de suas práticas.

Os grupos de *WhatsApp* das redações também fazem parte das práticas que permeiam o modo de trabalho da jornalista Francine Lopes. A jornalista era sempre a primeira a entrar no período da tarde, logo após o almoço, às 13h. Por isso, durante uma hora, eu me concentrava em observar seus métodos de produção e a forma que os dispositivos móveis eram usados.

Em diversos momentos que podem ser acompanhados pelos protocolos, Francine questionava os outros membros da redação, como Mirian, sobre seu processo de construção da reportagem: se o título estava adequado, se a fotografia ficava condizente com a proposta da pauta. O que vemos nesse caso, portanto, não é apenas uma extensão da redação de jornalismo que agora ocupa o ambiente *on-line*, vemos também uma extensão das interações de trabalho, de quem somos e o que pensamos, algo que Derrick de Kerchove já alertava.

Já o papel de Angelo da redação me recordou o do antigo editor chefe, todos os dias Pedro Melo e Francine Lopes conversaram com Angelo sobre que horas poderiam agendar suas reportagens para o período da noite. Em outras palavras, há uma determinada hierarquia que paira sobre essas relações. Angelo, também, é o jornalista que mais tempo trabalha no Paraná Portal dos três.

Sobre suas práticas cotidianas, Angelo segue a mesma linha de raciocínio e planejamento das reportagens dos outros dois jornalistas, na qual há um forte uso das redes sociais como *WhatsApp* – principalmente para o contato com a redação. Em determinado dia, Angelo pediu para Pedro um contato de um advogado do STJD⁶⁴ a pedido de Lorena. Prontamente, Pedro avisou que estaria enviando o contato por *WhatsApp* e que a fonte era ótima pois “respondia sempre”. É possível observar, portanto, que as interações e relações acontecem ao mesmo tempo no ambiente *on-line* e offline, não há uma linha de separação entre os dois momentos, ou seja, as lógicas midiaticizadas são híbridas.

⁶⁴Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

No quarto dia de observação no período da tarde, Mirian apareceu na redação para falar com Francine Lopes sobre uma pauta que iria realizar pela BandNewsFM. Mirian estava com dois celulares na mão, o que me chamou atenção. Em um dos celulares havia um microfone da Band e um adesivo com o nome do veículo de comunicação. Ao observar a cena, perguntei à Mirian sobre o celular que prontamente me explicou que a rádio disponibiliza os dispositivos móveis para os jornalistas utilizarem em externas. Mesmo a BandNews FM não sendo objeto de análise central desse estudo, foi possível observar que as dinâmicas do jornalismo também se remodelaram em uma das mais tradicionais companhias de comunicação do Brasil.

Sobre as redes sociais, tanto no período da manhã quanto no da tarde, há um duplo processo de inserção. Primeiro, todos os profissionais, após escreverem suas reportagens, são responsáveis por alimentar o *Facebook* e o X do portal de notícias. Por outro lado, redes sociais como *Tiktok* e *Instagram* não parecem ter o mesmo peso no processo de divulgação das notícias⁶⁵.

Em um segundo momento, as redes sociais e os conteúdos presentes parecem servir como alternativa para as discussões e construção das reportagens, trago dois exemplos: Francine Lopes, ao utilizar uma fotografia de câmera de segurança, percebeu que a imagem ficou distorcida no carrossel⁶⁶. Durante alguns minutos Francine buscou no *Instagram* da Polícia Rodoviária Federal ou a partir de *tags* alguma fotografia que pudesse ocupar o lugar do *print* da câmera de segurança. Ou seja, aqui as redes sociais alimentam como conteúdo as funções jornalísticas; em um outro momento, conversando com Mirian Villa, debatemos sobre como um caso estava sendo comentado pela população no X. Naquele dia, Mirian disse que iria acompanhar o caso para o Portal pois as discussões nas redes estavam crescendo. No dia seguinte, o caso era considerado uma das matérias do dia e estava saindo em todos os jornais da cidade, televisão, rádio e portais. Em outras palavras, os debates existentes entre os atores sociais nas redes sociais são de suma importância para as práticas e os processos jornalísticos, aqui está a discussão de Antônio Fausto Neto e Ana Paula da Rosa sobre os atores sociais ativos no processo e sobre Fagia Midiática.

Em resumo, o que observamos no período da tarde, em adição com a prévia estudada no período da manhã, é que a redação do Paraná Portal se tornou uma redação midiaticizada, um espaço de interação desterritorial que emerge das relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis e das necessidades de uma ambiência em processo de midiaticização a partir

⁶⁵ É importante destacar que o Paraná Portal a partir de abril de 2024 começou a utilizar também o *instagram*.

⁶⁶ Conjunto de matérias principais que aparecem em destaque no site do Portal Paraná. Pode ser visto ao acessar o site paranaportal.com.br

de aplicativos como o *WhatsApp*. Nessas condições, as lógicas de midiatização que incidem entre os atores em processos tensionam novas práticas sociais. Em outras palavras, as práticas sociais nas redações também estão midiatizadas.

A próxima etapa da tese é fundamental para a compreensão das relações simbióticas na redação do Paraná Portal: dar voz aos jornalistas e questionar as práticas e processos observados durante os 10 dias é essencial para o desenvolvimento do que buscamos.

7.2.5 A voz dos sujeitos sobre práticas e processos em transformação – entrevistas com os profissionais da redação

A observação dos sujeitos foi fundamental para compreender de que forma os dispositivos móveis remodelam as práticas jornalísticas em um ambiente em midiatização, principalmente a partir de espaços desterritoriais da redação e a extensão da relação com as fontes para grupos *on-line*.

Porém, assim como no movimento sueco, é essencial dar voz aos jornalistas para complementar e tensionar o que foi observado durante o processo etnográfico. Para isso, foram realizadas três entrevistas em profundidade com jornalistas do Paraná Portal. É importante destacar que o número de entrevistados, apesar de um *corpus* pequeno, corresponde a mais da metade da redação, que possui cinco profissionais.

As entrevistas ocorreram após o período de observação, a fim de complementar o que foi observado, detalhado e escrito na tese. O principal objetivo das entrevistas foi compreender de que forma as redações midiatizadas, a partir de espaços desterritoriais, influenciam nas práticas jornalísticas com dispositivos móveis e de que forma os jornalistas expressam suas relações com os celulares e como mudam-se os dispositivos interacionais a partir dessa perspectiva.

Apesar de ser descrito como essencial para os jornalistas, Pedro Melo, aponta que os celulares atrapalham uma cobertura mais elaborada sobre conteúdos factuais do jornalismo.

O uso dos celulares traz a informação até a redação, e com uma facilidade muito grande. Os leitores ajudam os jornalistas com detalhes dos acontecimentos pela cidade, o que contribui bastante com o nosso trabalho do dia a dia dentro da redação. Por outro lado, vejo que tem um ponto negativo. Com essa facilidade de se obter as informações, houve uma redução na quantidade de saídas da redação. Eu ainda vou aos jogos com certa frequência até pela preferência de acompanhar os jogos do estádio, mas o uso do celular atrapalhou para que houvesse uma cobertura mais elaborada dos assuntos mais factuais (Pedro Melo, 2023).

O que percebemos com os grupos de *WhatsApp* para fontes oficiais é um distanciamento do jornalista do local factual do acontecimento físico, invertendo a clássica jornalística de que “o lugar do profissional é na rua”. Há nessa lógica, apoiada em uma ambiência em midiatização, uma dualidade em tensão. Ao mesmo tempo que a desterritorialização causada pelos dispositivos móveis e o acesso à internet nos conecta a qualquer local, ela nos distancia das singularidades reais dos indivíduos, dos vestígios que só são possíveis de serem observados nos detalhes. Com isso, alteram-se não somente as práticas em vigência, mas o modo pelo qual criam-se conexões entre e disputas de sentido entre os atores sociais.

Essas alterações partem de interações e produções. Os jornalistas apontam para uma maior comodidade e facilidade em realizar as atividades diárias dentro da redação. Vinicius Cordeiro⁶⁷, por exemplo, destaca a fluência nas interações entre os profissionais e a forma na qual o ambiente *on-line* agiliza o processo jornalístico.

Olha, para mim, sempre para agilizar o processo. Às vezes não dá tempo de cobrir ou produzir algo de determinado assunto, mas você antecipa algumas informações para o colega que está na redação ou produzindo de casa no plantão. É uma forma de facilitar o nosso trabalho (Vinicius Cordeiro, 2023).

Os dispositivos interacionais das redações também são alterados com as lógicas midiatizadas presentes em um ambiente desterritorial. Aqui os processos, atores e circunstâncias são remodelados a partir dos grupos *on-line*. Nesse sentido, todo o processo do fazer jornalístico sofre alterações, seja no contato com a fonte ou nas próprias interações entre os jornalistas no ambiente digital.

Há, por outro lado, outra discussão que emerge das relações simbióticas entre dispositivos móveis e jornalistas e a extensão das redações para os espaços desterritoriais: a pressão por estar conectado e se informando 24 horas. Mirian Villa, aponta que é preciso ficar atento aos sinais da saúde mental em um ambiente conectado.

Eu acho que facilita, em termos gerais. É mais prático para pedir ajuda, contatos, notas, posicionamentos. Mas é preciso ter atenção para não extrapolar a saúde mental *versus* horário de trabalho. É uma linha muito tênue, porque você pode ficar *on-line* e informado 100% do tempo, sobre o que acontece no trabalho, mas também pode deixar de descansar a cabeça porque tem acesso muito fácil a essas informações (Mirian Villa, 2023).

Ainda segundo a jornalista, houve um momento em que a relação com o consumo de informações e a necessidade de estar em contato com as engrenagens da redação era evidente.

⁶⁷ É importante ressaltar que Vinicius Cordeiro não estava presente durante a observação pois estava de férias. No entanto, entrevista-lo é essencial por ser o jornalista a mais tempo em atividade no Portal.

Agora é uma relação bem tranquila, mas quando eu saí de estagiária para editora era uma relação bem conturbada e tóxica que eu achava que eu precisava ficar conectada o tempo inteiro e 24 horas por dia e saber o que estava acontecendo. E eram notícias pesadas no veículo que eu trabalhava, não eram notícias mais leves. Então, foi bem difícil. Hoje em dia é uma relação mais pacífica. Eu tento, quando estou de folga, estou de folga. Quando não estou no meu horário de trabalho eu posso ler, mas não tomo decisões (Mirian Villa, 2023).

A sensação da conexão 24/7 é um reflexo dessa ambiência midiaticizada em que há uma gama infinita de informações que surge não somente nas redes sociais, mas que se difunde para nossas relações pessoais e de trabalho por meio dos grupos, redes sociais e produção de sentido.

É notório que o jornalismo é uma profissão que, em sua essência, necessita de consumo de informações. Porém, ao mesmo tempo, é inegável que há uma demanda de consumo muito maior pelo ambiente e contexto social que estamos. Parte disso, por exemplo, pode ser atrelado à crise do jornalismo ou a “quebra” de confiança na mídia tradicional.

Com essas questões pairando sobre a profissão, o jornalista se sente pressionado a demonstrar seu valor social. Essas tensões, como dito anteriormente, também estão relacionadas ao que Antônio Fausto Neto determina como um ator social ativo no processo jornalístico. É nessa perspectiva que as lógicas de midiaticização se sobrepõem às lógicas de mídia, o fazer dos atores pressiona e afeta o fazer do próprio jornalista.

Com isso, os repórteres lidam com outros fatores externos àquilo que é a base da profissão (apuração, fontes, monitoramento das redes sociais), eles lidam principalmente com uma gramática de reconhecimento que afeta sua produção. Sobre esse processo, o jornalista Pedro Melo, afirma justamente que sente uma necessidade e compreende a importância de um profissional de comunicação estar ciente dos fatos.

Pressão não sei se é a palavra certa, mas sei da necessidade e da importância de estar ligado o tempo todo para não perder nenhuma informação. Eu, como o responsável pelo esporte, olho as notícias esportivas até fora da hora do trabalho para estar antenado do que está acontecendo (Pedro Melo, 2023).

Há na fala do jornalista, no entanto, uma questão importante: mesmo negando que haja pressão em estar conectado 24 horas o próprio profissional afirma que enquanto não está no horário de trabalho acompanha o que acontece. A fala, porém, me remete a outro caso observado durante o período da pesquisa, quando o Rafael Nascimento afirmou que bateu seu carro enquanto ia para a redação observando os grupos de *WhatsApp*. O fato nos mostra algo que é inerente ao contexto midiaticizado em que vivemos.

A pressão existe já que a quantidade de informações que é debatida e a quantidade de sentidos que são produzidos a partir de discursos nas redes sociais obrigam os profissionais a se adentrarem, cada vez mais, em um número significativo de assuntos, histórias e fatos. É aqui

que podemos destacar dois aspectos centrais visíveis da mudança do jornalismo que não são centrais nessa tese, mas que perpassam por questões relativas à midiatização e a remodelação das práticas jornalísticas: o primeiro deles é a criação da checagem de fatos, do que é verdadeiro e do que é falso, no que se discute e se compartilha pelas redes sociais; a partir desse ponto nasce o segundo aspecto, a propagação de informações falsas em grupos de *WhatsApp* e o debate do papel real do ator social na divulgação de informações jornalísticas.

De fato, os grupos em redes sociais como o *WhatsApp* parecem ser um fator divisório e crucial para o processo de midiatização do jornalismo. Vinicius Cordeiro, por exemplo, pontua que esses locais são a principal forma de se comunicar, hoje em dia, com as fontes oficiais como a prefeitura, polícia e assessorias de imprensa.

Hoje eu participo em algo entre 25 e 30 grupos mais ou menos. É a porta de entrada para a maioria das fontes atualmente, principalmente para as fontes oficiais como as corporações, como a polícia, e instituições do governo (Vinicius Cordeiro, 2023).

Em uma perspectiva similar, Mirian Villa aponta que os grupos são necessários não apenas pelo contato com as fontes oficiais, mas para a própria produção e construção da reportagem.

É, esses contatos principalmente com a polícia são bons porque já dá mais agilidade para informação. Eles mandam fotos, detalhes, o tanto de quilômetros, por exemplo, que está interditado, enfim. E hoje eu acho que, contando com os grupos do trabalho, são uns dez. Hoje dia são menos porque a minha maturidade veio. Eu não vejo hoje a necessidade de participar de tantos grupos (Mirian Villa, 2023).

O que nos é mostrado, portanto, ultrapassa os limites de um espaço de contato. Os grupos de *WhatsApp* enquanto dispositivos interacionais são essenciais não apenas para a interação, mas para o fazer jornalístico. Nessa ambiência midiatizada, mudam-se as lógicas do jornalismo e do próprio jornalista. Informações essenciais e materiais são enviados instantaneamente para um grupo com jornalistas do estado inteiro ao mesmo tempo, acelerando ainda mais o processo anterior do e-mail. O que temos, portanto, é um jornalismo ainda mais ágil e em que as relações entre atores sociais, fontes e jornalistas é ainda mais estreita graças aos processos inseridos pelas lógicas de midiatização presentes nos grupos e redes sociais.

Como expressado anteriormente nesta tese, compreendemos que as mudanças do paradigma do jornalismo foram amplificadas com a pandemia de Covid-19. Isto é, o jornalismo já se remodelava antes da crise de saúde, porém, com a necessidade de adaptação social, econômica e física, esse movimento foi realizado de maneira mais veloz. Nesse sentido, os processos jornalísticos e os espaços de trabalho também foram alterados. Mirian Villa, afirma

que apesar da falta de segurança, a pandemia foi essencial para consolidar a forma que os dispositivos eram utilizados dentro e fora da redação.

Nos primeiros meses foi ótimo. Levando em consideração a insegurança na época de trabalhar presencialmente. E os dispositivos, nessa época, foram mais lapidados, pelos jornalistas de redação e pelas assessorias (...) Eu não acreditava que trabalhava o tempo todo, porque cumpria bem certinha a carga horária estipulada. Mas achava que precisava consumir informação o tempo todo (Mirian Villa, 2023)

Outro ponto relevante da fala da jornalista está justamente em algo que debatemos anteriormente: a necessidade de consumir informação o tempo inteiro. A pandemia, em aderência ao ambiente midiático, amplificou a forma não apenas do volume de informação, mas também alterou a forma de consumo. O jornalista Pedro Melo reforça a concepção de que os dispositivos foram essenciais durante o período pandêmico e que a adaptação foi desafiadora.

Eu vivi duas situações diferentes na pandemia. Até o fim de abril de 2021, eu trabalhei normalmente no presencial e não tive a experiência de home office. Só comecei a trabalhar de casa em maio de 2021, quando entrei no Paraná Portal. Mas a experiência que tive de home office foi desafiadora por ser uma novidade na época. E usava bastante os dispositivos até para reunião para a equipe e era a única forma de entrar em contato com as pessoas para conseguir informações e para fechar as matérias (Pedro Melo, 2023)

Como tensionado anteriormente, a pandemia proporcionou aos profissionais de jornalismo a possibilidade de trabalhar em diversos lugares. Esse fenômeno, mesmo com o avanço da vacinação e o controle do estado pandêmico, prevaleceu em algumas redações, como no caso do Paraná Portal. No jornal paranaense, ao fim de semana, os jornalistas realizam plantões. Em essência, as coberturas podem ser realizadas em qualquer lugar desde que o horário determinado pela coordenação da redação seja executado. Mirian Villa, aponta que não vê diferença em trabalhar na redação física ou em qualquer outro espaço.

Eu não vejo diferença no plantão presencial ou à distância em um portal de notícias. Durante a pandemia ficamos 100% em home office e conseguimos realizar o trabalho da mesma maneira. A facilidade do celular ajuda muito, os contatos via whats, e-mail, ligação. É possível apurar de qualquer lugar (Mirian Villa, 2023).

O que observamos, portanto, é um movimento em que a redação se torna híbrida com profissionais trabalhando em espaços determinados e em *home office* e, ao mesmo tempo, desterritorial graças aos grupos de *WhatsApp* ou em outras redes sociais. Em outras palavras, ao mesmo tempo que temos a redação de jornalismo tradicional funcionando, ela é acoplada aos anti-espços graças ao processo de mediação da ambiência (*home office* e grupos em redes sociais). Em conjunto, esses fatores formam o que determinamos aqui de redação mediada.

A redação é alterada pelas lógicas de midiaticização e pelos dispositivos interacionais gerando uma redação midiaticizada. Nessa nova modalidade de pensar a estrutura de trabalho jornalístico, as interações entre os membros sofrem alterações. Nesse sentido, não há uma resposta sobre a positividade do movimento ou não, já que ele é baseado nas particularidades dos sujeitos atuantes no processo. Enquanto alguns jornalistas preferem as interações e a troca presencial, como já foi possível observar nesta tese, outros têm preferência por uma abordagem *on-line*, seja pela comodidade ou pela agilidade do processo interacional. Nesse sentido, Vinicius Cordeiro aponta que o espaço físico é importante para a interação da equipe, mas o trabalho pode e é realizado de qualquer lugar.

Por causa da necessidade da internet e, principalmente das redes sociais, torna-se indiferente. O espaço físico da redação é bom para a interação da equipe, mas o trabalho pode ser realizado da mesma forma com cada um em sua casa (Vinicius Cordeiro, 2023).

A ambiência midiaticizada não alterou apenas a forma como concebemos e pensamos as estruturas físicas e interacionais dos jornalistas, mas a forma com que os atores sociais são parte do processo de construção do pensamento jornalístico. Aqui, com a quantidade de sentidos sendo produzidos nas redes sociais, o jornalista atua, muitas vezes, como uma espécie de curador do que de fato é notícia e merece destaque.

Nesse sentido, observar as redes sociais acaba sendo parte da rotina e do processo de trabalho do jornalista. Pedro Melo destaca o que determinamos nesta tese como o jornalista enquanto curador de notícias. Para ele, é de suma importância checar as informações antes de publicar.

Observo sim porque as redes sociais nos trazem as informações praticamente em tempo real. Mas é claro que sempre tem que ter o cuidado de checar as informações para ver se realmente são verdadeiras antes de publicar no portal (Pedro Melo, 2023).

O Paraná Portal, porém, segue uma linha editorial que dá preferência às notícias estaduais. Ou seja, os assuntos relevantes nas redes devem abranger não um contexto social nacional, mas um nicho específico que retrate o estado do Paraná. Como observa o jornalista Vinicius Cordeiro:

Antigamente era mais comum, mas o Portal teve uma mudança na linha editorial para produzir conteúdo exclusivamente do Paraná. Com isso, se perdeu muito do mapeamento de pautas pelas redes sociais. Exceto quando for uma publicação de alguma autoridade estadual (Vinicius Cordeiro, 2023).

A partir disso, é importante destacar novamente o caso que emergiu durante a observação da redação no período de 10 dias. A jornalista Mirian Villa, observando uma série

de debates entre os atores sociais sobre um caso no X, decidi que a pauta seria relevante para o cenário paranaense. No outro dia, o assunto estava dominando as manchetes e sendo uma das principais pautas em portais e telejornais do estado.

As relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis, portanto, proporcionam uma gama de novas possibilidades dentro de uma ambiência midiaticizada em que as estruturas físicas e sociais não são mais as mesmas, e estão em constante alteração dentro das possibilidades que remodelam as práticas e processos sociais.

Compreendemos nessa tese que essas alterações serão constantes e que irão perpassar por diversos dispositivos tecnológicos ao longo dos próximos anos como óculos de realidade virtual ou outros aparelhos ainda em desenvolvimento. Nesse sentido, Vinicius Cordeiro afirma que os dispositivos serão indispensáveis no futuro jornalístico.

Indispensável. Já é nos últimos anos, mas hoje é raro ver jornalista até ligar. As assessorias mandam conteúdo por áudio no *WhatsApp*, por exemplo, para rádios usarem. Todo o trabalho foi simplificado pelos dispositivos (Vinicius Cordeiro, 2023).

Seguindo o mesmo raciocínio, Pedro Melo pontua que com o movimento de diminuição dos espaços físicos das redações, os dispositivos chegarão para aproximar e ajudar na produção de conteúdo em um futuro próximo.

Em um momento que as redações estão cada vez mais enxutas e as coberturas fora das redações estão reduzidas, a tecnologia chega para ajudar a buscar as informações e não ficar para trás dos concorrentes. Mas como falei na outra resposta, tudo que chega pelo celular ou qualquer dispositivo precisa ser checado antes de ser publicado (Pedro Melo, 2023).

Em resumo, as entrevistas realizadas no Paraná Portal serviram para esclarecer pontos observados durante o processo metodológico realizado. É importante destacar novamente que a pesquisa realizada se trata de um recorte com uma redação específica da cidade de Curitiba, porém, em muitos momentos, foi possível traçar paralelos com as informações que foram coletadas nas entrevistas na Suécia. Por isso, é necessário, nesse momento, debater as duas realidades compreendendo suas perspectivas e idiossincrasias.

7.3 Paralelos entre as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis - Suécia e Brasil

Enquanto jornalista e pesquisador ativo no processo de desenvolvimento desta tese, entendo que uma simples comparação crua entre os modos de operação e as lógicas

mediatizadas do jornalismo no Brasil e na Suécia não seria efetiva para inferir sobre o que emerge da empiria dos processos simbióticos entre jornalistas e dispositivos móveis.

Nesse sentido, o contexto e as idiosincrasias dos dois países são necessários. Obviamente, Brasil e Suécia não dividem as mesmas condições socioeconômicas e culturais, e a realidade do jornalismo nas duas nações não é a mesma. Por isso, esse tópico da tese traz, em primeiro momento, uma discussão sobre o jornalismo comparativo entre nacionalidades e uma análise de relatórios sobre o jornalismo no Brasil e na Suécia, para então inferir sobre a realidade exposta na pesquisa empírica desenvolvida.

Um dos principais teóricos do jornalismo comparativo, Hanitzsch (2022), compreende o segmento de pesquisa como um paralelo entre duas regiões macro em um ou mais pontos determinados de tempo. O autor ainda defende que o jornalismo comparativo é uma importante ferramenta para explorar os fundamentos do Campo.

Estudos comparativos demonstraram que o jornalismo depende altamente dos contextos culturais, sociais, políticos e históricos em que opera. Investigações deste tipo são indispensáveis para estabelecer a generalização de teorias e descobertas, e criam oportunidades para responder a algumas das questões fundamentais da disciplina (Hanitzsch, 2022, p. 507)⁶⁸.

Esta tese, por outro lado, segue em uma direção oposta a maioria das pesquisas em jornalismo comparativo. De acordo com Hanitzsch (2022), há uma preferência por realizar pesquisas quantitativas ao invés de qualitativas pelo tempo de realização, dificuldade em financiamentos e logística.

No entanto, a pesquisa da tese converge com relação aos temas que são abordados no desenvolvimento de estudos sobre o jornalismo comparativo em regiões macro. De acordo com Hanitzsch (2022), os temas de análise giram em torno do contexto histórico, recomendações profissionais nas redações, rotinas de produção, cultura do jornalismo e desafios profissionais, todos temas que, de certa forma, são tangenciados nesta tese.

Como primeiro movimento comparativo, é necessário observar o cenário jornalístico nos dois países em análise. Para isso, esta tese busca através de estudos realizados continuamente pelo projeto científico *Worlds of Journalism*⁶⁹ descrever particularidades dos cenários brasileiro e sueco. O projeto acadêmico, desenvolvido globalmente, tem como objetivo ajudar pesquisadores e profissionais a compreenderem as visões globais e a realidade do jornalismo em diferentes nações.

⁶⁸ tradução nossa.

⁶⁹ <https://worldsofjournalism.org>

Compreendemos, porém, as limitações dos resultados apresentados aqui por decorrência do tempo. Os últimos relatórios possuem dados coletados entre os anos de 2012 e 2016. Entretanto, até o momento de finalização da tese, os resultados do triênio 2021 e 2023⁷⁰ ainda não haviam sido divulgados, nos deixando a onda anterior de estudos como a mais recente do projeto. Mesmo assim, entendemos que a pesquisa do *Worlds of Journalism* ainda é a melhor fonte para esse tipo de análise pois conta com uma metodologia pré-definida além de um grande arcabouço teórico-metodológico utilizado pela equipe de estudos, sendo a melhor forma de ilustrar as realidades dos dois países quantitativamente.

A pesquisa desenvolvida pelo grupo *Worlds of Journalism* tem caráter quantitativo e, por isso, é apenas complementar ao que apresentamos nesta tese. De acordo com o relatório sueco, em termos de gênero, aproximadamente 46% dos profissionais nas redações são do gênero feminino. A média de idade dos profissionais de comunicação da Suécia é de 51 anos de idade e apenas 41,4% dos jornalistas têm idade inferior a 50 anos. Com relação ao trabalho nas redações, a maioria dos profissionais possuem um emprego de período integral (74,4%), mostrando uma maior estabilidade.

No que diz respeito às orientações profissionais, os jornalistas relatam ser mais importante ser um observador imparcial com um forte viés de vigilância e monitorização de líderes políticos e empresas. Já com relação ao código de ética jornalística, os profissionais afirmam que ele deve ser seguido independente do contexto, mesmo considerando que a ética profissional perpassa pelo julgamento pessoal⁷¹.

Ainda de acordo com o relatório sueco, os profissionais apontam uma crescente necessidade de adaptação técnica, ou seja, demanda de compreensão de novos objetos técnicos de forma recorrente. Além disso, os jornalistas relatam a influência das redes sociais - aqui compreendemos também como a influência dos atores sociais - no processo de produção.

Em uma outra perspectiva, o relatório brasileiro aponta para um jornalismo dominado por jovens, 57,2% dos profissionais possuem idade entre 22 e 35 anos. Ao contrário da Suécia, apenas 10% dos jornalistas têm idade superior aos 50 anos. Já com relação ao gênero, 50,8%

⁷⁰ De acordo com o projeto, a pandemia atrapalhou a coleta dos estudos e dificultou a realização do mesmo. Além disso, devido a pandemia, o período de análise também foi reduzido.

⁷¹ Mesmo parecendo assuntos soltos, desconexos com a pesquisa, essas informações são importantes justamente para entender como os jornalistas compreendem questões éticas da profissão. Essas questões podem aparecer, por exemplo, nas relações dos jornalistas com os atores sociais e a forma como a Fágia Midiática aparece socialmente, dentro outros exemplos.

dos jornalistas são homens. Além disso, com relação à exclusividade trabalhando na redação, 59% estão em período integral dedicado a um veículo de informação.

No que tange às orientações jornalísticas, os profissionais preferem promover a tolerância e a diversidade cultural enquanto observadores imparciais no processo. No mais, de acordo com o relatório, há um consenso entre os jornalistas sobre a irrelevância de passar uma imagem positiva sobre adversários do governo, lideranças políticas ou sobre apoiar ou não uma política governamental. Esses dados retratam os tensionamentos políticos visíveis no Brasil entre os anos de 2012 e 2016 (em que a pesquisa se desenvolveu).

Por último, o relatório aborda as transformações na profissão. Os jornalistas brasileiros apontam três grandes fatores de mudança: as interações com o público, a importância de compreender novas técnicas e o modo de procura de fontes e informações que mudou bruscamente. Além disso, apontaram para uma descredibilização do jornalismo e uma deterioração do ambiente de trabalho, aqui identificados a crise do jornalismo que é debatida na área.

Os relatórios quantitativos nos mostram semelhanças e diferenças entre o modo de se pensar o jornalismo no Brasil e na Suécia. Porém, para elucidar a realidade, recorreremos ao apresentado nos nossos dados empíricos coletados etnograficamente nos dois cenários.

Em um primeiro momento, é necessário destacar a transformação das redações, o que nos permite propor o conceito de redações midiaticizadas. Ressalto aqui, em um momento de análise dos dados empíricos e da comparação entre os dois países, que não utilizamos midiaticizadas como um adjetivo, diminuindo a importância do conceito, mas como parte de um processo recorrente que é afetado por lógicas e processos sociais e as tecnologias. Em outras palavras, o que percebemos é uma evidência de uma processualidade. Em ambos os cenários pesquisados, foi possível observar a decorrência do fenômeno. Enquanto pesquisador, defino as redações midiaticizadas como: redações de jornalismo que funcionam de maneira desterritorial ou híbrida, com espaços de trabalho que são estendidos por meio de dispositivos tecnológicos e de aplicativos afetando lógicas de produção, recepção e distribuição.

Porém, é importante destacar que as redações existentes no Brasil e na Suécia possuem estruturas digitais de trabalho distintas. Os jornais do país escandinavo, por exemplo, optaram por elaborar redações virtuais mais complexas em aplicativos que permitiam, por exemplo, páginas e conversas para editoriais específicas, como é o caso do *Skype* do *Dagens ETC*. Já no Brasil, os espaços das redações ocorrem em grupos do aplicativo *WhatsApp*, como foi possível relatar com a redação do Paraná Portal. Parte dessas escolhas está também em formações

culturais digitais dos dois países. O *WhatsApp* não é um aplicativo usado com tanta frequência na Suécia para fins profissionais, sendo considerado mais pessoal.

As experiências da observação da redação no *WhatsApp* no Brasil também nos mostraram uma nova realidade nas práticas jornalísticas. Enquanto na Suécia as reuniões de pauta aconteciam através dos aplicativos por chamadas de vídeo, no Brasil, as pautas eram discutidas e enviadas em conversas no *WhatsApp*. Ou seja, o Paraná Portal nos evidencia que a reunião de pauta, clássico fenômeno jornalístico, já sofre com alterações de lógicas presentes em um cenário em processo de midiatização corrente.

Além das reuniões de pauta, foi possível observar etnograficamente a importância do *WhatsApp* para contatar as fontes. Os grupos de fontes oficiais remodelam o modo como o jornalista trabalha, agora em lugar de curador de notícias, em um cenário em que a produção de sentido nas redes sociais cresce em proporções exponenciais.

O que percebemos, portanto, é o jornalista em um local adaptativo contínuo da realidade em processo constante de midiatização. Em outros termos, há uma nova lógica com relação aos dispositivos interacionais nas redações, as lógicas de midiatização alteram a forma como as interações ocorrem dentro e fora das redações.

O processo contínuo de adaptação e a necessidade de estar conectado também se mostraram um fenômeno que influencia o jornalista enquanto sujeito em suas práticas cotidianas. Nesse sentido, os jornalistas suecos apontaram para uma exposição às notícias, informações e a necessidade eminente de estar conectado. Essa superexposição à conexão denota, de acordo com os entrevistados, uma série de questões psicossomáticas. Já no Brasil, por outro lado, apesar da conexão 24/7 ser evidente, como no caso do acidente de carro, os jornalistas parecem mais adaptados à realidade da conectividade.

Outro ponto relevante para a análise empírica é entender de que forma os atores sociais fazem parte dos processos de produção do jornalismo. No Brasil, há um entendimento maior do impacto dos atores sociais na opinião pública e nos discursos de sentido criados. Em outras palavras, de fato os atores sociais são ativos em uma sociedade em processo de midiatização, ficando em contato e criando lógicas distintas com o jornalismo enquanto instituição. Nesse sentido, o jornalista atua como curador de notícias e observador em uma sociedade que utiliza das redes sociais para reverberar discursos. Já na Suécia, os jornalistas parecem observar passivamente o modo no qual os atores sociais atuam nas redes sociais. Isto é, apesar de compreenderem a força das redes, os profissionais parecem ainda tatear de que forma e como os atores sociais impactam no processo de produção do jornalismo. Porém, é importante

destacar que em ambos os cenários os atores sociais são relevantes e ativos no processo de produção jornalístico.

Isso nos leva a crer mais uma inferência sobre o processo. Brasil e Suécia vivem tempos mediatizados distintos. Porém, há em cada país características socioculturais que influenciam o modo no qual o processo de mediação se desenvolve em cada sociedade. Aqui podemos compreender as *affordances* (características oferecidas pelo ambiente) dos dois cenários. Em outras palavras, o jornalismo mediatizado na Suécia e no Brasil, apesar de inúmeras congruências, não é o mesmo. O que nos confidencia que a mediação é um processo corrente e distinto em cada sociedade, e que depende da ambiência e das características oferecidas em que a sociedade está inserida. Destacamos que a mediação de uma sociedade não está ligada ao seu poderio econômico ou a sua hierarquização social, mas às adaptabilidades da sociedade às lógicas mediatizadas.

Após a análise empírica destacada durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa, defendo a tese de que as *affordances* proporcionadas pela ambiência em processo de mediação e as relações simbióticas remodelam as redações de jornalismo tornando-as redações mediatizadas. Percebemos, então, uma reconstrução dos espaços e do tempo em uma ambiência em que os espaços físicos de trabalho não são necessários para as práticas jornalísticas, e que a própria profissão do jornalista é afetada por lógicas de mediação. As redações mediatizadas estão onde os jornalistas estão, elas podem ser acessadas por seus dispositivos em um cenário em que os profissionais estão conectados 24 horas 7 dias por semana.

Dessa forma, há uma mudança nas interações entre os próprios jornalistas e os atores sociais. É importante ressaltar que os dispositivos interacionais analisados durante a empiria, nesse requisito, nos mostram realidades diferentes entre Brasil e Suécia. Enquanto no Brasil há uma maior facilidade nas conexões entre os próprios jornalistas e os atores sociais, os profissionais na Suécia parecem se adaptar ainda a essa realidade, preferindo, muitas vezes, o contato *in-loco* nas redações. Porém, em ambos os cenários, o jornalista passa também a ocupar um lugar de curador de notícias em observação aos sentidos produzidos pelos atores sociais. A tese nos faz inferir que o jornalismo, em um cenário em processo de mediação, está em constante adaptabilidade em realidades distintas. O processo de mediação na Suécia não é o mesmo processo de mediação no Brasil pois as realidades socioculturais são distintas.

A partir disso, é possível concluir também que o arranjo disposicional nos dois cenários também não é o mesmo. As redações funcionam como um espaço de interação de formas

diferentes no Brasil e na Suécia. Apesar da Suécia possuir mais aparatos e tendências por uma mediação mais profunda, é nas relações interacionais brasileiras que percebemos uma lapidação dos processos e lógicas mediadas. Alguns jornalistas suecos pontuaram, por exemplo, a necessidade de troca de informações com seus pares de forma presencial, algo que não apareceu nos questionamentos brasileiros. Levanto aqui uma outra hipótese sobre esse processo, ligado ao que apresentamos neste tópico: a diferença geracional dos jornalistas no Brasil e na Suécia também é grande. Enquanto quase a totalidade dos entrevistados suecos possuíam mais de 45 anos de idade, todos os jornalistas brasileiros possuíam menos que 30 anos. A diferença de idade pode, de certa forma, refletir no uso dos dispositivos técnicos e suas funcionalidades.

Sobre os dispositivos técnicos, tanto os jornalistas da Suécia como do Brasil seguem os mesmos padrões. As relações simbióticas, portanto, são uma realidade do cenário global. No que tange o jornalismo mediado, os objetos técnicos são parte essencial das práticas pois permitem que os jornalistas nunca saiam das redações, mas estejam com elas em qualquer lugar. Vale destacar que os *smartphones* são apenas um exemplo dessa prática social que possivelmente será afetada no futuro por outros dispositivos técnicos como, por exemplo, o *Apple Vision Pro* lançado em 2024. Em outras palavras, nosso presente e futuro são simbióticos.

Em suma, após analisar as particularidades de ambos os cenários empíricos reconstruímos o desenho da tese que ilustra as práticas do jornalismo mediado, as relações simbióticas, as *affordances*, as lógicas de mediação a partir da circulação e as redações mediadas, considerando a complexificação a partir das descobertas da pesquisa.

Figura 21 - Desenho final da tese



Fonte: O autor, 2024

O nosso desenho final, portanto, traz jornalistas e atores sociais inseridos em um processo de circulação afetados por lógicas mediatizadas, relações simbióticas (entre sociedade e dispositivos técnicos) e *affordances* que são proporcionadas pelo ambiente.

Nesse esquema, compreendemos as relações simbióticas e as *affordances* como parte do processo da mediação. Além disso, o jornalista está na redação em qualquer lugar, não apenas no ambiente físico, sempre em contato com os atores sociais que são participantes no processo das práticas jornalísticas. Reforçamos o nosso conceito de que a redação e o jornalista são um só.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UMA PESQUISA EM FLUXO INTENSO

Os caminhos teóricos e empíricos da tese nos proporcionaram observar que as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis são um fenômeno global que remodelam práticas e processos sociais dentro do jornalismo. A partir disso, foi possível constituir nossa tese de que as *affordances* proporcionadas pela ambiência em processo de mediação e as relações simbióticas remodelam as redações de jornalismo tornando-as redações mediadas.

Dentro dessa perspectiva, voltamos aos objetivos desta tese. Compreendemos que as redações de jornalismo foram remodeladas a partir de práticas simbióticas em um cenário em processo de mediação. Nesse sentido, nossos olhares se voltaram para redações no Brasil e na Suécia com o intuito de tensionar um cenário plural.

A partir de nossas empirias, foi possível compreender que o processo de circulação de sentidos está presente na estruturação e produção de conteúdos jornalísticos por meio das relações simbióticas em diferentes perspectivas nos dois países. Apesar de monitorarem os discursos produzidos por atores sociais, os jornalistas suecos ainda não estão engajados em práticas que são comuns para os profissionais brasileiros. De certa forma, os jornalistas brasileiros estão mais acostumados às práticas e processos sociais a partir das redes. Em ambos os casos, o jornalista se torna um curador das notícias, um profissional que observa discursos produzidos pela rede e chancela o que é ou não relevante para o jornalismo.

A circulação de sentidos também altera a forma como os atores sociais consomem as informações. No Brasil e na Suécia, os jornalistas parecem se preocupar com a forma como as informações são consumidas, seja por formato ou pela velocidade das informações presentes em rede.

Sobre a ambiência, ficou evidente em nossa pesquisa que Brasil e Suécia vivem momentos distintos de mediação. Porém, algo que nos chama a atenção é a extensão das redações para o ambiente *on-line* a partir de dispositivos técnicos. Aqui observamos uma série de práticas e lógicas de mediação que entram em contato. A redação mediada, em ambos os cenários, se torna um espaço que vai além do trabalho, é um espaço de interação contínua. A redação e o jornalista são um só.

Esse fenômeno nos leva ao próximo objetivo da tese, mensurar como a pandemia afetou as práticas jornalísticas. Destacamos, portanto, que o fenômeno das redações mediadas não surgiu na pandemia, mas foi amplificado com a crise de saúde. Em outras palavras, a adaptabilidade dos jornalistas passou a ser mais rápida às novas práticas pela necessidade em

que o ambiente impunha. Por último, defino o conceito de redações midiaticizadas como redações de jornalismo que funcionam de maneira desterritorial ou híbrida, com espaços de trabalho que são estendidos por meio de dispositivos tecnológicos e de aplicativos afetando lógicas de produção, recepção e distribuição.

Ao longo dos quatro anos pesquisando o tema, observamos de perto o processo de midiaticização da sociedade. Com a pesquisa desenvolvida, foi possível adentrar alguns aspectos da midiaticização de forma geral que contribuem para a continuidade dos estudos, não só da linha de pesquisa, mas de uma forma global já que olhamos para cenários distintos.

Destacamos novamente a necessidade de olhar para o fenômeno da midiaticização e compreender os tempos distintos em que cada cultura se encontra. Aqui, reitero justamente a palavra cultura. O nível de midiaticização de uma sociedade não está diretamente ligado a quantidade de aparatos e conectividade, mas da usabilidade desses recursos pela sociedade. Em outras palavras, o grau de midiaticização está ligado à forma como cada sociedade insere suas práticas e processos a partir desta ambiência. A nossa tese avança também na maneira como abordamos e costuramos conceitos da midiaticização, jornalismo, sociologia, antropologia e teorias da comunicação/jornalismo.

Com relação ao jornalismo e ao jornalismo midiaticizado, acreditamos que esta tese progride em diversos aspectos: o primeiro deles, sobre a discussão de práticas jornalísticas redacionais dentro do jornalismo midiaticizado. Como foi possível observar no Estado da Arte e no decorrer das discussões teóricas, a maior parte dos trabalhos concentra seus estudos na forma como os atores sociais modificam o jornalismo e os critérios de noticiabilidade. Com a tese, foi possível observarmos mudanças de paradigma do jornalismo; o segundo deles, o local de trabalho do jornalista. As redações midiaticizadas tornam o espaço de trabalho jornalístico ubíquo. O jornalista, a partir da simbiose com seu dispositivo, é a própria redação.

Com isso, levanta-se uma questão importante sobre o próprio jornalista. Na Suécia, por exemplo, foi possível observar um esgotamento dos profissionais frente a essa mudança causada pelas relações simbióticas no cenário da midiaticização, tornando imprescindível que a academia observe de que forma a conexão ininterrupta entre humanos e dispositivos nos afeta socialmente e em termos de saúde pessoal. Apesar de não aparecer na fala de nenhum dos nossos entrevistados brasileiros, durante a observação, foi possível também mensurar a forma como a simbiose afeta nossas relações pessoais e de trabalho.

Outro ponto relevante em nossa tese é a analogia entre dois países. Em um primeiro momento, nos parecia distante a ideia de criar um debate entre o processo de midiaticização do

jornalismo no Brasil e na Suécia, já que são socialmente, culturalmente e economicamente países diferentes. Porém, a partir do jornalismo comparativo, pensando de uma forma macro, foi possível traçar uma linha que debatesse de que forma o jornalismo se remodela a partir de um contexto midiático. Nossa pesquisa, portanto, auxilia futuros trabalhos que queiram criar pontos de tensão entre duas realidades que à primeira vista não parecem possuir pontos conectivos. Além, obviamente, de contribuir para o projeto CAPES-STINT e para o fortalecimento da pesquisa em mediação na Suécia e no Brasil.

Com o que foi discutido, a pesquisa, portanto, se abre para um leque de oportunidades de novas explorações científicas. Há a possibilidade de adentrar aos espaços das redações *online* para realizar um netnografia sobre esses espaços. Acreditamos que há um espaço de discussão sobre essa área que merece atenção e deve ser explorado. Existe também a possibilidade de compreender de que forma as redações midiáticas impactam na saúde mental dos jornalistas, uma vez que, em mais de uma entrevista, essa questão apareceu e foi levantada pelos profissionais suecos. Ademais, existe a possibilidade de estender essa pesquisa para outros tipos de dispositivos técnicos. Com o lançamento do *Apple Vision Pro*⁷², por exemplo, há uma nova forma de se pensar as relações simbióticas e novas camadas são adicionadas ao processo antropológico, social e comunicacional.

O que percebemos, portanto, é que a pesquisa é corrente e não finita. Os tópicos levantados podem, certamente, servir de base para um estudo de Pós-Doutorado ou desenvolvimento de projeto de pesquisa. Em suma, o percurso do Doutorado não é o fim da linha enquanto pesquisador, mas é o desdobramento para uma carreira acadêmica que apenas se inicia.

Peço licença aqui, ao leitor da tese, para retomar ao uso da primeira pessoa do singular para discorrer sobre o impacto da tese de Doutorado no meu percurso enquanto jornalista e pesquisador. A minha pergunta de pesquisa, “de que forma as relações simbióticas, parte do contexto da mediação, modificam as práticas jornalísticas nas redações no Brasil e na Suécia? Quais práticas são alteradas em cada contexto?”, surgiu justamente dos meus anseios enquanto profissional de comunicação que observa, mesmo que de fora, as novas reformulações da profissão.

Quando entrei para a academia, o desejo de continuar pesquisando sobre o jornalismo persistiu como uma das minhas vontades. O Doutorado, de certa forma, foi um caminho que

⁷² O *Apple Vision Pro* é um óculos de realidade virtual desenvolvido pela *Apple* e lançado em 2024 no mercado. Mais informações podem ser encontradas em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/27/apple-vision-pro-te-faz-entrar-em-videos-com-tela-excelente-mas-precisa-de-mais-apps-veja-primeiras-impressoes.ghtml>.

possibilitou alinhar duas das minhas paixões: o jornalismo e a ciência. Obviamente houve pedras no caminho até o final da escrita desta tese. A principal delas, foi a pandemia de Covid-19. Cursar metade do Doutorado à distância foi desafiador em vários níveis, principalmente pela falta de um determinado “afeto social” com o isolamento. Já em meados de 2022 eu, meus colegas e professores fomos pegos de surpresa com o encerramento das atividades do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. A decisão de fechar um programa nota máxima (7) no conceito CAPES abalou as estruturas de todos os estudantes. Naquela época, como membro da Representação Discente, acompanhei todas as reuniões do colegiado, organizei com meus colegas debates e assinaturas de documentos.

O Doutorado, por outro lado, também me proporcionou a oportunidade de realizar um dos meus sonhos, a internacionalização da pesquisa. Um dos motivos que escolhi cursar a Pós-Graduação na Unisinos, além da linha de pesquisa em midiatização e os professores, foi ter a oportunidade de estudar e desenvolver a pesquisa em outro país. A experiência de ser doutorando em outro país foi transformadora. Não apenas em um nível acadêmico, mas também pessoal. Entrar em contato com outras culturas é abrir-se para a possibilidade de transformação.

A pesquisa doutoral também me aproximou de metodologias que eu não havia utilizado ainda na minha trajetória acadêmica. O desafio de realizar uma etnografia do jornalismo fez com que eu me aproximasse de autores e técnicas que não eram do meu domínio. Realizar os processos etnográficos me fez, também, me apaixonar novamente pelo jornalismo. Não enquanto ciência, essa paixão sempre correu em minhas veias. Mas como prática profissional. Assim como a pesquisa, há no jornalismo uma necessidade de adaptabilidade constante à realidade, as novas ferramentas e as tecnologias.

Como disse, escrever essa tese foi importante para a minha maturidade acadêmica. Não me considero ainda um pesquisador maduro, mas ter a oportunidade de dialogar com pares sobre minha pesquisa fortaleceu meus ideais, minhas convicções e métodos. Ao longo dos quatro anos de Doutorado foram 8 artigos publicados em revista e 21 congressos e seminários de pesquisa. Tive a oportunidade de conversar e debater minha tese com pesquisadores da Suécia, Grécia, Portugal, Estados Unidos, Rússia, Espanha, Dinamarca, Noruega e de várias regiões do Brasil. Como escrevi nos agradecimentos da tese, a construção da ciência, de uma pesquisa de Doutorado, não é solitária, ela é participativa.

Em resumo, o percurso doutoral mudou minhas percepções como jornalista e pesquisador. Acredito que novos caminhos científicos e profissionais vão surgir com o final da pesquisa, que não se esgota, se expande em múltiplas possibilidades de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ADENWALA, Adil Tariq. **Mediatization of News Content:: A Quantitative and Qualitative Analysis of the Pakistani Jang Group's News Coverage of Osama Bin Laden's Death.** Disponível em < http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?dswid=6114&pid=diva2%3A636591&c=1&searchType=SIMPLE&language=en&query=Adenwala+%282013%29&af=%5B%5D&aq=%5B%5B%5D%5D&aq2=%5B%5B%5D%5D&aqe=%5B%5D&noOfRows=50&sortOrder=author_sort_asc&sortOrder2=title_sort_asc&onlyFullText=false&sf=all > Acesso em: março de 2024.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Iha de Santa Catarina, 2005.

AXELSSON, Jörgen. **Mojo workin': En studie i vad som utmärker mobiltelefonen som produktionsverktyg för att göra tv-nyheter.** Dalarna University, School of Humanities and Media Studies, Sound and Music Production, 2019.

BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. **Jornalismo e dispositivos móveis: percepções, usos e tendências.** In: Jornalismo e Tecnologias Móveis. Labcom, BARBOSA; MIELNICZUK (Org), 2013.

BARICHELO, Eugênia. CARVALHO, Luciana. **Midiatização do Jornalismo na Perspectiva da Ecologia da Mídia.** I Seminário Internacional de Midiatização e Processos Sociais, 2016.

BARRLJUNG, Isak; Hörberg, Jacob. **Populism och journalister: hur påverkas den politiska debatten?: En studie om medialiseringens och populismens påverkan på slutdebatterna under valåren 2006 och 2022.** Jönköping University, School of Education and Communication, 2022.

BENGTSSON, Stina. JOHANSSON, Sofia. **A phenomenology of news: Understanding news in digital culture.** Journalism 2021, Vol. 22(11) 2873– 2889.

BENGTSSON, Stina. **Symbolic spaces of everyday life: work and leisure at home.** *Nordicom Review* 27 (2006) 2, pp. 119-132.

BENGTSSON, Stina; FAST, Karin; JAHSSON, Andre; LINDELL, Johan. **Media and basic desires: An approach to measuring the mediatization of daily human life.** Communications 2021; 46(2): 275–296.

BERTOLINI, Jeferson. **Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo.** Animus. Santa Maria, v. 38, n. 31, p. 213-228, 2017.

BORELLI, Viviane; DIAS, Marlon Santa Maria. **Desafios metodológicos para compreender as interações entre jornalistas e leitores.** II Seminário Internacional em Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

BOURE, Robert. **A história das ciências da informação e da comunicação na França: O caso das origens literárias das CIC.** Revista Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação. Vol. 3, nº5, janeiro-junho, 2015.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária.** Revista Matrizes, Número 2 abril de 2008 – p. 73 – 88.

BRAGA, José Luiz. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-COMPOS. Brasília, V.14 num.1 jan/abril, 2011.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais.** Mediação & Mdiatização. Salvador: EDUFBA, 2012.

BRAGA, José Luiz. **Interagindo com Foucault – Os arranjos disposicionais e a comunicação.** Questões transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação. V.6, nº12, julho-dezembro 2018.

BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos.** Ensaios. UFMG, 2020.

CANAVILHAS, João. **7 características do webjornalismo.** LabCom, 2014 Covilhã.

CAPOBIANCO, Janaína Cristina Marques. **O fazer jornalístico em transformação: A produção da notícia em mídias independentes digitais.** 2019. 373 f. Tese(Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

CARDANO, Mario. **Manual de Pesquisa qualitativa: contribuição da teoria da argumentação.** Editora Vozes, 2011.

CARLÓN, Carlos. **Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discurso de las cámaras de informes climáticos y de control de tránsito por televisión.** Cuadernos de Información y Comunicación. 2008, vol. 13 131-141

CARVALHO, Luciana Menezes. **Contrato de informação do jornalismo no ecossistema midiático: estratégias semiolinguísticas da instância de produção no Facebook.** 31/08/2015 237 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Manoel Marques de Souza Universidade Federal de Santa Maria RS

CARVALHO, Luciana. BARICHELO, Eugenia. **Midiatização do Jornalismo na perspectiva da ecologia da mídia: a atuação potencializada das mídias sociais digitais.** Seminário Internacional de Midiatização, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.

CASALI, Caroline. **Circulação de saberes sobre jornalismo na sociedade em midiáticação'** 25/08/2014 155 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Unisinos.

CHARDIN, Pierre Theillard de. **The Phenomenon of Man.** Editora: Harper Perennial, 2018.

CINGOLANI, Gastón. **¿Qué se transforma cuando hay mediatización? Centro de Investigaciones en Mediatizaciones**. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2014.

DALL'AGNESE, Carolina Teixeira; BARICHELLO, Eugenia; BORELLI, Viviane. **Transmídia, propagabilidade, engajamento. Reflexões sobre visibilidade e legitimação do jornalismo em ambiências digitais**. Seminário Internacional de Mediatização, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.

DANNA, Marilda Fernandes; MATTOS, Maria Amélia. **Aprendendo a observar**. 3 São Paulo: Edicon, 2011, 176p.

DARNTON, Robert. **O beijo de lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DEUZE, Mark. **Media Life**. Polity Press, 2014.

DEUZE, Mark. **Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)**. Matrizes. N 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/478/pd>>

FAUSTO NETO, Antônio. **A circulação além das bordas**. Mediatización, sociedad y sentido, 2009a.

FAUSTO NETO, Antônio. **Jornalismo: Sensibilidade e complexidade**. Revista Galáxia. Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura, 2009b.

FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação: trajetos conceituais**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

FAUSTO NETO, Antônio. **Pisando no solo da mediatização**. In: J. Sàágua, F. R. Cádima, (orgs). Comunicação e linguagem: novas convergências. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, 2015.

FERREIRA, Jairo. **Campo acadêmico e epistemologia da comunicação**. In: André Lemos; Angela Pryston; Juremir Machado da Silva; Simone Pereira de Sá. (Org.). Mídia.br. Livro da XII Compós - 2003.. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2004, v. 1, p. 115-129.

FIRMINO DA SILVA, Fernando. **Jornalismo Móvel Digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. 2013. Tese(Comunicacao Social) Universidade Federal da Bahia, UFBA.

FIRMINO DA SILVA, Fernando. **Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas**. In: Jornalismo e Tecnologias Móveis. Labcom, BARBOSA; MIELNICZUK (Org), 2013.

FLUSSER, Vilem. **O universo das imagens técnicas**. São Paulo, editora Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilem. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo, editora Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GALIMBERTI, Umberto. **O ser humano na idade técnica**. Instituto Humanas Unisinos, 2015.

GIBSON, James Jerome. **The ecological approach to visual perception**. Psychology Press & Routledge Classic Editions, 1979.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. 4ª Edição - São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, Coleção Focus 2017.

HANITZSCH, Thomas. **Comparative Journalism Research**. In: HANITZSCH, Thomas; WALH, Jorgensen (Org). *The handbook of journalism studies*. Taylor and Francis, 2022.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HEPP, Andreas; COULDRY, Nick. **A construção mediada da Realidade**. Editora Unisinos, 1ª edição, 2020.

HYMES, Dell. **Introduction: Towards Ethnographies of Communication**. University of California, Berkeley, 1964.

HÖBERG, Jacob; BARRLJUNG, Isak. **Populism och journalister: hur påverkas den politiska debatten?: En studie om medialiseringens och populismens påverkan på slutdebatterna under valåren 2006 och 2022**. Disponível em: http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?dswid=4739&pid=diva2%3A1738332&c=1&searchType=SIMPLE&language=en&query=H%C3%B6rberg+Barrljung+%282022%29&af=%5B%5D&aq=%5B%5B%5D%5D&aq2=%5B%5B%5D%5D&aqe=%5B%5D&noOfRows=50&sortOrder=author_sort_asc&sortOrder2=title_sort_asc&onlyFullText=false&sf=all . Acesso: Março de 2024.

KERCKHOVE, Derrick. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. Matrizes. V 9, N 1, jan./jun. 2015. p. 53-64, 2015.

KERCKHOVE, Derrick. (1997). **A pele da cultura**. Editora Relógio D'água.

KRAMMER, Aske. **The Mediatization of Journalism**. *MedieKultur* 2013, 54, 141-158. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/mediekultur/article/view/17385> Acesso em: 17 jul. 2021

LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org). **Antropologia e Jornalismo: uma questão de método**. Editora Vozes, 3ª Edição, 2010.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Coleção TRANS, Editora 34, UFRGS, 2012..

LOPES, Maria Immaculata Vassallo de. **Comunicação, Disciplinaridade e pensamento complexo**. XVI Encontro da Compós, 2007.

MAIGRET, ÉRIC. **Sociologia da Comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MARCELLINO, Marcio Morrison Kaviski; FORT, Monica Cristine. **Smartphone como extensão simbiótica do jornalista: uma reflexão das relações homem-máquina na produção de notícias móveis**. Revista Pauta Geral. Ponta Grossa. V.5, n1. 2018.

MARCELLINO, Marcio Morrison Kaviski; ROSA, Ana Paula. **A relação entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de portais *on-line* em Curitiba-PR no contexto da midiaticização**. Revista Latino Americana de Jornalismo – Âncora. João Pessoa, Brasil. Ano.7; Volume.7; Número 2. JUL/DEZ. 2020

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MARRE, A.L Jaques. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná; Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 1991.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela. **Crítica das práticas jornalísticas**. Facos-UFSM, 2021.

MAROCCO, Beatriz. **Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística**. São Paulo, Revista Galáxia, n.30, p-73-85, 2015.

MAROCCO, Beatriz. **Outra via para interrogar as práticas jornalísticas**. São Paulo, Revista Galáxia, n.46, 2021, p.1-p.17.

MARTINO, C. LUIZ. **Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual**. p.159–184. In: Epistemologia da Comunicação no Brasil: Trajetórias autorreflexivas; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. São Paulo: EDUSP, 2016.

MARTINO, S.M. LUÍS. **Teoria da Comunicação: Ideias, conceitos e métodos**. São Paulo, Editora Vozes, 5a edição, 2009.

MARTINO, S.M. LUÍS. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. São Paulo: Editora Vozes, 2018

MARTINO, L. C. (2007). **Uma questão prévia: existem teorias da comunicação?** CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Santos, 6-9 set. 2007

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo, editora Cultrix, 1964.

MILLER, DANIEL et al. **The Global Smartphone: beyond a youth technology**. UCLPress, 2021.

NORMAN, Donald A. **The Design of everyday things**. New York; Basic Books, 1990.

OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva; RODRIGUES, Sérgio Tosi. **Affordances: a relação entre o agente e o ambiente**, 2013.

PADILHA, Elizete. **Mediatização do telejornalismo: um estudo sobre a produção de notícias a partir da inserção do telespectador como produtor de conteúdo**. (Tese doutorado), 2017. Disponível em<<http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6368>> Acesso: Março, 2024.

PAVLIK, John V. Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. p.159-184. Livros Labcom books, 2014.

PRIEST, Suasana Horing. **Pesquisa de mídia – Introdução**. 2º Edição. Porto Alegre: Penso, 2011. P

PROULX, Serge. **As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: a institucionalização de um campo de estudo**. Revista Questões Transversais – Revistas de Epistemologias da Comunicação. V.2, n4, jul/dez. 2014.

PUNCH, F Keith. **Introdução a pesquisa social: abordagens qualitativas e quantitativas**. Editora Vozes, 2021.

ROSA, Ana Paula. **Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens**. Revista Interin, Curitiba. V.21, n.2, p.60-81, jul/dez, 2016.

ROSNAY, Joel. **O homem simbiótico: perspectivas para um terceiro milênio**. Editora Vozes, 1997.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, María Del Pilar Baptista. **Métodos de Pesquisa: Metodologia de Pesquisa – 5º Edição** Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Flusser: um pensador visionário**. Simpósio Flusser em Fluxo, Universidade Federal do Ceará, 2012.

SCHOSTAK, John; BARBOUR, Rosaline S. **Entrevistas e Grupos alvo**. IN_ Teorias e Métodos de Pesquisa Social. SOMEKH, Brudget, et al. Editora Vozes, Petrópolis, 2015.

SCHWARTZ, Clarrisa; BARRICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. **O jornalismo em mediatização: estratégias de legitimação do discurso telejornalístico**. III Seminário Internacional de Mediatização, V.1 n.3, 2019.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

SILVA, Gilson Luiz Piber da. **Analítica da mediatização esportiva: estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfour e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 na Folha de São Paulo**. 01/04/2016 153 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: UNISINOS.

SILVA, Firmino. **Jornalismo Móvel Digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo.** (Tese de doutorado, 2013). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13011>. Acesso em: Março de 2024.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **Conteúdo jornalístico para *smartphones*: o formato da narrativa sistêmica no jornalismo ubíquo.** Tese(Comunicacao Social) Universidade Federal de São Paulo, USP, 2017.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Edições Loyola, 2014

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos.** Prometeo Livros, 2011.

STAHLBERG, Per. **Lucknow Daily: how a Hindi newspaper constructs society.** Stockholm University, Faculty of Social Sciences, Department of Social Anthropology, 2002.

TARIQ, Adenwala Adil. **Mediatization of News Content:: A Quantitative and Qualitative Analysis of the Pakistani Jang Group's News Coverage of Osama Bin Laden's Death.** Örebro University, School of Humanities, Education and Social Sciences, 2013.

VERON, Eliseo; LEVASSEUR, Martine. **Etnografia de uma exposição.** Paris, biblioteca pública de informação, 1989, p.61-.p96.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2º Edição, 2005.

APÊNDICE I – ROTEIRO PARA PERGUNTAS SEMI-ESTRUTURADO

Redação:

Nome:

Função na Redação:

Tempo que trabalha na Redação:

- 1) Como é a sua rotina de produção na redação?
- 2) Como é sua rotina de trabalho? Você trabalha fora da redação também? Como é o plantão feito no final de semana?
- 3) De que forma você se comunica com os outros membros da redação?
- 4) Existe algum espaço *on-line* em que você se conecta com outros membros da redação? De que forma é o acesso?
- 5) Como são realizadas as reuniões de pauta?
- 6) De que forma a pandemia modificou as rotinas produtivas na redação?
- 7) Como você redige as notícias? Quais equipamentos você usa?
- 8) Alguma vez você já subiu uma matéria pelo celular ou precisou fazer alguma alteração e utilizou o dispositivo?
- 9) De que forma os dispositivos móveis foram importantes durante a pandemia?
- 10) Como os dispositivos móveis estão inseridos nas suas práticas das redações?

- 11) De que forma você se conecta/comunica com a sociedade? Existe alguma troca dos profissionais com a população de uma forma geral?
- 12) Como é feito o acesso as fontes de informação?
- 13) Como você vê a presença de dispositivos móveis nas redações?
- 14) De que forma a sociedade e os debates públicos modificam o planejamento e o funcionamento da redação?

APÊNDICE II – ENTREVISTAS REALIZADAS NA SUÉCIA

a) Entrevista 01 – Clara Lee

1. A primeira coisa que eu gostaria de saber é quanto tempo você trabalha com jornalismo e se você acredita que de alguma forma o jornalismo se remodelou nesse tempo que você trabalha com jornalismo?

Bom, com certeza muitas coisas mudaram ao longo do tempo porque agora eu tenho 42 e eu comecei com 24, ou seja, são muitos anos, não é? Eu, na verdade, comecei como freelancer. Eu estava morando em Buenos Aires e depois no Rio de Janeiro e eu não trabalhava em nenhuma redação, eu era freelancer em revistas, jornais e tal. Agora faz uns dois anos que eu estou em um jornal de esquerda, digamos assim, o jornal de esquerda maior da Suécia, que também não é tão grande assim. Depois eu posso te mostrar até. Na verdade, assim, é como se fosse o globo. É uma empresa que tem várias atividades, tem um jornal, todos os dias, uma revista que sai nas sextas, ou seja, uma vez por semana e tem uma empresa com vendas sustentáveis. É uma ideia, vamos dizer assim, ambientalista de esquerda. O dono é um idealista. Ai, claro que faz muita diferença para mim, pessoalmente, acostumada a trabalhar para mim mesma, mandar propostas e explicar porque vocês deveriam comprar a minha ideia e reportagem. Eu também trabalhei para rádio e televisão, isso eu acho importante. Mas é claro, então que, para mim, foi super diferente de fazer parte de uma redação, enfim, isso mudou muito. E agora, na verdade, eu mudei. Durante um ano eu trabalhei como editora e jornalista na revista semanal. A partir de janeiro eu comecei a fazer parte da equipe de cultura do jornal, não sei se você entende? Agora estou no mesmo lugar físico, porque a revista eee, você conhece o jornal argentino página 12?

Entrevistador: Sim, aham

Bom, é um pouco assim, só que menor. O página 12 é muito grande e tal e importante. Mas assim, é um local, se você conseguir (fazer a etnografia) você vai conhecer bem. É um local grande, no centro de Estocolmo, onde tem a redação da revista semanal, que está no mesmo espaço físico. Tem uma empresa de comunicação que faz trabalho para clientes externos e tem a grande redação desse jornal que eu trabalho. Eu faço parte da redação de cultura.

2. Você falou que está trabalhando com jornalismo há algum tempo e tem experiência em diversos países. De alguma forma você vê o uso de dispositivos móveis modificando as práticas no dia a dia ou você acha que as práticas ainda são as mesmas, mas foram alteradas pelos dispositivos de certa forma?

Quando você fala dispositivos móveis você se refere?

Entrevistador: celulares, tablets ...

Com certeza. Quando eu comecei, na verdade, cara, assim, quando eu comecei como jornalista eu não tinha como gravar porque eu tinha aqueles primeiros celulares que não eram inteligentes. Aí era diferente. Eu tirava fotos, digamos assim, analógicas. Tipo, eu trabalhava tomando nota, assim, não era aquilo de gravar e depois fazer a transcrição, né? Mas aí depois eu consegui um aparelho para gravar, bem simples, e daí fui para um aparelho melhor que era para ter um som bem legal, que era para fazer rádio. Mesmo que eu tivesse celular não rolava pela qualidade, né? Com a qualidade de som do celular daquela época. Nos últimos 10 anos, não 10 anos não, para o meu trabalho de jornalista eu trabalho com o meu celular. Eu gravo com meu celular próprio, mas eu ainda tenho um gravador que não funciona muito bem, mas que eu uso quando faço rádio, por exemplo. E o meu computador, claro.

Entrevistador: Não tem como a gente ficar sem.

Pois é, mas quando eu comecei não tinha. Aí eu ia para um cybercafé lá em Buenos Aires, cara. Eu não tinha. Eu estou falando, mais ou menos, de 2004. Eu consegui comprar um não sei como, porque eu não venho de uma família com grana e tal, eu consegui comprar um computador. Mas nos meus primeiros anos, meus amigos me emprestavam os aparelhos e eu ia para os lan houses para trabalhar.

3. E de alguma forma, você se sente dependente do *smartphone* para realizar o seu trabalho no dia a dia?

Um pouco, sim. Porque eu gravo, e o que acontece, por exemplo, eu te falei que eu estava em uma revista semanal até dezembro. Minha chefe lá, Rebeca, é uma pessoa de outra geração. Ela trabalha muito rápido. Você poderia até entrevistar ela, ela fala inglês e um pouco de espanhol. Mas até os dias de hoje ela não grava. Ela olha para a pessoa e escreve assim (fazendo movimento com as mãos). Eu acho uma falta de respeito, assim. Eu quero prestar minha

atenção, né? É como se você estivesse agora me ouvindo e digitando ou escrevendo, não é legal, entendeu? Eu sinto que eu preciso, para fazer uma entrevista, por exemplo, essa segunda feira agora eu vou fazer uma entrevista com um dos *rappers* mais importantes da Suécia, assim, que aliás ele faz parte de um certo grupo criminoso. Agora já não, mas assim, logicamente jamais eu vou tentar captar o que ele está falando e ao mesmo tempo tomar nota, não. Eu dependo do meu *smartphone*.

Entrevistador: É algo que de fato facilita o teu próprio trabalho

Muito, mas é claro que requer mais tempo, né?

4. Você enxerga de certa forma algo negativo dessa relação ou você acha que é uma dependência que veio para ajudar no trabalho do dia a dia da redação para deixar o trabalho mais ágil ou você acha que existe um dark side?

Não, ou seja, eu trabalhei muito de freelancer e eu tinha mais tempo nessa época. Eu podia, digamos assim, decidir controlar o meu próprio tempo. Por exemplo, eu fui para Santa Marta, uma favela lá do Rio de Janeiro, e fiz uma entrevista de 1 hora com um cara que falava sem parar. Normalmente o que eu fazia, eu escutava enquanto eu estava correndo e fazendo outras coisas e me familiarizava com o material. Daí eu já sabia mais ou menos que parte eu gostava mais. Agora, trabalhando em uma redação, eu não tenho esse tempo. Eu faço com o bluetooth. Eu passo o registro, o file, gravado do meu celular do trabalho, eu tenho dois, para o computador. Eu estou querendo um programa que ajude no momento de transcrever, um colega tem. Mas ainda não consegui, então é essa coisa de tentar manter a concentração. Ou seja, claro que eu preciso que o meu celular esteja com bateria e tal. Nesse sentido, eu acho que não é bom depender. Você tem que estar preparado para não ter. O celular pode deixar de funcionar e aí você não pode fazer a entrevista? Enfim, eu não vejo muito lado negativo não.

5. Partindo um pouco para outro lado, eu vou tentar falar com você sobre a redação em si, sobre o espaço. Você acredita que de alguma forma a pandemia modificou o trabalho na redação que você trabalha e no jornalismo em geral? Eu pergunto, pois no Brasil a pandemia foi gigante e a gente foi muito atingido no Brasil e o nosso modo de trabalhar mudou muito lá. Você acha que isso também aconteceu de certa forma aqui na Suécia, principalmente em relação ao jornalismo.

Eu acho, mas o que acontece, agora a gente está autorizado a trabalhar de casa. A gente precisa trabalhar dois dias na redação física e no resto do tempo podemos trabalhar de casa ou em outro lugar. Eu acho que ... A gente está usando o Skype, que eu acho muito old school, a gente está usando isso como um meio de comunicação como mídias e chats. Então, talvez, no meu caso, no meu trabalho, a gente já estava acostumado a se comunicar muito pelo skype e pelo telefone. A mudança não foi tão radical assim, agora eu estou trabalhando com cultura e eu escrevo coisas com um ponto de partida mais filosófico, sei lá, talvez eu não precise. Agora uma pessoa que trabalha com notícias muito mais atuais, aí eu acho importante ir na redação para poder ver e trabalhar, só que eu não vejo isso como algo necessário assim. Eu vou lá por outros motivos, mas não é algo como se eu não vou lá eu não consigo realizar o meu trabalho.

Entrevistador: Partindo desse princípio então você acredita que o espaço físico da redação, como a gente conhecia anos atrás, com todos os jornalistas, não é de fato mais essencial. Que a gente pode realizar o trabalho jornalístico em outros lugares?

Não é essencial enquanto, se a gente fala sobre o produto jornalístico. Ou seja, não é que estando lá eu vou escrever melhor o meu artigo, por exemplo. Agora existe um aspecto social. Se eu estou aqui na minha casa trabalhando eu estou quase isolada. Então eu acho que a redação física ainda é muito importante por outros motivos que não sejam necessariamente materiais ou que se eu não estou lá eu não consigo fazer tal coisa, claro que eu posso, não é? Mas, hoje eu estive lá, ontem não. Eu vou nas terças, quartas e quintas e trabalho em casa segunda e sexta. Para mim é importante poder trocar uma palavra com um cara que vai fazer o desenho gráfico ou, por exemplo, eu vou fazer a entrevista com o *rapper* e eu sei que outro cara já entrevistou ele e conhece ele e invés de mandar email para o meu colega eu ando três metros e bato um papo com ele, então assim, eu acho que ainda é importante pelo processo sociocultural que deixa o nosso trabalho mais rico assim.

6. Falando até sobre essa relação entre os membros da redação, vocês quando não estão todos na redação, pelo o que eu entendi, se conectam e se comunicam via skype, essas reuniões são frequentes, ou seja, tem toda a semana ou cada semana é de um jeito diferente?

Na verdade, na revista semanal, nós éramos três e mais as pessoas do desenho gráfico, nós tínhamos dias e horários. Agora, na redação cultural, o nosso chefe é novo, então a gente ainda não tem uma rotina assim. Você quer ver pelo computador como funciona? É uma ferramenta um pouco estressante, não é só a minha redação que tem um chat. Tem um chat com a edição

final. Eu fico um pouco estressada com a quantidade de mensagens (nesse momento ela busca o computador e abre o skype da redação). O nome do jornal é *Dagens ETC* e aí os chats são só com pessoas que trabalham no jornal, né? Esse é o grupo do design gráfico para quem trabalha com o Indesign, depois da cultura, nós somos cinco pessoas na redação. Aí tem esse chat aqui para toda a empresa, não só o jornal. Então é muita coisa, cara.

Entrevistador: Realmente é muita informação

E também eu tenho acesso ao servidor. Então quando eu termino um texto eu preciso entrar aqui. Sábado eu fiz uma entrevista muito grande e preciso colocar no servidor e depois todo mundo edita. A gente vai mudar de sistema, eu acho que a tecnologia deveria facilitar e minimizar e não estressar.

Entrevistado: Você consegue acessar esse sistema todo pelo computador só ou você consegue acessar também pelo celular?

Então, eu tenho um problema com celular. Eu tenho esse celular Huawei e tenho um iphone. Assim, aqui eu tenho o Skype. Se eu estou indo para o trabalho eu posso ir vendo e respondendo mensagens e vendo outras coisas e tenho gravador. Eu poderia ter o meu email também, mas eu não quero. É a minha forma própria e particular de reduzir o meu estresse. De não ter tudo aqui, entendeu. É uma questão. Eu tenho muitos amigos e colegas no meu trabalho que estão com todas as aplicações (aplicativos) aqui, entendeu ? Entra no email e você está no metrô e já responde. Eu para não ficar mal de estresse fiz desse jeito, mas muitas pessoas do meu trabalho têm tudo no celular.

7. Voltando rapidinho em uma questão da pandemia, você acha que o celular ajudou na hora da produção de conteúdo?

Eu acho que ajudou no mesmo ritmo. Não vejo muita diferença na verdade no antes e depois da pandemia.

8. Partindo para outra perspectiva da entrevista, existe de alguma forma uma maneira da população em geral participar da produção de conteúdo?

Sim, porque eu posso te mostrar a web. Esse aqui é o jornal. Você pode escolher o ETC News Magazine, a revista de desenho e decoração sustentável. Todas as coisas que estão publicadas aqui são publicadas no *Facebook* e Twitter. Se você não tem uma subscrição você não pode ler. No *Facebook*, por exemplo, muitas pessoas comentam e existem muitos trolls, né? As pessoas comentam sem terem lido o texto. Então é uma interação, né? Mas muitas pessoas não leem. Quando eu trabalhava na revista semanal era, toda segunda feira, ver os canais da revista e copiar comentários dos leitores e botar na revista. Posso te mostrar. E eles sabem, então (...) Esse aqui é o jornal e essa é a revista. Então eu tinha que juntar os comentários e colocar como os leitores reagem. Eu não tenho *Facebook*, enfim. Eu sou particular. Não uso *Instagram*. Eu usava o *Facebook* da minha banca, mas não faço mais isso, graças a Deus. Eu tinha que entrar toda a semana e ver.

Entrevistador: De algum desses comentários ou reações, acabou surgindo alguma ideia de pauta para uma reportagem ou até mesmo alguma imagem ou algo do tipo.

No *Facebook* e *Instagram*, não. Mas eu recebo email dos leitores e daí já surgiram alguns casos algumas vezes, sim.

Entrevistador: No Brasil surgiram alguns casos do que está no Trending Topics do Twitter, por exemplo, os jornais acabam utilizando, de certa forma, em reportagem ou matéria. Você acha que isso acontece aqui na Suécia?

Sim, um dos caras que trabalha com publicidade e nessa área comercial do jornal faz esse resumo. Todos os dias ele coloca nos chats no Skype os TT, mas eu não sei afirmar se daí acontece algo. Eu não sei afirmar o porquê dele fazer isso, na verdade, mas a gente trabalha muito com. Eu não sei nem traduzir, não sei nem em inglês ainda, sabe quando você tem um artigo e para você ler você precisa de uma subscrição e aparece uma oferta ? Tipo, paga 10 coroas suecas e você pode ler o artigo. Isso a gente chama de conversão. Isso é um pouco estressante às vezes. Inclusive esse cara publica todos os dias no chat quais artigos ganharam essas conversões também. Então eu sinto que a gente está muito consciente disso, entendeu? Essa entrevista que eu fiz com uma escritora sueca, resultou em várias novas subscrições ou conversões. Alguns ficaram e aproveitaram a oferta e outros saíram depois de ler a matéria. Claro que isso de alguma forma dá um impacto e há uma discussão sempre viva na redação. Não podemos ficar cegos com esses números. Só o jornalista que escreve um artigo assim é

bom. Cada um precisa fazer suas coisas, às vezes é algo chato e não ganha muita atenção. O que modifica o status social dentro da redação, fica um pouco estranho.

9. Acho que para fechar a nossa conversa sobre isso. Agora pensando mais na perspectiva do jornalismo cultural. Como você acha que vai ser o futuro do jornalismo cultural com os dispositivos móveis e se você acha que isso vai ser remodelado?

Bom, desculpa. Você quer que eu fale sobre um futuro possível?

Entrevistador: Sim, um panorama sobre o que você acredita que vai ser o jornalismo cultural e fazer com os dispositivos móveis.

No último verão, no festival de música, eu estava de férias e tinham bandas que me interessavam. Eu aproveitei, fiz fotos, gravei vídeos e fiz uma entrevista meio improvisada e quando eu voltei para o trabalho eu consegui incorporar aquilo e escrever uma nota e isso a gente tem que ver com certa flexibilidade. Eu nem sempre trabalhei com jornalismo cultural. No Rio de Janeiro eu trabalhava com política e economia. Mas assim, eu acho que o celular e o fato de estar, frequentar, visitar vários contextos e eventos me permite descobrir e gravar para o meu trabalho. Eu acho que, eu não vejo muito desenvolvimento. Daqui 10 anos meu trabalho como jornalista vai ser muito diferente, eu não acredito nisso. Hoje muitas pessoas leem o *Facebook* ao invés do diário, né? Tem menos vontade das pessoas de pagar para o futuro jornalístico e isso faz parte de um desenvolvimento tecnológico. Eu acho que esse é o desafio. Ter a esperança das pessoas ainda quererem pagar pelo trabalho jornalístico.

b) Entrevista 02 – Lars Larsson

1. The first question I want to ask is, how long have you been working with journalism and if you think somehow journalism has changed over time?

(A primeira questão que eu gostaria de fazer é, por quanto tempo você trabalha com jornalismo e como o jornalismo se transformou nesse período?)

I started working as a journalist I would say in 1985 or 1986, that's when I was studying at the University of Uppsala, I was studying to become a professor and then I changed to journalism. I don't have a journalism degree. I just started to work with and got a job after a job. My first position was in a local newspaper two hours from north and I also worked at Upssola. But since 1999 I am working in Stockholm at DN and then aftonbladet but now I am basically working for TT, a news agency, since 23 years now.

(Comecei a trabalhar como jornalista diria em 1985 ou 1986, foi quando eu estudava na Universidade de Uppsala, estudava para ser professor e depois mudei para o jornalismo. Não tenho diploma de jornalismo. Acabei começando a trabalhar e consegui um emprego atrás do outro. Minha primeira posição foi em um jornal local a duas horas do norte e também trabalhei em Uppsala. Mas desde 1999 estou trabalhando em Estocolmo no DN e depois Aftonbladet, mas agora estou basicamente trabalhando para a TT, uma agência de notícias, há 23 anos.)

Entrevistador: It's a long time

(É bastante tempo)

2. Do you think somehow the way that you do journalism ten years ago and now is different ?

(Você acredita que o jornalismo de alguma forma é diferente?)

Yes, it is.

(Sim, é).

Entrevistador: In the way of the production of content with devices or the way that you do the principles of journalism?

(Na produção de conteúdo com dispositivos ou nos princípios do jornalismo?)

Of course it does. The way that we do journalism is faster now. Speed has always been part of news agencies specially, but now it is all over. It doesn't matter if it is a newspaper or a news agency. I mean it's live, live reports. It was like the older version of newspapers, the teleprinter came to news agencies and turned all. But first, when I started there wasn't any mobile phones. The only ones who had mobile phones in the late 80's were the photographers at the newspapers, they had a mobile phone in their car.

(Claro que sim. A forma como fazemos jornalismo é mais rápida agora. A velocidade sempre esteve presente principalmente nas agências de notícias, mas agora está por tudo. Não importa se é um jornal ou uma agência de notícias. Quero dizer ao vivo, relatos ao vivo. Era como a versão mais antiga dos jornais, o teleprinter chegava às agências de notícias e mudava tudo. Mas primeiro, quando comecei, não havia telefones celulares. Os únicos que tinham celular no final dos anos 80 eram os fotógrafos dos jornais, tinham celular no carro.)

Entrevistador: I see, that big one

(Eu sei, aquele grande)

Yes, this one. But I think (...) maybe when the iphone started more or less. When it was it ? 2007?

(Sim, esse mesmo. Mas eu acho, deixa eu ver, talvez quando o iphone começou mais ou menos. Quando foi isso? 2007?)

Entrevistador: I think so, 2007 or 2008, the beginning of the *smartphone* era.

(Eu acho que sim, 2007 ou 2008, o começo dos smartphones)

3. Do you believe that journalists somehow need *smartphones* to work? Do you think that you, for example, depend on yours?

(Você acredita que o jornalista, de certa forma, precisa do smartphone para trabalhar? Acredita, por exemplo, que somos dependentes?)

It gives me for good and for worst. It gives access to a lot, I can check things like going to a website or to a newspaper. Check if something is true, check the government website and see what they said about it. Everything in a couple of minutes. I can call someone. I couldn't do this years ago and now I can. I also have the internet or the computer itself. I can check things up. But you have to have a connection.

(Para o bem e para o pior. Dá acesso a muita coisa, posso consultar coisas como ir a um site ou a um jornal. Verificar se algo é verdade, verificar o site do governo e ver o que eles disseram sobre determinado assunto. Tudo em alguns minutos. Posso ligar para alguém. Eu não pude

fazer isso anos atrás e agora posso. Eu também tenho a internet ou o próprio computador. Eu posso verificar as coisas. Mas você tem que ter uma conexão.)

Entrevistador: This is the worst side for you? Like the technical issues?

(Esse é pior lado para você? Os problemas técnicos?)

Not anymore. Before it was. Maybe it is too easy to get sources. Maybe if you scroll on the screen you don't get the same overview as if you see the situation or read the whole document, for example. Sometimes it became a little bit scary.

(Não mais. Antes era. Talvez seja muito fácil obter fontes. Talvez se você rolar a tela não tenha a mesma visão geral como se visse a situação ou lesse o documento inteiro, por exemplo. Em algum momento tornou-se um pouco assustador.)

Entrevistador: Like a sensation to be blind by a thing.

(como a sensação de estar cego por causa disso)

Yes, you need to be carefull. Also another worst side is, of course, the stress and the stressful situations at work. For example, if you don't get the connection or you are out of battery.

(Sim, você precisa tomar cuidado. Também, outro lado negativo, é o estresse e as situações estressantes do trabalho. Como, por exemplo, se você não tem conexão ou está sem bateria).

4. About the connection, do you think that to be connected 24/7 is stressful as well?

(Sobre conexão, você acredita que estar conectado 24/07 é estressante também?)

Oh yeah. Because before, I mean, when the cellphones first came, it was the one thing that people could reach you in other ways than before. They had to call you when you were at the office, but with the alarm of *smartphones*, since you publish yourself or work on the *smartphone* so on, you deliver things to the office. Also you have social media and so on. They can, your boss or other people can see what you do. I mean that's a thing. I have a twitter account and I am not a regular twitter user, but I check everyday or every 4 hours or something. But I don't publish so much myself. But I know that people may think "I know that he is there, why he do not post things".

(Oh sim. Porque antes, quer dizer, quando surgiram os primeiros celulares, pensava-se que as pessoas poderiam te alcançar de outra forma. Eles tinham que ligar para você quando você estava no escritório, mas com o avanço dos smartphones, desde que você publica ou trabalha no smartphone e assim por diante, você entrega as coisas para o escritório. Além disso, você tem a mídia social e assim por diante. Eles podem, seu chefe ou outras pessoas, podem ver o que você faz. Quero dizer, isso é uma coisa. Eu tenho uma conta no Twitter e não sou um usuário regular do Twitter, mas eu verifico todos os dias ou a cada 4 horas ou algo assim. Mas eu mesmo não publico tanto. Mas eu sei que as pessoas talvez pensem “eu sei que ele está aí, por que ele não posta as coisas?”).

Entrevistador: So do you think that you kind of work 24/7 because of it?

(Então você sente que trabalha 24/7 por causa disso?)

Yes, I do. It have been always my mood. But now is much easier to do that. I have a working standard now that it hasn't before. I can lay in my bed and email or people can email me. And that's the thing too, before the *smartphone*, the cellphone just have an sms function. Now people know that you are access on an instant for email, sms or even on a dm from twitter, messenger. Before they may have to find a way for you to be in the office or they call you. So you have access to a lot of things, but people have to you. When you work at the news agency you work in a loop short of it is hard to cut down and leave your work at 17 o'clock in the evening.

(Sim, eu sinto. Sempre foi o meu estilo. Mas agora é muito mais fácil fazer isso. Eu tenho um padrão de trabalho agora que não tinha antes. Posso deitar na minha cama e enviar um e-mail ou as pessoas podem me enviar um e-mail. E é isso também, antes do smartphone, o celular só tinha uma função de sms. Agora as pessoas sabem que você está acessando instantaneamente por e-mail, sms ou até mesmo por dm do twitter, messenger. Antes eles tinham que passar por você no escritório ou ligar para você. Então, agora você tem acesso a muitas coisas, mas as pessoas têm acesso a você. Quando você trabalha na agência de notícias, você trabalha em um loop, é difícil cortar e sair do trabalho às 17 horas da noite).

5. You said that you check twitter sometimes at a day. In Brazil, journalism, is really commum Journalists check the twitter and see what is trending. And this, of course, remodels what we do in journalism. The movement is the same here in Sweden?

(Você disse que checa o Twitter algumas vezes ao dia. No Brasil, no jornalismo, é muito comum os jornalistas checarem o twitter e verem o que está em alta. E isso, claro, remodela o que fazemos no jornalismo. O movimento é o mesmo aqui na Suécia?)

Yes, it is and I think maybe we get a distorted image. If you are a journalist and you are at the twitter or if you are a media interest person, Politician, whatever, you can get a wrong picture of what people think is important. If you go by what is only trending on twitter. I don't know, maybe you also study that. Maybe 10% of the Swedish people is active on twitter, check or have the twitter account. So what goes around there may concern a few people or the public. So you have to be careful about it.

(Sim, é e acho que talvez tenhamos uma imagem distorcida. Se você é um jornalista e está no twitter ou se você é uma pessoa interessada na mídia, político, seja o que for, você pode ter uma imagem errada do que as pessoas acham que é importante. Se você for pelo que é só trading no twitter. Não sei, talvez você também estude isso. Talvez 10% do povo sueco esteja ativo no twitter, verifique ou tenha uma conta no twitter. Então o que rola por aí talvez diga respeito a poucas pessoas ou ao público. Então você tem que ter cuidado com isso.)

Entrevistador: Also I think that there are a lot of trolls just like in Brazil.

(Eu acho que também devem ter muitos trolls como é o caso do Brasil)

Yes yes, it is the same here. The newspapers sometimes, they talk about twitter *stories*. But if you check the numbers so on, who are posting things, the subject, maybe there are a lot of bots and trolls.

(Sim, sim, é o mesmo aqui. Os jornais, às vezes, falam sobre histórias do twitter. Mas se você verificar os números e tal, quem está postando as coisas, o assunto, talvez haja muitos bots e trolls.)

6. Do you have a space in the news agency for people who can participate in the agenda in journalism or do you think the journalist decides what is news or not?

(Vocês têm espaço na agência de notícias para pessoas que poderem participar da pauta do jornalismo ou você acha que o jornalista decide o que é notícia ou não?)

I don't think journalism decides what is news or not. It's more complex. But of course you can try to leave the issue. But I think they have some, they talk about it and they have a reason to do it. But I think sometimes *stories* appears. So there is always a question for journalists for being careful and watch yourself and ask who is interested, who is the main contributor or has the main interest. What is behind the *stories*?

(Não acho que o jornalismo decida o que é notícia ou não. É mais complexo. Mas é claro que você pode tentar deixar o problema. Mas acho que eles têm alguns, eles falam sobre isso e têm um motivo para fazer isso. Mas acho que às vezes aparecem histórias. Portanto, sempre há uma pergunta para os jornalistas serem cuidadosos e se observarem e perguntarem quem é o interessado, quem é o principal colaborador ou o principal interesse. O que está por trás das histórias?.)

7. I will change the subject a little because I think this is also important for the research. The pandemic changed a lot Brazil in how we work. Do you think the pandemic changed the way that people work with journalism here in Sweden as well or are there still the same ways?

(Vou mudar um pouco de assunto porque acho que isso também é importante para a pesquisa. A pandemia mudou muito o Brasil em como trabalhamos. Você acha que a pandemia mudou a forma como as pessoas trabalham com jornalismo aqui na Suécia também ou ainda continua da mesma forma?)

The digital press conferences and the digital meetings. But the digital press conferences for sure. It was possible to do it before and sometimes they did, but by the pandemic became very common and I think a lot of my colleagues think it is better just to watch a conference *on-line* then go there themselves. But many times it is not worth attending the press conference physically. So that's the big shift.

(As coletivas de imprensa digitais e as reuniões digitais. Mas as coletivas de imprensa digitais com certeza. Era possível fazer isso antes e às vezes eles faziam, mas com a pandemia tornou-se muito comum e acho que muitos dos meus colegas acham melhor apenas assistir a uma conferência on-line do que ir eles próprios. Mas muitas vezes não vale a pena comparecer fisicamente à coletiva de imprensa. Então esse é a grande mudança).

Entrevistador: The work at the agency changed as well? Do you have a physical space and have to go there every day?

(O trabalho na agência mudou também? Vocês têm um espaço físico e precisam ir todos os dias?)

That also changed, of course. All the possibilities were there before the pandemic. You had the tools and you could do it. You had facetime and everything. But it wasn't accepted the same way. I think that there were a lot of people that were dogging you at work and you *appeared* on the screen and they didn't know where you were. I mean, they didn't see as the same as if you were at the office. But it's much more accepted now. You can say "now I am going to work home today".

(Isso também mudou, claro. Todas as possibilidades existiam antes da pandemia. Você tinha as ferramentas e poderia fazê-lo. Você tinha o facetime e tudo mais. Mas não foi aceito da mesma forma. Eu acho que muitas pessoas te perseguiram no trabalho se você aparecesse na tela e eles não sabiam onde você estava. Quero dizer, eles não viam como se você estivesse no escritório. Mas é muito mais aceito agora. Você pode dizer "agora vou trabalhar em casa hoje".)

Entrevistador: Do you think that *smartphones* have something to do with that?

(Você acha que o smartphone está relacionado ao processo?)

Yes, of course. The techniques have been developing over time. Before you had to sit at a computer to have *on-line* meetings but now you don't have too. You just have your iphone, Samsung or whatever and put your airpods or headphones and you are there. You can be wherever.

(Sim claro. As técnicas foram se desenvolvendo ao longo do tempo. Antes você tinha que se sentar em um computador para ter reuniões on-line, mas agora você não precisa mais. Você apenas tem seu iphone, Samsung ou qualquer outro e coloca seus airpods ou fones de ouvido e você está lá. Você pode estar em qualquer lugar.)

8. I interviewed a journalist here in Sweden and it was interesting to see that they have a group on skype that they can decide everything. Do you have something similar in the news agency?

(Entrevistei um jornalista aqui na Suécia e foi interessante ver que eles têm um grupo no skype que eles podem decidir tudo. Você tem algo semelhante na agência de notícias?)

Yes, we have. I write about politics and I write about political perspectives and every morning we have a meeting. Five years ago we had at the office but nowadays we just meet physically once a week at the office and the rest of the days we have *on-line* meetings. So we rely on your *smartphones* or laptops.

(Sim, nós temos. Escrevo sobre política e escrevo sobre as perspectivas políticas e todas as manhãs temos uma reunião. Cinco anos atrás tínhamos no escritório, mas hoje em dia nos reunimos fisicamente apenas uma vez por semana no escritório e nos outros dias temos reuniões on-line. Então, nós dependemos dos smartphones ou laptops.)

9. How do you see the presence of the *smartphone* in the newsrooms ?

(Como você vê a presença dos smartphones nas redações de notícia?)

It's a useful tool in many ways. Maybe you can get another answer for a journalist that works at the newspaper or writes long *stories* every week. I write three or four *stories* for a day and makes, for better or worst, so a useful tool

(É uma ferramenta útil de várias maneiras. Talvez você possa obter outras respostas para um jornalista que trabalha no jornal ou escreve longas histórias toda semana. Escrevo três ou quatro histórias por dia e faço, para o bem ou para o mal, então é uma ferramenta útil)

Entrevistador: Have you ever used your *smartphone* to write a story ?

(Você já usou o smartphone para escrever uma notícia)

I sometimes have written short quotes on the phone. But I am not agile with my toes, a fifteen year old who was raised with an iphone can write a long story but I am not used to. I could do it. I still find it hard. I still do the structures, but if I am in the press conference I record and send to my colleagues the audio file right away.

(As vezes, escrevi citações curtas nos telefones. Mas não sou ágil com os dedos, um garoto de quinze anos criado com um iphone pode escrever uma longa história, mas não estou acostumado. Mas eu poderia fazer isto. Eu ainda acho difícil. Eu ainda faço as estruturas, mas

se eu estiver na coletiva de imprensa eu gravo e envio para meus colegas o arquivo de áudio na hora.)

Entrevistador: So it is a work team.

(Então é um trabalho em equipe)

Yes, it is. That's actually a thing that has evolved in my agency in the last five years. In the press conferences you were alone and the only one responsible for it. Nowadays I go sit there and ask the questions and meanwhile almost all the time there is a channel live. So there is television and newspapers. So my colleagues at the desk at the office listening to and right away write about it.

(É sim. Isso é algo que evoluiu na minha agência nos últimos cinco anos. Nas coletivas de imprensa você estava sozinho e o único responsável por isso. Hoje em dia eu vou sentar lá e fazer as perguntas e enquanto isso quase o tempo todo tem um canal ao vivo. Portanto, há televisão e jornais. Então, meus colegas na mesa do escritório ouvindo e imediatamente escrevendo sobre isso.)

Entrevistador: Totally the agility of journalism that we talked about it.

(Totalmente a agilidade do jornalismo que conversamos)

Yes, totally. That was the first thing that I thought when you said you wanted to interview me about *smartphones*. So I can think about my early years in journalism. In 1999 I spent 6 months in Spain just to study Spanish. I saw journalism then in Spain and when I watched news from South America like Brazil that they were a lot more adaptable to make use of cellphones possibilities. In the press conferences on the football matches. That's what we do now here in Sweden.

(Sim, totalmente. Essa foi a primeira coisa que pensei quando você disse que queria me entrevistar sobre os smartphones. Então posso pensar nos meus primeiros anos no jornalismo. Em 1999 passei 6 meses na Espanha só para estudar espanhol. Vi jornalismo na Espanha e quando vejo notícias da América do Sul como o Brasil que eles eram muito adaptados para aproveitar as possibilidades dos telefones celulares. Nas coletivas de imprensa sobre os jogos de futebol. É o que fazemos agora aqui na Suécia.)

c) Entrevista 03 – Signe Lidén

1. How long have you been working with journalism?

(Por quanto tempo você trabalha com jornalismo)

I'm working with journalism for about 15 years now.

(Eu trabalho com jornalismo há 15 anos mais ou menos).

Entrevistador: Do you think in these 15 years journalism somehow reshaped itself?

(Você acredita que durante esses 15 anos o jornalismo se remodelou de alguma forma?).

Changed a lot. I think meeting the reader by mobile or even a desktop. That is the big change, be where the readers are. Most of our readers are from cellphones.

(Mudou muito. Acho que atender o leitor pelo celular ou até mesmo um desktop. Essa é a grande mudança, estar onde os leitores estão. A maioria dos nossos leitores são de celulares).

Entrevistador: ohh, okay. So most of them read the *stories* from their cellphone. This is interesting. Do you think this also changes the way that you do journalism?

(OK. Então a maioria deles lê as histórias no celular. Isto é interessante. Você acha que isso também muda a forma como você faz jornalismo?)

Yes, for sure. Also, when I started as a journalist (...) Well, I became more and more like a boss and I am also a R.H now. When I started there was a lot of focus on click bait in journalism. "10 things you didn't know about Katy Perry".

(Sim com certeza. Além disso, quando comecei como jornalista (...) Bem, fui ficando cada vez mais chefe e agora também sou R.H. Quando comecei, havia muito foco em click bait no jornalismo. "10 coisas que você não sabia sobre Katy Perry".)

Entrevistador: Like a BuzzFeed

(Como uma lista BuzzFeed)

Yes, like a buzzfeed, absolutely. And for while I think most of the people thought that would be the future of journalism too, like be in a click bait thing. But since then we have come back

to paying for qualitative journalism. We do it and most of the major newspapers in Sweden have made a big shift from click bait to qualitative journalism and bringing back to not just advertisement, but ... what do you call it?

(Sim, como um Buzzfeed, com certeza. E por enquanto acho que a maioria das pessoas pensou que seria o futuro do jornalismo também, o click bait. Mas desde então voltamos a pagar por jornalismo de qualidade. Nós fazemos isso e a maioria dos principais jornais da Suécia fizeram uma grande mudança de click bait para jornalismo de qualidade e trazendo de volta não apenas publicidade, mas ... como você chama isso?)

Entrevistador: The subscribers

(Os assinantes)

Yes, yes the subscribers.

(Sim, Sim, os assinantes)

Entrevistador: I was with the word in portuguese on my mind.

(Eu estava pensando na palavra em português)

I was with the word in svenska

(Eu estava com a palavra em sueco)

2. How about your routines in the newsroom right now, do you work from home or do you stay here most of the time ?

(E a sua rotina na redação agora, você trabalha em casa ou fica aqui a maior parte do tempo?)

A Mix I guess. Maybe 60% or 70% of the time I work here at the office. On an average day I would say that 6 out of 10 people are here. But we have kind of a free *approach*. We are supposed to be here 2 days of the week and you can be at home 3 days if you want to. But we have all of the kinds. The people that don't want to come back and work just from home and the people who are here every day.

(Uma mistura, eu acho. Talvez 60% ou 70% do tempo eu trabalho aqui no escritório. Em um dia normal, eu diria que 6 em cada 10 pessoas estão aqui. Mas temos uma abordagem livre.

Devemos estar aqui 2 dias da semana e você pode ficar em casa 3 dias, se quiser. Mas temos todos os tipos. As pessoas que não querem voltar e trabalhar aqui e as pessoas que estão aqui todos os dias).

3. I will ask these because in Brazil we had a totally different context about, but the pandemic in Brazil changed a lot the way that you are as a society and the way that we work. Also in journalism the way that is produced. Do you think journalism change somehow?

(Vou perguntar isso porque no Brasil tínhamos um contexto totalmente diferente, mas a pandemia no Brasil mudou muito a forma como você é socialmente e a forma como trabalhamos. Também no jornalismo a forma como se produz. Você acha que o jornalismo mudou de alguma forma?)

Well, I think we have a different *approach* about being present. Now interviews can be done in any kind of digital *application* and you can and you don't need to be in the same room to perform an interview. But I don't know if we are taking a fool advantage of that. The journalism itself, I don't know.

(Bem, acho que temos uma abordagem diferente sobre estar presente. Agora as entrevistas podem ser feitas em qualquer tipo de aplicativo digital e você pode e não precisa estar na mesma sala para realizar uma entrevista. Mas não sei se estamos tirando vantagem disso. O jornalismo em si, não sei.)

4. You said about the interviews and the conferences as well started to be *on-line*, I don't know, with like with some political, for example, they started doing these *on-line* here too?

(Você disse que as entrevistas e as coletivas também começaram a ser on-line, sei como me expressar, mas como com alguns políticos, por exemplo, eles começaram a fazer isso on-line também?)

Yes, at least during the pandemic. First things got postponed. But I think in 2021 they said we are doing, but we are doing it *on-line*. I think most things are back to the physical now.

(Sim, pelo menos durante a pandemia. As primeiras coisas foram adiadas. Mas acho que em 2021 falaram que “estamos fazendo, mas estamos fazendo on-line”. Acho que a maioria das coisas está de volta ao físico agora.)

5. When I interviewed Clara she talked about the Skype that you have here. For me it works like the newsroom itself (...)

(Quando entrevistei a Clara ela falou sobre o Skype que vocês tem aqui. Para mim funciona como a própria redação...)

Yes, totally

Sim, isso mesmo.

How is it for you, as an editor as well, to work in this particular space and here at the same time?

(Como é para você, também como editor, trabalhar neste espaço particular e aqui ao mesmo tempo?)

I think it is great. We have the skype as a tool all the time, ever before the pandemic. Because we don't have reporters just in Stockholm we have in Helsingborg as well. So we have always been kind of a hybrid. The morning meetings where the news editors and reporters discuss what to bring in the next days these ones has always been video and physical. So this is not a change during the pandemic. But we have a big chat for all the people working for *Dagens ETC* and we mostly talk about "Oh, did you see this news thing" or "there has been a ... what you call it, I can find the word". But things happening. So or if you need the phone number of a researcher. And of course a silly place.

(Eu acho que isso é ótimo. Temos o skype como ferramenta o tempo todo, desde antes da pandemia. Porque não temos repórteres apenas em Estocolmo, temos em Helsingborg também. Então, sempre fomos meio híbridos. As reuniões matinais em que os editores e repórteres discutem o que levar nos próximos dias sempre foram em vídeo e físicas. Portanto, isso não é uma mudança durante a pandemia. Mas temos um grande bate-papo para todas as pessoas que trabalham para Dagens ETC e falamos principalmente sobre "Oh, você viu essa notícia" ou "houve um ... como você chama, posso encontrar a palavra". Mas coisas acontecendo. Então ou se você precisar do número de telefone do pesquisador. E, claro, um lugar de descontração.)

Entrevistador: So for me it seems kind of space, I am using the word discussion cause I don't find the right word in English, but it looks like a social space. It is work but it is also social.

(Para mim para o tipo de espaço, eu estou usando essa palavra mas não sei se é a melhor opção em inglês, mas parece como um espaço social. É trabalho, mas também é um local de interação social).

Yes, I would say that. That's a good description.

(Sim, eu diria isso. Acho uma boa descrição).

6. For you as editor, how do you use your *smartphone* for work? Do you use it often? How do you use it?

(Para você como editora, como é usar o smartphone no trabalho? Você usa com frequência? Como usa?)

I have been connected to my phone and my computer very much. So I can text it a lot. I also talk to my *smartphone* like "Call this person". I try to keep it as simple as possible. Not having to search for a number in my phone, for example. Just talking to it. But I would say that I don't use my phone too much at work, I mostly use my computer.

(Tenho estado muito conectado ao meu telefone e ao meu computador. Então eu posso enviar muitas mensagens de texto. Eu também falo com meu smartphone como "Ligue para essa pessoa". Eu tento manter o mais simples possível. Não ter que procurar um número no meu telefone, por exemplo. Apenas conversando com ele. Mas eu diria que não uso muito meu telefone no trabalho, uso principalmente meu computador.)

Entrevistador: But do you think somehow the journalists in the newsrooms use more *smartphones* now or they are still using mostly laptops?.

(Mas você acha que de alguma forma os jornalistas nas redações usam mais os smartphones agora ou ainda estão usando principalmente os laptops?)

I think most of the people use their laptops to write and search and they use their *smartphones* to connections, like an old school phone. And of course when they are out of work they can use their phone to keep in the skype or talk to their editor about. So it is a mix I would say.

(Acho que a maioria das pessoas usa seus laptops para escrever e pesquisar e usa seus smartphones para conexões, como um telefone antigo. E, claro, quando estão fora do trabalho,

podem usar o telefone para se manter no skype ou conversar com o editor sobre. Então é uma mistura, eu diria.)

7. Do you think your work now as an editor with all these technologies is really different from the work when you were a reporter?

(Você acha que seu trabalho agora como editor com todas essas tecnologias é muito diferente do trabalho quando você era repórter?)

I was never a reporter. I was a print editor and I was a web editor. So I have always been transforming someone else's information to pages or web pages. So I can't talk about the difference in this aspect.

(Nunca fui repórter. Eu era um editor impresso e eu era um editor da web. Por isso, sempre transformei as informações de outras pessoas em páginas ou páginas da web. Portanto, não posso falar sobre a diferença nesse aspecto.)

8. I have seen a movement in Brazil, but Journalism has been looking a lot in social media to see what is trending. Do you think that this movement is happening in Sweden as well ? And how do you see as an editor because I think there is a difference between what a reporter sees and what an editor sees in this case.

(Vi um movimento no Brasil, o Jornalismo tem procurado muito nas redes sociais para ver o que está em alta. Você acha que esse movimento está acontecendo na Suécia também? e como você vê como editor porque acho que há uma diferença entre o que um repórter vê e o que um editor vê neste caso)

I think most of our reporters and all of our staff are really active as an editor or as a reporter. When they are surfing on *Facebook* they are not active but looking for *stories* like “we should write about this” and then they send them to the chat. So even if you have a day off, when you are scrolling your *Instagram* you find things you want to write about or your colleagues should write about. So they are always looking for news events or movements to cover, people to interview.

(Acho que a maioria de nossos repórteres e toda a nossa equipe são realmente ativos com editores ou repórteres. Quando estão navegando no Facebook, não estão ativos, mas procuram histórias como “deveríamos escrever sobre isso” e depois enviam para o chat. Portanto,

mesmo que você tenha um dia de folga, quando estiver navegando no Instagram, encontrará coisas sobre as quais deseja escrever ou sobre as quais seus colegas deveriam escrever. Então, eles estão sempre procurando por notícias ou movimentos para cobrir, pessoas para entrevistar.)

9. Talking about these social movements, there is a case in Brazil that took my attention. During the George Floyd Movement and the black lives matter, the Rede Globo de televisão, our biggest broadcaster news, they were talking about racism and all the journalist where white and then, in the next day, after the movements in twitter about the journal, they have to do it the discussion all over again but with all black journalists.

(Falando sobre esses movimentos sociais, existe um caso no Brasil e me chamou a atenção. Durante o Movimento George Floyd e o Black Lives Matter, a Rede Globo de televisão, nossa maior emissora de notícias, falavam sobre racismo e todo o jornalista era branco e então, no dia seguinte, após as movimentações no twitter sobre o jornal, eles têm que fazer a discussão novamente, mas com todos os jornalistas negros...)

So the same newsroom?

A mesma redação?

Yes, the same newsroom. But the other day with all black journalists. So somehow the people in twitter and the discussion changed the journalist movement. So do you think people here in Sweden have this power too? My question actually is, how do people in general participate in the daily routines? They can send pictures or ideas? How does it works?

(Sim, a mesma redação. Mas outro dia com todos os jornalistas negros. Então, de alguma forma, as pessoas no Twitter e a discussão mudaram o movimento jornalístico. Então você acha que as pessoas aqui na Suécia também têm esse poder? Na verdade, minha pergunta é: como as pessoas em geral participam das rotinas diárias? Eles podem enviar fotos ou idéias? Como funciona?)

Like other people influence what we do and how we do it?

(Como outras pessoas influenciam o que fazemos e como fazemos?)

Entrevistador: I don't know if influence is the right word, but how they discuss journalism in general. How do you observe that?

(Eu não sei se influenciar é a palavra correta, mas como a discussão sobre o jornalismo em geral. Como você observa isso?)

There is a (...) Well, people have eyes on us. Both. The right side and the left side. They want us to fuck up just to prove that we are left wing extremist. But also are on subscribers they want us to be really really (...) like doing the right thing all the time. So they also keep eye on us like “oh you can't talk about these and that in that way” “you have to understand the us imperialism blabla” so there is from both sides a very close eye kept on us. But I would say that is also a good thing as well. Also with racism. I think it's a good way to call out people who are doing things in a hurtful manner or in a non inclusive manner. So they can get a chance to improve.

(Existe um (...) Bem, as pessoas estão de olho em nós. Ambos. O lado direito e o lado esquerdo. Eles querem que façamos merda só para provar que somos extremistas de esquerda. Mas também estão nos assinantes, eles querem que sejamos muito, muito (...) como fazer a coisa certa o tempo todo. Então, eles também ficam de olho em nós como “ah, você não pode falar sobre isso e aquilo dessa maneira” “você tem que entender o blabla do imperialismo americano”, então há de ambos os lados um olhar muito atento sobre nós. Mas eu diria que também é uma coisa boa. Também com racismo. Acho que é uma boa maneira de chamar a atenção das pessoas que estão fazendo coisas de maneira prejudicial ou não inclusiva. Assim, eles podem ter uma chance de melhorar.)

10. Do people here in Sweden participate in the *stories*? Like people send ideas or pictures for you? How is the process?

(As pessoas aqui na Suécia participam das histórias. Como enviando ideias ou fotografias? Como é o processo?)

Yeah. We have people sending us ideas and sending us documents about things they want us to write about. So it is all kinds of inputs, people call, write physical letters, write emails. Like “Can you look at this, I think there is something important here for you doing research about it” and we got a lot of good ideas come from readers, but we never know when it is good or not. And as we grow and get more visible people send us more.

(Sim. Temos pessoas que nos enviam ideias e documentos sobre coisas que querem que escrevemos. Portanto, são todos os tipos de conteúdos, as pessoas ligam, escrevem cartas físicas, escrevem e-mails. Como “Você pode olhar para isso, acho que há algo importante aqui para você fazer uma pesquisa sobre isso” e recebemos muitas boas ideias dos leitores, mas nunca sabemos quando é bom ou não. E à medida que crescemos e ficamos mais visíveis, as pessoas nos enviam mais.)

11. Talking about it, Brazil had a four years of a lot of fake news. Do you think there is a movement of fake news here in Sweden as well? In Brazil we use a lot of *WhatsApp*, but I don’t know about here in Sweden, about these movement.

(Falando nisso o Brasil teve quatro anos de muita fake news. Você acha que existe um movimento de fake news aqui na Suécia também? No Brasil usamos muito WhatsApp, mas aqui na Suécia não sei sobre esses movimentos.)

I don’t know how long have you been here.

(Eu não sei há quanto tempo você está aqui)

Entrevistador: Yes, I was here at the election, I have been here since august.

(Sim, eu estava aqui na eleição. Estou aqui desde agosto)

So you have been here. We had a big revel before the election about politicians attacking specific points every day with fake news. Basically what they call it, I think, battlefield. The war analogy, In a darkroom people with screens, infotraining, *Facebook* groups and like “Greta did this, she is horrible, she is going to destroy everything, we can drive our cars” Like doing populist troll things, changing the way somethings are discuss, like if we get the four or five main comments on the article we set the tone from the rest of the comment field.

(Então você esteve aqui. Tivemos uma grande festa antes da eleição sobre políticos atacando pontos específicos todos os dias com notícias falsas. Basicamente, como eles chamam, eu acho, campo de batalha. A analogia da guerra, em uma câmara escura, pessoas com telas, infotraining, grupos no Facebook e tipo “Greta fez isso, ela é horrível, ela vai destruir tudo, podemos dirigir nossos carros” Como fazer trolls populistas, mudar a maneira como as coisas são discutir, como se obtivermos os quatro ou cinco comentários principais sobre o artigo, definimos o tom do restante do campo de comentários.)

12. The last question, how do you see as an editor the technologies in the future in journalism, how is your personal perspective?

(A última pergunta, como você vê como editor as tecnologias do futuro no jornalismo, como é sua perspectiva pessoal?)

It is hard to tell. Right now it is A.I. How do we use it in a good way as a help.

(É difícil dizer. Agora é A.I. Como usamos de uma maneira boa como ajuda.)

Entrevistador: It is hard to see chatgpt doing a lot of things

(É difícil ver o chatGPT fazendo diversas coisas)

Yes, it is hard, but we also did marketing material with it. And it does it really well. So I think we just need to find a respectful way to use it.

(Sim, é difícil, mas também fizemos material de marketing com ele. E faz isso muito bem. Então, acho que só precisamos encontrar uma maneira respeitosa de usá-lo.)

d) Entrevista 04 – Sofie Axelsson

1. How long have you been working with journalism?

(Por quanto tempo você trabalha com jornalismo)

I have been working with journalism for four years now.

(Eu tenho trabalhado com jornalismo por 4 anos agora)

Entrevistador: So you are kind of used to working with all these technologies. So, how do you see it and how it is for you to work with all the technologies in the daily routine?

(Então você está acostumado a trabalhar com todas essas tecnologias. Então, como você vê e como é para você trabalhar com todas as tecnologias no dia a dia?)

Yes, I use a lot of the technologies and it is usually helpful, but it also could become too much because you are so, you know, absorbed in your phone, so your phone usually has a lot of

different *apps* not always directly for your work. You get your social media and you have to do the social media because it is part of the work and it is also (...) You know when you want to get away from that world? And it is hard because it is always there.

(Sim, eu uso muitas tecnologias e geralmente é útil, mas também pode se tornar demais porque você está tão inserido em seu telefone, então seu telefone geralmente tem muitos aplicativos diferentes, nem sempre diretamente para o seu trabalhar. Você pega suas redes sociais e ao mesmo tempo você tem que fazer as redes sociais porque faz parte do trabalho e também é (...) Sabe quando você quer fugir desse mundo? E é difícil porque está sempre lá.)

2. Do you think somehow we, as journalists, are addicted, I don't know if addicted is the right word ..

(Você acha que de alguma forma nós, como jornalistas, somos viciados, não sei se viciado é a palavra certa ..)

But, It is. We are addicted. For Sure. I tried to reduce my time on social media but it is hard because I have to have it.

(Mas isso é. Somos viciados. Claro que sim. Tentei reduzir meu tempo nas redes sociais, mas é difícil porque tenho que ter.)

3. Do you also work for things like take pictures or write *stories* or do you use your phone mainly for social media ?

(Você também trabalha para tirar fotos ou escrever histórias ou usa seu telefone principalmente para mídias sociais?)

It is mostly for social media, because I am also a photographer so I have my camera. But then, I can use it for uploading if I am on the field, I can use it just to directly put the pictures on my phone.

(É principalmente para mídias sociais, porque também sou fotógrafo, então tenho minha câmera. Mas então, posso usá-lo para fazer upload se estiver em campo, posso usá-lo apenas para colocar as fotos diretamente no meu telefone.)

Entrevistador: So do you use this way, this happens often?

Então você usa desse jeito, acontece com frequência?

Yes, it happens kind of often.

Sim, acontece com uma certa frequência.

4. How is your routine as a journalist? Do you work mainly here at the newsroom or do you also work at home?

(Como é sua rotina como jornalista? Você trabalha principalmente aqui na redação ou também trabalha em casa?)

I get both. I might be here maybe two or three times in the week and the rest I am home or I am out doing interviews or something.

(Eu entendo os dois. Posso estar aqui talvez duas ou três vezes na semana e o resto estou em casa ou estou fora fazendo entrevistas ou algo assim.)

5. Clara show me the skype that you have (nesse momento ela faz uma cara e diz aham). How is it for you to work with this because for me it looks like you have two places of work, you have the newsroom and also the skype, how is for you as a journalist to work in these two spaces?

Clara me mostre o skype que você tem (nesse momento ela faz uma cara e diz aham). Como é para você trabalhar com isso porque pra mim parece que você tem dois locais de trabalho, você tem aqui a redação e também o skype, como é para você como jornalista trabalhar nesses dois espaços?

It works, sometimes could be stressful because you are here talking to people and at the same time you have to go back to the thread because some of the people that you are working with are there so you have to include them, but that's the problem of having a lot of different threads at the same time, but I think mostly it does work. You get used to it.

(Funciona, às vezes pode ser estressante porque você está aqui conversando com as pessoas e ao mesmo tempo tem que voltar ao tópico porque algumas das pessoas com quem você está

trabalhando estão lá, então você tem que incluí-las, mas esse é o problema de ter muitos tópicos diferentes ao mesmo tempo, mas acho que funciona. Você se acostuma com isso.)

Entrevistador: Do you have in you cellphone the skype as well?

(Você tem o skype instalado no seu celular também?)

Yes

(sim)

Entrevistador: So you are like in the newsroom 24/7 mostly

(Então você está on-line no trabalho praticamente o tempo inteiro)

Yes. And the thing is that people don't stop using the skype thread after work time either. So it is a forever working newsroom that you just care with you and I am curious just as the most of the journalists are so I check what people have been writing late night Saturday.

(Sim. E o fato é que as pessoas também não param de usar o tópico do skype depois do horário de trabalho. Portanto, é uma redação sempre em funcionamento que você só se preocupa e sou curiosa, assim como a maioria dos jornalistas, então verifico o que as pessoas estão escrevendo tarde da noite de sábado.)

Entrevistador: So, how do you try to separate the sofie as a journalist and the sofie as a "human being"

(Então, como você tenta separar a sofie como jornalista e a sofie como "ser humano"?)

Oh, it is hard. You just have to sort of accept it, I think. I just have to accept that this is the field that I choose and I am interested in all these questions and I do want to know the input of my colleagues about the society which is all about those threads even after work time. So just to not extend, yes, I have to accept that this is how my life is and I am not a nurse that goes home after work and goes to your private life. But then, I mean, you can try to put your phone away and not get notification, but I kind of don't want to do that either, like I said I am curious and I know that is a problem but it is also a global problem I think.

(Ai é difícil. Você só tem que aceitar, eu acho. Só tenho que aceitar que este é o campo que escolhi e me interesso por todas essas questões e quero saber a opinião de meus colegas sobre a sociedade que gira em torno desses tópicos, mesmo depois do horário de trabalho. Então, só para não estender, sim, tenho que aceitar que é assim que minha vida é e não sou uma enfermeira que vai para casa depois do trabalho e vai para sua vida privada. Mas então, quero dizer, você pode tentar guardar o telefone e não receber notificação, mas eu também não quero fazer isso, como eu disse, sou curiosa e sei que isso é um problema, mas também é um problema global, eu acho.)

Entrevistador: I am a journalist to and I think it is almost part of who we are also in this kind of way when I am not working I am on twitter like seeing what is happening and I am doing this cause at the same time I like to see what is going on so I totally understand you

(Sou jornalista e acho que é quase parte de quem somos também dessa forma quando não estou trabalhando estou no twitter gosto de ver o que está acontecendo e estou fazendo essa causa ao mesmo tempo gosto de ver o que está acontecendo, então eu entendo você totalmente)

Yeah, it is kind of a hobby but is also always in the back of your head “maybe this could be a story”, “maybe could do something about these”.

(Sim, é meio que um hobby, mas também está sempre na sua cabeça “talvez isso possa ser uma história”, “talvez possa fazer algo sobre isso”).

6. One more thing, the pandemic in Brazil changes the way that we work. We started doing a lot of things at home. Do you think somehow the pandemic changes the way that you work here in Sweden as well? And how does this change?

(Mais uma coisa, a pandemia no Brasil mudou a forma como trabalhamos. Começamos a fazer muitas coisas em casa. Você acha que de alguma forma a pandemia mudou a maneira como você trabalha aqui na Suécia também? E como isso mudou?)

Yes, it has been changed a lot. Before the pandemic I worked at a local newspaper and in that work I was constantly talking to people in their neighborhood and so on that shut and became a completely different type of work that we could only phone whoever was in our story. But starting here (...) I started in the pandemic and that was also very hard because I couldn't see my colleagues and I was not able to make friends. I had this one colleague that talked to me,

but like, it is not natural to start a new skype thread and say “hi, what’s up?” and have a random conversation. So it was mostly a conversation between me and my closest boss and the morning meeting. So it became much more isolated I would say.

(Sim, mudou muito. Antes da pandemia eu trabalhava em um jornal local e nesse trabalho eu estava constantemente conversando com as pessoas do bairro e assim por diante que fechou e se tornou um tipo de trabalho completamente diferente que só podíamos ligar para quem quer que estivesse em nossa história. Mas começando aqui (...) comecei na pandemia e isso também foi muito difícil porque não pude ver meus colegas e não consegui fazer amigos. Eu tive esse colega que conversou comigo, mas tipo, não é natural começar um novo tópico no skype e dizer “oi, tudo bem?” e ter uma conversa aleatória. Portanto, era principalmente uma conversa entre mim e meu chefe mais próximo e a reunião matinal. Então ficou muito mais isolada, eu diria.)

Entrevistador: I think the pandemic changes the social interactions somehow. Do you think it is better for you to be here at the newsroom and have these social interactions and now that you know all of them in person, do you have these social interactions also at skype, for example? Or do you just use skype for work?

(Eu acho que a pandemia mudou de alguma forma as interações sociais de alguma forma. Você está aqui na redação e tem essas interações sociais agora que você conhece todos pessoalmente. Você tem essas interações sociais também no skype, por exemplo ? Ou você só usa o skype para trabalhar?)

No, now I use the skype just to check people, because, yeah, I already have connection with people so it is something that happens and reflects on this. We can have both, with someone that is physically here and you put them on the conversation on skype as well. So it is more fluid and more easy to socialize I would say.

(Não, agora eu uso o skype só para checar as pessoas, porque, sim, eu já tenho ligação com as pessoas então é uma coisa que acontece e reflito sobre isso. Podemos ter os dois, com alguém que está fisicamente aqui e você coloca ele na conversa no skype também. Portanto, é mais fluido e mais fácil de socializar, eu diria.)

7. I worked with sports when I was a journalist and I remember my editor always after a football game saying to me “take a video or photo for us to put on *Instagram* or something

like that” Do you here in Sweden have this kind of similar thing as well or this is not happening here?

(Eu trabalhei com esportes quando era repórter e lembro do meu editor sempre depois de um jogo de futebol me dizer “faça um vídeo ou foto para colocarmos no Instagram ou algo assim” Você aqui na Suécia tem esse tipo de coisa semelhante também ou isso não está acontecendo aqui?)

No, I totally think it is happening. We don’t do it as much as other journals perhaps. But I did it a lot in my previous work.

(Não, eu totalmente acho que está acontecendo. Não fazemos isso tanto quanto outras revistas, talvez. Mas eu fiz muito isso no meu trabalho de prévias.)

Entrevistador: How it was it?

(Como foi para você?)

You could go (...) Well, it was a local news so if there was a fire or something happening in that neighborhood you are a live reporter with your phone. It is sort of like “hi, I’m here and this is the police” and maybe you get a comment or something and get to film with your own phone.

(Você poderia ir (...) Bem, era um noticiário local, então se houvesse um incêndio ou algo acontecendo naquele bairro, você é um repórter ao vivo com seu telefone. É como “oi, estou aqui e aqui é a polícia” e talvez você receba um comentário ou algo assim e comece a filmar com o seu telefone.)

Entrevistador: So when you had to do this kind of lives on *Instagram* or maybe twitter did you have comments for people?

(Então, quando você teve que fazer esse tipo de live no Instagram ou talvez no Twitter, você tinha comentários das pessoas?)

No, I didn’t have that.

(Eu não tinha isso)

8. Still talking about people, I am asking these, because in Brazil the debate about what we do as a journalist is part of the discussion in society. Do you think here in Sweden is the same? Like, people send ideas of news, for example?

(Ainda falando de pessoas, estou perguntando isso, porque no Brasil o debate sobre o que fazemos como jornalista faz parte da discussão na sociedade. Você acha que aqui na Suécia é a mesma coisa? Tipo, as pessoas mandam ideias de notícias, por exemplo?)

I think we don't have a comment section on your site so where people comment usually is on Facebook or twitter, in our social media accounts. I usually ignore those to the biggest time that I can because. Sometimes it is fun and sometimes it is good. But usually is just a lot of trolls and it is too much to handle and I don't want to get dragged into weird conversations where people most of the time don't have read the article, because most of our articles are blocked because of the paywall. But then there are people contacting me directly after reading an article and it happens quite often. Mostly giving good feedback or adding a comment. And a lot of old guys (...)

(Acho que não temos uma seção de comentários em no site, então onde as pessoas costumam comentar é no Facebook ou no Twitter, em nossas contas de mídia social. Eu costumo ignorá-los o máximo que posso. Às vezes é divertido e às vezes é bom. Mas geralmente é apenas um monte de trolls e é demais para lidar e eu não quero cair para conversas estranhas onde as pessoas na maioria das vezes não leram o artigo, porque a maioria dos nossos artigos está bloqueada por causa do paywall. Mas há pessoas entrando em contato comigo diretamente depois de ler um artigo e isso acontece com bastante frequência. Principalmente dando um bom feedback ou adicionando um comentário. E muitos velhos...)

Entrevistador: well, this is strange.

(Bem, isso é estranho)

9. One more thing about it, in Brazil we have it like a (...) you talked about this trolls and everything and four years ago the right wing spread a lot of fake news on social media and WhatsApp, that I know people here in Sweden don't use quite often (...)

(Só mais uma coisa, no Brasil a gente tem assim um (...) você falou desses trolls e tudo e a quatro anos atrás a direita espalhou muita fake news nas redes sociais e WhatsApp, que pelo o que eu sei aqui no A Suécia não usa com muita frequência ...)

I kind use *WhatsApp* often

(Eu até uso o WhatsApp com frequência)

Oh, do you use it often? Do you think that there is this movement here in Sweden as well for spreading fake news on these mobile phone *apps*?

(Ah, você usa com frequência? Você acha que existe esse movimento aqui na Suécia também para espalhar notícias falsas nesses aplicativos de celular?)

Not really, not in the same way. I have been to Colombia for quite of time and it was the same there, there was a lot, like a lot of messages and fake news but that is not a thing here.

(Na verdade não, não da mesma forma. Já faz um bom tempo que estive na Colômbia e lá era a mesma coisa, tinha muito, tipo um monte de mensagens e fake news, mas isso não é uma coisa aqui.)

Entrevistador: Yes, I think this is so strange

(Eu acho isso tão estranho)

But, you see a lot of fake news, but it didn't go on that format.

(Mas você vê muitas fake News, mas não no mesmo formato).

Entrevistador: You said that, because in Brazil I think it is kind of similar to Colombia. People have, for example, I am a journalist and people from my family are in groups of *WhatsApp* and telegram spreading fake news and it is like a movement and its hard for us as a journalist to see fake news spreading a lot. How does it works here? On twitter, for example? And how do you as a journalist try to deal with it?

(Você disse isso, e no Brasil eu acho que é meio parecido com a Colômbia. Gente tem, por exemplo, eu sou jornalista e pessoas da minha família estão em grupos de WhatsApp e telegram espalhando fake news e é como um movimento e é difícil pra gente como jornalista ver fake

news espalhando. Como funciona aqui? No twitter, por exemplo? E como você, como jornalista, tenta lidar com isso?)

Yeah, usually I try to not get engaged if it is something you know (...) fake. But sometimes it's hard if they are engaging with you and as you said are waves of these extreme right sort of movements as well and I guess those are the ones that are hunting all of the kinds of magazines as the most because we have such as clear left angle and so, yeah, I mean, there was been occasions that they put my name on websites and send me threats or something like that (...) I just don't wanna talk to my bosses and (...) you know

(Sim, geralmente eu tento não ficar envolvida se é algo que você sabe (...) falso. Mas às vezes é difícil se eles estão te engajando e, como você disse, há ondas desse tipo de movimento de extrema direita também e acho que esses são os que estão caçando todos os tipos de revistas, porque temos um claro ângulo esquerdo e assim, sim, quer dizer, houve ocasiões em que eles colocaram meu nome em sites e me enviaram ameaças ou algo assim (...) eu só não quero falar com meus chefes e (...) você sabe)

10. About the cellphones again, the cellphone as a tool in the newsroom. How is your perspective as a journalist?

(Novamente sobre o celular, o celular como ferramenta na redação. Como é sua perspectiva como jornalista?)

Hmmm. Like I said it's hard to not have it. Its impossible to not use it. There are so much. The social media and actually it is a work tool, so its I guess it is mostly a valid tool, but there are occasions its annoying

(Hmmm. Como eu disse, é difícil não tê-lo. É impossível não usá-lo. Existem tantos. A mídia social e na verdade é uma ferramenta de trabalho, então acho que é mais uma ferramenta válida, mas às vezes é irritante)

Entrevistador: Do you see this movement with your colleagues as well?

(Você vê esse movimento com seus colegas também?)

Yes, everyone is picking your phones once in a while. Some are better than others to keep it short and be done the conversation. I am worst at that I think, I am really bad at doing two things at the same time. Usually I am deep evolving in my phone.

(Sim, todo mundo está pegando seus telefones de vez em quando. Alguns são melhores do que outros para mantê-lo rápido o uso e encerrar a conversa. Acho que sou pior nisso, sou muito ruim em fazer duas coisas ao mesmo tempo. Normalmente estou envolvida profundamente no meu telefone.)

11. Maybe the last question, how do you see this in the future?

(Agora acho que é a última questão, como você vê o futuro sobre isso?)

Hmmm. I (...) yeah, I haven't really thought about it, but I guess I wish for a way to exclude and separate the private and the social more. But I really don't know how.)

(Hmmm. Eu (...) sim, eu realmente não pensei sobre isso, mas acho que desejo uma distância para excluir e separar mais o privado e o social. Mas eu realmente não sei como.)

e) Entrevista 05 – Julius Harro Schmidt

1. How long have you been working with journalism? How is your work now? Tell me more about it.

(Por quanto tempo você trabalha com jornalismo? Como é o seu trabalho agora? Você poderia falar mais sobre isso?).

So, I am Julius Schmidt and I studied sports journalism at the German Sports University in Colônia (Alemanha), started in 2015 until 2019 and I did an exchange to Buenos Aires as well to the Sports University over there for half a year and then, after my studies, my bachelors, I started working as a german public service broadcasting and as a freelancer. In the public broadcasting in Germany is more or less divided into two several broadcasting stations spread all over the country, I think 8 or 10, I don't even know. We formed a big family of the main broadcasting system called ARD, so I'm part of this and I'm working for the WDR which is part of this journalism family sort to say. I'm working there since for three and half years now as a reporter and editor in the office and for now I'm doing my master's at Stockholm in

international journalism but at the same time I'm still working as a freelancer journalist and moderator as well.

(Então, eu sou Julius Schmidt e estudei jornalismo esportivo na Universidade Alemã do Esporte em Colônia (Alemanha), comecei em 2015 até 2019 e fiz um intercâmbio para Buenos Aires também para a Universidade do Esporte de lá por meio ano e depois, depois dos meus estudos, minha graduação, comecei a trabalhar como radialista do serviço público alemão e como freelancer. Na radiodifusão pública na Alemanha é mais ou menos dividida em duas várias emissoras espalhadas pelo país, acho que 8 ou 10, nem sei. Formamos uma grande família do principal sistema de transmissão, chame-o de ARD, então faço parte deles e estou trabalhando para o WDR, que faz parte desse tipo de família de jornalismo, diga-se de passagem. Estou trabalhando lá há três anos e meio como repórter e editor no escritório e por enquanto estou fazendo meu mestrado em Estocolmo em jornalismo internacional, mas ao mesmo tempo ainda trabalho como jornalista freelancer e moderador também).

2. So as you said you are doing your master's here in Sweden and working as a reporter and freelancer at the same time. How is your routine and how do you handle this? Being here in Stockholm, working for a broadcast in Germany, being a moderator and also a freelancer journalist here in Sweden.

(Então, como você disse, está fazendo seu mestrado aqui na Suécia e trabalhando como repórter e freelancer ao mesmo tempo. Como é a sua rotina e como você lida com isso? Estar aqui em Estocolmo, trabalhar para uma emissora na Alemanha, ser moderador e também jornalista freelancer aqui na Suécia.)

So, I normally work 10 days from month while I'm here in Stockholm for the broadcasting. First of all, I am a radio journalist for now but I have been working *on-line* for quite a while and I am in charge of planning a four hour long political news magazine on radio which takes place every morning and of course we have a whole team, but I'm part of the team. So when I'm working I prepare the next morning's show, speaking of getting interviews, guests, research for the moderator of the show, preparing topics so, in most of the part I'm in the agenda setting of the office. I start at 10h30 and I work until 19h or 20h. And also, of course, when I'm working as a freelancer.

(Então, normalmente trabalho 10 dias por mês enquanto estou aqui em Estocolmo para a rádio. Em primeiro lugar, sou jornalista de rádio por enquanto, mas já trabalho on-line há um bom tempo e estou encarregado de planejar uma revista de notícias políticas de quatro horas de duração no rádio que acontece todas as manhãs e, claro, temos uma equipe inteira, mas faço parte da equipe. Então, quando estou trabalhando, preparo o programa da manhã seguinte, conseguindo entrevistas, convidados, pesquisa para o moderador do programa, preparando tópicos, então, na maior parte do tempo, estou na agenda do escritório. Começo às 10h30 e trabalho até às 19h ou 20h. E também, claro, quando estou trabalhando como freelancer).

3. You said that you work as an *on-line* journalist and now as a reporter and editor on the radio. Do you see a difference between the tools that you use? For example, about your *smartphone*. Is it different the way you use it?

(Você disse que trabalha como jornalista on-line e agora como repórter e editor de rádio. Você vê uma diferença entre as ferramentas que você usa? Por exemplo, sobre você smartphone. É diferente a maneira que você usa?)

The work itself obviously is different, *on-line* we use more text which can be visualized also with videos and pictures, for example. And you don't have this media on the radio. So in radio there are in a way more written and spoken words. So my work is to write a lot about the background of the topics we are talking and writing moderations as well. And of course my own reports. When I worked with *on-line* I used my *smartphone* to check how looks like in the *app*, because when we are talking about *on-line* we don't produce just for the website, but for the *app* as well. So this is an important part, but we also have producers. In terms of my current radio work, the phone is quite important I would say, because I'm working on the screen with my computer but if I have to do fast researches on the topics I use my phone. Also I use for social media, of course, where many topics are discussed or even come up through social media. So I do that with my phone. *Instagram*, *Twitter*. It is always a good source for me, but most of all I think it is the main thing where I get my news from. I don't listen to the radio so much, I do read newspapers at the office, but everything else I can do on my phone. So to get information myself and stay informed. This is my device of choice.

(O trabalho em si obviamente é diferente, on-line usamos mais texto que pode ser visualizado também com vídeos e fotos, por exemplo. E você não tem essa mídia no rádio. Então no rádio é de certa forma mais palavras escritas e faladas. Portanto, meu trabalho é escrever muito

sobre os antecedentes dos tópicos que estamos falando e escrever moderações também. E, claro, meus próprios relatórios. Quando eu trabalhava com on-line eu usava meu smartphone para ver como ficava no app, porque quando falamos de on-line nós não produzimos só para o site, mas para o app também. Então essa é uma parte importante, mas também temos produtores. Em termos do meu trabalho atual de rádio, o telefone é muito importante, eu diria, porque estou trabalhando na tela com meu computador, mas se tiver que fazer pesquisas rápidas sobre os tópicos, uso meu telefone. Também uso para redes sociais, claro, onde muitos assuntos são discutidos ou até mesmo levantados através das redes sociais. Então eu faço isso com o meu telefone. Instagram, Twitter. É sempre uma boa fonte para mim, mas, acima de tudo, acho que é a principal fonte de onde recebo minhas notícias. Não ouço muito rádio, leio jornais no escritório, mas tudo o mais posso fazer no celular. Então, para obter informações eu mesmo e me manter informado. Este é o meu dispositivo de escolha).

4. You said that you use a lot of social media to see what's going on. In Brazil there is this movement of journalists seeing what's going on and the social discussions on social media. How do you see this as a journalist and how do you feel about social actors participating somehow in journalism?

(Você disse que usa muitas mídias sociais para ver o que está acontecendo. No Brasil existe esse movimento de jornalistas vendo o que está acontecendo e as discussões sociais nas redes sociais. Como você vê isso como jornalista e como você se sente sobre os atores sociais participarem de alguma forma do jornalismo?)

In radio, especially, it is really important that people somehow participate. In my radio channel we don't have a lot of music, it is a very news focused radio channel and of course we need voices of the people as well since we need to represent the society. So, sorry, What was the original question?

(No rádio, principalmente, é muito importante que as pessoas participem de alguma forma. No meu canal de rádio, não temos muitas músicas, é um canal de rádio muito focado em notícias e, claro, precisamos das vozes das pessoas também, pois precisamos representar a sociedade. Então, desculpe, qual era a pergunta original?)

How do you see the participation of social actor in the discussions

(como você vê a participação de atores sociais nas discussões)

Oh, yes, the social actors. So, when we see or hear the voices on social media we represent a certain side or certain opinion or a certain attitude about a topic. So we know that these voices are out there and sometimes we even take the voices from social media and use them in our radio reportage to back up arguments or to show other sides.

(Ah, sim, os atores sociais. Então, quando vemos ou ouvimos as vozes nas mídias sociais, representamos um certo lado, uma certa opinião ou uma certa atitude sobre um assunto. Então, agora que essas vozes estão por aí e às vezes até pegamos as vozes das mídias sociais e as usamos em nossas reportagens de rádio para apoiar argumentos ou mostrar outros lados.)

So they are part of the construction?

(Então eles são parte da construção)

Yes, definitely they are part of the construction. In radio when we have our long show it is impossible to talk only. So you have to get the social actors, otherwise it is boring and you lose your audience. You always have to get your show colorful and in this case we need social actors to be part of the story.

(Sim, definitivamente eles fazem parte da construção. No rádio quando temos um longo programa é impossível falar só. Então você tem que pegar os atores sociais, senão fica chato e você perde o público. Você sempre tem que deixar seu programa colorido e, neste caso, precisamos de atores sociais para fazer parte da história.)

5. I will change the topic a little bit. The pandemic was really huge in Brazil and people started working at home. I wanna know how was your experience as a journalist working during the pandemic.

(Vou mudar um pouco o assunto. A pandemia foi muito grande no Brasil e as pessoas começaram a trabalhar em casa. Quero saber como foi sua experiência como jornalista trabalhando durante a pandemia.)

So, during the pandemic we didn't work in the office as well. I worked at home and remotely which was quite nice in the beginning, because the office was quite stressful, working with daily news. Everything is quick and you always have the time pressure. So first, when I worked from home, it was super relaxing for me and I felt a lot more focused. But at the same time people had to be used and how to communicate as well, we used a lot of Microsoft teams to

communicate and of course I have the Microsoft teams *app* working as a communication tool in my phone. So I was kind of available 24/7, outside my working times which was definitely different before, because once you left the office, sometimes you got a call. But in the pandemic I had a feeling that I had to be available always and then I had to turn off the notifications on my *app* when I stopped working.

(Então, durante a pandemia a gente não trabalhou no escritório também. Eu trabalhava em casa e remotamente, o que foi bem legal no começo, porque o escritório era bastante estressante, trabalhando com notícias diárias. Tudo é rápido e você sempre tem a pressão do tempo. Então, primeiro, quando trabalhava em casa, era super relaxante para mim e me sentia muito mais focado. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas tinham que ser acostumar a se comunicar também, usamos muitas equipes da Microsoft para nos comunicar e, claro, tenho o aplicativo Microsoft Teams para funcionar como ferramenta de comunicação no meu telefone. Então, eu estava disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, fora do meu horário de trabalho, o que era definitivamente diferente antes, porque uma vez que você saía do escritório, às vezes recebia uma ligação. Mas na pandemia tive um sentimento de ter que estar sempre disponível e aí tive que desligar as notificações do meu app quando parei de trabalhar).

6. You said about this Microsoft teams space, it works like an extension space of the newsroom there? Do you have a discussion there? How does it works?

(Você falou desse espaço do Microsoft teams, funciona como um espaço de extensão da redação aí? Vocês tem alguma discussão lá? Como funciona?)

There was certainly a good part of the covid, because our news wasn't very digitalized. Not at all, even we being one of the biggest broadcasting institutions, by the way. Sorry, I lost track again.

(Houve essa boa parte do covid, porque nosso escritório não eram muito digitalizado. De jeito nenhum, mesmo sendo uma das maiores emissoras, diga-se de passagem. Desculpe, me perdi novamente)

Entrevistador: Teams as a space of work

(Teams como espaço de trabalho)

Yes, teams as a tool. That was the good part of the digitalization because we did everything by email and it was super complex and didn't connect us. So all of a sudden we were in a space with 30 people and everybody replies like maniacs and you get lost, because you don't know what to read or the information. And nowadays we have 98% of our communication on teams.

(Sim, Teams como ferramenta. Essa foi a parte boa da digitalização porque a gente fazia tudo por e-mail e super complexo e não conectava a gente. Então, de repente, estávamos em um espaço com 30 pessoas e todos respondem como loucos e você se perde, porque não sabe o que ler ou as informações. E hoje temos 98% da nossa comunicação no Teams)

7. So this is kind of huge, how do you feel about that experience during the pandemic and how do you feel about your *smartphone* use in the daily routine. Because I started using a lot at home personally, how was it for you?

(Então, isso é enorme, como você se sente sobre essa experiência durante a pandemia e como você se sente sobre o uso do smartphone na rotina diária. Porque eu comecei a usar muito em casa pessoalmente, como foi para você?)

Definitely became more part of me and my routines than was used to be before. Because when you are at home people don't distract you, but you start distracting yourself with your phone sometimes. So the phone is around all the time and that's nice because you have the whole information about the world in your pocket which makes work super good, fruitful and fast. But, at the same time, it is hard to always be available, always feeling the pressure. If you are a journalist you are curious and you get news addicted as well and when you use your phone you consume news all the time in the different *apps* and it is hard to stop that sometimes even though it is better for my mental health. But I have this feeling that I have to always be updated.

(Definitivamente se tornou mais parte de mim e de minhas rotinas do que costumava ser antes. Porque quando você está em casa as pessoas não te distraem, mas você começou a se distrair com o celular às vezes. Portanto, o telefone está disponível o tempo todo e isso é bom porque você tem todas as informações sobre o mundo no bolso, o que torna o trabalho super bom, proveitoso e rápido. Mas, ao mesmo tempo, é difícil estar sempre disponível, sentir sempre a pressão. Se você é jornalista, é curioso e também fica viciado em notícias e quando usa o telefone consome notícias o tempo todo nos diferentes aplicativos e é difícil parar com isso às

vezes, embora seja melhor para minha saúde mental. Mas tenho essa sensação de que tenho que estar sempre atualizado.)

Entrevistador: So do you think that you can separate the journalist Julius for the private Julius with all these technologies?

(Então você acha que pode separar o jornalista Julius do privado Julius com todas essas tecnologias?)

It is very possible in terms of talking about my work, I don't think I talk a lot about my work when I am with people. But since I am working as a journalist I would say I have more than an average knowledge than other people and in discussions with friends or family I always bring my perspectives and my opinions.

(É muito possível em termos de falar do meu trabalho, acho que não falo muito do meu trabalho quando estou com as pessoas. Mas como estou trabalhando como jornalista, diria que tenho um conhecimento mais do que mediano do que outras pessoas e nas discussões sobre amigos ou familiares sempre trago minhas perspectivas e minhas opiniões.)

8. Talking about mobile devices, how do you see the use of these technologies in the newsrooms in a general perspective?

(Falando sobre dispositivos móveis, como você vê o uso dessas tecnologias nas redações de uma forma geral?)

I see it as a supportive device. It's not the main device to work with, because in radio you need studios, computers, microphones. But when I am reporting things I always record with my phone, because their microphones are kind of good nowadays. But its not the main thing. Of course you see people walking around with the phone, talking, for example. Everybody has a phone.

(Eu vejo isso como um dispositivo de apoio. Não é o principal aparelho para se trabalhar, porque no rádio você precisa de estúdios, computadores, microfones. Mas quando estou relatando coisas eu sempre gravo com meu celular, porque os microfones deles hoje em dia são bons. Mas não é o principal. Claro que você vê pessoas andando com o telefone, conversando, por exemplo. Todo mundo tem um telefone.)

Entrevistador: Do you see a bad side of using it?

(Você vê um lado ruim em usar?)

According to work ?

(Com relação ao trabalho?)

According to work and from a social perspective. Let's talk about both.

(Com relação ao trabalho e em questões sociais. Vamos falar sobre as duas coisas).

According to work is a supportive tool and makes communication easier. It's easier with social media, for example. According to a private speaker, it's pressure. I think the phone puts pressure on me and messages notifications all the time, even though I turn off the working notifications, I still have a huge network with family and friends. So there can be pressure so I try to communicate as little as possible.

(De acordo com o trabalho é uma ferramenta de apoio e facilita a comunicação. É mais fácil com as mídias sociais, por exemplo. De acordo com um privado, a pressão. Acho que o telefone me pressiona e envia notificações de mensagens o tempo todo, mesmo que eu desligue as notificações de trabalho, ainda tenho uma rede enorme com familiares e amigos. Então pode haver pressão, então tento me comunicar o mínimo possível.)

9. How are your perspectives for the future of journalism with these new technologies?

Have you ever thought about it ?

(Quais são suas perspectivas para o futuro do jornalismo com essas novas tecnologias? Você já pensou sobre isso?)

I think and I am convinced that the phone will be more and more important. Also, the cameras, for example, are getting better and better and now they shoot movies with iphones with 8k. So you don't need cameras to shoot movies anymore. The same with microphones they are getting better and better. Anyhow I don't think or I think that with the use of the phone the quality of the journalism gets worst, because you work with your phone you tend to be very quickly and fast and not as accurate as if you sit in a computer, talk to colleagues or hear different sources at the same time. I think the more you use the phone worst the quality of the report can get.

(Acho e estou convencido de que o telefone será cada vez mais importante. Além disso, as câmeras, por exemplo, estão cada vez melhores e agora gravam filmes com iphones com 8k.

Então você não precisa mais de câmeras para gravar filmes. O mesmo com os microfones, estão cada vez melhores. De qualquer forma, não acho ou penso que com o uso do telefone a qualidade do jornalismo piore, porque você trabalha com o telefone e tende a ser muito rápido e não tão preciso como se estivesse sentado em um computador, fale com colegas ou ouça fontes diferentes ao mesmo tempo. Acho que quanto mais você usa o telefone pior a qualidade da reportagem pode ficar).

10. In Brazil there is a huge tendency to hear radio and podcasts on the *smartphone*. We are used to hearing a lot on our *smartphones*. Is this trend also here in Europe in your perspective?

(No Brasil existe uma grande tendência de ouvir rádios e podcasts no smartphone. Estamos acostumados a ouvir muito no smartphone. Essa tendência também está aqui na Europa na sua perspectiva?)

In Germany, for example, radio was always a trend and people listened in the car and the offices. There is lot of productions. What everybody has afraid of when podcasts were raising was the enemy of the marketing. But media studies show now that with the increase of podcasts people are more used to hearing more radio. So they are used to the audio influence again and radio stations became more important. I don't know about the whole Europe, but at least in Germany.

(Na Alemanha, por exemplo, o rádio sempre foi uma tendência e as pessoas escutavam no carro e nos escritórios. Há muitas produções. O que todo mundo temia quando os podcasts estavam crescendo era o inimigo do marketing. Mas estudos de mídia mostram agora que, se o aumento de podcasts, as pessoas estão mais acostumadas a ouvir mais rádio. Então eles estão acostumados com a influência do áudio novamente e as estações de rádio se tornaram mais importantes. Não sei em toda a Europa, mas pelo menos na Alemanha.)

f) Entrevista 06 – Olof Klugman

Entrevistador: First of all, thank you so much for doing this interview with me.

(Em primeiro lugar, muito obrigado por fazer esta entrevista comigo).

I will have to say that my English is not always the best so maybe I will have to find the words sometimes, but I will try.

(Devo dizer que meu inglês nem sempre é o melhor, então talvez eu tenha que encontrar as palavras às vezes, mas vou tentar.)

Entrevistador: I will try my best too, don't worry. We don't speak English in Brazil, but I will try my best to communicate.

(Vou tentar o meu melhor também, não se preocupe. Não falamos inglês no Brasil, mas farei o possível para me comunicar.)

To be honest my Portuguese is not better too.

(Para ser honesto o meu português não é melhor também)

1. My first question for you is how long have you been working with journalism?

(Minha primeira pergunta para você é há quanto tempo você trabalha com jornalismo?)

Oh yes, how do I say? My education is actually as a teacher and I worked as a teacher for 10 years between 2004 and 2015 and then I started to be a freelancer as a journalist, not so much at the beginning it was my free time interest. My interest was not becoming a journalist, it was to maybe be work with public opinion or something like that, my background is Politian and so on. But when I left the politics I thought it was interesting to do it so in 2017 the newspaper where I was doing the most part of my freelancing offered me a full time job. So, for real, since 2015.

(Ah sim, como eu digo? Minha formação é na verdade como professor e trabalhei como professor por 10 anos entre 2004 e 2015 e depois comecei a ser freelancer como jornalista, no começo era meu interesse de tempo livre. Meu interesse não era ser jornalista, era talvez trabalhar com opinião pública ou algo assim, minha formação é política. Mas quando saí da política achei interessante fazê-lo, então em 2017 o jornal onde eu fazia a maior parte do meu freelancer me ofereceu um emprego em tempo integral. Então, para valer, desde 2015.)

2. Do you think your routine changed since 2017 in the newsroom or do you think your routine is kind of the same?

(Você acha que sua rotina mudou desde 2017 na redação ou acha que a rotina continua a mesma?)

I think it is kind of the same, I don't know from which perspective you are thinking. Of course there is changing, for example, when you have a sensitive source that you have to handle. And then maybe, how do I say, I don't remember how to say this is English, but when you have to uncover a situation. Because I am a political journalist who mainly reports about like people and parties, organizations and opinions. But, sometimes when I write about earned life I talk to people who want to be anonymous and my challenge is to know how to handle it, but in general there is no big difference in how I use my phone or so.

(Eu acho que é o mesmo, não sei de qual perspectiva você está pensando. Claro que há mudanças, por exemplo, quando você tem uma fonte sensível com a qual precisa lidar. E então talvez, como posso dizer, não me lembro como dizer isso é inglês, mas quando você tem que descobrir uma situação. Porque eu sou um jornalista político, principalmente reporto sobre pessoas e partidos, organizações e opiniões. Mas, às vezes, quando escrevo sobre estilo de vida e dinheiro, converso com pessoas que querem ser anônimas e meu desafio é saber como lidar com isso, mas em geral não há grande diferença em como uso meu telefone ou algo assim.)

3. What do you think about the coverage of phones in society talking about connections and sources in your field?

(Como você vê a cobertura de smartphones na sociedade falando sobre conexões e fontes em seu campo de trabalho?)

For me I think it is mainly a question of the importance of security, of sources and what they say. There has been in this time the debate of spy programs and so on and that is a different level in that.

(Para mim, acho que é principalmente uma questão da importância da segurança, das fontes e do que elas dizem. Houve neste tempo o debate sobre programas de espionagem e assim por diante, e isso é um nível diferente nisso.)

4. Let's talk about your routine in the newsroom. Do you work there every day or you don't go? How is your routine?

(Vamos falar da sua rotina na redação, você trabalha lá todos os dias ou não vai? Como é sua rotina?)

I work nowadays mainly in the newsroom, but at least once a week I work from home. Today I am working from home, for example.

(Hoje trabalho principalmente na redação, mas pelo menos uma vez por semana trabalho em casa. Hoje estou trabalhando de casa, por exemplo.)

5. I interviewed Clara Lee who also works here at ETC and she showed me something really interesting, this *on-line* space where you work on skype. How do you feel about working in this space?

(Entrevistei a Clara Lee que também trabalha na ETC e ela me mostrou uma coisa bem interessante, esse espaço on-line que você trabalha no skype. Como você se sente trabalhando neste espaço?)

I mean, in my former job I was on a newspaper how just have six or seven journalists and almost the hole work was from home so I am used to work on that even though I don't really like it, I mean, it is a total different thing to speak with your editor for instance in real life, you can hear advices, for example. So there are small differences when you chat on Skype or in *on-line* spaces.

(Quero dizer, no meu antigo emprego eu estava em um jornal como apenas seis ou sete jornalistas e quase todo o trabalho era em casa, então estou acostumado a trabalhar nisso, embora eu realmente não goste, quero dizer, é uma coisa totalmente diferente de falar com seu editor, por exemplo, na vida real, você pode ouvir conselhos, por exemplo. Portanto, há pequenas diferenças quando você conversa no skype ou nos espaços on-line.)

6. I am from Brazil and the pandemic changed the way I work. Do you think the pandemic changed the way that you work as well?

(Sou do Brasil e a pandemia mudou minha forma de trabalhar. Você acha que a pandemia mudou a sua forma de trabalhar também?)

It has, but I mean, I can't speak for ETC because I started working here at the end of the pandemic. So I don't really know how they work before, but I quite sure that the difference is quite obvious, how do I say, they expect to be able to work from home at least sometimes, so I mean, that means that you can expect that you can reach colleagues from real life in the same extent and so on. So you have to be fine of using these digital tools.

(Mudou, mas quer dizer, não posso falar pela ETC porque comecei a trabalhar aqui no final da pandemia. Então, eu realmente não sei como eles funcionam antes, mas tenho certeza de que a diferença é bastante óbvia, como posso dizer, eles esperam poder trabalhar em casa pelo menos às vezes, então quero dizer, isso significa que você pode esperar que você possa alcançar colegas da vida real na mesma medida e assim por diante. Portanto, você deve estar bem ao usar essas ferramentas digitais.)

7. How was it for you to work with these tools as a journalist and as a person?

(Como foi para você trabalhar com essas ferramentas como jornalista e como pessoa?)

It was, I think, one way you get used to it. You get better at using it and you get better to be very clear in communicating because you just chat with people and so on and you have to be very careful to be clear. In that way you get used to it. But in a long term, something get, well, you work so much from home, as my former newspaper, the big problem is that you don't get this lunchtime chat and so on, this fika time when you talk about things that doesn't are obvious or relevant for you right now, when you get ideas for the job or a different perspective that you work if. When you work from home you get so much, how do you say,

(Eu acho, de uma forma que você se acostuma. Você fica melhor em usar e você fica muito claro nas comunicações porque você só conversa com as pessoas e assim por diante e você tem que ter muito cuidado para ser claro. Assim você se acostuma. Mas a longo prazo, alguma coisa pega, bom, você trabalha tanto em casa, como meu antigo jornal, o grande problema é que você não pega esse papo na hora do almoço e tal, essa hora fika quando você fala sobre coisas que não são óbvias ou relevantes para você agora, quando você tem ideias para o trabalho ou uma perspectiva diferente que você trabalha se. Quando você trabalha em casa, ganha tanto, como se diz,)

Entrevistador: I think I understood, when you are stuck on an idea and don't have other perspectives

(Acho que entendi, quando você está preso em uma ideia e não tem outras perspectivas)

Yes, and it is quite, how do you say? In short times you work even better, you don't get disturbed in the same way as in a newsroom because you don't have other inputs from other people, but in the long term you lose something.

(Sim, e é bastante, como se diz? Em curtos tempos você trabalha ainda melhor, você não fica incomodado da mesma forma que em uma redação porque não tem outros inputs de outras pessoas, mas em longo prazo você perde alguma coisa.)

8. So you gain something with these tools, like accessibility. But, at the same time, do you think we lose the real social interactions? Because this is interactions are important for us as a journalists

(Então você ganha algo com essas ferramentas, como acessibilidade. Mas, ao mesmo tempo, você acha que perdemos as interações sociais reais? Porque as interações são importantes para nós como jornalistas)

Yes, it is a bust for you personally, I mean, for me I don't really. I mean, I really need to have it to like my job personally, but at the same time, professionally, you have to get new ideas and to see different perspectives. You get so much in your own brain when you work from home.

(Sim, é um fracasso para você pessoalmente, quero dizer, para mim, realmente. Quer dizer, eu realmente preciso gostar do meu trabalho pessoalmente, mas ao mesmo tempo, profissionalmente, você tem que ter novas ideias e ver diferentes perspectivas. Você fica pensando tanto em seu próprio cérebro quando trabalha em casa).

9. How do you see the presence of mobile devices in the newsroom personally? How do you work with it and how is your relation with mobile devices in daily life?

(Como você vê pessoalmente a presença dos dispositivos móveis na redação? Como você trabalha com isso e como é sua relação com os dispositivos móveis no dia a dia?)

It is a big question. One thing is the presence of social media. You in all ways, well, we are a group of people who focus on reactions about what we publish and that maybe has a good and a bad side. So that is one thing that we directly see, social media and how articles are

commented. But even with the internal communication, it takes a lot of time of course and sometimes can be hard or I will say the opposite of what I said before, I would be more efficient when I work at home, but sometimes other people will say that can be disturbing with the notifications all the time. During the time we are speaking I don't know how many mentions for our skype I have got, so it probably takes energy for us.

(É uma grande questão. Uma coisa é a presença das redes sociais. Você de todas as maneiras, bem, somos um grupo de pessoas que focam nas reações sobre o que publicamos e isso talvez tenha um lado bom e um lado ruim. Isso é uma coisa que vemos diretamente, as mídias sociais e como os artigos são comentados. Mas mesmo tendo a comunicação interna, leva muito tempo e às vezes pode ser difícil ou direi o contrário do que eu disse antes, eu seria mais eficiente trabalhando em casa, mas às vezes outras pessoas dirão isso pode atrapalhar com as notificações o tempo todo. Durante o tempo em que estamos conversando, não sei quantas menções para o nosso skype recebi, então provavelmente isso é um gasto de energia para nós.)

Entrevistador: Do you think this is kind of an addicted relation?

(Você acha que essa é uma relação de vício?)

Yes, definitely, I would say. Because you get this, specially I feel this when I (..) or something sensitive or maybe when I don't find the right word. When you publish something wich is more than an everyday article you get interested in the reactions from the public in social media and even the internal reactions just in time, 24/7 if you want. That can be addictive I would say.

(Sim, definitivamente, eu diria. Porque você entende isso, especialmente eu sinto isso quando (..) ou algo sensível ou talvez quando não encontro a palavra certa. Quando você publica algo que é mais do que um artigo do dia-a-dia, você se interessa pelas reações do público nas mídias sociais e até mesmo pelas reações internas just in time, 24 horas por dia, 7 dias por semana, se você quiser. Isso pode ser viciante, eu diria.)

10. Talking about this social media, in Brazil, as a journalist we have a common thing to look at the Trending topics on twitter and try to discuss this. Do you feel you also have this kind of movement here in Sweden?

(Falando sobre essa mídia social, no Brasil, como jornalista temos uma coisa comum de olhar os Trending topics do twitter e tentar discutir isso. Você sente que também tem esse tipo de movimento aqui na Suécia?)

Yes, definitely, that's another thing and it is even linked with political development in general. We have this right wing movement that is really big and dominant in social media with the political party who represent this is the second biggest and rule the government in many ways. I think even our publications who see ourselves as the, contrast, or the opponent of this right wing movement, we are maybe too obsessed with what is debated in social media and the right wing perspective and maybe forget things who happening in the real life and other political forces trying to work an agenda. Sometimes we are obsessed with the narratives in twitter.

(Sim, definitivamente, isso é outra coisa e está até relacionado com o desenvolvimento político em geral. Temos esse movimento de direita que é realmente grande e dominante nas mídias sociais, cujo partido político que o representa é o segundo maior e governa o governo de várias maneiras. Acho que mesmo nossas publicações que se veem como o contraste ou o oponente desse movimento de direita, talvez estejamos muito obcecados com o que é debatido nas mídias sociais e a perspectiva de direita e talvez esqueçamos coisas que acontecem na vida real e outras forças políticas tentando trabalhar a agenda. Às vezes ficamos obcecados com as narrativas no twitter.)

Entrevistador: We had a right wing movement as well in Brazil and we had a lot of fake news in social media and apps like WhatsApp or telegram. Is this happening here as well and how us as journalists can handle this movement of fake news and this mobile situation?

(Entrevistador: Tínhamos um movimento de direita também no Brasil e tínhamos muitas fake news nas redes sociais e aplicativos como WhatsApp ou telegram. Isso está acontecendo aqui também e como nós, como jornalistas, podemos lidar com esse movimento de notícias falsas e essa situação móvel?)

It is a difficult question. Of course there is a lot of fake news and of course that's a problem. For us a big problem to orientated the debate and things get really intense in social media and in this discussions sometimes is who has the biggest impact in a long term in social media. And you have a dilemma, of course there is an impact and of course we had people with great power spreading things. We had our organizations in the parliament who works with justices and this

president in the parliament, he has this conspiracy that we are exchanging our people, the “swedis”, that we have a lot of muslims in our country. And of course you have to publish that because a person with such a power who has impact is talking about it. Even the prime minister is listening to him. Or even when you talk about climate and global impacts. I am afraid that we are losing, it's hard to oriented.

(É uma pergunta difícil. Claro que tem muita fake news e claro que isso é um problema. Para nós, um grande problema é orientar o debate e as coisas ficam realmente intensas nas mídias sociais e nessas discussões às vezes é quem tem o maior impacto a longo prazo nas mídias sociais. E você tem um dilema, claro que existe um impacto e claro que tivemos pessoas com grande poder espalhando as coisas. Tínhamos nossas organizações no parlamento que trabalham com juízes e esse presidente no parlamento, ele tem essa conspiração de que estamos trocando nosso povo, os “suecos”, que temos muitos muçulmanos em nosso país. E é claro que você tem que publicar isso porque uma pessoa com tanto poder e impacto está falando sobre isso. Até o primeiro-ministro o está ouvindo. Ou mesmo quando você fala sobre clima e impactos globais. Receio que estejamos perdendo, é difícil orientar.)

11. I will have just two more questions to be honest. The first one is if you ever use the *smartphone* to work as a tool like taking pictures, writing texts, etc.

(Terei apenas mais duas perguntas para ser honesto. A primeira é se você já usou o smartphone para funcionar como uma ferramenta como tirar fotos, escrever textos, etc.)

Sometimes to take pictures to be honest. Usually I use it as a recorder. I mostly record at the field. But I have an *app* that helps me.

(Às vezes, para tirar fotos para ser honesto. Normalmente eu uso como gravador. Eu principalmente gravando no campo. Mas eu tenho um aplicativo que me ajuda.)

12. How do you see this relation between journalists and *smartphones* in the future?

(Como você vê essa relação entre jornalistas e smartphones no futuro?)

I think, I mean, there are a lot of aspects about it. For me and our edition I would say about orientation in this area. How to know when there is a bubble in social media or how to know how this affects our society and what is really going on I would say. What happens with

democracy in general when we have a lot of these discussions on social media and what is going on. I don't have an idea how to manage and handle that, but it worries me.

(Eu acho, quero dizer, há muitos aspectos sobre isso. Para mim e para nossa edição eu diria sobre orientação nesta área. Como saber quando é uma bolha nas mídias sociais ou como saber como isso afeta nossa sociedade e o que realmente está acontecendo, eu diria. O que acontece com a democracia em geral quando temos muitas dessas discussões nas redes sociais e o que está acontecendo. Não tenho ideia de como gerenciar e lidar com isso, mas me preocupa.)

g) Entrevista 07 – Marten Eidevall

1. How long have you been working with journalism? I saw that you were a reporter and now work as an editor.

(Há quanto tempo você trabalha com jornalismo? Vi que você era repórter e agora trabalha como editor.)

I have been working with journalism for 13 years, 14 years I guess. I started as a reporter, more like a classic reporter like interviewing. But with the development of journalism I had the opportunity to be at the desk at the newsroom and I started working with radio as an editor seven years ago. I have been like an editor, we call digital editor, kind of an old title by the way, but it is to have a distinction because we are a broadcast service, but they are changing what they called the mindset now. So they hired me to be a digital editor. So it has been that.

(Trabalho com jornalismo há 13 anos, acho que 14 anos. Comecei como repórter, mais como um repórter clássico, aquele que entrevista. Mas com o desenvolvimento do jornalismo tive a oportunidade de estar na mesa da redação e comecei a trabalhar com rádio como editor há sete anos. Eu tenho sido como um editor, chamamos de editor digital, tipo um título antigo por sinal, mas é para ter uma distinção porque somos um serviço de transmissão, mas eles estão mudando de mentalidade agora. Então eles me contrataram para ser um editor digital. Então tem sido isso.)

2. I see Brazil from the same perspective. How do you see these changes since you started working as a journalist? Do you think the tools are different? And how do you see the practices?

(Vejo o Brasil nas mesmas perspectivas. Como você vê essas mudanças desde que começou a trabalhar como jornalista? Você acha que as ferramentas são diferentes? E como você vê as práticas?)

Yeah, There are some aspects to it. I would say that in the first years when I worked we had slow changes. But I would say that in the last years it has been rapid changes, a lot of things happening. But even in the internal working process is different. How the reporter go to the start to finish? But I would say that one of the reasons is that the chief editors are starting to see that the technologies are necessary, especially in radio and broadcasting which have a strong tradition in broadcasting. They are quite slow, they see others like DN, they see that they are taking the lead, so they have to pick up and pay. In all the ways that you present news today, you don't wait to present at the 7 o'clock news. I think it is something related to the newsworking, some of the senior reporters, some of them still think they have to wait until 5 o'clock on the radio or 7 o'clock on tv.

(Sim, existem alguns aspectos nisso. Eu diria que nos primeiros anos em que trabalhei tivemos mudanças lentas. Mas eu diria que nos últimos anos foram mudanças rápidas, muitas coisas acontecendo. Mas mesmo no processo de trabalho interno é diferente. Como o repórter vai do começo ao fim (processo da reportagem)? Mas eu diria que um dos motivos é que os editores-chefes estão começando a ver que as tecnologias são necessárias, principalmente no rádio e nas emissoras que têm uma forte tradição em radiodifusão. Eles são bastante lentos, eles veem outros como o DN, eles veem que estão assumindo a liderança, então eles têm que pegar e pagar. De todas as maneiras que você apresenta as notícias hoje, você não espera para apresentar o noticiário das 7 horas. Acho que é algo relacionado com o newswoking, alguns dos repórteres seniores, alguns deles ainda acham que tem que esperar até as 5 horas no rádio ou 7 horas na tv.)

Entrevistador: We have these social changes and we need to adapt ourselves

(Temos essas mudanças sociais e precisamos nos adaptar)

3. How is your routine at the newsroom? Do you have to go there every day or you can work from home, for example?

(Como é sua rotina na redação? Você tem que ir lá todos os dias ou pode trabalhar em casa, por exemplo?)

I would say that our company is not really modern in this aspect, because during the pandemic, of course, we were all working from home. But as soon as everything started coming back here in Sweden we went back. I think that there is a mindset of the seniors. They want to see what people are doing. Some of my colleagues, specifically, have been asking about working more days at home, maybe four in the office. I asked for one day and I did not get it. They are still thinking about the traditional ways even when we saw good advantages with the pandemic. But we can't change them.

(Eu diria que nossa empresa não é muito moderna nesse aspecto, porque durante a pandemia, claro, estávamos todos trabalhando de casa. Mas assim que tudo começou a voltar aqui na Suécia, voltamos. Eu acho que há uma mentalidade dos mais velhos. Eles querem ver o que as pessoas estão fazendo. Alguns dos meus colegas, especificamente, têm perguntado sobre trabalhar mais dias em casa, talvez quatro no escritório. Pedi um dia e não consegui. Eles ainda estão pensando nas formas tradicionais mesmo quando vimos boas vantagens com a pandemia. Mas não podemos mudá-los.)

Entrevistador: this is one of my questions as well, the pandemic changed a lot in Brazil. Do you think the pandemic has changed the way people do journalism in Sweden or in the daily routine of journalism?

(Essa é uma das minhas perguntas também, a pandemia mudou muito no Brasil. Você acha que a pandemia mudou a forma como as pessoas fazem jornalismo na Suécia ou na rotina diária do jornalismo?)

I would say that during the pandemic we saw a big rise, a lot of people started listening to the news and we got a lot of views, especially during the pandemic, both the broadcast and the digital in our case. So we have a big rise for local and for global news. The thing is that this is something that is still going, we kept a lot of audience with the streaming and the playing. The company started a lot of podcasts and was also huge for us. That's one thing, the other thing is finally we are having one of these transformations to digital. If there is something 15 minutes

later on our web, our *Facebook*, for example. And this was a slow process before and started getting fast now. It has always been for me, but now we can see in the whole newsroom. So this is the good aspect, but the other is that we use a lot of Microsoft teams and some people felt that they were isolated before in the meetings or bringing the news.

(Eu diria que durante a pandemia vimos um grande aumento, muita gente começou a ouvir as notícias e tivemos muitas visualizações, principalmente durante a pandemia, tanto a transmissão quanto o digital no nosso caso. Portanto, temos um grande aumento para notícias locais e globais. Uma coisa que ainda está acontecendo, mantivemos muita audiência com o streaming e a reprodução. A empresa começou muitos podcasts e também foi enorme para nós. Isso é uma coisa, a outra é que finalmente estamos tendo uma dessas transformações para o digital. Se há algo 15 minutos depois está no nosso site, nosso Facebook, por exemplo. E esse era um processo lento antes e começou a ficar rápido agora. Sempre foi para mim, mas agora podemos ver em toda a redação. Então esse é o lado bom, mas o outro é que usamos muito Teams da Microsoft e algumas pessoas se sentiram isoladas antes nas reuniões ou trazendo as novidades.)

Entrevistador: There are two aspects that I want to talk about the things that you said. In Brazil we saw the same boom of podcasts and it is still huge. How do you work with all these changes during the pandemic? You were kind of isolated but had to develop new products.

(Há dois aspectos que eu quero falar sobre as coisas que você disse. No Brasil vimos o mesmo boom de podcasts e ainda é enorme. Como foi seu trabalho com todas essas mudanças durante a pandemia? Você estava meio isolado, mas teve que desenvolver novos produtos.)

I would say that me and my department we didn't produce so many podcasts. But during the pandemic our work was day to day, basic. We did something that we called mini podcasts, 10 minutes or 15 minutes news podcasts about what was going on and the daily pandemic news with 3 minutes, so we try something different. That gives us, well, it was a lot more work because we tried these new routines, but we saw that people were really listening to the short news podcasts. So I think the company, after that, realized that we needed more podcasts. They saw some changes and they keep that. We are doing something call "people story" were they are local people and in the Chanel 4 *stories* we made one of a quarter and each story. We don't do new *stories*, we just put new voice overs to put in a podcast. I haven' been doing these voice overs, but I have been doing the social media material for some of them.

(Eu diria que eu e meu departamento não produzimos tantos podcasts. Mas durante a pandemia nosso trabalho era do dia a dia, básico. Fizemos algo que chamamos de mini podcasts, podcasts de notícias de 10 ou 15 minutos sobre o que estava acontecendo e as notícias diárias da pandemia com 3 minutos, então tentamos algo diferente. Isso nos deu, bem, deu muito mais trabalho porque tentamos essas novas rotinas, mas vimos que as pessoas realmente ouviam os pequenos podcasts de notícias. Então acho que a empresa, depois disso, percebeu que precisávamos de mais podcasts. Eles viram algumas mudanças e mantêm isso. Estamos fazendo algo chamado “história de pessoas” onde são pessoas locais e no Chanel 4 stories fizemos uma de quatro histórias que passam no canal. Não fazemos novas histórias, apenas colocamos novas dublagens para colocar em um podcast. Não tenho feito essas dublagens, mas tenho feito o material de mídia social para algumas delas.)

Entrevistador: The other thing that brought my attention was when you said about the Microsoft teams. Do you think that the Microsoft teams works as an extension for the newsroom for you, guys?

(Outra coisa que me chamou a atenção foi quando você falou sobre Teams da Microsoft. Vocês acham que o Teams da Microsoft funciona como uma extensão da redação para vocês?)

It has been very much, for good and for the worst for a lot of people. Microsoft teams isn't the best program. I mean, we used to have slack and we chatted a lot. Some people thought that they took a lot of energy from them. The company decided to integrate the Microsoft teams and you could start a group, we had a few groups with people chatting. I mean, a lot of people chat a lot so some people find it weird that we have meetings on Teams, for example, if there is everyone in the office but two guys *on-line*. So we used a lot, and definitely say I am confident about using just for ideas or everything. But some people don't answer or pick up the chat, for example. I notice a lot of people have been more used to it now, mostly people reply quickly, for example.

(Tem sido muito, para o bem e para o mal, para muitas pessoas. O Teams da Microsoft não é um dos melhores programas. Quero dizer, costumávamos usar o Slak e conversávamos muito. Algumas pessoas pensaram que eles tiraram muita energia de nós. A empresa decidiu integrar o Teams da Microsoft e você poderia começar um grupo, tínhamos alguns grupos com pessoas conversando. Quer dizer, muitas pessoas conversam muito, então algumas pessoas acham estranho que tenhamos reuniões no Teams, por exemplo, se estiver todo mundo no escritório,

menos dois caras on-line. Então usamos muito, definitivamente digo, eu estou confiante em usar apenas para ideias ou tudo. Mas algumas pessoas não respondem ou pegam o chat, por exemplo. Percebo que muitas pessoas estão mais acostumadas com isso agora, principalmente as pessoas respondem rapidamente, por exemplo.)

4. I talked to some journalists about some *apps* and most of them feel stressed because they download on their cellphone and they feel that they should reply every time. How is this process for you?

(Conversei com alguns jornalistas sobre alguns aplicativos e a maioria se sente estressada porque baixa no celular e acha que deveria responder sempre. Como é esse processo para você?)

To be honest, I put mute on the Teams. In this IOS you can see if someone sends you something. But I didn't want to see all the notifications, I just, I stopped that. I guess I keep checking with someone who wrote to me, I know that is stressful. I know that is stressful because we have a daily chat and if you write one thing you get all the notifications in that group, if you don't want it. And some people, I understand, it is stressful, if you work in the morning and you leave and keep getting texts and you can't turn it off. But I am not sure if this works for everyone, some people said that you should try to chat less.

(Para ser sincero, coloquei mudo o Teams. Neste IOS você pode ver se alguém te envia algo. Mas eu não queria ver todas as notificações, apenas parei com isso. Acho que continuo verificando com alguém que me escreveu, sei que é estressante. Eu sei que é estressante porque temos um bate-papo diário e se você escrever uma coisa você recebe todas as notificações daquele grupo, mesmo se você não quiser. E para algumas pessoas, eu entendo, é estressante, se você trabalha de manhã e sai e continua recebendo mensagens e não consegue desligar. Mas não tenho certeza, algumas pessoas disseram que deveríamos tentar conversar menos.)

5. About your daily routine, how do you use your *smartphone*?

(Sobre a sua rotina diária, como você usa seu smartphone?)

I thought about it. Of course we use a lot more than we think, we just don't think about it. When you come to work and check all the mail or the outlets, when I open my teams or when I open the integrated *app*. I use teams, of course, on the desktop, but if I am in another place I can

always pick it up and check and I do that. I use a lot to keep in contact with the reporters and they send me pictures and do something for the *Instagram app*. For Photoshop I use the desktop, but *Instagram* is not good at the desktop so I use the *app*.

(Eu pensei sobre isso. Claro que usamos muito mais do que pensamos, só não pensamos nisso. Quando venho trabalhar e verifico todo o email ou os principais assuntos do dia, quando abro meu Teams ou quando abro a app integrado. Eu uso Teams, é claro, na área de trabalho, mas se estiver em outro lugar, sempre posso pegá-lo e verificar e faço isso. Eu uso muito para manter contato com os repórteres e eles me mandam fotos e fazem alguma coisa para o aplicativo do Instagram. Para o photoshop eu uso a área de trabalho, mas o Instagram não é bom na área de trabalho, então eu uso o aplicativo.)

Entrevistador: Do you think somehow you are dependent on using the *smartphone* in the daily routine or you can get off of it?

(Você acha que de alguma forma é dependente do uso do smartphone no dia a dia ou pode se livrar dele?)

I would say in a 7 day 24 hours based, yes, for sure I need it. Because even when you get off work your colleagues in some way expect you to know what is *happening*, like the main news. You can't just come in and say "I didn't know about it", you know. But, if I am the desk I can use my desktop since I have teams and *Instagram*. But it is convenient to check on the phone. I know some colleagues find it stressful also because you are supposed to, you know, make it fluid when the work is finished or started. Because I see one of my bosses can reply at 20 and he shouldn't. Because if the boss does it, there is a signal that this is good.

(Eu diria que com base em 7 dias e 24 horas, sim, com certeza eu preciso. Porque mesmo quando você sai do trabalho, suas faculdades esperam que você saiba o que está acontecendo, como as principais notícias. Você não pode simplesmente entrar e dizer "eu não sabia disso", sabe. Mas, se eu for a redação, posso usar minha área de trabalho, pois tenho Teams e Instagram. Mas é conveniente verificar no telefone. Eu sei que alguns colegas acham estressante também porque você deve, você sabe, torná-lo fluido quando o trabalho terminar ou começar. Porque eu vejo que um dos meus chefes pode responder aos 20 e não deveria. Porque se o patrão fizer isso, é um sinal de que isso é bom.)

6. In your perspective as a journalist, how do you see the presence of mobile devices in newsrooms? Is it a good thing or in some kind a way it not?

(Na sua perspectiva como jornalista, como você vê essa presença dos dispositivos móveis nas redações? É uma coisa boa ou de alguma forma não é?)

I try to see it as a positive thing, in the sense that you could see and pick up news in ways that we didn't see. You can reach people in general in a way that you couldn't. You could post something on *Instagram*. The tv and radio have these big challenges that people like teenagers have. They don't look at our regular news, they don't know who we really are. We have to be digital and we have to look at branding. We have to post videos mobile *on-line*. Like reels. We have to do it because that audience and them find our original radio news as well at the same time. The company just left twitter and snapchat, so you can be selective. We are just in the big ones. Some of the newsrooms use tiktok, but it is a sensitive thing.

(Eu tento ver como uma coisa positiva, no sentido de que você pode ver e pegar notícias de maneiras que não vimos. Você pode alcançar as pessoas em geral de uma maneira que não poderia. Você poderia postar algo no Instagram. A tv e o rádio têm esse grande desafio de que as pessoas como os adolescentes, não olham nossos noticiários regulares, não sabem quem realmente somos. Temos que ser digitais e temos que olhar para o branding. Temos que postar vídeos móveis on-line. Coisas bobinas. Temos que fazer isso por causa desse público e eles também encontram nossas notícias originais de rádio ao mesmo tempo. A empresa acabou de sair do twitter e do snapchat, então você pode ser seletivo. Estamos apenas nos grandes. Algumas redações usam tiktok, mas é uma coisa delicada.)

Entrevistador: For me personally it is hard to see this language of tiktok and how journalism use it

(Para mim, pessoalmente, é difícil encarar essa linguagem do tiktok e como o jornalismo utiliza (...))

It is hard to balance and they take a lot of time.

(É difícil encontrar o balanço, eles tomam muito tempo).

7. When I was a reporter in Brazil I worked with sports and was really common when my editor asked for videos for *Instagram*. Do you think that there is this movement here in Sweden as well?

(Quando eu era repórter no Brasil trabalhava com esportes e era muito comum meu editor pedir vídeos para o Instagram. Você acha que existe esse movimento aqui na Suécia também?)

Yes, I mean, In one way. In the last two years I would definitely say that it took a while for us. We kept doing a plan. Most of the days or like regular posts on *Instagram*, but the way that you present in *Instagram* doesn't have to be the same every day. But, yeah, we have been putting in and the reporters know that they have to produce some films or photos for us to be able to use in a couple of days. They have to learn a way to make it and its trick because when you do radio there are a lot of here and now, but you have to be more timeless. It has been a trick to explain to the reporters why this is important, why we are doing this. I have to explain why we are putting so much time on *Instagram*, but they are finally seeing. Because when they look at themselves on *Instagram* they get used to it and they kinda like it and that's a good journal from them.

(Sim, quero dizer, de certa forma. Nos últimos dois anos, eu definitivamente diria que demorou um pouco para nós. Continuamos fazendo um plano. Na maioria dos dias ou como postagens regulares no Instagram, mas a maneira como você se apresenta no Instagram não precisa ser a mesma todos os dias. Mas, sim, temos colocado e os repórteres sabem que têm que produzir alguns vídeos ou fotos para podermos usar nos próximos dias. Eles têm que aprender uma maneira de fazer isso e seu truque porque quando você faz rádio é muito aqui e agora, mas você tem que ser mais atemporal. Tem sido complicado explicar aos repórteres porquê isso é importante, porquê estamos fazendo isso. Eu tenho que explicar porque estamos colocando tanto tempo no Instagram, mas eles finalmente estão vendo. Porque quando eles se olham no Instagram, eles se acostumam e meio que gostam e esse é um bom diário deles.)

Entrevistador: You said about these trick things, do you see a bad side of using *smartphones*?

(Você disse sobre esses truques, você vê um lado ruim do uso de smartphones?)

You don't mean necessary hate on the web in the comment section?

(Você não quer dizer hate na web e nos comentários, né?)

Entrevistador: It could be too.

(Pode ser também)

Yeah, of course there is a dark side of social media and that is the reason we left twitter and snapchat, sometimes they don't get the news the way the news were intended to. Twitter we couldn't keep that. In Sweden, the right wing did a lot on twitter and *Facebook* with the comment sections and we started seeing that replying was not worth it. Some people just want the good news and don't want to get worry about that. And we have the algorithm as well. They get in our feeds and start writing stuff, it is a trick. Especially us for being a public service, because this put another layer on that, making tricks. So this is why I took so much for us to go to the digital, they wanted to see what was *happening*, the outlet. Then we took some strategies. Some people think that is still slow and some not.

(Sim, é claro que existe um lado sombrio das mídias sociais e é por isso que deixamos o twitter e o snapchat, às vezes eles não recebem as notícias da maneira que deveriam. Twitter, não poderíamos manter isso. Na Suécia, a direita fez muito no twitter e no Facebook com as seções de comentários e começamos a ver que responder não valia a pena. Algumas pessoas só querem as boas notícias e não querem se preocupar com isso. E nós temos o algoritmo também. Eles recebem feeds e começam a escrever coisas, é um truque. Principalmente a gente por ser um serviço público, porque isso colocou mais uma camada nisso, fazendo malandragem. Então é por isso que eu levei tanto para a gente ir para o digital, eles queriam ver o que estava acontecendo, a saída. Então nós pegamos algumas estratégias. Algumas pessoas acham que ainda é lento e outras não.)

8. I have seen in Brazil people getting part of the discussions, I mean, like social actors. I remember a case in Brazil during the George Floyd movement when one of our biggest broadcasting news stations brought white journalists to talk about racism and had to do the discussions again the other day with black journalists because of the discussions on social media. Do you think people here in Sweden are part of the discussions as well?

(Tenho visto no Brasil pessoas participando das discussões, quer dizer, como atores sociais. Lembro de um caso no Brasil durante o movimento George Floyd quando um dos nossos maiores noticiários trouxe jornalistas brancos para falar sobre racismo e ter que fazer as

discussões novamente outro dia com jornalistas negros por causa das discussões nas redes sociais. Você acha que as pessoas aqui na Suécia também fazem parte das discussões?)

Yes, for sure. This is a good reminder of it. We have the mee too movement. A lot of journalists, on the other side, became activists in the way that was claiming it was not coherent for the public service. You had an internal discussion about it. Some people put something *on-line*, for example. We have traditions. I think during the pandemic as well.

(Sim com certeza. Este é um bom lembrete. Temos o movimento mee too. Muitos jornalistas, por outro lado, tornaram-se ativistas da forma que vinha se firmando não era coerente para o serviço público. Você teve uma discussão interna sobre isso. Algumas pessoas colocam algo on-line, por exemplo. Nós temos uma tradição. Acho que durante a pandemia também.)

Entrevistador: And about people in general, people send ideas for news, photos, is normal? They contact you? Is there space?

(E sobre as pessoas em geral, as pessoas mandam ideias de notícias, fotos, isso é normal? Eles entram em contato com você? Há um espaço?)

Yes, they call and send emails. But we always look at the messenger and *Facebook* to see it. Some people in general are used to calling the news outlet. Some people send in messenger with “this is *happening*, please check it out”. I mean, it is difficult to react. Do you reply to the person? Do you send it to the editor? What are we going to do? But I mean, in general it is very useful. So we have to keep these lines open and I mean, we can’t just turn the *Facebook* feed off, we need it.

(Sim, eles ligam e enviam e-mails. Mas sempre olhamos para o mensagens e para o Facebook para ver. Algumas pessoas em geral costumam ligar para o jornal. Algumas pessoas enviam mensagens com “isso está acontecendo, por favor, confira”. Quero dizer, é difícil reagir. Você responde a pessoa? Você envia para o editor? O que nós vamos fazer? Mas quero dizer, em geral é muito útil. Portanto, temos que manter essas linhas abertas e, quero dizer, não podemos simplesmente desligar o feed do Facebook, precisamos disso.)

9. I talked to some people from *Dagens ETC* and they said that most people see the news from *smartphones*. Do you think that there is this movement to see the news through mobile devices?

(Conversei com algumas pessoas do Dagens ETC e elas disseram que a maioria das pessoas vê as notícias pelos smartphones. Você acha que existe esse movimento de ver as notícias pelos dispositivos móveis?)

Yes, like I said it is much more in the small outlet or startup base of the structure. We have one thousand one hundred people employed. You can do it in your own division. We aren't that fast I think. But most of your colleagues start using more and more, you can see at lunch, for example, people walking and listening on the phone. People are getting used to listening on the phone more and more, but at the same time, with you looking at the company as a whole we are still the traditional one and took a lot of time to put new structures for people.

(Sim, como eu disse é muito mais na pequena saída ou base inicial da estrutura. Temos mil e cem pessoas empregadas. Você pode fazê-lo em sua divisão. Não somos tão rápidos, eu acho. Mas a maioria dos colegas começa a usar cada vez mais, você pode ver na hora do almoço, por exemplo, pessoas andando e ouvindo no telefone. As pessoas estão se acostumando cada vez mais a ouvir ao telefone, mas ao mesmo tempo, olhando para a empresa como um todo, ainda somos a tradicional e demoramos muito para colocar novas estruturas para as pessoas.)

10. My last question for you is actually how your perspective is in journalism and new technologies for the future.

(Minha última pergunta para você é, na verdade, como está sua perspectiva no jornalismo e nas novas tecnologias para o futuro.)

Like I said before, I try to see things from a positive angle. I think we will move forward to more and more digital and mobile journalism. We have to be more responsible and know the consequences of it. But tradition has to be responsible and know how to put the money, we can't put the money in just one option like snapchat, for example. And we have to be open for the new generation or journalists as well. You have to bring their ideas. I hope to see it as well.

(Como eu disse antes, tento ver em um ângulo positivo. Acho que vamos avançar para um jornalismo cada vez mais digital e móvel. Temos que ser mais responsáveis e saber as consequências disso. Mas a tradição tem que ser responsável e saber colocar o dinheiro, não podemos colocar o dinheiro em apenas uma opção como o snapchat, por exemplo. E temos que estar abertos para a nova geração ou jornalistas também. Você tem que trazer as ideias deles. Espero vê-lo também.)

APÊNDICE III - PROTOCOLOS DE OBSERVAÇÃO DO PARANÁ PORTAL

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	20 de Novembro de 2023
Horário de Início	8h04min
Horário de Término	12h29min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O Paraná Portal fica em uma casa de dois andares no bairro Pilarzinho, em Curitiba. A redação ocupa uma sala do espaço, o restante é dividido para a BandNews FM e 90.1 FM. A sala possui três mesas e três computadores. Os três computadores são da marca LG. A sala possui também um telefone fixo único. Os jornalistas possuem fones de ouvido disponibilizados pela redação. Mirian usa o da redação e Rafael o seu airbods pessoal. Mirian usa o computador da redação e Rafael usa seu notebook da <i>Apple</i> pessoal.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Mirian – mulher alta, morena, usa óculos.
Sujeito B	Rafael – homem alto, moreno.
Sujeito C	
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	

- + Quando Mirian chegou houve um bate papo sobre o que havia acontecido na redação, quais eram as novidades e o que Rafael já havia feito.
- + Mirian “brincou” que se sentiu coagida com a minha presença.
- + O papo se desenrola para quais matérias vão girar da página principal.
- + Em determinado momento Rafael afirma que bateu o carro vindo para o trabalho pois estava vendo o grupo da Polícia Rodoviária Federal no celular, buscando informações sobre o trabalho.
- +Mirian recebeu um presente da chefe.
- +Mirian comentou que o rádio (BandNews FM) ficou fora do ar. Ela descobriu, pois viu pelo grupo do *WhatsApp* durante o final de semana. Ou seja, os jornalistas continuam observando o grupo de trabalho mesmo em suas folgas.
- +Alguns jornalistas como Mirian e Angelo trabalham no portal e rádio Band News FM.
- +O celular como interação social – Mirian mostrou memes do show da Taylor Swift para Rafael pelo celular.
- +O clima na redação de manhã é bem tranquilo. Não há muitas interferências externas. Trabalham apenas os dois jornalistas na sala. A chefia fica no andar inferior.
- +Ambos fizeram uma pausa para alimentação curta. No máximo 10 minutos.
- +Constantemente eles conversam sobre o que vão fazer e escrever para o site.
- +Os jornalistas conversaram sobre o amigo secreto e me explicaram que a brincadeira irá contar com profissionais da Band News FM e o Paraná Portal. De certa forma eles parecem, alguns, bem próximos.

- + Mirian possui um IOS e Rafael um Android
 - + Quando cheguei Rafael estava usando seu celular como apoio de informação, assistindo ao jornal enquanto trabalhava (Bom dia Paraná e Bom dia Brasil). Estava escutando as informações e redigindo reportagens.
 - +Ambos os jornalistas posicionam seus dispositivos móveis ao lado do computador.
 - +Há a partir da fala dos jornalistas a certeza que eles utilizam o *WhatsApp* como uma extensão da profissão. Seja para os grupos das fontes ou para o grupo da própria redação.
 - +O publicador do site estava lento o que atrapalhava o trabalho.
 - +Rafael pegou seu *smartphone* para entrar em contato com uma fonte sobre uma matéria de matrículas em escolas de Curitiba.
 - +Rafael olha constantemente para o seu *smartphone* como quem busca por notificações.
 - +Em determinado momento, Mirian deixou seu celular apoiado em seu computador em uma posição em que o dispositivo funcionava como segunda tela ou tela de apoio.
 - +Rafael atualiza as redes sociais pelo computador. Após publicar as reportagens os jornalistas devem também publicar nas redes sociais. De tempos em tempos eles voltam para essas publicações para ver as interações que ocorrem ali.
 - +As maiores informações se sobressaem justamente das interações entre os dois jornalistas.
 - +Mirian também olha constantemente para o celular.
 - +Rafael pegou o celular para responder uma fonte e falou sobre isso com Mirian posteriormente.
 - +Mirian utiliza o *WhatsApp* Web.
- Rafael acompanha o Twitter do Paraná Portal.
- +Pelos grupos de *WhatsApp*, Rafael encontrou uma notícia sobre um acidente envolvendo duas mortes na estrada. Falou com a Mirian que iria “subir” a informação.
 - +Eles usam muito os celulares para falarem com as fontes.
 - +No dia 20 de novembro o *Instagram* não era atualizado desde o dia 8. Ao contrário de outras redes como Twitter e *Facebook*.

+As 9h50 Rafael escutou um áudio de um grupo de *WhatsApp* para trabalhar em uma reportagem. Sinalizou isso para Mirian: “vou escutar um áudio de uma fonte aqui rapidinho”.

+Enquanto pesquisador, me peguei com a necessidade de olhar o celular algumas vezes durante a manhã. Algo como um vício.

+Rafael fez um giro em outros sites de notícia. O que estava sendo publicado era a pauta.

+É importante ressaltar que a minha visão da sala dava acesso ao computador do Rafael e não me permitia olhar o que a Mirian fazia em seu computador.

+Após perguntar sobre a minha pesquisa, Mirian afirmou que “antes era bem surtada, mas agora olhava para o celular como forma de trabalho apenas em seu horário determinado de trabalho”.

+Em determinado momento, Rafael afirmou que Pedro (outro jornalista do portal que trabalha geralmente de tarde), subiu uma matéria enquanto não estava na redação sobre o político Beto Richa. Ou seja, os jornalistas trabalham também fora do espaço físico da redação.

+Nas falas, nas sobras, no que vaza e que vai além da observação está justamente o que transcende da materialidade em si e toma corpo para um estado em que há uma “resposta” para os acontecimentos.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	21 de Novembro de 2023
Horário de Início	8h10min
Horário de Término	12h07min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente físico não sofreu nenhuma alteração com relação a observação do dia anterior. Único adendo é sobre a luz da sala, que apesar de ligada, ilumina muito pouco a sala. O que ilumina, em grande parte, é a luz externa.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Mirian – mulher alta, morena, usa óculos.
Sujeito B	Rafael – homem alto, moreno.
Sujeito C	
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	

- + Ao chegar, conheci Nilson (diretor geral do Paraná Portal e Band News FM).
- + Quando cheguei na sala conheci Andréia (do comercial), ela estava conversando com Mirian e Rafael e o assunto era a crise no jornalismo. Nesse momento, Mirian brincou novamente que se sentia ameaçada com a minha presença na observação. Depois de alguns minutos a conversa seguiu para assuntos pessoais como família e dia a dia.
- +Mirian avisou Rafael que estava subindo uma reportagem sobre teatro.
- + Rafael comentou com Mirian sobre a batida de carro do dia anterior e que já haviam lhe mandado o orçamento.
- + Mirian comentou, após ver no Twitter, sobre a reportagem da Folha de São Paulo da jovem Ana Benevides morta em um show da cantora Taylor Swift. O assunto era sobre seu irmão, que está preso e recebeu permissão para sair. Falamos sobre o assunto e sobre os comentários da reportagem no Twitter.
- +Rafael falou que iria subir uma reportagem sobre negócios. Mirian afirmou que ia subir a sua em economia e que as reportagens de negócios estavam mais atemporais.
- +As salas do comercial são ao lado da redação. A todo momento é possível escutar as discussões de lá.
- +Mirian comenta que Rafael Greca irá para a redação da Band no dia seguinte.
- +As orientações da sala geralmente partem da Mirian.
- +Mirian disse que ia subir uma reportagem de política e Rafael afirmou que já estava fazendo uma. Ela ia agendar para o dia seguinte.
- +Mirian brincou que eu anotaria no caderno que ela estava com frio após uma conversa. Há, de certa maneira nessa fala, um incomodo em ser observada.
- +Os dois fizeram pausa para comer algo.
- +Mirian comentou sobre as escalas de final de ano. Perguntei sobre o Plantão e eles falaram que é tranquilo fazer de casa no final de semana.
- +Houve uma conversa sobre Neymar e também sobre Taylor Swift.

- + Rafael, em mais um dia, assistia os jornais Bom dia Paraná e Bom dia Brasil pelo celular enquanto trabalhava no computador. Aqui o celular não é apenas um objeto de segunda tela, mas um apoio ao próprio fazer do jornalismo.
- +Mirian pegou o celular para responder as redes sociais.
- +Rafael estava buscando notícias no site da Band News FM e também nos grupos de *WhatsApp* no celular.
- +Rafael estava resolvendo assuntos pessoais pelo celular (sobre a batida de carro).
- +Nas mesas há um relatório sobre direcionamentos do Paraná Portal.
- +Ao contrário da observação do dia anterior, percebi que Rafael possui um Iphone e não Android.
- +Após publicar reportagens, Rafael atualizou as redes sociais.
- +Os dois jornalistas parecem mais concentrados e reclusos no dia de hoje. Ficaram um bom tempo extremamente focados em suas produções.
- +Mirian observou uma movimentação de atores sociais no Twitter que poderia render uma reportagem. Conversou com Rafael e Lorena sobre a situação e decidiu entrar em contato com a Polícia Civil e o Conselho Escolar. Aqui, percebe-se que a movimentação dos atores sociais nas redes é parte importante na construção também do que é pauta.
- +Novamente os celulares ficaram próximos dos jornalistas e servem de apoio para buscar fontes e entrar em contato com outros jornalistas. Ele nunca está longe e nunca está no bolso. Sempre ao lado.
- +Rafael comentou uma interação que existiu no grupo do *WhatsApp* da redação sobre um show da banda Restart e quem iria ao evento.
- +Os grupos como uma extensão da busca por informação (?)
- +Em determinado momento da observação peguei nós três com o celular na mão olhando notificações e o que estava acontecendo.
- +Mirian comentou que Pedro Melo colocou no grupo do *WhatsApp* da redação sobre o anúncio do show do Roberto Carlos na Ligga Arena. Ou seja, no grupo os jornalistas se pautam entre si. Quando um jornalista que não está trabalhando encontra algum assunto relevante, ele envia para os jornalistas que estão na redação através do grupo do *WhatsApp*. Aqui o grupo é uma extensão da redação e das relações entre os indivíduos.
- +Rafael também trabalha com um smartwatch.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	22 de Novembro de 2023
Horário de Início	7h39min
Horário de Término	12h02min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente físico não sofreu nenhuma alteração com relação a observação do dia anterior. Único ponto não mencionado é que Mirian e Rafael sentam de frente um para o outro.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Mirian – mulher alta, morena, usa óculos.
Sujeito B	Rafael – homem alto, moreno.
Sujeito C	
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	
+ Mirian conversou comigo sobre a reportagem de racismo que ela havia apurado ontem. Conversamos que o feeling estava correto já que o assunto tomou conta das redes sociais. + Mirian disse que trabalha apenas escutando música. Ajuda ela na concentração. +Mirian perguntou para o Rafael se a polícia civil havia colocado algo no grupo do <i>WhatsApp</i>. +Mirian falou novamente sobre a reportagem de racismo, dessa vez com Rafael, falando que foi difícil conseguir um posicionamento da PM, que foi enviado apenas às 16h. Ela postou a nota no grupo da redação. Ou seja, mesmo não sendo o horário dela ela interage com o grupo. Nesse sentido, o fazer jornalismo se estende da redação e passa a ocupar outros tempos em outros lugares (aqui o <i>on-line</i> e virtual com o grupo de <i>WhatsApp</i>). +Ministério Público estava fazendo uma operação. Eles se dividiram e cada um ficou com duas reportagens para apurar. +Ambos os jornalistas estavam tão compenetrados no trabalho que quando eu derrubei um item eles não se mexeram e continuaram a escrever suas reportagens. +Os jornalistas conversaram sobre matéria realizada no dia anterior. +Ambos fazem sua pausa para comer. +As interações foram bem menores do que nos outros dias, por consequência, o que está nas bordas também. Isso me fez perceber que a resposta para as questões da tese está justamente nas falas dos próprios jornalistas, até mais do que em suas ações enquanto sujeitos.	

TÉCNICAS E REGISTRO

+ Rafael estava fazendo sua rotina de escutar e assistir os jornais Bom dia Paraná e Bom dia Brasil pelo celular.

+Rafael entra às 7h e Mirian às 8h.

+Rafael Greca, prefeito de Curitiba, que estaria hoje de manhã na BandNews FM, mudou sua entrevista para *on-line*. Ou seja, nem as grandes figuras políticas dão entrevistas mais presencialmente. O ambiente está alterado.

+Os celulares seguem posicionados da mesma maneira. Sempre ao lado dos jornalistas em um local de fácil acesso.

+Mirian comentou que o grupo da BandNews FM estava movimentado. Ou seja, cada redação possui seu próprio grupo. Se um jornalista trabalha nos dois veículos ele está em dois grupos. Há aqui, de certa maneira, uma sobrecarga de mensagens e informações.

+O que nos interessa está justamente nas falas, nas interações entre os jornalistas. São nesses momentos de vazamento, sobras de informações, que surgem as repostas para o que emerge dos questionamentos da tese.

+Ambos os jornalistas verificam constantemente seus celulares.

+Dentre os dois, Rafael é o que mais pega o celular para responder. Isso se deve ao fato de que Mirian usa o *WhatsApp* Web enquanto Rafael não utiliza o aplicativo no computador. Por isso, Rafael para de escrever constantemente para olhar as notificações, busca por informações ou um hábito?

+Enquanto o jornal passa a tela do celular do Rafael é dividida ao meio. Metade jornal e metade *WhatsApp*.

+Após terminar uma matéria, Mirian olhou para as notificações do seu celular.

+Rafael comentou sobre uma postagem do *WhatsApp* do cachorro da Mirian. Ou seja, além de um espaço de trabalho o grupo é também um espaço de interações sociais diversas.

+Rafael rodou por sites de diversas prefeituras do estado do Paraná, grupos do *WhatsApp* e outros sites de notícias. Os dois jornalistas são bem focados no processo.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
--------------------	------------------------------------

Data	23 de Novembro de 2023
Horário de Início	7h50min
Horário de Término	11h58min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente físico não sofreu nenhuma alteração com relação a observação do dia anterior. Meu único adento é em relação a uma webcam instalada no computador da Mirian. Serve para realizar entrevistas e fazer conferências de imprensa.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Mirian – mulher alta, morena, usa óculos.
Sujeito B	Rafael – homem alto, moreno.
Sujeito C	
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	
+ Mirian chegou um pouco antes das 8h e perguntou ao Rafael se estava tudo bem. Se havia alguma operação hoje ou algo do gênero. +Os dois conversaram sobre novidades e matérias sobre o clima e temperatura em Curitiba. Rafael mencionou que já havia feito uma reportagem, mas ainda não tinha recebido o boletim geral da prefeitura. +Os dois conversaram sobre novidades do caso do jogador Daniel. +Mirian conversou sobre o caso de racismo e disse que o MP vai investigar. +Andreia entrou na sala e deu bom dia para todos. Após alguns minutos de conversa, contou que fez uma call com um cliente ontem. Ou seja, até mesmo o comercial da empresa faz chamadas de vídeos e reuniões que não são mais presenciais. Há uma mudança de espaço em todos os setores. É um fenômeno que se estende e é global. +Mirian perguntou para o Rafael se a pauta era realmente em Foz. +Conversamos sobre termos e como sempre é melhor deixar mais fácil para o leitor compreender. +Ambos jornalistas fizeram sua pausa para alimentação de manhã. +Lorena veio na sala conversar. Perguntou mais sobre a minha pesquisa e como estava sendo a observação. Falou também sobre a escala de final de ano com os jornalistas.	
TÉCNICAS E REGISTRO	

- + Rafael seguia sua rotina de assistir aos jornais pela manhã no celular.
- + Quando cheguei Rafael estava produzindo duas matérias. Uma sobre as chuvas e outra sobre um atropelamento em londrina.
- + Rafael enviou uma pauta para Mirian via *WhatsApp* sobre um caso de sequestro em Foz do Iguaçu.
- + Rafael verificou o celular e depois colocou as matérias que havia feito no *Facebook*.
- + Em determinado momento o publicador travou.
- + Mirian disse que precisava atualizar uma matéria ontem e não conseguia. Pediu pelo grupo pedindo ajuda, mas o publicador estava fora do ar. O que salta aos olhos é justamente a interação no grupo.
- + Rafael segue acompanhando o jornal pelo *WhatsApp*.
- + Rafael olha informações do celular antes de digitar a reportagem.
- + Fisicamente, os celulares seguem nas mesmas posições. Na mesa.
- + Publicador regularizou a Mirian subiu a reportagem com a fotografia.
- + Rafael olha o email do portal em busca de pautas.
- + Mirian subiu uma matéria e verificou a notificação do celular.
- + Conversaram sobre foto postada no grupo e interações. Aqui o grupo do *WhatsApp* como um espaço de interação social.
- + *WhatsApp* como interação social. Conversaram sobre amigo secreto e as mensagens do grupo. Aqui há um espaço de troca simbólica e interações.
- + Continuaram conversando sobre o amigo secreto e as interações no grupo do *WhatsApp*.
- + Descobri que de tarde são três jornalistas. Ao todo, com a chefia são 6 jornalistas no jornal.
- + Em determinado momento, depois de escreverem diversas matérias, olharam mais para seus dispositivos móveis.
- + Rafael disse que todo dia “brota” assessor no seu *WhatsApp* enviando pautas. Perguntou se isso também acontecia com a Mirian.

+Mais uma vez ocorreu o momento de todos estarem olhando o celular ao mesmo tempo.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino

Data	24 de Novembro de 2023
Horário de Início	8h01min
Horário de Término	12h07min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente físico não sofreu nenhuma alteração com relação a observação do dia anterior. Porém, durante esse dia de análise, a observação ocorreu também na cozinha da redação. Toda sexta, há no grupo de comunicação um café da manhã que une os jornalistas para um pequeno momento de interação social. A cozinha do Paraná Portal e BandNews Fm fica no primeiro andar da casa, ao final do corredor do lado direito. Possui geladeira, fogão, micro-ondas e uma bancada.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Mirian – mulher alta, morena, usa óculos.
Sujeito B	Rafael – homem alto, moreno.
Sujeito C	
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	
+ Conversamos sobre nossas interações sociais (pessoas em comum entraram na conversa). +Conversamos sobre os bastidores do jornalismo na capital e mudanças que estavam acontecendo em outros grupos de comunicação. +Mirian avisou Rafael que estava subindo uma reportagem sobre aeroporto. +Interações sobre promoções e Black Friday. + Perto das 9h, o telefone fixo da redação tocou e desci com Mirian para o café da manhã. Rafael ficou terminando uma matéria. +Mirian avisou que estava fazendo uma matéria com o boletim da prefeitura. +Rafael avisou que estava produzindo uma matéria de política. +Conversamos sobre o agendamento de reportagens. +Rafael avisou que estava produzindo uma matéria sobre a segunda fase da UEL. +Por um bom tempo o silêncio tomou conta da redação. Os jornalistas estavam quietos produzindo seus conteúdos. +Mirian conversou que a CBN está dando um dado que ela não consegue confirmar pois os números não fecham. +Rafael avisou que iria subir uma reportagem em negócios.	

TÉCNICAS E REGISTRO	
+Rafael estava vendo os jornais bom dia paraná e bom dia brasil pelo celular. +Rafael utilizou o celular para atender uma chamada de forma bem rápida. +Mirian disse que pediu para o TJ informações pelo <i>WhatsApp</i> sobre o caso Daniel, mas eles só responderam às 17h. +Os dois dispositivos seguem, mais um dia, na mesma posição sobre a bancada. +Rafael atualizou as redes sociais com reportagens produzidas pela manhã. +O café é um momento de interação para os jornalistas, conversam sobre o dia a dia da redação em si e sobre a profissão, além de amenidades da vida. É um espaço de interação social acima de tudo. Há uma busca aqui por uma conexão que seja presencial, real, diferente do que temos com as conversas e grupos de <i>WhatsApp</i>, por exemplo. +Rafael buscou pautas nos grupos do <i>WhatsApp</i> e nos sites oficiais. +Mirian perguntou se era Pedro que estaria no plantão da noite de sábado, Rafael olhou o celular e confirmou. +O clima na sexta feira estava tranquilo, não havia muitos assuntos “pipocando” nas redes e nos grupos de <i>WhatsApp</i>. +Mirian verificou as notificações do celular. Como ela usa <i>WhatsApp</i> web, provavelmente estava vendo outras redes sociais como <i>Instagram</i>, etc. +Smartwatch do Rafael enviou notificações duas vezes pela manhã. +Mirian tinha a função alarme ativada no celular. +Após escrever uma reportagem, Mirian olhou novamente as notificações do celular. +O publicador demora em média 1min para publicar as reportagens depois que os jornalistas enviam. +No ultimo dia da observação pela manhã os jornalistas já pareciam não se importar muito com a minha presença e estavam mais “a vontade” com a minha figura na sala de redação. Estava mais inserido nas conversas, nas interações entre os jornalistas e nos meandros da redação.	

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	27 de Novembro de 2023

Horário de Início	12h50min
Horário de Término	17h00min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
Pedro e Francine sentam um de frente para o outro e Angelo na mesa em que diz as observações na primeira semana. Pedro, em primeiro momento, parece um jornalista multitelas. Estava usando o computador da empresa, seu notebook e ainda utiliza o celular. Francine e Angelo posicionam os celulares do mesmo modo que Rafael e Mirian, ao seu lado.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Francine Lopes
Sujeito B	Pedro Melo
Sujeito C	Angelo Sfair
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	

- + Francine perguntou sobre a pesquisa e disse que provavelmente terá que trocar de celular logo devido a bateria do aparelho.
- +Francine usa o fone da redação e Pedro e Angelo os próprios fones.
- +Conheço Pedro da faculdade. Ele brincou que ia fugir da observação pois tem jogo quarta e quinta. Ou seja, ele ainda cobre alguns eventos presencialmente, como partidas de futebol.
- +Angelo começou a trabalhar 13h30. Geralmente começa às 15h, mas nesse dia ele precisava sair mais cedo por conta de um compromisso. Ou seja, há uma flexibilidade para os jornalistas.
- +Os jornalistas conversaram sobre o dia a dia e o assunto foi a coletiva do Coritiba.
- +Lorena apareceu na sala e desejou um bom trabalho para todos.
- +Angelo disse que iria agendar a matéria sobre loteria.
- +Os jornalistas conversam sobre o caso da vereadora presa no final de semana.
- +Angelo e Francine conversaram sobre se teria algo urgente acontecendo.
- +Francine disse que estava subindo uma reportagem sobre a Polícia Militar.
- +Angelo perguntou para o Pedro se rolava deixar a reportagem sobre o Petraglia para às 19h20.
- +Francine desceu para uma interação na cozinha. Era aniversário da estagiária da rádio de tarde. Há uma interação social entre os grupos.
- +Francine comentou sobre uma chamada de uma notícia da prefeitura.
- +Francine comentou sobre o alerta de tempestade da prefeitura. Angelo pediu para agendar para às 19h40.
- +Francine e Angelo conversam sobre o agendamento.
- +Francine comentou que o site do Simepar funciona bem pelo celular e não pelo computador.
- +Ao contrário do que imaginei, as luzes dão conta de iluminar bem o ambiente.
- +Os jornalistas conversaram sobre uma fotografia e debateram qual era a melhor para a reportagem.

TÉCNICAS E REGISTRO

+Quando cheguei na redação, Mirian ainda estava lá. Conversamos por um tempo e ela disse que havia recebido uma pauta pelo grupo do *WhatsApp* da BandNews. Ou seja, há uma interação grande nos grupos sobre o próprio fazer jornalístico.

+Pedro foi pela manhã cobrir uma coletiva no Coritiba e, no final da tarde, irá para o Athletico. Pedro cobre apenas esportes no Paraná Portal enquanto todos os outros jornalistas fazem geral.

+Francine verificou o celular e voltou a escrever uma reportagem. Provavelmente buscando alguma fonte (?).

+Pedro acompanhou pelo Youtube oficial do STJD o julgamento de Coritiba e Cruzeiro. A cobertura aqui é feita a distância. Há um processo de transição para o ambiente *on-line*.

+Angelo e Pedro também apoiam seus celulares ao lado de seus computadores.

+Pedro trabalha facilmente com várias telas ao mesmo tempo. É também o mais novo da equipe. Seria uma relação geracional?

+A minha nova posição física na redação me permitia observar e ter uma boa visão dos três profissionais, apesar de só conseguir olhar a tela do computador do Pedro.

+Pedro postou recortou o vídeo da coletiva do Coritiba e postou sua pergunta no *Instagram*. Há uma midiaticização da questão.

+Angelo deixou o celular apoiado no CPU do computador. Nessa posição o aparelho ficou como uma segunda tela.

+Pedro verificou as notificações do celular.

+Francine verificou as notificações do celular.

+A maior parte do tempo, os jornalistas trabalham em silêncio. Há um comprometimento com a concentração na produção das reportagens.

+Pedro verificou os sites de notícia para acompanhar o que está acontecendo.

+Francine subiu duas matérias e agendou outra. Ela trabalha em silêncio e faz questionamentos pontuais ao Angelo.

+Pedro estava escrevendo mais uma matéria sobre o Athletico.

+Pedro deixa alguma transmissão de canal esportivo enquanto está trabalhando. O jornalista se informa.

+Angelo pediu contato para o Pedro. Ele enviou via *WhatsApp*. Disse que já conversou por lá com ele e que ele responde. Ou seja, há uma nova forma de contato com as fontes.

+Era possível escutar algum celular que tremia com as notificações.

+Francine verificou as notificações do celular.

+Angelo verificou as notificações do celular.

+Francine e Angelo foram buscar algumas informações no celular. Francine, por exemplo, disse que estava procurando alguma publicação no *Instagram* da vereadora que havia sido presa no último final de semana.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	28 de Novembro de 2023
Horário de Início	12h45min
Horário de Término	17h05min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente de tarde se manteve da mesma forma que no dia anterior. As disposições dos jornalistas eram as mesmas.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Francine Lopes
Sujeito B	Pedro Melo
Sujeito C	Angelo Sfair
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	
+ Francine chegou na redação e brincou que hoje trouxe o carregador. +Francine e Mirian conversaram sobre questões da vida. +Francine falou que estava subindo uma matéria que a Lorena pediu. Mirian também disse que estava subindo uma matéria, que seria a sua última do dia. +Lorena passou na sala e perguntou se estava tudo bem. Ela parece ser sempre atenciosa com os repórteres. +Pedro perguntou se Francine havia pegado uma pauta específica. +Angelo perguntou se havia algo importante acontecendo, Francine disse que estava subindo uma reportagem sobre um acidente na rodovia. +Angelo comentou que a Lorena havia mandado um realase e Pedro já havia escrito a matéria. +Conversamos sobre amenidades da profissão e sobre futebol. +Angelo perguntou como estava o desempenho do Portal. +Vários assuntos estavam remetendo a nostalgia (música, futebol, locais da cidade, profissão, faculdade). +Nilson apareceu na sala e conversou com Angelo sobre questões técnicas. +Pedro perguntou que horas poderia agendar uma matéria para o Angelo.	
TÉCNICAS E REGISTRO	

+ Mirian deixou o celular dela na sala durante a hora de almoço. Parece que há realmente um desprendimento dela com o dispositivo.

+Francine verificou o email e o grupo de *WhatsApp*.

+Enquanto Angelo não estava decidi ocupar a mesa para observar melhor Francine trabalhando. Ela usa *WhatsApp* Web e entra em diversos momentos nos grupos.

+Mirian mostrou uma fotografia para Francine no *WhatsApp* enviando a imagem, mesmo estando na frente dela. Algumas interações, mesmo com a presença de um na frente do outro, passam pelo ambiente *on-line*. Ele é uma extensão.

+Publicador estava demorando.

+Francine verificou a homepage e deu uma olhada nas reportagens.

+Mirian voltou da BandNews Fm com um celular extra e um microfone. Eles recebem um celular para fazer externa.

+Francine estava escutando um áudio de uma fonte no *WhatsApp*.

+Francine era a única jornalista que estava na redação no começo da tarde. Ela entra às 13h, Pedro entra às 14h e Angelo entra às 15h.

+Francine usou bastante os grupos de *WhatsApp* no desenvolvimento de uma matéria. Os grupos continham áudios, informações textuais, fotografias.

+De maneira geral, Francine é bem concentrada no trabalho e nas reportagens que escreve. Durante o processo, o foco parece ser observar as informações. Ela, por exemplo, não responde outras conversas no *WhatsApp*.

+Francine procurou uma reportagem pelo *WhatsApp* que alguém enviou para ela.

+Francine subiu uma reportagem e depois verificou o celular. Ela buscou pautas nos grupos e em sites como o do Ministério Público.

+Pedro estava produzindo uma matéria sobre o Athletico e outro sobre o Coritiba.

+Francine verificou o celular depois de algumas notificações chegarem (barulho).

+Pedro hoje só trabalhava com um computador e com o celular. Provavelmente o notebook ontem foi justamente por ele ter ido em um evento.

+Pedro subiu uma notícia e foi verificar como estava o Portal. Ele trabalha simultaneamente em mais de uma matéria.

+Pedro, assim como Rafael, trabalha com noticiário. No caso do Pedro, ele assiste pelo computador o noticiário esportivo (já que sua função é exclusivamente em esportes).

+Pedro falou de uma interação que teve ontem com Angelo no *WhatsApp*.

+Pedro atualizou as redes sociais.

+Francine e Angelo verificaram as notificações do celular.

+Francine mostrou um vídeo que recebeu no grupo da PRF para mim, Pedro e Angelo. Coincidentemente ela havia morado naquela casa anos atrás.

+Francine comentou que observava os comentários dos posts de uma rede social. O debate e a troca simbólica também são foco.

+Lorena perguntou para Angelo algo no *WhatsApp*. Ele pediu uma dica para o Pedro.

+Todos os celulares ficam posicionados ao lado do jornalista.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	29 de Novembro de 2023
Horário de Início	12h00min
Horário de Término	16h45min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente de tarde se manteve da mesma forma que no dia anterior. As disposições dos jornalistas eram as mesmas.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	
Sujeito B	
Sujeito C	Angelo Sfair
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	
+ Cheguei um pouco mais cedo do horário. + Pedro iria cobrir o jogo Coritiba e Botafogo, no estádio, de noite. Por isso, não foi para a redação. +Francine teve um problema pessoal e também não estava na redação. +Lorena chegou na sala, conversou comigo e sentou no computador. +A sala da Lorena fica no primeiro andar, mas como o Portal estava vazio, ela resolver ficar ali um pouco. +Angelo chegou e começou a escrever. +Sentei no lugar que é ocupado geralmente por Rafael/Francine para acompanhar melhor Angelo. +Como os jornalistas não estavam, o número de interações se restringia aos momentos em que conversava com o Angelo. +Nilson apareceu na sala para apresentar uma nova funcionária.	
TÉCNICAS E REGISTRO	

- + Lorena sentou em um dos computadores, olhou o celular e falou que ia entrar em contato com o Angelo.
- + Lorena tentou falar com a Mirian pelo *WhatsApp* e não conseguiu. Depois disso, ligou para a sala da BandNews FM e pediu um vídeo que estava no computador dela. Parece estar subindo uma matéria.
- +Lorena pegou o celular para falar com alguém.
- +Lorena, além de coordenadora, também escreve para o Paraná Portal. No dia, havia escrito uma matéria sobre doação de sangue no Paraná.
- +Lorena pegou o celular para mandar mensagens.
- +De forma geral, o *WhatsApp* parece um grande aliado da redação.
- +Cada jornalista tem suas manias. Angelo, por exemplo, sempre chega com um copo de café. Pedro, sempre leva uma maça. Mirian gosta de ler em seu kindle depois do horário de trabalho.
- +Angelo pegou o celular para responder.
- +Angelo também usa o *WhatsApp* Web.
- +Angelo olhou os grupos e entrou em sites oficiais. Buscando pauta.
- +Para Angelo, os grupos de *WhatsApp* parece essencial também. Os grupos parecem centrais na produção de jornalismo.
- +Mesmo com as notificações chegando no celular, Angelo seguia concentrado em escrever matéria.
- +Angelo encarou o celular por um tempo como se estivesse lendo/procurando algo.
- +Angelo fazia uma matéria sobre esportes.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	30 de Novembro de 2023
Horário de Início	12h40min

Horário de Término	17h00min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente de tarde se manteve da mesma forma que no dia anterior. As disposições dos jornalistas eram as mesmas.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	
Sujeito B	Francine Lopes
Sujeito C	Angelo Sfair
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	
+ Pedro tinha jogo no dia de hoje e por isso não estava na redação mais um dia. + Lorena passou na sala para perguntar como estavam as coisas. Mirian estava em seu lugar, lendo o Kindle. Conversamos brevemente sobre assuntos do cotidiano. + Francine chegou na redação depois do horário de almoço. + Perguntei para Francine sobre a fotografia e ela disse que estava procurando alguma no <i>Instagram</i> para substituir. + Angelo chegou no seu horário, sempre com um café. + Interagimos sobre a última rodada do futebol brasileiro. + Francine fez uma pausa. + Em geral, as interações do período da tarde é menor do que de manhã. + Angelo falou que iria agendar uma de Natal. + Angelo falou que ia escrever uma reportagem que abordava “ideologia de gênero”. + Francine falou que iria escrever uma sobre bloqueios na estrada. + Interagimos sobre o cotidiano.	
TÉCNICAS E REGISTRO	

- + Francine verificou sites da prefeitura, governo e até o próprio site da BandNewsFm
- + Francine escreve sempre suas matérias no drive antes (ambiente *on-line*).
- + Francine entrou na sua conta do *WhatsApp* Web.
- + Francine editou uma matéria no publicador.
- + Francine verificou o grupo do *WhatsApp* e as redes sociais.
- + Francine constrói a matéria a partir de informações oficiais dos grupos de *WhatsApp* e imagens divulgadas nas redes sociais, além é claro, das próprias apurações.
- + Francine conversou com Mirian no *WhatsApp* sobre um possível título de uma matéria e uma fotografia que ela não estava satisfeita. Aqui, novamente, o espaço *on-line* serve como uma extensão da interação que aconteceria no espaço físico.
- + Francine usou o celular para responder mensagens.
- + Angelo posicionou seu celular ao lado do computador e entrou no site do portal.
- + Angelo respondeu alguma mensagem pelo celular.
- + Angelo e Francine precisaram escutar áudios no *WhatsApp*.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
Nome do observador	Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Data	01 de Dezembro de 2023
Horário de Início	12h25min
Horário de Término	15h30min
RELATO DO AMBIENTE FÍSICO	
O ambiente de tarde se manteve da mesma forma que no dia anterior. As disposições dos jornalistas eram as mesmas.	
SUJEITOS OBSERVÁVEIS	
Sujeito A	Pedro Melo
Sujeito B	Francine Lopes
Sujeito C	
RELATO DO AMBIENTE SOCIAL	

- + Pedro tinha uma coletiva no dia, por isso, já estava mais cedo na redação.
- +Mirian saiu com Francine para comprar sorvete. O dia era de muito calor em Curitiba.
- +Os jornalistas conversaram sobre assuntos da redação.
- +Mirian conversou com a gente e se despediu e desceu para a BandNews Fm.
- +Conversamos sobre assuntos pessoais (família).
- +Francine comentou que trocou de mouse (que havia dado problema no dia anterior).
- +Conversei com Francine e Pedro sobre o clima.
- +Desci para agradecer Lorena pela oportunidade de realizar a pesquisa. Ela estava de saída.
- +Como eu tinha um compromisso no dia, não consegui observar o Angelo nesse contexto já que ele entrou justamente na hora que eu precisava sair.

TÉCNICAS E REGISTRO

+ Pedro começou a escrever a matéria da coletiva.

+O celular de Pedro permanece o tempo inteira posicionado ao seu lado.

+Francine chegou e conectou na sua conta do *WhatsApp* Web.

+Francine verificou o site da BandNewsFm

+Francine estava escrevendo uma matéria sobre o dia mundial de luta contra a AIDS para o Portal a partir do seu trabalho na BandNews Fm

+Mirian ainda estava na sala. Ela entra às 14h na BandNewsFm. Ela lia em seu kindle e constantemente observava as notificações do seu celular.

+Francine, mesmo com o *WhatsApp* Web, pega constantemente no seu celular para responder mensagens. Há aqui um hábito.

+Lorena mandou uma pauta para Mirian no *WhatsApp*.

+Francine respondeu mensagens no *WhatsApp*.

+Pedro novamente assistia ao noticiário esportivo pelo computador enquanto escrevia uma matéria.

+Francine verificou grupos de *WhatsApp* e escutou áudios.

+Pedro verificou as notificações do seu celular.

+Pedro atualizou as redes sociais.

+Francine verificou os grupos da BandNewsFm e do Portal.

+Francine pediu dicas para Mirian pelo *WhatsApp*.

+Francine recebeu um relatório por *WhatsApp* e estava analisando para escrever uma matéria.

APÊNDICE IV - ENTREVISTAS COM JORNALISTAS BRASILEIROS

a) Entrevista 01 – Pedro Melo

1. Como você vê a presença dos celulares no seu trabalho no dia a dia da redação?

O uso dos celulares traz a informação até a redação, e com uma facilidade muito grande. Os leitores ajudam os jornalistas com detalhes dos acontecimentos pela cidade, o que contribui bastante com o nosso trabalho do dia a dia dentro da redação. Por outro lado, vejo que tem um ponto negativo. Com essa facilidade de se obter as informações, houve uma redução na quantidade de saídas da redação. Eu ainda vou aos jogos com certa frequência até pela preferência de acompanhar os jogos do estádio, mas o uso do celular atrapalhou para que houvesse uma cobertura mais elaborada dos assuntos mais factuais.

2. Isso foi algo que eu percebi na observação. Você é o único que ainda vai para externa, de que forma você utiliza o celular quando você tá nas coletivas ou no estádio?

Quando eu estou no estádio, utilizo bastante os celulares para pegar informações disponibilizadas pelos clubes nas redes sociais ou até mesmo para conversar com os assessores. Ainda uso para gravações de lances dos jogos para publicar na conta do Twitter e quando tem zona mista, filmo também as entrevistas com os jogadores.

3. Outra coisa que me chamou atenção foram os grupos de *WhatsApp*. De que forma esses grupos são importantes no seu dia a dia?

Os grupos são importantes também para termos as informações de maneira rápida. Conversamos também para pedir dicas em relação as matérias que estamos escrevendo para que saia da melhor maneira possível. Outro detalhe é a minha forma de comunicação com a coordenadora do portal. Os nossos horários dificilmente são os mesmos então é uma forma de comunicação com ela.

4. De alguma forma você sente pressão em precisar estar conectado e consumindo informação o tempo inteiro?

Pressão não sei se é a palavra certa, mas sei da necessidade e da importância de estar ligado o tempo todo para não perder nenhuma informação. Eu, como o responsável pelo esporte, olho as notícias esportivas até fora da hora do trabalho para estar antenado do que está acontecendo.

5. Falando sobre o plantão, no portal vocês podem fazer a distância do trabalho no final de semana. Você vê muita diferença em produzir na redação e fora dela? Como é essa perspectiva para você?

Não vejo muita diferença porque é basicamente o mesmo trabalho de apurar as informações e fazer as matérias. A diferença para mim é quando tem jogo que além de fazer todo esse trabalho ainda tento ir para o estádio fazer a cobertura.

6. Falando sobre a pandemia. Como foi para você trabalhar na pandemia em home office? Você usava os dispositivos da mesma forma?

Eu vivi duas situações diferentes na pandemia. Até o fim de abril de 2021, eu trabalhei normalmente no presencial e não tive a experiência de home office. Só comecei a trabalhar de casa em maio de 2021, quando entrei no Paraná Portal. Mas a experiência que tive de home office foi desafiadora por ser uma novidade na época. E usava bastante os dispositivos até para reunião para a equipe e era a única forma de entrar em contato com as pessoas para conseguir informações e para fechar as matérias.

7. Mudando completamente de assunto agora, você enquanto jornalista observa os debates nas redes sociais para produzir as matérias? Algum assunto que está nos Trending Topics do X, por exemplo. Ou em algum grupo de clube. Como é para você essa relação com quem consome informação?

Observo sim porque as redes sociais nos trazem as informações praticamente em tempo real. Mas é claro que sempre tem que ter o cuidado de checar as informações para ver se realmente são verdadeiras antes de publicar no portal.

8. Como você vê a presença de dispositivos móveis e da tecnologia no futuro das redações?

Em um momento que as redações estão cada vez mais enxutas e as coberturas fora das redações estão reduzidas, a tecnologia chega para ajudar a buscar as informações e não ficar para trás dos concorrentes. Mas como falei na outra resposta, tudo que chega pelo celular ou qualquer dispositivo precisa ser checado antes de ser publicado.

b) Entrevista 02 – Mirian Villa

1. Como você vê a presença dos celulares no seu trabalho no dia a dia da redação?

Agora é uma relação bem tranquila, mas quando eu sai de estagiária para editora era uma relação bem conturbada e tóxica que eu achava que eu precisava ficar conectada o tempo inteiro e 24 horas por dia e saber o que estava acontecendo. E eram notícias pesadas no veículo que eu trabalhava, não eram notícias mais leves. Então, foi bem difícil. Hoje em dia é uma relação mais pacífica. Eu tento, quando estou de folga estou de folga. Quando não estou no meu horário de trabalho eu posso ler, mas não tomo decisões. Na redação facilitou muito o celular. Principalmente o *WhatsApp* porque é muito mais fácil de você entrar em contato com as pessoas e pedir um posicionamento, nota ou sonora, o que quer que seja.

2. Falando justamente sobre isso, eu percebi que vocês usam muito os grupos do *WhatsApp*. Eu lembro de vocês citarem os grupos da PRF, por exemplo. Como é para você esse contato com a fonte pelos grupos? Você tem alguma ideia de quantos grupos você participa?

É, esses contatos principalmente com a polícia são bons porque já dá mais agilidade para informação. Eles mandam fotos, detalhes, o tanto de quilômetros, por exemplo, que está

interditado, enfim. E hoje eu acho que, contando com os grupos do trabalho, são uns dez. Hoje dia são menos porque a minha maturidade veio. Eu não vejo hoje a necessidade de participar de tantos grupos.

3. Você citou sobre os grupos do trabalho, como funciona para você essa dinâmica da redação no ambiente *on-line*?

Eu acho que facilita, em termos gerais. É mais prático para pedir ajuda, contatos, notas, posicionamentos. Mas é preciso ter atenção para não extrapolar a saúde mental vs horário de trabalho. É uma linha muito tênue, porque você pode ficar *on-line* e informado 100% do tempo, sobre o que acontece no trabalho, mas também pode deixar de descansar a cabeça porque tem acesso muito fácil a essas informações.

4. De certa forma, você sente que as vezes trabalha 24/7 por causa de todos esses grupos ou você consegue separar esse espaço *on-line* do offline?

Eu consigo separar bem esse espaço hoje em dia.

5. Mudando um pouco de assunto, eu percebi que você usa bastante o celular para o contato com as fontes e os outros jornalistas na manhã enquanto você está trabalhando no Portal. De tarde, trabalhando na rádio, você usa da mesma maneira ou tem alguma funcionalidade que é diferente? Como editar áudios, por exemplo.

Eu uso do mesmo jeito, pra entrar em contato com fonte, pedir nota, posicionamento em texto ou áudio. Ai para edição, usamos programas específicos pra isso.

6. Falando sobre o plantão, no portal vocês podem fazer a distância o trabalho no final de semana. Você vê muita diferença em produzir na redação e fora dela? Como é essa perspectiva para você?

Eu não vejo diferença no plantão presencial ou à distância em um portal de notícias. durante à pandemia ficamos 100% em home office e conseguimos realizar o trabalho da mesma maneira. a facilidade do celular ajuda muito, os contatos via whats, e-mail, ligação. É possível apurar de qualquer lugar.

7. Falando sobre a pandemia. Como foi para você trabalhar na pandemia em home office? Você usava os dispositivos da mesma forma?

Nos primeiros meses foi ótimo. Levando em consideração a insegurança na época de trabalhar presencialmente. E os dispositivos, nessa época, foram mais lapidados, pelos jornalistas de redação e pelas assessorias.

8. Em algum momento você sentia que trabalhava o tempo todo na pandemia? Que não tinha horário ou que precisava consumir informação constantemente?

Eu não acreditava que trabalhava o tempo todo, porque cumpria bem certinha a carga horária estipulada. Mas achava que precisava consumir informação o tempo todo.

9. Mudando completamente de assunto agora, voce enquanto jornalista observa os debates nas redes sociais para produzir as matérias? Algum assunto que está nos Trending Topics do X, por exemplo. Como é para você essa relação com quem consome informação?

Eu acompanho o movimento das redes, porque muitas pautas surgem de lá. Mas não é uma rotina ou hábito de todo dia ficar olhando o Trends, Google ou X.

10. Como você vê a presença de dispositivos móveis e da tecnologia no futuro das redações?

(Hummm), Eu acho que no quesito apuração e contato com assessores e fontes, vai continuar o mesmo. Talvez o que mude é utilizar mais ele na hora de escrever e publicar, em tempo real.

c) Entrevista 03 – Vinicius Cordeiro

1. Como você vê a presença dos celulares no seu trabalho no dia a dia da redação? De que forma você utiliza seu celular?

Eu acho que é fundamental a presença dos celulares. Hoje em dia é impossível trabalhar sem o celular com o jornalismo, a gente usa bastante na nossa rotina.

2. Eu percebi que vocês usam muito os grupos do *WhatsApp*. Como é para você esse contato com a fonte pelos grupos ? Você tem alguma ideia de quantos grupos você participa ?

Hoje eu participo em algo entre 25 e 30 grupos mais ou menos. É a porta de entrada para a maioria das fontes atualmente, principalmente para as fontes oficiais como as corporações, como a polícia, e instituições do governo.

3. Sobre os grupos do trabalho, como funciona para você essa dinâmica da redação no ambiente *on-line* ?

Olha, para mim, sempre para agilizar o processo. Às vezes não dá tempo de cobrir ou produzir algo de determinado assunto, mas você antecipa algumas informações para o colega que está na redação ou produzindo de casa no plantão. É uma forma de facilitar o nosso trabalho.

4. De alguma forma, além de um ambiente de trabalho, é um espaço também para interação entre vocês de uma forma pessoal? Como funcionam essas dinâmicas?

Sim, é um espaço para criar uma conexão maior com os colegas. Nem sempre funciona assim, mas ajuda mais a entender o outro e quais os pontos fortes e fracos do outro. Aumenta a empatia, a percepção de como está a vida do outro. E também agiliza, por exemplo, na hora de indicação de algum contato.

5. Como é para você receber notificações sobre o trabalho mesmo quando não é seu horário na redação? Você sente que as vezes trabalha 24/7 por causa de todos esses grupos ou você consegue separar esse espaço *on-line* do offline?

É tranquilo porque sei que alguém está atuando mesmo se eu não estiver. Não sinto, não. Às vezes, é claro que ajudamos no que conseguimos, mas dificilmente alguém trabalha se não está no horário. Dá para separar bem porque existe a confiança em toda a equipe.

6. Falando sobre o plantão, no portal vocês podem fazer a distância o trabalho no final de semana. Você vê muita diferença em produzir na redação e fora dela? Como é essa perspectiva para você?

Por causa da necessidade da internet e, principalmente das redes sociais, torna-se indiferente. O espaço físico da redação é bom para a interação da equipe, mas o trabalho pode ser realizado da mesma forma com cada um em sua casa.

7. Falando sobre a pandemia. Como foi para você trabalhar na pandemia em home office? Você usava os dispositivos da mesma forma?

Durante a pandemia eu usava muito mais. Porque usei para trabalho, e na sequência, para o lazer. Então só do tempo de deslocamento de casa até a redação, já é um tempo mais offline.

8. Em algum momento você sentia que trabalhava o tempo todo na pandemia ? Que não tinha horário ou que precisava consumir informação constantemente?

Não porque a demanda de informações que aumentou exponencialmente era sobre a covid, mas com horários mais determinados como divulgação do boletim de casos ou definição das bandeiras, por exemplo.

9. Mudando completamente de assunto agora, você enquanto jornalista observa os debates nas redes sociais para produzir as matérias ? Algum assunto que está nos Trending Topics do X, por exemplo. Como é para você essa relação com quem consome informação ?

Antigamente era mais comum, mas o Portal teve uma mudança na linha editorial para produzir conteúdo exclusivamente do Paraná. Com isso, se perdeu muito do mapeamento de pautas pelas redes sociais. Exceto quando for uma publicação de alguma autoridade estadual.

10. Como você vê a presença de dispositivos móveis e da tecnologia no futuro das redações?

Indispensável. Já é nos últimos anos, mas hoje é raro ver jornalista até ligar. As assessorias mandam conteúdo por áudio no *WhatsApp*, por exemplo, para rádios usarem. Todo o trabalho foi simplificado pelos dispositivos.